

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

UMA FAMÍLIA PORTUGUESA

(Continuação)

A mulher, porém, tocou-lhe ao de leve no braço e aconselhou:

— Deixe-o falar, senhora, que ele se não fala arrebita!

Helena não conseguiu suster o riso, a pesar do olhar severo da mãe; e o senhor Santos, nada melindrado, continuou:

— A menina ri-se? Pois é assim mesmo que eu gosto. Tristezas não pagam dividas, não é assim? E vamos ao que importa. Olhe, minha senhora, eu sou um bom homem e a minha senhora é ouro de lei, coitada; dali não vem mal ao mundo. — Deixa lá isso, Santos, não te ponhas com coisas...

— Ouro de lei, é o que eu lhe digo. E eu que estou farto de trabalhar (não, que o meu negócio na Baía, deu-me água pela barba) resolvi viver no campo e fazer por cá algum bem à pobreza.

— Que bom! — exclamou Helena.

— A menina é cá das minhas. Mas isto de fazer bem não há-de ser com lamúrias nem maçadas; tudo com risos, tudo com as suas festinhas à mistura, tudo à boa mente!

— O Santos todo ele é coração — observou a mulher.

— V. Ex.^{as} não-de encontrar muitas ocasiões de exercer a caridade — disse D. Maria da Luz — As minhas pequenas interessam-se muito pelas obras sociais da região...

— O Santos nem por isso é muito «regioso» mas não é dos que embirram com os padres — tornou D. América.

Helena saiu precipitadamente da sala, fungando com riso.

E Francisca perguntou:

— As suas filhas que idade têm?

O senhor Santos, com um sorriso embebecido, respondeu:

— Lisette e Susette é que elas se chamam. E têm 16 e 17 anos as nossas meninas. Já sabem arranjar-se, pintar os beiços e não envergonham ninguém...

— Têm a idade das minhas — tornou D. Maria da Luz.

— E temos um filho de 25 anos na Guiné — disse a senhora.

— Quando a senhora fôr à Torre pagar a nossa visita — continuou o senhor Santos — o melhor é combinar o dia para as meninas se conhecerem, não é assim?

D. Maria da Luz murmurou:

— Eu saio pouco, desde a morte de meu marido, mas...

— Eu mando até o carro buscá-las se é pela dificuldade da condução.

— Não sei se será possível — tornou D. Maria da Luz.

Mas Helena que voltara e ouviu a proposta do banqueiro, exclamou:

— Oh Mãe, talvez calhasse bem irmos lá no Domingo com o João e o Alberto; é um passeio lindo!

O senhor Santos não deu tempo a que D. Maria da Luz, pouco contente, respondesse; e, levantando-se, declarou:

— Fica assim combinadinho, sim? No Domingo aí pelas 3 horas, cá está o meu «Crysler» à porta para levar as senhoras e os meninos à Torre.

E com o ar satisfeito de quem tinha tido um verdadeiro sucesso, o gordo casal saiu, acompanhado até ao carro pelas duas raparigas.

Rapazes

Os quatro rapazes de Leiria, inscritos na «Mocidade Portuguesa» tinham partido para Lisboa, a juntar-se ao irmão, legionário, para tomarem parte todos na parada de 28 de Maio. E, com um sol radioso, amanheceu esse dia feliz. Desfilava a Legião portuguesa pelas ruas e praças de Lisboa.

O barulho ensurdecedor dos aviões, formados em grupos de quinze, guardando as distâncias duma maneira admirável, dominava a cidade, em festa para a grande parada.

E, cada vez que se aproximava, no azul

puríssimo do céu, a esquadilha disciplinada, corria um frêmito de entusiasmo entre a multidão apinhada na borda dos passeios, nos degraus dos edifícios, nas praças, nas ruas. Que ordem, porém, nesta aglomeração de gente! Os policiais, com suas fardas azues, luvas brancas, capacetes escuros, limitavam-se a manter o povo nos seus lugares com bonhomia simpática; e, de vez em quando, na ânsia de mudar de lugar, lá ia uma onda de gente dum lado da rua para o outro à espera do desfile.

Quando, ao som dos clarins e das múltiplas bandas, surgiram os batalhões bem formados, marchando de maneira irreprensível, foi um delírio!

Viam-se rapazes altos, espadaúdos, fortes; e, homens de 60 anos, rugas e cans e cabeças calvas ou grandes barbas embranquecidas. Ao ver desfilar esses veteranos ao lado dos rapazes novos, não se sabia, na verdade, quais eram mais impressionantes!

Quando os cinco irmãos se reuniram, na manhã seguinte, no pequeno quarto de Pedro, nem sentiam já o cansaço da véspera, e recordavam com entusiasmo aquela tarde memorável.

— Você, com o estandarte, tu flimante, Pedro! — exclamou Hugo.

— Tenho tanto orgulho na «Legião»! — disse Joaquim.

— Que pena ter de se partir esta tarde — lamentou Manuel.

— Era justo que nos deixassem ir à noite ao cinema — observou Mário.

E, Manuel, concluiu:

— Era bestial... mas não se lembraram disso...

Pedro interveio:

— Olhem, como temos de esperar ainda uma boa meia hora até ao almoço, vamos conversar. Que fazem vocês lá por Leiria? Conta lá Hugo...

— A Tia Angélica é uma santa; e como nos deixa fazer tudo o que queremos a nossa responsabilidade é horrerosa!

— Temos de ter o dóbro do juízo — disse Joaquim — e nem sempre apetece ter juízo, não acham?

— Noutro dia instalámo-nos a fumar, os dois...

— O quê?! — gritou Pedro, indignado.

— Enão, não se morre por fazer asneiras de vez em quando — interrompeu Mário.

— O mento cale o bico — cortou Pedro. Hugo continuou:

— Pois estávamos repimpados a deitar fumaças quando a pobre Tia Angélica bateu à porta...

— Não deve ter ficado contente — disse Pedro.

— Isso sim! — respondeu Joaquim — Nós deitámos fora os cigarros e a cinza; e quando ela entrou disse, ingenuamente, franzindo o nariz «parece que há aqui um pouco de fumo; será do jardim.» E nós... moita, já se vê.

— Com os tios Mexilas não há liberdade; nenhuma; ali tudo é às horas. Mas como o Gonçalo anda connosco no liceu, arranjam-se umas pândegas bem boas — disse Manuel.

— E mandam-nos sempre ao cinema quando há fitas que se podem ver e é feriado no dia seguinte. A Eugénia é que nos arranja isso, coitada; uma pequena como não há outra...

Mário simulou um forte ataque de tosse.

— Ah, sim? — disse Pedro rindo. Mas Manuel tornou, zangado e corado

— Detesto piadas!

— E tens razão, Mané — disse Pedro, a sério.

— Ó Pedro, conta lá a tua vida em Lisboa — pediu Joaquim.

Pedro teve um sorriso um pouco triste.

— Se queres que lhes diga, não ando muito contente. Na escola vai tudo menos mal, devo ter um «accessit» como tive nos dois primeiros anos.

— Então? — interrogou Hugo, com interesse.

— Aos sábados vou ao cinema, às revistas e a casa dos Mellos, que recebem nessas noites; mas como não gosto do «Mah-jong» maço-me um bocadinho.

— Então a linda Gabriela já lá não vai?...

Pedro, corou um pouco e respondeu, aborrecido:

— Está menos bonita do que o ano passado... A cabeleira tôda tufada, as unhas muito escarlates e anda com a mania da dança a tal ponto que já quasi só isso a interessa!

— Mas você dança lindamente! — exclamou Mário.

— Pois quando se dança, lá nos arranjamos — retorquiu Pedro a rir. — Mas o pior é quando se não dança. Olhem, quem saber o que se passa? É certo, certíssimo, que eu gosto da Gabriela a sério, e o meu sonho é casar com ela!

Pedro, cismando, calou-se.

— Porque é que você não há-de casar com ela um dia? — perguntou Hugo.

— A verdade é que ainda não a conheço bem... Há coisas naquela rapariga — continuou Pedro — que me desnozem de todo. Fuma imenso, o que eu de detesto; mas se fôsse só isso... Assim, depois de dançar comigo uma noite inteira, vai sentar-se no terraço com o José de Sousa e nunca mais faz caso de mim! É natural? não é.

— É uma pateta — concluiu Joaquim.

— Tu não disseste que ela foi educada em Inglaterra? — perguntou Manuel — é por isso que é diferente das outras...

— Tem a mania de se tornar diferente, o que não é o mesmo...

— E você dá o cavauzinho por ela, isso é que é certo — disse Mário.

— Pareceu-me vê-la ontem quando estacionámos numa das Av-nidas Novas, ao volante de um «Fiat» e vestida de encarnado. — disse Hugo.

— Então não é só a dança que a interessa — tornou Mário — é o sport, é a modernice tôda junta. Afinal de que te queixas, Pedro? É uma mulher bonita, alegre, sã como um pêro, e moderna desde os pés até à raíz dos cabelos!

— Excêntrica, mais que moderna — disse Joaquim.

— Mas é que o Pedro não é género mulher moderna ou excêntrica; antes quer a «gata borralheira», tôda melguinha, que cose meias, passeia com a mamã — observou Hugo.

Pedro riu e respondeu:

— Às vezes parece-me que não poderei ser feliz se não casar com ela; mas outras vezes...

— Também ainda tens tempo, mais que tempo, para pensar; e vais vendo que tal ela é — observou Hugo — Olhem, eu tenho um namorico lá em Leiria! E é quasi uma paixão!...

— Oh... — gritaram os outros, admirados.

— Já a formiga tem catarro — troçou Mário.

— Se eu sou formiga, você é pulga — resmungou Hugo — Mas olhem que nada disto se diz lá para casa, vejam lá!... Es-usam as manas de se ocupar dos nossos amores! — acrescentou, com importância — É uma menina do liceu, muito sériasinha e anda no 6.º ano.

— Tive uma boa carta da Francisca — disse Pedro — e foi do novo conhecimento que agora apareceu na aldeia: os donos da Casa da Torre! A Mãe é que não está nada entusiasmada...

— Ainda bem que vão para lá pessoas libertadas — exclamou Manuel.

— A Lena escreveu ao Joaquim a falar essa gente — disse Hugo — e parece que ao ter lá uma festa de arromba!

(Continua)



CHÁ DA COSTURA

— Estou farta de ouvir falar do tal comunismo — declarou Alice, com ar enojado.

— E o papão de tôda a gente, isso é — confirmou Maria José — e, realmente...

— Ora adeus — disse Joana — se chegar a vir, um dia, cá o esperamos: não há-de ser tão mau como se diz.

— Oh Joana! — exclamou Clara — Falas do que não sabes, simplesmente! — Joana respondeu:

— Não sei, não: nem tu, nem ninguém, afinal.

— Não é tanto assim — tornou Clara, a sério — Sabe-se bem o que foi o horror da guerra civil em Espanha. Sabe-se que a religião cristã é perseguida pelos comunistas; sabe-se que desejam a igualdade das classes o que é, segundo me têm dito pessoas ilustradas, uma coisa tão absurda como impossível! Então um idiota há-de trabalhar e ganhar como um intelectual? Então um ignorante pode estar à altura dum sábio?

— Já se vê que não, Clara.

— Mas — continuou Clara — oiçam bem o que lhes vou dizer, meninas: pois foime explicado por uma pessoa que sabe o que diz. É muito possível, e mesmo provável, que, acabada a guerra, haja grandes mudanças na vida de todos!

— Para melhor ou para peor, Clarinha? — perguntou Bertha.

Clara ficou scismática um momento. Depois respondeu:

— Eu tenho horror ao tal comunismo, confesso; e tenho a impressão que nunca trará consigo a felicidade, o sossego, a paz... Mas que é essencial mudar algumas coisas que estão mal organizadas, nisso acredito eu. Garantir a TODOS o pão nosso de cada dia...

— O abafio no inverno — lembrou Maria José.

— Um cantinho bom para morar — disse Bertha.

— A educação às crianças — acudiu Alice.

— E umas pandegasinhas ao Domingo — disse Joana.

— E afinal tudo isso se poderá fazer, talvez, sem revoluções, nem guerras, nem comícios — tornou Clara — E querem saber uma idéia minha, meninas?

— As tuas idéias são sempre esplêndidas! — disse Bertha.

— É que a maneira prática de combater o tal papão comunista está, em parte,

na nossa mão: tratemos de fazer tudo o que pudermos para nos tornarmos úteis a quem tem menos do que nós; e de nos habituarmos, a pouco e pouco, a prescindir de luxos inúteis, de toleimas, de pieguices...

— Almocinho na cama; campainhadas às creadas por «dá cá aquela palha»; bolos de nata a atulhar o estômago; horas perdidas a pintarucar a cara... — e Joana, que enterrava ela própria tôdas as carapuças que ia enumerando em ar de troça, acabou com uma alegre gargalhada.

— E é mesmo assim... — comentou Maria José, a sério.

Cartas às Raparigas

Estão à porta as férias, queridas raparigas: que alegria mágica tem em si esta pequena palavra! Parece que ao pronunciá-la sentimos a brisa do mar... O perfume dos campos... O prazer imenso de não ter as obrigações do costume... Temos outras, porém: é preciso não esquecer! É dessas obrigações de férias que hoje vos venho falar.

Infelizmente, é durante o tempo delicioso que muitas raparigas adquirem hábitos detestáveis: preguiça (confundindo o repouso diário com ela) ociosidade prolongada, falta absoluta de leituras úteis, uso (e abuso) de fatos de banho impróprios, etc., etc.

Queridas amiguinhas, escutai-me bem: lembrai-vos sempre, a todo o momento, que deveis portar-vos de maneira a poder servir de exemplo! Para bom aproveitamento das vossas férias lembrai-vos quanto é interessante a aproximação das creanças pobres: procurar comunicar com elas, ensiná-las, contar-lhes histórias, incutir nelas qualquer coisa de melhor do que aquilo a que estão habituadas... e que é geralmente péssimo.

Não só ensiná-las a rezar: a limpeza do corpo, o arranjo do fato, mesmo velho e remendado, o alisar do cabelo, etc., etc. Que prazer maior podeis ter se, ao deixar a terra onde passastes as vossas alegres férias, vos disserem que as creanças mais selvagens da região nem já parecem as mesmas? Assim, a boa semente que a vossa actividade inteligente soube lançar naquelas alminhas rudes, frutificou lindamente: e será, posso afirmar-vos, a maior alegria que trareis quando voltardes para casa.

Não quero massar-vos com um sermão! É acabo já esta carta amiga com mais estes conselhos: procedam sempre de modo a poderem ser citadas como exemplo; nos actos, no vestir, nas palavras, no porte.

Lembraí-vos que sois: cristãs — portuguesas filhas da M. P. F.





Olá! gritou elle correndo para elas e descendo da bicicleta com um enorme salto

UMA FAMILIA PORTUGUESA

(Continuação)

Helena e Francisca estudavam todos os dias no próprio colégio que ocupava a Casa do Pinheiro; e tanto uma como outra, com interesse e aproveitamento.

A maior occupação delas na aldetá eram as várias obras sociais de que o bom Prior as incumbira com outras senhoras; e que, com uma despesa relativamente pequena, muito beneficiavam a crençada pobre da região.

Havia, já se vê, a catequese semanal na Igreja branca, a meio do grande largo rodeado de arvoredo. As duas irmãs juntavam-se às senhoras Abreus, duas soldateiras de mais de 50 anos, um pouco ridículas de aparência, e Margarida Cunha, rapariga de 16 anos, alegre e bonita.

Em certos dias do mês reuniam-se para a costura dos pobres, e, essas reuniões, quasi sempre de manhã em casa das Britos, eram as que Helena preferia a todas pela alegria e tagarelle que acompanhavam aqueles trabalhos.

Havia também o Recreatório dos rapazes nas tardes das quintas feiras; mas esse, aparte as aparições frequentes do próprio Prior que levava essa obra muito em gósto, estava entregue, em absoluto, a Helena. E o das raparigas realizava-se aos sábados no próprio colégio, sob a direcção duma Irmã Doroteia e com a colaboração activa de Francisca e da mais nova das Britos, parentes afastados dos Alméidas.

Maria da Luz de Brito, tinha 14 anos; era uma pequena loira e doce, de grandes olhos azues duma limpidez extraordinária e com um feitio calmo que a todos seduzia.

A irmã, Carolina, formava com ela um verdadeiro contraste; e era estranha a parecença física das duas sendo os seus feitios morais a antítese um do outro.

Carolina tinha o olhar duro como o aço, o génio violento, a indole autoritária; e o seu enorme orgulho afogava por completo a bondade instintiva que poderia haver no seu coração.

Tinham estas raparigas um único irmão, Nuno, guarda-marinha a bordo dum navio de guerra. Os pais passavam ali os meses de Junho a Dezembro; nos outros 5 meses estavam em Lisboa, na sua casa da Rua do Salitre.

A família Cunha compunha-se apenas de três filhas, Guida, Maria José e Maria do Carmo, esta muito mais velha e que

fôra a educadora das mais novas, pois a mãe morrera à nascença de Guida. Viviam com o pai, rubefacto e sempre adoentado, numa casa antiga e desconfortável.

Naquella tarde estava o Recreatório das raparigas muito animado, e também ali chegara já a noticia da próxima festa da Casa da Torre. A conversa sobre a família Santos ia tomando tal importância que a freira achou bem cortá-la:

— Meninas, vamos cantar—ordenou a Irmã Inez, sentando-se ao harmonium, enquanto um rancho de pequenas a rodeiou, dirigidas por Francisca e Maria da Luz.

— Temos de ensaiar os cânticos do mês de Maria— tornou a Irmã— Não me parece que as segundas vezes estejam muito firmes...

— O cântico da Maria da Luz é lindo, não acha, Soror Inez?— perguntou Francisca.

— É lindo!— gritaram as pequenas.
— Vamos ouvi-lo— respondeu a Irmã, tocando uns acordes em ré menor, sobre os quais se desenhava uma melodia cheta de emoção.

Os nossos cantos melodiosos, são cantos lindos cheios de luz, que sobem, sobem ao Céu, vão directinhos até Jesus!

Mas antes do último verso, cantado com rara afinação pelo côro, ouviu-se tocar a sineta do portão com força e umas vozes estranhas discutindo com a Irmã porteira.

Sôr Inez teve de deixar o harmonium para ir ver o que se passava; e voltou, momentos depois, com duas raparigas de vestidos exageradamente curtos, caras exageradamente pintadas, braços nus e chapéus exageradamente na orelha sobre caracóis e canudos igualmente exagerados e profusos.

A aparência destas raparigas ao pé de Francisca e Maria da Luz, vestidas com a maior simplicidade, sem «rouge» nem pó de arroz, e cujos penteados tinham a naturalidade dos seus cabelos ondedos e curtos, era dum tal opposição que uma das pequenas do Recreatório, olhando ora umas ora outras, disse a meia voz:

— Estas meninas parecem bonecas de compra...

— Schiui! — ralhou a Irmã— São as meninas da Torre— continuou Soror Inez, dirigindo-se a Francisca— quiseram vir visitar o Colégio.

— Os seus pais foram a nossa casa ontem— disse Francisca, com um sorriso.
— Eles disseram— respondeu a mais velha, secamente— E o que é que fazem aqui? É só cantar?— perguntou.

— Que espiga!— observou a segunda.
— Se as meninas quisessem também pertencer a esta obra e ajudar, era uma bela coisa— lembrou Soror Inez.

A mais velha respondeu:
— Eu gostava, acho graça a isto tudo, tão diferente do que tenho visto!— Mas a segunda, que se isolara no vão da janela para reforçar a pintura dos beiços e o vermelho das faces, revendo-se num espelhinho, exclamou:

— Comigo não contem para este género: nem tenho pachorra para mudas, nem vim para o campo para trabalhar!

As pequenas pobres olhavam a menina Suzette com espanto indignado. E uma delas não pôde deixar de observar balzinho, dando um forte cotovelão na sua vizinha:

— Faz lembrar a palhaça que vinha com os fantoches da feira de S. José, lembra-te?

Prevendo uma cena desagradável com a franqueza rude das crianças, a Irmã achou prudente mandá-las todas para a cérca brincar um bocadinho; e as quatro raparigas ficaram a conversar.

PARA LERÃO SERÃO CHÁ DA COSTURA MARIA VAI CASAR

POR MARIA PAULA AZEVEDO

ILUSTRAÇÕES DE GUIDA OTTOLINI

— Era aqui que moravam dantes?— perguntou Lisette a Francisca.

— Esta é a casa da família da minha Mãe— respondeu Francisca— mas quando perdemos o Pai tivemos de modificar a nossa vida; somos um grande rancho e os manos têm de se formar.

— Formar para quê?— tornou Lisette— nem sempre se ganha mais por isso.

— Não é só para ganhar que os rapazes se formam— interveio Maria da Luz— Cada um lá tem a sua vocação na vida...

— O nosso irmão está na Guiné a trabalhar. Nunca quis estudar, mas há-de vir a ser rico, que é o principal— informou Suzette.

— Também esperamos hóspedes do Porto e de Lisboa— disse Lisette.

— Parece que nós vamos à Torre no Domingo, não é?— perguntou Francisca. Côrou, porém, levemente vexada, quando Suzette respondeu:

— Ouvir o papá dizer à mamã que era preciso mandar o automóvel grande buscar-las no Domingo, porque não tinham se não uma carripana antiga para sair de casa, coltadas.

Maria da Luz, com vivacidade desusada, retorquiu:

— Isso é ignorância dos seus pais. A minha tia se se resolver a lá ir (o que não creio) ainda tem o seu «Buick» para a levar à Torre. E antigo, sim, mas nada se parece com uma carripana!...

VI

— Vocês não põem na sua idéa o que é a família Santos, meninas!— declarou Helena na reunião da costura— Porque vocês ainda nunca viram nem os papás, nem as meninas.

— Quando foram lá a casa— disse Margarida— só a Zé é que as viu e achou-as adoráveis, imaginem!

— Pois a nossa visita à Torre, no Domingo passado, merece bem uma pequena descrição— tornou Helena— A Mãe não foi e tivemos de nos encaixar todos quatro com o primo Esteves no nosso velho «Buick». A chegada, surgiu-nos um estado de libré, calção e meia e todo empartigado como se tivesse engolido um pau! Mas eu logo que vi aquela cara apavada conheci o Zé Côrado, filho do sineiro!

— A Lena deu uma tal gargalhada— disse Francisca— que o pobre rapaz ia perdendo a linha, e resmungou: a menina Helena gosta de fazer pouco...

— Depois de entrarmos, o Zé Côrado pendurou-se à corrente da sineta e tocou como se fosse a rebate!

— Era para nos anunciar, com certeza— disse Francisca, cozendo activamente.

— Filho de sineiro, sabe tocar sineta— observou, rindo, D. Amélia Abreu, entredita a talhar blusas.

— Depois— continuou Helena, enquanto ia fazendo o seu «tricot»— quando fomos a entrar no salão grande, rompeu a telefonia com toda a força; até me assustei!...

— Uma marcha triunfal?— perguntou Margarida.

— Qual! Um fado fahnoso cantado por uma mulher ordinariíssima— respondeu Helena.

— Mas o pai Santos foi muito amável, coltado— interveio Francisca— e parece um bom homem.

— A senhora América, com o eterno

«lorgnon» de ouro, levantou-se lá do fundo do salão e veio avançando aos rebolões! Mas quando chegou ao pé de nós e viu que a Mãe não ia, fez-se como um tomate e disse, fúla:

— Então a D. Luz não quis vir?—

O Alberto, de olhos esgaseados, perguntou a Francisca, a puxar-lhe pela manga:

«Quem é a D. Luz?» E o primo Francisco, feroz e com os bigodes eriçados, fez-se tão vermelho como a própria D. América! Mas a Francisca é que se encarregou de dizer à senhora: «Não sei se V. Ex.^a se refere à nossa Mãe; ela não se decidiu ainda a sair senão à missa e a casa dos parentes, desde a morte do Papá.

E o pote pôs-se a mastigar e a engultrir em seco, até que...

— As meninas estão muito fora da ordem, não sei se sabem— cortou D. Ermelinda de Abreu— então só podem falar para criticar o próximo?

— Quando o próximo é assim esquisito— respondeu Helena.

— De quem falavam?— perguntou Maria José Cunha, entrando na sala— se é da gente da Torre, como me parece ouvir, digo-lhes já que achei as raparigas muito elegantes e é uma sorte terem comprado a Torre...

— Uma sorte, porque?— exclamou Helena.

— Porque vai haver animação e festas e vamos ter gente diferente à roda de nós— tornou Maria José com veemência.

— Que pena...— murmurou Maria da Luz.

— Conversámos imenso, a Lisette e eu— continuou Maria José— e elas vão emprestar-me livros modernos, revistas de cinema...

— Cuidado!— aconselhou D. Ermelinda. — A Suzette tem os retratos de todas as «stars», imaginem!

— E essa tolema de nomes franceses, que ridícula coisa!— disse Helena— até os cães são pretenciosos: um chama-se «Bijou» e o outro «Medor»! Ao menos os cães cá da aldeia são bem portugueses: «Fiel», «Jau», «Valente»... E ouvi o Zé Côrado chamar aos desgraçados — «Bijou» e «Medor» — sabem o quê? Bezugo e Medronho!!!

Foi um riso geral!
Maria José retorquiu:

— Então tu, Lena, é que vais pôr-te a educar gente moderna e elegante que vive na cidade e no luxo?!

Helena deu uma gargalhada e ia responder com a sua habitual vivacidade. Mas D. Amélia Abreu interveio com firmeza:

— Meninas, não falem mais na família da Torre, peço-lhes. Reconheço que são ridículas, mas as meninas são más linguas o que é feio e impróprio de Juventudes Católicas!

Uma criada bateu à porta da sala.

— Está aí o Justino da Casa do Pinheiro com um recado para as meninas— anunciou; enquanto Helena se precipitava a saber o que era.

Voltou minutos depois, contentíssima: — Hurrah! Chegaram os manos de Lélia! O Pedro só vêm para a semana; e nem é certo, ainda.

Helena e Francisca despediram-se do rancho todo e seguiram para casa, através das ruas da aldeia. Logo ao entrarem no enorme pátio viram Hugo dando voltas na bicicleta.

— Olá! — gritou elle correndo para elas,

— Clara! Clara! — exclamou Alice entrando de roldão na salinha de Maria José, onde naquela tarde se reunia o grupo da costura.

— Vens tardíssimo, Alice! — disse Rita censurando.

— Ah meninas, tenho tóda a desculpa. E era o que eu ia explicar a Clara que é para assim dizer a mãe do nosso vestiário — Clara sorriu sem interromper o seu «tricot».

— Senta-te depressa e explica a demora, Alice — disse Maria José, que em pé ao lado da mesa com uma enorme tesoura talhava camisinhas.

— Tivemos visitas ao almôço; e entre elas uma senhora rabujentíssima a criticar as raparigas de hoje, a falar nas do seu tempo, a achar tudo mau.

— Que antipática! — observou Joana.

— Que dizia ela? — perguntou Clara.

— Falava da mandrireira de muitas meninas, esquecendo, (a pateta!) o trabalho constante das raparigas que são catequistas, enfermeiras, estudantes, analistas...

— Decerto não se referia a essas — observou Rita.

— E pôs-se a descrever a vida dum menina que ela conhece e que é, como ela diz, uma inutilidade na vida.

— Conta lá, Alice, a vida da tal menina.

— Pelas nove da manhã levanta-se e toma, na cama, o primeiro almôço. Melo adormecida, deixa-se ficar no concheço da roupa a ler romances até ao meio dia. Quando, pela uma e meia, se senta à mesa do almôço tem pouco apetite e mau parecer. Encontrou tudo em ordem e a postos sem que o seu esforço pessoal em nada concorresse para isso (repavam que isto é a senhora rabujenta a falar).

— Eu conheço pessoas que fazem isso tal qual — observou Maria José, pensativa.

— Depois dum lauto almôço em que se levantou três ou quatro vezes da mesa para responder às telefonadas das amigas, instala-se a ler os jornais. E pelas três horas, a menina vai-se pintar, vestir, arrebicar, para sair à hora do chá, que é sempre fora de casa.

— Eu acho ótimo tudo isso: o que tem de mau? — perguntou Joana.

— A' hora do jantar, já depois das oito, volta a família a reunir-se; e o serão passa-se quasi sempre num cinema qualquer, onde há invariavelmente, diz a senhora, belíçosos e ralentis!

— Há! Há! Há! — riram algumas.

— A senhora será rabujenta, Alice, mas olha que é observadora! — disse Clara, rindo.

— Depois concluiu assim: «o dia desta menina terminou; valeu a pena tê-lo vivido?»

— Ora essa! — gritou Joana — divertiu-se!

— Não basta, Joana, quando uma rapariga nova não é idiota... — disse Maria José a sério.

descendo da bicicleta e com um enorme salto.

— Você cresceu ainda desta vez — exclamou Helena, beijando o irmão.

— Então a tal gente? A festa estupenda? As meninas serigaitas?

Joaquim, Manuel, Mário, e com eles o primo Esteves, vinham também ao encontro das irmãs; e depois de mil ternuras recíprocas entraram todos em casa a tagarelar uns com os outros na mais vibrante algazarra.

— Ai vocês dão-me vida, rapazes! — exclamou o primo Esteves, sentando-se no meio do rancho alegre com Alberto encarranchado numa das pernas.

(Continua)

Marta e Maria conversavam ao sol posto, já quasi sem luz do dia, mas não acendendo ainda os candeeiros eléctricos. Marta, pensativa, observou:

— Esta hora é tão suave, Maria: a Avó chamava-lhe, lembra-te? «l'heure mauve»...

Maria ficou um momento cismática, recordando a Avó, já falecida. Depois, respondeu:

— É a melhor hora para se conversar. E sabes, Marta, que tenho esplendidos projectos para o arranjo da nossa caşinha futura?

— Avalio bem, pois gosto não te falta. Mas combinaste esses projectos com o teu noivo?

— Por ora ainda não: bem sabes que elle está por tudo o que eu quero — disse Maria.

Marta abanou a cabeça.

— Não faças planos em que elle esteja fora.

— Fora! — gritou Maria — Mas elle está dentro de todos os meus planos!

— Queres ouvir um conselho da tua irmã, Mariuzinha? Não te ponhas sempre à frente desses projectos; combina, com o Manuel, consulta-o, ouve os gostos dêle, as suas preferências...

— Mas...

— Deixa-te ficar no segundo plano e verás como te darás bem com o sistema.

— No que te enganias — retorquiu Maria — é em pensares que o Manuel gosta de me ver no segundo plano: elle quer sempre, podes ter disso a certeza, que eu decida e imponha os meus gostos! Que, de resto, são os dêle.

Marta teve um vago sorriso e tornou:

— Não há homem nenhum, ouve-me bem! que goste de ser suplantado pela mulher... por muito que a adore, Maria. E se queres que te diga — continuou Marta, convencida — eu acho que têm razão. A mulher deve ser a colaboradora do homem, a companheira, a conselheira, mesmo; mas deixando-lhe a êle, em todas as circunstâncias da vida, o primeiro lugar.

— Acredita, Marta, que a minha impressão de noiva não tem sido essa...

— Mas na tua vida de mulher casada será essa com certeza, Maria.

A noite caíra de todo. E Marta levantou-se para acender os candeeiros. Na elegante salinha espalhou-se a luz alegre e quente; e Maria concluiu:

— Que importa o plano em que se está se um amor sincero reina no casal?



PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO
DESENHOS DE GUIDA OTTOLINI

UMA FAMÍLIA PORTUGUESA

(Continuação)

Hugo, estendido no chão a olhar para o céu, interveio:

— Agora as meninas permitam-me que meta a colherada na conversa, querem? — e olhava Lisette e Suzette alternadamente com seriedade cômica.

— Diga lá tudo o que você pensa — pediu Lisette.

— Antes de mais nada, uma pergunta: porque é que têm esses nomes franceses? — e Hugo sentou-se.

— Eu sou Luíza e a mana é Suzana; mas quando viemos do Brasil a mamã é que quiz que mudássemos, por ser mais elegante.

— Não quero ofender a mamã, mas acho bem mais próprios os nomes portugueses — continuou Hugo, imperturbável.

— Agora, outra pergunta: são católicas ou não?

— Hugo, que impertinência! — exclamou Helena.

— A mana é muito religiosa — respondeu Suzette, excitada. — Até fez uma promessa a uma santinha de madeira pintada!

— Suzette! — gritou a irmã, zangada.

— Mau, mau! — tornou Hugo — Eu pergunto só se são ou não católicas, apostólicas, romanas.

— Mas decerto! — respondeu Lisette — Fizemos a primeira comunhão vestidas de seda branca!

— Eu? Nada. Que ideal! — respondeu Helena sacudida



— De seda! — espantou-se Maria da Luz.

— E os nossos véus eram tão grandes que parecíamos umas noivas! — disse Suzette, triunfante.

— O senhor Prior faz umas belas práticas todas as semanas — disse Francisca — e se quiserem segui-las é irem conosco amanhã mesmo. E a nossa religião é tão cheia de interesse! Quanto mais a conhecemos mais prazer temos em praticá-la! Cada Domingo a sua Epístola, o seu Evangelho...

Lisette e Suzette olharam para ela admiradas.

Hugo continuou:

— Meninas, oíçam-me bem! Se são católicas, sabendo o que isso significa, não podem entrar para uma Associação religiosa só porque é chic!

— Então não é chic? — perguntou Suzette.

Hugo impacientou-se:

— Não se trata disso, Suzana! (já as previno que não as trato sendo pelos nomes verdadeiros). Luíza, Suzana, devem tratar de aprender religião e de entrar para a Juventude Católica Feminina.

— Hugo, você está insuportável — decretou Joaquim.

Mas Lisette disse, sorrindo:

— Deixe-o, Joaquim, porque ele parece nosso amigo, a pesar de tudo.

Hugo pegou-lhe na mão e beijou-a de leve. Enquanto Suzette, despeitada pela preferência marcada, observava:

— O papá e a mamã não gostam de beatiões e isto de religiões é uma grande sujeição. Viva a Liberdade!

— Oh!... — gritaram, indignados, os Almeidas.

— Sim senhor, repito o que já disse — tornou Suzette — Eu na missa dá-me um sono... nunca entendi aquela trapalhada toda. — E Suzette bocejou ostensivamente.

— Não admira — disse Helena — pois tu em lugar de seguires a missa pelo livro, com compreensão, só rezas o terço...

— Luíza — continuou Hugo — quer aprender a seguir a missa comigo? — e Hugo sorria.

Lisette, respondeu, quase grave:

— Quero, Hugo, mas olhe que é a sério!

— Toletmas! — exclamou Suzette, troçando. — As maçadas estão proibidas...

Mas não foram toletmas, afinal; e, com um interesse que dia a dia ia crescendo, Lisette foi aprendendo com Hugo a significação admirável do Santo Sacrifício, a beleza das Epístolas variadas, a sublimidade dos Evangelhos adequados a cada Domingo.

— Vé lá, Hugo, o que estás fazendo — observou Pedro, um dia. — Olha que a rapariga está a gostar de ti à valentona, e, coitada, não me parece má rapariga.

Hugo respondeu:

— Por ora não gosto dela a valer; lembro-me da garota engraçada que eu namorei em Leiria e que anda no sexto ano...

— Então deixa-te de lições à Lisette — tornou Pedro — não deves fazer a corte a esta e pensares na outra.

— Mas isto não é corte nenhuma! Estas

patetinhas não sabem nada de religião. Não é o meu dever ensiná-las? E as lições foram continuando.

VII

Acasa da Torre enchera-se de hóspedes; chegara o dia da grande festa, reinando uma indescrevível azáfama por toda a aldeia. Operadores de cinema invadiam o parque; cozinheiros com os seus ajudantes, raparigas da aldeia transformadas em criadas modernas, tudo se mexia, tudo corria em desordenada agitação. E como a dona da casa não tinha método, nem orientação alguma para dirigir, limitara-se a ficar nas salas com as filhas para entreter os hóspedes variados; enquanto o senhor Santos jogava com os homens sucessivas partidas de bilhar.

O russo Boris, homem de alta estatura, loiro e lindo como um Lohengrin, conversava com as duas meninas Santos no vão duma janela.

— São bonitas essas raparigas tôdas da aristocracia da terra, Suzy? — perguntou ele, acendendo um cigarro e com um semi-cerrar de olhos muito característico.

— A Lena é linda — declarou Lisette com força.

— Linda, é exagero — cortou Suzette — tem uns olhos verdes que não são felos; mas uma boca enorme, um nariz arrebitado e uns cabelos castanhos vulgares.

— Vulgares? — indignou-se a irmã.

— Vulgaríssimos, sem reflexos de cobre, sem nada de platina, nem de moderno. Além disso, não se pinta e as unhas são só pulidas com o pulidor...

Boris sorria em silêncio.

— Bonita a valer é a Zé — tornou Suzette — e se ela se modernizasse e copiasse as stars ficava linda. É interessante a Carolina de Brito; e dessas duas é que eu gosto. As outras são maçadoras e estão sempre a tratar dessa maçinha pobre que para aí vive, sabe Deus como.

Boris perguntou:

— E os homens?

Suzette informou:

— Tudo rapazolas, menos dois, o Pedro e o Nuno, ambos de idetas antiquadas.

Boris teve um relâmpago nos olhos azues.

— Ah! desejo conhecê-los.

— Ai vêm os Almeidas todos e os Britos — exclamou Lisette, correndo para a porta. E os autómóveis, numa fila interminável, iam despejando os convidados ao portão do solar.

Quando soaram as cinco horas, já mais de cem pessoas enchiam os vastos salões da Torre; e, na verdade, o aspecto era bonito, com os vestidos claros das raparigas e as figuras respeitáveis de homens e senhoras, fidalgos dos arredores que tinham accedido ao convite da família Santos. Um «Jazz-band» de pretos tocava numa sala pequena ao lado do salão, e os pares dançavam animadamente as danças modernas de ritmos exóticos. Carolina e Boris, Lisette e Hugo, Helena e Nuno, Maria José e Joaquim, Pedro e Margarida, todos dançavam; e, num canto, Suzette e Francisca observavam os pares.

— Que animação! — disse Francisca, sorrindo.

— O Boris parece gostar da Carolina; pois ela a dança é tal qual um fantoche! — disse Suzette, num tom agri-doce.

— Não acho nada — respondeu Francisca — é até bastante graciosa. — Mas os pares trocavam-se, agora, e Helena dançava um tango lento com Boris.

— Como dança bem — murmurou ele.

Helena, vagamente inquietada, deixava-se ir ao ritmo doento daquela dança semi-selvagem... e nada respondeu.

— Que encanto tem este seu país, feito

de poesia e de romantismo... — Helena quis desprender-se e declarou, alto: — Eu não sou nada romântica; é um engano seu.

Mas o russo cingiu-a com força e o tango continuou, como um veneno subtil, deixando Helena, de coração palpitante, nos braços de Boris. Quando, enfim, terminou, Helena, pálida e comovida, deixou-se cair numa cadeira ao pé da fresca Maria da Luz, que não dançava o tango.

Nuno aproximou-se, de sobrolho franzido:

— Que tens, Lena? — perguntou.

— Eu? Nada. Que ideia! — respondeu Helena, sacudida.

Boris, sorrindo, observou:

— Dança como um anjo, a querida Lena!

— Conhece a minha prima há muito tempo? — perguntou Nuno, olhando-o nos olhos.

O russo abanou a cabeça negativamente e abrindo uma cigarreira de ouro sobre a qual se via um braço gravado, estendeu-a a Nuno, dizendo simplesmente:

— Tenho a impressão de a ter conhecido sempre e só hoje lhe fui apresentado! Estranho, não é? Coisas que se não explicam... Mistérios do coração.

Helena corôra profundamente; e declarou a Nuno, que reclamava um Fox-Trot:

— Olha, Nü, não danço agora mais, fico a conversar.

Mas uma trompa longinqua soou... E o pai Santos, oferecendo o braço a D. Francisca de Brito, abriu o cortejo para a mata. Suzette aproximou-se do russo:

— Boris, você vem comigo — declarou, autoritária.

Boris, porém, enfiava no seu o braço de Helena, sorriu e respondeu:

— Logo, Suzy; agora levo a doce Lena comigo!

Suzette mordeu os beiços pintados com tal força que uma gota de sangue surgiu... Mas teve de dominar a sua fúria quando Pedro veio oferecer-lhe o braço.

— Lena — disse Boris — pegando na mão trêmula de Helena.

— Não me trate assim, peço-lhe; os manões não gostam.

— Nem o primo — respondeu o russo com um sorriso malicioso.

— O Nuno é quase um irmão para mim — disse Helena.

— Sabe que a adoro? — tornou Boris, olhando para ela.

Helena quis desprender-se pela segunda vez, na sensação vaga que andava mal... Respirou fundo e declarou:

— Eu não quero ouvir essas coisas, não estou acostumada, vivemos com simplicidade aqui...

Boris tornou, com a sua voz dolente, de acento slavo:

— Não sabem o que é viver, coitadinhas... O amor, a alegria, o luxo, a grande vida, que conhecem disso tudo?

— Deixe-me, eu sou uma rapariga simples da aldeia, não gosto de complicações...

E Helena, com um puxão inesperado, despreendeu-se do braço do russo, respirou profundamente e, com lágrimas nos olhos, correu pela mata fora como se a perseguissem...

Boris, de enigmático sorriso, deixou-a ir... Procurou depois Suzette que, perto da enorme mesa, oferecia bolos, sanduíches, perú, galantinas, bebidas várias.

— Suzy! — disse-lhe o russo — O meu amor pequeno está ainda zangado? Como fica bem a fúria nesses olhos negros!

Suzette riu-se e respondeu:

— Não quero partilhar baboseiras com a pateta da Lena, ouviu?

CHÁ DA COSTURA



Naquela tarde de Novembro, cinzenta e já um pouco fria, era a primeira reunião das raparigas depois das férias. Entraram em turbilhão na sala de Clara, alegres, cheias de animação, desejosas de falar umas com as outras.

— Hoje não se trabalha, Clara: é impossível! — declarou Joana, atirando-se para a melhor poltrona.

— Porquê? — perguntou Clara, admirada.

— Qual «higiene do sol» — retorquiu Maria José — é uma coisa revoltante para quem tem o juízo todo. Pintam-se com óleos nojentos para fingirem de mulatas; passam horas idiotas sem fazer nada, e ainda por cima algumas andam de meda-lhas religiosas ao pescoço, como cúmulo de incoerência!

— Também eu — observou Rita — E não chego a compreender a mentalidade de certas meninas: vão comungar de manhã cedo, dizem-se devotas, e fazem essas cenas na praia!

— Incoerência, ridículo, estupidez — concluiu Maria José.

— Por outro lado — disse Alice — eu vi coisas bem interessantes nas minhas férias no campo: querem que conte?

— Conta, conta — disseram tôdas.

E Alice, enquanto as agulhas se agitavam rapidamente no seu «tricot», começou a descrição alegre da sua estada na Quinta, com passeios pela serra, pic-nics divertidos, burricadas de gente nova, descantes em noites de luar! E, por fim, os belos dias na praia, nadando, remando, gosando o mais possível, duma maneira simples e sã!

— É a higiene do sol! — gritou Joana.

— O meu coração é largo! E gosto de estudar a alma portuguesa a fundo: os vários temperamentos de raparigas, tudo. Mas vem, Suzy, é sempre a primeira para mim...

E, Boris, bebendo sucessivos cálices de vinho do Porto, sorria satisfeito. E de novo conseguia dançar com Helena.

— Como foi má em fugir daquela maneira — murmurou ele, apertando-a contra si — Porque me não responde? Não vê que eu estou doido por si? Que a adoro? Que a quero?

A sua voz fazia-se mais intensa e perturbava Helena duma maneira inexplicável para ela. O que seria aquilo que sentia? Amor? Recêio? Não podia explicá-lo...

— Preciso de a ver, de falar consigo — continuou o russo — amanhã vou visitar a sua mãe, os seus irmãos...

— Não, não... — murmurou Helena, sem quasi saber o que dizia.

Mas eis que Hugo e Pedro, com as duas meninas da casa, se aproximavam, e, Boris, sorridente, declarou:

— Que bela combinação acabamos de fazer para amanhã; vamos todos dar aquele passeio de que você me falou, Suzy, lembra-se?

Suzette respondeu, radiante:

— A' Giesteira, ver a obra-das fábricas de gesso!

— Em sendo uma e meia podemos estar em casa destes senhores, não? — tornou Boris. — Eu desejo ver uma destas obras operárias portuguesas...

— Porquê? — cortou Nuno, abruptamente, avançando para o russo.

Boris, senhor de si, respondeu, negativamente:

— Meu Deus, por curiosidade, simplesmente! e por ser de-certo um belo passeio!

Suzette e Lisette aplaudiram com entusiasmo:

— Amanhã lá estamos todos e von já a correr dizer às outras!

— Agora vamos tomar chocolate para a casa de jantar.

E Suzette, deixando o braço de Pedro, saiu da saleta.

(Continua)

SINOS DE NATAL

O ambiente estava triste e pesado naquela sala de audiências de Laon, uma pequena vila de França. Era a noite de Natal; e julgava-se um parricídio! Crime tão hediondo e tão raro, que nem havia, na Grécia antiga, castigo previsto para ele...

Juízes, advogados, público, todos esperavam a condenação do criminoso à guilhotina: não poderia haver, com certeza, as mais ligeiras circunstâncias atenuantes.

O célebre advogado LACHAUD, o defensor, falava havia horas seguidas tentando, com o seu enorme talento, achar um facto, uma razão, a favor da sinistra creatura. Via, porém, as expressões duras das fisionomias; e sentia a inutilidade das suas palavras, que não logravam comover os jurados...

Multiplicava as suas frases, desenvolvia a eloquência; e desempenhava com brilho admirável a sua nobre missão de «DEFENSOR». Em vão, com certeza: o parricida ia, decerto, ser condenado à morte.

Eis que, subitamente, enchendo a sala com os seus tons graves, sonóros, alegres, rompe o forte carrilhão da igreja próxima! Eram os sinos de NATAL, chamando os fiéis à Missa da meia noite.

O grande advogado, espirito profundamente cristão, cala-se, comovido...

Abre os braços, largamente, ergue os olhos para o Céu, sorri a uma visão interior, e exclama, numa voz vibrante e sentida:

— Meus Senhores! Nesta noite bemaventurada, neste momento solene, um DEUS de Amor, um DEUS de perdão, um DEUS de misericórdia, acaba de nascer! É JESUS que do SEU terço vos grita: Piedade! Lembrai-vos que a misericórdia divina é infinita! Não sejais mais inflexíveis no castigo do que DEUS...

A comoção era geral; e a voz quente de Lachaud, essa voz que, tanta vez, ia direita ao coração de quem o ouvia, acompanhada, agora, pelos sons vibrantes dos sinos, tocara de emoção os corações de aqueles homens. O criminoso não foi decapitado. E, nos anos que ainda viveu na prisão, pôde arrepender-se do seu nefando crime: alcançando, talvez, o perdão de Aquêle que fôra, peia voz de Lachaud, o seu verdadeiro defensor!



CHÁ DA COSTURA

NATAL! NATAL! NATAL! — gritou Joana, entrando na salinha de Alice.

— Trabalho! Trabalho! Trabalho! — respondeu Clara a rir, enquanto talhava cueiros.

— Eu hoje não trabalho. — retorquiu Joana — São férias e portanto... ripanço nos valha — e Joana estatelou-se na melhor poltrona.

— E como se hão-de acabar os 100 enxovais da Freguezia? — perguntou Maria José, cheia de indignação.

— Toma lá, Joana, trata de coser essas camisinhas, anda — disse Clara, a sério, na certeza de ser atendida pela estouvada Joana.

— Se já sabem que eu sou a ovelha ranhosa do rancho porque me dão trabalho? — resmungou a ovelha ranhosa, encetando logo uma camisinha.

— Sabem uma coisa? — disse Rita — como sou a Secretária da Obra, queria hoje fixar bem (por escrito, até) a melhor maneira de organizar a distribuição, com ordem, sem berratas, sem injustiças...

— Sem berratas não é possível; digo-lhes já — respondeu Alice.

— Na Freguezia das minhas primas já se fez a distribuição do Natal; se vissem o que por lá foi, meninas! — observou Joana, cosendo com actividade.

— Conta, Joana — pediu Clara.

— O mulheiro todo acumulado à porta empurrando, gritando, chamando nomes!

— Pois isso mesmo é que eu quero evitar — tornou Rita — e, podendo ser, sem meter a polícia.

— Querem crêr que a minha prima Luiza, coitada, até chorou?! — disse Joana.

— Vamos assentar bem no que se há-de fazer — continuou Rita, instalando-se à mesa com papel e pena — diz o que te parece, Maria José, tu que tão bem sabes organizar.

— É simples — respondeu Maria José — Antes de mais nada, fazer a lista dos candidatos classificando-os em 2 grupos e numerando os nomes — até aos seis meses e acima dos seis meses.

— Já tenho essa lista — declarou Rita, contente.

— Bem — continuou Maria José — Escuso de te lembrar que na lista figuram também as moradas e os nomes das mãis. Agora tratar de comprar cartolina de 2 cores bem diferentes uma da outra (azul e encarnado, por exemplo); e cortar umas senhas com os nomes das crianças (Numeradas). Essas senhas é que deves dar às mãis uns dias antes da distribuição.

Os números, é claro, coincidem com os da lista, também numerada.

— O peor é na ocasião da distribuição: tudo grita, chora, empurra... — observou Alice.

— Nada disso — continuou Maria José — As que gritam e empurram são, em geral, as que não tem senha: ora essas nem lá entram nesse dia, se se organizar bem.

Depois, marca-se às mãis qual é o sitio só das senhas azues, e o sitio só das senhas encarnadas: uma de nós distribue o que é da lista azul, outra o que é da lista encarnada. E, batendo as palmas com força, pede-se o silêncio absoluto! Eu consigo, quasi sempre, que as mulheres se calem e vão contentes, coitadas! — concluiu Maria José.

— Deus te oiça! — disse Rita, esperançada.

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

(Desenho de GUIDA OTOLLINI)

UMA FAMÍLIA PORTUGUESA

(Continuação)

Helena passara toda a noite sem dormir. Uma sensação nova, deliciosa e terrível a um tempo, enchia o seu coração. E a figura esbelta do lindo Boris não lhe saía da memória...

Francisca, na cama ao lado da sua, dormia calmamente; e, quando a mãe veio, ela própria, trazer-lhes ao quarto o leite da manhã, tendo-as deixado dormir até tarde, Helena exclamou, abraçando-a com força:



— Oh Mãe, que festa esplêndida! D. Maria da Luz, sorriu, contente: — Ainda bem, filhinha!

— Eu masset-me tanto! — suspirou Francisca.

— Não admira — tornou Helena — porque tu detestas dançar! Eu adoro... — concluiu, cismática.

D. Maria da Luz estranhou a intensidade da declaração.

— Adoras, Helena?!? que expressão imprópria, minha filha! E, conta lá, com quem dançaste?

— Com eles todos, Mãe; e também com o tal russo — respondeu Helena, enfiando a cara na grande chicara de leite.

— Lembra-te, Helena, que a tropa toda vem cá hoje para irmos à Giesteira! — exclamou Francisca, erguendo-se depressa.

Pouco depois da 1 hora chegaram as Santos, escoltadas pelo russo e o grupo das Britos e das Cunhas. Boris, com a figura dum diplomata, dirigiu-se a Pedro, dizendo:

— Apresente-me a sua mãe, sim? E, curvado, beijou a mão de D. Maria da Luz com o maior respeito.

— A Giesteira não é longe; podemos ir a pé — propôs Hugo.

E logo Lisette:

— Vamos pelo pinhal, é esplêndido!

E, através do pinhal, com céstos de merenda, lá foi a caravana toda, conversando e rindo.

— Vais tão calada, Suzette! — observou Helena — Não achas lindo este pinhal?

— Para dizer a verdade, acho todos os pinhais iguais uns aos outros; mais pinheiro, menos pinheiro... — e Suzette encolheu os ombros.

Francisca indignou-se:

— O teu grande defeito, (e para ti é que é o pior) é não procurares o lado interessante das coisas!

— Qual é o seu ideal, Suzette? — perguntou Joaquim.

Suzette respondeu com veemência:

— O meu ideal? (Se é que o tenho)... É a vida que se vê no cinema! É no «écran» que palpita a verdadeira vida, a alegria, o amor, tudo!

Foi uma indignação geral. E o próprio Pedro entrou na conversa para observar:

— Mas, isso é tudo artificial, Suzette! É o fingimento da verdadeira vida!

— Qual — tornou Suzette — os ideais de vocês é que são mesquinhos, todos eles. Helena exclamou, indignada:

— Chamas ideais mesquinhos à vida do espírito, do coração, da alma?!

Boris interveio, com doçura:

— Falam todas da vida como se pudessem conhecê-la... — e sorria, enigmático, a um sonho longínquo...

Chegaram, enfim, à Giesteira.

Era um vasto parque verdejante, no meio do qual se erguiam as mais modernas instalações para a população operária. As casas modestas, mas lindas, o «club» com salas de leitura e recreio, a biblioteca, cheia de livros e ilustrações, a capela, simples e devota, o restaurante com mesas de toalhas garridas, o armazém onde as coisas todas se compravam, a baixos preços, os campos de jogos e ginástica, tudo, enfim, que podia ser útil, são e agradável àqueles milhares de operários e suas famílias.

— E formidável! — declarou Boris, falando com os rapazes.

— Aqui é impossível o comunismo?! — acrescentou.

— Impossível não é; mas absurdo e revoltante é com certeza — respondeu Pedro, com energia.

— Gostava de visitar a fábrica — tornou Boris — dão-me licença?

E, sem esperar que o acompanhassem, o russo dirigiu-se, apressado, a um grupo de homens que estavam perto do portão da fábrica.

Quando, uma hora depois, voltou para junto do rancho, que estivera merendando num campo fora do parque, o entusiasmo com que falou encantou as raparigas.

Mas o regresso à aldeia não foi alegre. Havia no rancho todo um mal-estar inexplicável e vago... Só Helena, com o coração palpitante ao lado de Boris, e Lisette, enlevada na conversa de Hugo, iam radiantes, alheias a tudo!

E quando, à porta da Casa do Pinheiro, se dispersaram uns e outros, Boris murmurou a Helena, beijando-lhe a mão com fervor:



— Até breve, minha Lena... Helena, louca de alegria, correu para o seu quarto a chorar de comoção.

XI

Helena considerava-se noiva de Boris, que fora pedi-la simplesmente a D. Maria da Luz, enquanto, dizia ela, não vinha a carta da sua irmã, condessa de Karobine: pois era orfão de pai e mãe.

D. Maria da Luz tentou reagir, pois nada lhe agradava a entrada dum estrangeiro na família.

— Helena é nova demais para ficar noiva — concluía sempre a mãe, além de outros argumentos.

Mas as lágrimas de Helena venceram onde deveria antes vencer o bom senso. O primo Esteves quando soube a notícia enfureceu-se deveras:

— Dar a Lena a um russo desconhecido quando o Nuno morre por ela! É uma loucura! É uma loucura — gritava ele, passejando na sala, com os bigodes eriçados e os braços abertos.

— As pessoas que não conhecemos começam sempre por ser desconhecidas, primo Francisco — respondeu Helena — Sinto-me tão feliz!

E Boris partira para Lisboa a preparar tudo, conforme ele dizia, para se casarem em Janeiro.

Helena, apaixonada sinceramente, passava horas escrevendo ao noivo ou lendo as suas longas e ternas cartas de amor.

O senhor Santos, resolvera, de acordo com o Prior, fundar na aldeia a Casa dos Pobres; e ia agora inaugurar-se a Crèche e o Dispensário, obras que faziam parte dum conjunto maravilhoso: haveria, num futuro próximo, a Maternidade, a Nova Escola, o Recreatório e o Hospital!

O Prior estava radiante; e reconhecia no bom banqueiro tão nobres qualidades que faziam esquecer os seus ridiculos. Lisette transformara-se completamente; e ensinada por Hugo era já uma ótima catequista, ajudando as outras raparigas em todos os trabalhos.

Ao contrário da irmã, Suzette mostrava-se indiferente à vida social da aldeia; e o seu egoísmo só a deixava ligar-se com Carolina de Brito, cujo feitio era diferente das suas irmãs e amigas.

— Estou fartíssima de viver aqui; isto não é vida — declarou Suzette a Carolina, uma tarde — Tenho já tantas saudades

dos cinemas e dos «dançings» que vou pedir ao papá para me deixar ir estar em Lisboa em casa dum tia, irmã da mamã e riquíssima!

Que nu dizes do casamento da Helena?

— Um disparate de marca, Suzette.

— Também acho. O Boris não é para ela...

— O que admira é a tia consentir!

Suzette ficou pensativa.

— Já vieram os papéis da tal irmã com o pedido? — tornou Carolina, curiosa.

— Não veio nada. E ontem éle escreveu ao papá a dizer que não tinha notícias da irmã há que tempos, a tal condessa não sei de quê...

— Olha lá, Suzette, tu gostas do Boris, não é verdade?

Suzette encolheu os ombros, irritada.

— Porque não arranjas um sarilho qualquer?...

— Um sarilho?!

— Sim, uma intriga que desmanche o casamento. Olha, não te lembras daquela fita que passou há dois anos em Lisboa em que havia uma história assim?... Era com a Joan Crawford!

Suzette lembrava-se.

— Só com uma cartinha mandada à noiva, ficou tudo em águas de bacalhau. E nunca se descobriu quem fez aquilo tudo! Queres que te ajude? Escrevemos as duas uma carta bem combinada, e tu verás!

— A questão é a letra não se conhecer...

— Eu tenho um gettão para isso. Quando estava no colégio, fazia às vezes as composições das outras e imitava a letra delas na perfeição.

— Depois manda-se essa carta à Helena, com um bilhete anónimo a dizer: «uma amiga que a vê iludida por um homem suspeito», etc! Se a Helena se convencer que éle gosta doutra, rompe logo com éle...

Dali a dois dias inaugurava-se a Crèche e o Dispensário sob a invocação de Nossa Senhora da Piedade; e reinava grande alegria na aldeia. A Crèche, toda branca, toda cheia de flores e regorgitando de crianças, tinha um aspecto encantador; e o Dispensário, com a sua farmácia bem fornecida e as instalações precisas para acudir às erlineinhas doentes, era um verdadeiro modelo.

— Francisca, onde estás tu? — chamou Helena à porta da Crèche, onde Francisca arranjava as últimas flores.

— Que tens, Lena? Porque estás tão pálida?

— Vem cá depressa, Chica, tenho de te mostrar esta carta que recebi agora.

Mas Francisca não pôde atendê-la. O Prior, de sobria nova, reclamava a sua presença ao pé das Irmãs Doroteas, que vinham também assistir à sessão solene. E Helena, sem pachorra para a alegre festa, voltou para casa a correr.

D. Maria da Luz viu-a chegar e espantou-se daquela corrida insólita, daquela expressão desesperada.

— O que é, Lena?! Que tens tu?!

Helena nada respondia; mas a mãe, tirando-lhe uma carta da mão, percorreu com a vista o ignóbil papel que rasgou em mil bocadinhos.

— Que porcaria são estas em que estás metida, Helena?!

Helena desatou a chorar e gemeu: — Recebi essa carta pelo correio, Mãe. O Boris gosta doutra mulher! Que horror!

— Helena, não estás em ti há meses. E chego quasi a gostar que viesse essa carta para ver se tu voltas a ser a nossa Helena antiga, tão alegre, tão simples!

Mas nesse momento bateram à porta

com força; e, como os criados tinham ido para a festa, D. Maria da Luz foi abrir a porta ao primo Esteves. Vinha de sobrolho carregado.

— Ah, estás aí, Lenita? Ainda bem. Eu sempre disse que isto de gente equívoca era bom nunca se conhecer. Eu sempre disse...

— O que há, primo? — atalhou D. Maria da Luz.

O primo Esteves trazia na mão um jornal de Lisboa.

— Há isto, façam favor de ler.

Helena, chorosa, encostara-se à mãe e D. Maria da Luz leu:

«Foi preso quando embarcava clandestinamente para o Brasil, e deu entrada no Limoeiro, um russo de nome...»

— Boris! — gritou Helena.

— Tão tolo não é éle — respondeu o primo Esteves.

— Lé e verás!

D. Maria da Luz continuou a ler: «Wladimir Feodor conhecido agitador comunista que há meses se encontrava em Portugal, vindo de Espanha para transmitir ordens soviéticas aos diferentes centros vermelhos. Ainda há pouco tempo entrou em comunicação directa com um contra-mestre da Fábrica da Giesteira; e o seu desbaramento é tal que, iludindo as pessoas que o frequentavam e tomando o nome de Boris, pediu em casamento uma menina da família mais importante de Leiria. Não contava éle...»

— Basta! Basta! — chorava Helena abraçada à mãe.

(Continua)

MARIA VAI CASAR

Maria cosia junto à irmã.

— Na verdade, Marta, eu adoro crianças, tu bem o sabes; mas Deus permita que...

— Que quê? — perguntou Marta com vivacidade.

— Que não suceda o que te sucedeu a ti, coitada: um ano depois de casada, logo o bebé a transtornar tudo.

— Transtornar! — exclamou Marta, indignada.

— Não podes negá-lo, Marta: desistiram da viagem a Itália, tomaram outra criada, tiveram milhentas despesas...

Marta sorriu e disse:

— Como tudo isso pesou pouco, Maria, perante a louca felicidade de ter a nossa pequenina!

Maria muito séria, tornou:

— Ah não, Marta, não me digas que são bons os filhos nos primeiros tempos de casada; isso não, porque...

Mas a irmã cortou:

— Olha, Maria, nem te deixo continuar a dizer autênticos disparates. Os filhos são sempre, ouviste? uma bênção do Céu! Uma graça de Deus! Uma alegria no lar!

— Mas...

— Não há «mas» nenhum, queridinha, podes crêr! E a mulher que não deseja tê-los... melhor fará em ficar solteira.

— Mas há casais felicíssimos que não têm filhos!

— E sabes tu a pena que esse facto lhes faz?

Pois, se queres que te diga, acho isso uma estranha anormalidade. Na vida tudo o que é normal, simples, natural, é o que deve ser; e se o homem e a mulher querem constituir um lar, e um lar cristão, os filhos serão o complemento da sua felicidade conjugal. Há porventura alguma coisa superior à beleza dum família numerosa e unida? Muitos filhos, muita alegria...

— Não te contentas em achar bem um filho ou dois: falas já numa tropa deles!

Marta riu com gosto.

— Eu por ora tenho dois: mas quem me dera ver seis ou sete à roda da nossa mesa!

— Não sinto ainda vibrar em mim essa corda — disse Maria, desconsolada.

— Pois convence-te bem, Maria, que o amor dos filhos é o laço mais apertado que une o marido à mulher...

E Marta calou-se, pensativa.



Os filhos são sempre uma alegria no lar!

(Foto: MANFREDO)

UMA FAMILIA PORTUGUESA

XI

Na cidade e no campo

E contrastando com o seu desgosto horrível ouvia-se agora o estalejar duma alegre girandola de foguetes, festejando a inauguração da Casa dos Pobres.

O senhor Santos estava felicíssimo, ao vêr a alegria que a sua generosidade provocava. A mulher, porém, pouco sensível ás delicadezas, achava aquêlê gasto mal empregado.

— Fizesse antes um cinema, ao menos dava lucro. Que tiras tu daqui, criatura?...
— O' América, não fales assim! Não tiro lucros, não, mas tiro alegria e satisfação!

— Lérias — concluiu D. América.

E também na Torre, á chegada do senhor Santos com as filhas, caiu como uma bomba a notícia do jornal.

— O malandrão! — gritava o comerciante, de olhos esbugalhados.

— Que grandecíssimo canalha — completou D. América — enganou-nos a todos!

Suzette ainda tentou dizer:
— Não é êle... não pode ser êle!
Mas logo o pai a mandou calar com rudeza:

— A menina cale-se. Não sabe o que diz. Não sabia êle,cottado, o trabalho que se fazia na cabeça ôca da filha...

Suzette fechara-se no quarto; arrumara roupas e vestidos numa mala de mão; metera na carteira 8 notas de 100 escudos que constituíam as suas economias, e, dizendo que tinha uma enorme dor de cabeça, não desceu á casa de jantar. Em vão D. América tentou entrar, batendo á porta do quarto e chamando:

— Suzette! O' Suzette!

A filha gemeu de dentro uns vagos monossilabos, pediu que a deixassem dormir até tarde, e não abriu a porta. De madrugada desceu a escada de mansinho, destrancou o portão e, com a pesada maleta na mão, saiu de casa.

Já os jornaleiros vinham chegando, e, chamando um garoto, Suzette entregou-lhe a mala e seguiu com êle para a estação das camionetas. Uma hora depois partia para Lisboa, sem um pensamento para os pais, para a irmã... E, como ela tinha pedido que a deixassem dormir até tarde naquela manhã, muitas horas se passaram antes que dessem pela sua fuga.

Suzette dirigiu-se primeiro a casa da tia, a quem disse, simplesmente, que vinha passar com ela uns dias, como já se tinha combinado. Almoçou serenamente, conversou e declarou que ia ao cabelreiro renovar a «permanente», facto que a tia não estranhou.

Foi, porém, ao Limoeiro que Suzette se dirigiu, pedindo para falar ao russo Wladimir.

— Não me parece isso fácil, menina — disseram-lhe.

— Só lhe digo umas palavras e podem ser diante de si — tornou ela, persuasiva.

— Arrisco-me a ser castigado — tornou o homem.

Uma nota de 50 escudos foi metida na mão dêle. Mas o homem recusou.

— Por dinheiro é que não. Olhe, a menina é tão novita que não deve ser perigosa. Ande lá para diante que o tipo está ali...
E Suzette entrou de mansinho...

— Suzette! — gritou o russo, agarrando-lhe a cabeça.

— Fugi de casa! E vou consigo para onde você for, Boris.

— Tenho de ser julgado ainda; mas como não há provas devo ser pôsto na fronteira como indesejável — tornou êle.

— E eu?

Boris abanou a cabeça.

— És menor, Suzy...

— Fui emancipada há pouco, tenho dezoito anos! — gritou ela, triunfante.

— Então... vamos embora! — e Boris beijou-a nos olhos.

— Se pudéssemos casar já — murmurou Suzette.

— Não pode ser, Suzy. Vai para a tua tia e depois, veremos...

Para evitar que descobrissem a sua ideia, Suzette escreveu ao pai. Apenas lhe dizia que, triste e neurastênica, resolveu vir passar uma semana a casa da tia, que a deixassem em paz por uns dias. E como a própria tia, por seu punho, escreveu umas linhas a sossegá-los, Suzette pôde preparar em Lisboa o seu louco projecto.

Por falta de provas foi o russo julgado indesejável, tendo êle pedido para sair de Portugal por mar. Embarcaram os dois, com as carteiras bem recheadas de dinheiro, para Marrocos, á aventura!

— Vamos fazer cinema, Boris! — dizia a pobre louca, caminhando sem rumo, sem principios, sem religião, sem moral, como um destroço que, tarde ou cedo, seria desfeito no mar da Vida...

Enquanto estas coisas se passavam em Lisboa, enchendo de indignação uns e de vergonha outros na aldeia, Pedro, no seu curso de medicina, ia-se distinguindo entre os colegas, estudando e trabalhando com entusiasmo.

Jantava tôdas as semanas em casa dos Britos e todos os sâbados em casa dos primos Mellos, que muito o estimavam e apreciavam. A sua paixão por Gabriela de Menezes não diminuiria, longe disso, e já não tinha dúvidas algumas a êsse respeito; o seu sonho era obtê-la.

— Gabriela — resolveu-se êle a dizer numa dessas noites — gosto de si a valer, sabe?

Gabriela, vestida de encarnado, com o cabelo preto e luzidio penteado em farripas, as faces cheias de «rouges», os beiços côr de cereja e uma enfiada de dentes brancos e pequeninos que seguravam uma longa boquiilha, encarnada também, respondeu:

— Pedrinho, não embirro nada consigo; mas quero saber o que me espera como vida...

Pedro, com tão claro positivism, sentiu-se desapontado:

— O que a espera como vida? — repetiu êle.

— Sim, o que conta você fazer? Profes-

sor? Médico de aldeia? Especialista em Lisboa?

— Seduz-me bastante ser médico de aldeia — respondeu Pedro, depois de hesitar um pouco.

— Pois isso é que nada me seduz a mim. Eu gosto de brilhar, de dar na vista, de ser admirada, de andar bem vestida, de me pintar, de voar de avião, de gular o meu carro...

Pedro interrompeu-a:

— Gosta de mim, Gabriela?

— Responda você, Pedro. Tudo o que acabo de lhe dizer é para mim imprescindível; portanto, acha que gosto de si?

E Gabriela riu com uma despreocupação que era quasi... cinismo.

Como era evidente, tão evidente, que Gabriela não gostava dele!

Pedro baixou a cabeça e; desde êsse dia, nunca mais lhe falou de amor.

Era um sonho desfeito... Em casa dos Britos bem sentia os lindos olhos de Carolina, habitualmente duros, poisarem-se nos seus com menos dureza; mas nunca tivera por ela a menor atracção...

E o seu feio sêco causava-lhe antipatia. Dedicou-se ao estudo com maior ardor, mas a sua alma entristeceu com o desampontamento amoroso e nada o consolava do desamor de Gabriela!

Nessa altura matriculou-se Hugo na Faculdade de Direito em Lisboa; e era para o irmão mais velho o companheiro que êle mais poderia desejar.

As férias na Casa do Pinheiro eram muito apreciadas por todos; e se Pedro, na sua melancolla, não tomava sempre parte nas festas alegres que organizavam entre si, Hugo, esquecido já da menina do liceu de Leiria, cada vez mais se sentia preso á boa e simples Luzia, que nada tinha já da ridícula Lisette doutrostempos.

Helena não recuperara a alegria, é certo; mas a actividade a que a obrigavam os seus múltiplos deveres na Juventude Católica, enchia o seu tempo de manhã á noite. E o seu desgosto amoroso tornara-a um pouco grave.

Outro desgosto estava porém a preparar-se para aquella familia tão boa e unida... Perfeitamente louca de dor, a boa tia Angélica escreveu a D. Maria da Luz: — Querida Luz, nem sei como tenho ânimo para te dar uma notícia extraordinária e triste...

D. Maria da Luz interrompeu-se e pôs a mão no coração. Depois dum momento continuou: — O meu afilhado, o teu Joaquim, que fizera o último exame do curso do liceu, veio ter comigo e declarou que queria partir para a Africa! Que já tinha bilhete comprado, que o vapor saia no dia seguinte, que já nem ia despedir-se de ti e dos irmãos e... partiu a bordo do «João Belo» esta manhã!!

D. Maria da Luz não pôde ler mais; deixou-se cair no canto do sofá a soluçar e assim vieram encontrá-la as duas filhas.

XIII

A súbita partida de Joaquim não fôra combinada sem cumplices. E as economias dos irmãos, juntas á importante verba dos primos Gonçalo e Eugénia, tinham ido juntar-se ao resultado da venda do seu régio de ouro e da sua querida bicicleta, para se comprar o bilhete de 2.ª classe no «João Belo».

Só Pedro ignorava em absoluto o louco projecto. Hugo tentara dissuadir o irmão fazendo-lhe ver a ingratitude que isso representava para a boa tia Angélica, em casa de quem êle vivia. Mas, aos seus argumentos sensatos, Joaquim, numa longa carta, respondeu:

— «O meu espirito de aventura não me deixa continuar nesta vida... sem vida! Preciso de ir mar fora (já que não posso voar pelos ares actua) até á Africa; lá hei-de achar em que me entreter, em que

trabalhar. Verás que faço vida por lá, Hugo! Escreve-me para a posta restante de Luanda, Teu irmão — Joaquim.

— A minha desculpa está em vencer! Quero e hei-de trabalhar como um homem. Nada de sentimentalismos — pensava Joaquim, durante a longa viagem através dos mares.

E foi nessa disposição enérgica que desembarcou em Luanda e resolveu hospedar-se numa casa que ouvira recomendar a bordo do «João Belo».

Levara bastante dinheiro, graças á generosidade dos irmãos e primos que, a título de empréstimo, lhe tinham adiantado uma soma importante. Seria essa a primeira dívida que êle pagaria, logo que arranjasse trabalho.

Passetou pela cidade tãda a tarde; e espantou-se sinceramente com o aspecto moderno das largas avenidas, a grandeza de certos edificios e do movimento da cidade, que lhe pareceu lindíssima! E Joaquim estava contente, cheio de alegres esperanças de futuro.

Els que na manhã seguinte viu passar, mesmo em frente da casa onde morava, um enorme grupo de rapazes e raparigas, desembarcados, de-certo, de algum navio vindo da Europa. Perguntando ao criado preto se sabia de alguma excursão preparada, o preto escancarou a enorme boca num largo riso e exclamou:

— Mininos todos di Português, stô! Vem vapô Angola, vem vê terra di preto! Vão diapo marchã no capim...

Mais nada conseguiu saber naquela manhã; mas pensou logo em como seria delicioso acompanhar a interessante excursão de gente nova!

Soubes, depois, que a caravana partia no fim da semana. Preparou mantimentos, comprou roupa de malha fina, umas botas altas para atravessar o mato e, quando chegou o dia da partida, juntou-se aos muitos rapazes que iam a pé com os pretos que carregavam coisas várias, necessarias á expedição. Por felicidade, logo vinham dois rapazes seus conhecidos, ambos da «Mocidade Portuguesa» como êle, estudantes do liceu de Leiria.

E a excursão partiu através do mato, entre os vivos da população de Luanda. Joaquim, entusiasmado, nunca pôde esquecer a impressão de prazer que lhe deu aquela partida de Luanda e a travessia da floresta em que se embrenharam todos! Havia automóveis que levavam senhoras e raparigas novas; outras, porém, preferiam ir a pé; e era um gosto vê-las andar com passos firmes, botas altas, saias curtas, os chapéus de feltro ou botas sobre os cabelos cortados! A alegria que reinava em todo o grupo era altamente comunicativa, estendendo-se até aos pretos, que constantemente mostravam as suas dentaduras de neve.

Depois de muitas horas de marcha, chegaram á clareira. Fetos arbóreos, confundindo-se na sua altura com palmeiras, e árvores de frondosa folhagem, davam áquêlê recinto uma luz especial duma beleza estranha e misteriosa...

Houve um descanso. Armou-se uma grande tenda, ergueram-se mesas e bancos de lona e todos comeram com appetite. Surgiam macaquitos, saltando das árvores para o chão, a comer as migalhas que caíam ou lhes davam, e eram risos e gritos sem fim!

Em breve recomeçou a alegre marcha. Agora cantavam câoros animados, que melhor os estimulavam a andar; e a impressão geral de encanto mais aumentou ao verem brilhar, entre, a folhagem, água cristalina!

Um largo rio surgiu; sobre as suas águas, pírogas com pretos meus e deslizavam como gôndolas ligeiras... Gritos de entusiasmo saudaram a aparição do lindo rio! Não longe dali, ar-



Carta às raparigas

Não há época mais risonha, mais cheia de alegres projectos, do que a do Ano Novo, queridas amiguinhas. E qual de vós não terá planos agradáveis a realizar, neste ano que começou? Trabalhos, estudos, leituras, passeios, vestidos, visitas, festas... Mas esta época alegre, em que a vossa vida se enche de projectos auspiciosos, só poderia ser completa se fôsse de Alegria... para todos. Infelizmente, porém, há lares tristes, onde reina a pobreza, a doença, a ignorância, a descrença, a maldade... E não está na nossa mão evitar e corrigir êsses males dolorosos.

Contudo podemos, sim, não nos deixar invadir pela indiferença ou pelo egoismo: esquecendo, no gozo da nossa felicidade, aqueles que não a têm. Dar felicidade aos outros é das coisas mais requintadas, mais superiores, que existem! E se, á entrada do Novo Ano, nos propuzermos esse fim, a nossa própria felicidade será aumentada largamente!

Dar Alegria! Dar Prazer! Dar Felicidade! Dar! Dar! Dar!

E se, para isso, tôdas as épocas são boas. é certo que encetar o Novo Ano a fazer Bem, empregando nisso todo o entusiasmo de que é capaz a nossa alma, é uma gar antiasegura da nossa própria Alegria.

Queridas Raparigas, não queiram viver egoístamente: deixem que as vossas alegrias irradiem, como luz quente e brilhante, num largo âmbito. E lembrem-se que, com o Nascimento de Jesus... a nossa alma também deve renascer para Bem!

maram-se as tendas para passar a noite. Reinava um profundo silêncio nas baracas; e, diante delas, ardiam enormes fogueiras para afugentiar os animais da floresta.

Os pretos dormiam fora, estendidos, ou acocorados, no chão; os «chauffeurs» tinham preferido pernoitar dentro dos seus carros. Que silêncio... Joaquim não conseguia dormir; e, mal raiou a fraca luz do crepúsculo matutino, através das frinchas da tenda, baixou a cabeça, espriitando por baixo da lona, junto á esteira que lhe servia de cama.

Como devia ser lindo ver nascer o sol naquela floresta africana!... Um grito estridulo chegou aos seus ouvidos: que bicho estranho o teria soltado? Levantou-se de mansinho, pegou na mala que lhe servira de almofada, calçou as botas e saiu, com mil cuidados, para que o não ouvissem os seus companheiros de baraca.

(Continua)

D. Maria da Luz deixou-se cair no canto do sofá a soluçar



PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO
(Desenhos de GUIDA OTTOLINI)

UMA FAMÍLIA PORTUGUESA

(Continuação)

Joaquim embrenhou-se pelo mato, caminhando devagar, admirando a beleza daquela luz de sonho, aspirando aquele perfume balsâmico, feito de toda a maravilha flora africana! Que beleza tudo aquilo!

Andou, andou, foi sempre seguindo; primeiro, acompanhando o lindo rio, depois, metendo por atalhos pitorescos e verdejantes que o atraíam duma maneira singular...

O sol estava alto, agora; e Joaquim pensou em voltar para junto da caravana. Qual dos atalhos seria o que ia ter à clareira? Onde estavam as margens do rio? Pareceu-lhe que reconhecia aquela enorme árvore de largas folhas azúldas, lembrando as da magnólia; viu, porém, outras árvores iguais... Além, aquele grupo de fetos altíssimos não seriam os que tanto o haviam encantado, perto da clareira? Joaquim andava para um lado e para o outro, para diante e para trás... E nunca apareciam as tendas da caravana! Chamou, gritou com força: Uhh! Uhh! Nem o eco lhe respondia, abafado pela floresta o próprio som da sua voz...

O pobre rapaz sentiu confranger-se-lhe o coração. Sózinho, numa floresta de África... Estava cansado, pois andara de certo muitos e muitos quilômetros; e já o sol parecia começar a declinar. Se chegasse a noite que faria ele ali, naquele mato desconhecido, sem bússola para se orientar, sem pão, sem água, sem fogo ou arma para se defender? A coragem, porém, nunca abandonava a sua alma aventureira e crente.

— Estou cansado. Vou sentar-me naquele tronco que ali vejo — pensou. Sentou-se sobre a grossa árvore, caída através do caminho. Apenas, porém, se acomodou sobre o tronco, oh que sentimento de horror o acometeu de repente!... O tronco era o corpo repelente duma enorme cobra! Correu, apavorado e aflito, correu durante horas seguidas, sem rumo e, desta vez, chelo de medo...

Exausto, esfomeado, Joaquim deixou-se cair, enfim, perto duma enorme bananeira. Na certeza que de noite viriam as feras devorá-lo, estava resolvido a deixar-se morrer e preparar-se, com uma coragem heroica, para morrer bem. Ajoelhou-se, e murmurou: — Peço-te perdão, meu Jesus, pelas faltas que cometi. Por ter saído de casa da boa tia... Dá felicidade e saúde à Mãe, coitadinha, e aos meus irmãos todos, principalmente à Chica. Faz-me morrer sem sofrer muito, Jesus. Perdão! — Benzeu-se devagar...

As lágrimas cobriam-lhe a cara; e com a idéia de ser devorado por uma fera, o pobre Joaquim teve um soluço doloroso. Rezou ainda devotamente, com os olhos fechados, o Padre Nosso, a Ave Maria, o Acto de contrição; deitou-se então no chão e encostou a cabeça sobre a mala.

Na Missão de Hulambango estavam todos muito azafamados naquela manhã,

Inaugurava-se a nova escola de agricultura para rapazes, anexa à escola de trabalhos manuais das raparigas; e os bons padres missionários não paravam desde que nascera o sol. Havia, porém, horas, já, que todos esperavam a volta do padre Sousa, Superior da Missão. Partira muito cedo, acompanhado por dois pretitos de 17 e 18 anos, Simão e Vicente, para baptisar umas criancinhas gêmeas que tinham nascido numa cubata de Xi-Xá e cuja mãe estava moribunda.

Os outros padres andavam apreensivos e já pensavam em preparar uma caravana para ir em busca do seu Superior, quando o rancho de crianças da Missão rompeu em grande grita.

Lá vinha, ao longe, envolto no seu hábito branco, acenando com os dois braços, e a sua longa barba branca alvejando ao sol, o santo padre Sousa, que todos ali adoravam e respeitavam. Mas que traziam aos ombros Simão e Vicente? Parecia um taboleiro feito de troncos e plantas...

Quando chegou à Missão, o Padre Sousa explicou:

— Encontrei no mato o cadáver deste rapaz! Ao menos aqui podemos fazer-lhe um enterro cristão, coitado. O que me espanta — continuou — é que as hienas o não devorassem... Foi milagre, com certeza!

— Ai vem doutô! — gritou Simão, vendo aparecer o alta figura do doutor Aguiar, médico distinto, de passagem na Missão.

— Então quem é este rapaz? morto? — perguntou o médico. Sem esperar resposta, encostou a cabeça ao peito de Joaquim e, levantando-se bruscamente, exclamou:

— Não morreu. Já, já, para a cama! Botijas quentes! Alcool pela boca abaixo! Vou dar-lhe uma injeção de esparteina. E Joaquim, rodeado de carinhos, entrou na enfermaria de Hulambango.

Passaram semanas. Sentado no pequeno jardim em frente da capela, junto a uma roseira trepadeira cheia de rosinhas encarnadas, Joaquim sentia-se feliz. Que vida calma era a da Missão!

Tocou uma sineta; e logo saiu da capela um enorme rancho de pretinhas, com lenços brancos nas cabeças encarapinha-



Sente-se, já, meu querido doente!

das e acompanhadas, não só por duas Irmãs Missionárias, mas por uma encantadora rapariga, morena e bonita, aparentando uns 17 anos.

— E' a primeira vez que a vejo aqui! — murmurou Joaquim, levantando-se. Mas ficou espantado quando a rapariga, avançando para ele de mão estendida, exclamou a rir:

— Sente-se já, meu querido doente! Não me venha apoiar com uma recaída, ouviu? — E' carregando-lhe nos ombros, obrigou-o a deixar-se cair no banco.

— Mas eu não a conheço — disse Joaquim. — Conheço-o eu; e é quanto basta! — replicou a rapariga, afastando-se com as Irmãs, que riam debaixo das coifas brancas.

Quem seria aquela linda rapariga? Tinha, sim, uma ideia vaga, muito vaga, de ver sobre a sua cama, às vezes, curvar-se uma mulher... Seria esta? Seria uma irmã hospitaleira?

Nessa mesma tarde, Joaquim contou ao Padre Sousa a louca história da sua aventura.

Quando Joaquim terminou a longa narrativa o Padre Souza pôs-lhe a mão na cabeça. Depois, olhou para os seus olhos honestos e disse, satisfeito:

— Foste um louco; andaste mal; desgostaste a tua família. Mas não caíste no mau caminho; mostraste coragem e não perdeste a Fé em Deus. Vou hoje mesmo escrever à tua pobre mãe e tu juntarás à minha carta a tua; tens de pedir, bem sinceramente, o seu perdão!

— E depois? Manda-me embora? — perguntou Joaquim, com lágrimas nos olhos. — Que queres tu fazer em Hulambango? — tornou o Missionário.

Joaquim levantou-se e, com desusada energia, respondeu:

— Deixe-me ficar um tempo, senhor Padre Sousa. Eu tenho sete anos de liceu, sabe? E queria ficar em África a trabalhar. Deixe-me aprender agricultura na sua escola, sim? E depois, quando eu souber, arranjo terras, cultivo-as, ajudo a Missão...

— O que aí vai, o que aí vai... — riu o Padre Sousa. — Que mais queres, criança?

— E diga-me, senhor Padre Sousa, quem é aquela rapariga que me chamou o seu doente e que eu não conheço? — perguntou o rapaz.

— Não conheces a Mariuzinha Medeiros, filha do Rodrigo de Medeiros e da boa Cristina, (a) protectora da Missão? Não a viste a perder noites por tua causa ao lado da Irmã Maria da Luz?

Joaquim, comovido, murmurou:

— Mariuzinha Medeiros... É minha prima!

— Pois, mais do que nós, foi ela que te salvou, Joaquim! Vamos agora escrever para Portugal. Parte depois de amanhã um vapor de Luanda, mando esta tarde as nossas cartas. E conforme a resposta, assim se resolverá a tua vida e o teu futuro. Visto que os Medeiros são ainda teus parentes vou já escrever ao Rodrigo dizendo que estás aqui na Missão; verás como ele vem logo ver-te, Joaquim!

E assim sucedeu. Rodrigo de Medeiros nem um momento hesitou em ir ver Joaquim.

— Vens comigo para o Ulgi, Joaquim; não falta lá que trabalhar e trabalhar a valer! Até estou certo que foi a Providência que te guiou para aqui: pois eu precisava dum ajudante, novo como tu, e... branco! — acrescentou, risonho.

(Continua)

(a) — V. Ana vem a Portugal (Bertrand)

CHÁ DA COSTURA

— Ah, meninas, estou entusiasmada com as idéias da Wanda! — exclamou Joana.

— Mas quem vem a ser a Wanda? — perguntou Alice.

— Não sabes quem é a Wanda?! — tornou Joana, meio-ofendida.

Clara sabia e explicou.

— E' aquela russa excêntrica, que anda sempre de pijama pelas ruas do Estoril.

— Chiquíssima é que ela é — disse Joana — E de uma inteligência estupenda!

Propoz-me que organizássemos uma grande sociedade para olhar pelos pobres, promovendo festas de caridade constantes, bailes, passeios, jogos, vendas...

— Essa Wanda não inspira muita confiança, Joana — observou Maria José.

— Há pessoas para quem os pobres, coitados, são o pretexto para se divertirem — disse Clara.

— Não conheço a tal russa — disse Alice — mas se as ideias dela forem boas e realizáveis...

— São formidáveis, fiquem sabendo — gritou Joana — Fundar uma creche, um dispensário, um recreatório...

— Sabes tu, Joana — tornou Clara — para bem organizar essas obras, duma maneira sensata e prática, com estabilidade, sobretudo, é preciso deitar para traz toda a frivolidade, toda a inconstância, que, infelizmente, é habitual em raparigas do género da Wanda Karloff.

Conheces bem a Graça, não conheces?

— Quem a não conhece, Clara! — disse Maria José.

— Mas essa vive sempre encafuada no Alentejo, em cascos de rôlhas; que faz ela de interessante? — perguntou Joana...

— Não sabes? — tornou Clara — pois vou dizer-te, em duas palavras, o que tem sido a obra da Graça. Num barracão abandonado que lhe cederam, caído, arranjado, embonecado, a boa da Graça instalou há ano uma Creche. As pessoas da terra dão-lhe dinheiro, géneros, roupas; e ela dá... tudo o que tem, a bem dizer.

E dá, sobretudo, o seu coração, a sua alma!

Com os cuidados pelos filhos, vai moralizando os pais; sem alarde, sem espalhafato, trabalhando na sombra, com a sua admirável e forte tenacidade!

— Nunca julguei que a Graça fosse assim... — murmurou Joana.

— A sua obra hoje é formidável, fiquem sabendo! O barracão foi transformado numa casa risonha; a pequenada ri, canta, aprende... Que alegria reina naquela Crèche Branca, como se chama!

— E se nós nos metessemos numa coisa dessas? — lembrou Joana, pensativa.

— Ora a vante! Portuguesas! — cantou Alice, com a música da Maria da Fonte.

— Não é impossível, meninas; e podemos começar a pensar nisso! — concluiu Clara.

— AVISO —

Este «aviso» melhor se chamaria *Informação*.

Venho dizer às minhas queridas leitoras que apenas acabe a *Família Portuguesa*, um novo romance escrevi para elas que espero lhes há-de agradar:

Maria Rita, solteira, é o seu nome. E muito gosto me darão se alguma vez me escreverem as suas críticas ou as suas impressões bem sinceras.

CARTA ÀS RAPARIGAS

Se as raparigas soubessem avaliar quanto mais simpáticas se tornam sendo delicadas com todos! Infelizmente, porém, se, de facto, há muitas excepções, abundam na nossa querida terra as meninas que respondem por favor às perguntas que lhes fazem, que nos olham desdenhosas, ou que emitem as suas opiniões com uma autoridade que às vezes nem as «autoridades» se atrevem a ter!

E eu recordo sempre o que dizia, com espirito, uma tia minha: «Quem te dera a ti ser quem tu julgas que és!»

Também lhes direi que, por muito bonita que seja uma rapariga, se lhe faltar a bondade, a paciência para ouvir os mais velhos, a delicadeza na maneira de responder, a «boa educação», enfim, essa rapariga nunca terá sucesso na vida.

Há certas faltas de delicadeza que são tão vulgares cá em Portugal que frizam a «inconsciências!» Por exemplo, o facto de se deixar uma carta sem resposta: que absoluta falta de educação! Infelizmente, porém, é um caso vulgaríssimo, repito, que muitos consideram natural. Dantes,

MARIA VAI CASAR

Decididamente, Martha — disse Maria, entrando na sala da irmã — não posso decidir-me a concordar contigo no capítulo dos filhos, e entendo que é um verdadeiro desastre... quando eles chegam nos primeiros anos do casamento.

— Oh Maria! — exclamou Martha, com calor — quem seria a nefasta pessoa que tal disparate te meteu na cabeça?!

— Se queres que te diga, quasi todas as minhas amigas são dessa opinião. E consideram felicíssima a Conceição, casada há seis anos e sem bebé!

— Que pobreza de alma, a das suas amigas... — respondeu Martha, com sincero dó — Assim, o fim natural da vida, o ideal da existência do lar cristão, a razão de ser da união santificada do homem com a mulher, tudo isso é para vocês, coitaditas, letra morta?! — e Martha olhou a irmã com tal expressão de espanto triste que Maria, quasi envergonhada, tornou:

— Estás a exagerar, Martha! Então não há milhetos lares cristãos, e até felicíssimos, onde os filhos nunca fizeram falta? Não há casais que se adoram e não tem filhos?

— Tudo isso existe, bem sei — tornou Martha — Mas podes crer, Maria, que se



há muitos anos, havia um certo número de coisas, essenciais e indiscutíveis, na educação da gente nova: se uma pessoa de respeito deixava cair qualquer objecto, a criança bem educada apanhava-o, ia-se falar às pessoas de idade; dava-se-lhe o lugar se estava em pé; nunca se passava adiante, etc., etc.

Como tudo isto vai longe... Hoje, com pena o digo, a maioria dos novos... ignoram ou desprezam a boa educação! E assim se vai perdendo, em Portugal, aquilo a que se chamava a finura!...

Queridas raparigas pensem no que hoje vos digo: não queiram nunca... ser ordinárias de maneiras.

esses casais de que falas são puramente, sinceramente, cristãos, lamentam que os filhos não tivessem vindo dar vida mais intensa, mais racional, mesmo, ao lar. Os filhos são sempre, sempre, o complemento da felicidade conjugal.

— Mesmo quando o lar é pobre, e faltam os meios para os sustentar?

— Sempre, Maria, crê no que te digo. E se os meios escasseiam, maior terá de ser o esforço dos pais para os obter, para os aumentar, para os poupar...

— Mas...

— E que interesse, no decorrer da vida, acompanhar essas outras vidas que são nascidas da nossa, não só pela «*Lei da carne e do sangue*» como diz o Evangelho de S. João, mas formadas pelo nosso espirito, pelo nosso amor, pelo nosso coração... — e Martha, pensativa, calou-se, olhando a cabeça da irmã, inclinada sobre a sua costura.

Depois dum momento, Maria disse, simplesmente, sorrindo a uma visão futura:

— Talvez tenhas razão, Martha. E uma família unida e numerosa, com saúde, inteligência, sentimentos cristãos, representa, de certo, a maior felicidade que pode haver no mundo!

PARA LER AO SERÃO

POR MARIA PAULA
DE AZEVEDO

Desenhos de GUIDA OTTOLINI

UMA FAMÍLIA PORTUGUESA

XIV

A alegria desaparecera da Casa do Pinheiro; e os próprios desgostos de Helena e de Pedro já diminuíam de intensidade perante este último golpe que feria a po-

CHÁ DA COSTURA

— Oh Clara — exclamou Joana indignada, depois d'ouvir lêr os novos estatutos do Vestiário — eu protesto energicamente contra essa nova ordem! — Clara riu e disse: — Protestas porque, Joana? Não vejo razão para isso.

— Os nossos chás da costura eram divertidos, alegres, úteis — tornou Joana — e eu adorava-os. Mas assim como vocês querem...

— Que tem? — cortou Alice — perdem um pouco em frivolidade...

— E em gulodice — meteu Maria José. — Concluiu Clara, a sério — Vou lêr outra vez tudo, para decidirmos o que se faz.

E Clara começou a lêr as modificações várias que ela e Maria José (as duas mais velhas do rancho) queriam introduzir nos Chás da Costura.

— E' proibido haver mais de duas qualidades de comestíveis.

— Adeus bôlos variados e óptimos! — gemeu Joana.

bre mãe: a partida de Joaquim para a África.

Que estranho proceder o seu! Tão novo ainda, sem recomendações, sem emprego, sem planos, o que iria ser do rapaz naquella meza desconhecido para elle? Ao fim duma semana, porém, chegara uma longa carta, expedida do caminho; e era tão cheia de vibrantes projectos e de pedidos de perdão que D. Maria da Luz perdoou-lhe logo. O que era urgente agora era recomendar-lo, tentar arranjar-lhe trabalho, visto que o seu sonho era fazer vida pelo ultramar.

O primo Esteves, depois de grandes e furiosos desabaços, lembrou-se:

— É para lá que estão os Medeiros! Escreve-se ao Rodrigo, que tem uma esplêndida indústria no Uigi, (*) e que ainda é vosso parente, se bem que muito afastado.

— Os Medeiros! — exclamou D. Maria da Luz.

— O Rodrigo e a Cristina tinham uma filhinha nascida em África — disse Francisca.

— E, de facto, o pai da Cristina era um pouco nosso parente. Vou já escrever ao Rodrigo — tornou D. Maria da Luz, espremeando.

— Fui hoje à Torre visitar os pais Santos — disse Helena — e sabem que vim impressionada? A mãe está paralisada com a «gôta» e vive amarrada a uma cadeira,

— E' proibido faltar às reuniões sob pena de uma multa de 500 rs.

— Há-de-se abandonar um Mahjong, um cinema, uma dança para vir coser?

— protestou Joana — Clara continuou, imperturbável:

— E' proibido falar em assuntos alheios à obra!

— Isto agora é demais — gritou Joana, e a ela se juntaram mais cinco ou seis das «costureiras».

— Não, Clara, essa cláusula é horrível!

— Inaceitável!

— Inadmissível!

— Impossível! — e a barulheira tornou-se assustadora.

Clara tapou os ouvidos com as duas mãos; e quando se calaram, finalmente, tornou:

— Bem! já vejo que não aceitam a última cláusula, minhas tagarelas! Podem falar de tudo quanto há, está concedido: mas com uma condição, oíçam bem! — Todas tiveram exclamações várias:

— O que é? O que serão? Capaz de ser ainda peor!

— É que será bandida severamente das nossas reuniões uma personagem detestável... — continuou Clara — uma personagem indesejável!

— Querem vêr que sou eu, a «ovelha ranhosa»? — suspirou Joana, vexada.

— Essa personagem (e falo no feminino porque é bem feminina...) é, simplesmente a... má lngua!

Uma salva de palmas rompeu, alegre. E Joana gritou, entusiasmada:

— Viva Clara, a sensata!

sempre a gemer. O pobre homem, com o desgosto da Suzette...

— E soube-se o que foi feito dessa desgraçada?

— Veiu um bilhete de Marrocos, dum cônsul qualquer, a dizer que está no hospital, doentíssima, e abandonada de todos! — respondeu Helena, comovida.

— Coitada da Suzette! — murmurou Francisca.

— E o pobre pai Santos — continuou Helena — fez-me a maior pena. É claro que mandou logo um chèque ao tal cônsul para que não falte nada à filha; mas faz dô vêr o desgosto dele! Nem já está bar-rigido, coitado, e a cara é um monte de peles. Quem vale ali é a Luiza, sempre activa e bem disposta, a atender a mãe, a consolar o pai, a dirigir tudo em casa...

A criadita, assomando à porta da sala, perguntou:

— Vêm a chegar as meninas do senhor D. Francisco da Cunha; trago o chá para aqui, minha senhora?

— Traz o chá, Amélia.

— Eu bem sei o que a Margarida nos vem dizer — disse Francisca.

— O que é?... — perguntou a mãe, admirada.

— Entrem, entrem! — gritou Helena, abraçando as três irmãs.

Começou uma longa conversa entre todas; pois as Cunhas tinham estado um mês em Leiria e em Fátima, e havia muito que contar. Mas, depois de tomarem chá, acompanhado dum pão de centeio feito em deliciosas torradas, Margarida começou:

— A Chica já sabe o que eu venho dizer; mas julgo que a senhora D. Maria da Luz ainda não sabe nada a meu respeito, pois não?

D. Maria da Luz olhou a encantadora rapariga com interesse.

— Al estava uma boa noiva para o seu Pedro, tão galante e tão sã de espirito e de corpo!

— Vais casar, Guida? — perguntou-lhe.

— Vou, minha senhora; e que noivo eu escolhi! — respondeu Margarida, a rir — Vou entrar para as «Clarissas Franciscanas» — declarou, contente. Foi um espanto geral! A Guida, tão alegre, tão brincalhona, tão cheia de vida e que todos julgavam um pouco apaixonada pelo sêculo de Pedro...

— Quando sentiste tu despertar em ti a vocação? — perguntou D. Maria da Luz.

— Explica lá, Guida — disse Helena, pensativa.

Margarida respondeu com simplicidade:

— Eu sempre fui profundamente religiosa; não tanto pelas muitas e constantes rezas, sabes, Lena? mas pelo profundo, intenso, imenso, amor a Jesus...

— e Margarida, grave, parou um momento — Mas — continuou — quando li a vida de Santa Clara, a descrição da alegria com que ela deixou tudo para ir viver na pobreza absoluta, senti quanto o amor de Deus, sendo assim verdadeiro, podia substituir tudo mais no mundo! E pareceu-me que, para a minha alma, também o amor de Jesus viria substituir tudo mais...

Margarida calou-se; e todos ficaram pensativos um momento. Depois, D. Maria da Luz disse:

— Essa tua vocação deve ser a verdadeira, Guida; Deus te dê a felicidade.

— Não lhes disse ainda uma coisa que nos interessa especialmente — tornou D. Maria da Luz — talvez tu, Chica, não te admires, pois, vives sempre muito com o nosso Alberto.

Francisca sorriu e respondeu:

— Sei tudo, Mãe; e não me parece tolice.

Helena levantou a cabeça, admirada:

— O que aconteceu ao Bê?? — perguntou.

— Quer ir para o Seminário. — informou a mãe — O seu sonho é ser padre!

Alberto chegava nesse momento da escola da aldeia; e, ouvindo a frase da mãe, exclamou, contente:

— Já quando vocês todos discutiam o futuro de cada um de nós, lembram-se? eu dizia: não quero ser médico, nem advogado, nem engenheiro, nem militar...

— E os manos até gritavam, troçando: «você é um mandrião, não quer ser nada» — disse Helena a rir.

— Querias, sim senhor; quiz sempre, quero e hei-de... ser padre — concluiu Alberto que, cheio de saúde e boa disposição, se tinha desenvolvido imenso nos últimos tempos.

— Nunca o julgues, Bê — disse Margarida, risonha — Mas é certo que tanto eu, sendo freira, como tu, sendo padre, poderemos servir a Pátria tão bem como os outros todos!

XV

Quando chegaram à Casa do Pinheiro as primeiras notícias de África, depois de meses na mais louca ansiedade, ninguém ali duvidou que Joaquim fôra protegido pela Providência e encaminhado pela mão de Deus para a Missão.

Entre lágrimas de enternecimento e gratidão, D. Maria da Luz juntou-se com as filhas na Capela do Colégio e fervorosamente agradeceram ao Céu a salvação do querido Joaquim. Agora já não inspirava cuidados o futuro do rapazito, entregue ao excelente Rodrigo de Medeiros; e, no lar daquele casal encantador e simpático, Joaquim foi vivendo uma vida interessante e activa. Cristina tinha para elle carinhos maternais; e no coração do rapaz ia progredindo, também, o amor pela gentil Maria, cujo temperamento era vivo e alegríssimo.

Já outro verão passara e outro inverno a seguir. Na Casa da Torre só o pai Santos e Luiza viviam agora; dedicados, quasi exclusivamente, à pobreza de muitas léguas em redor.

D. Amélia sucumbira a uma apoplexia, quando lhe chegara a notícia da morte de Suzette, no hospital de Tanger; nunca mais falara, e uma manhã... não chegara a acordar.

O filho Jerônimo, ao saber da aventura vergonhosa da irmã, deixara, acto contínuo, o seu negócio; e no primeiro vapor embarcára para Portugal. Triste chegada a dele à Casa da Torre, onde a mãe ainda o recebeu na sua cadeira de rodas, sem sequer poder estender-lhe os braços!

— Lizette, acho-te mudada e encantadora! — exclamou Jerônimo na manhã seguinte, surpreendendo a irmã no meio dumas dezenas de pintainhos, tirados por ela da chocadeira, que comiam patinho dos dois lados dos comedouros como cavallinhos à mengedoura.

Lizette sorriu e respondeu: — Olha para estes amores! Dou-me tão bem no campo! Nunca os dias nos chegam, Jerônimo, para o que todas nós temos que fazer.

— Todas vós? — perguntou o irmão, admirado.

— A Lena, a Chica, a Luz...

E nessa tarde ainda Jerônimo travara conhecimento com as raparigas todas. Mas, para acudir à irmã desgraçada, resolvera não se demorar na Torre, seguindo para Lisboa a vêr se o primeiro avião o levava de Alverca, em poucas horas, a Tanger.

Jerônimo era um bonito tipo de rapaz do povo; farto cabelo preto ondeado, tez morena, altura regular. Honesto nos seus negócios, estava a caminho da fortuna;

mas não tinha ambições de grandeza e costumava concretizar os seus sonhos de felicidade numa casita caiada, com uma parreira à volta, uma horta ao fundo, uma mulher simples e boa...

— Isso era bom para os tempos antigos — dizia-lhe o pai, anos antes — hoje não basta, rapaz. Não há vida boa sem luxos e telefónicas, automóveis e palácios...

Jerônimo abanava a cabeça negativamente e nesses tempos ninguém, em casa, concordava com elle. Mas agora achava e pai bem mudado; e, com espanto, ouviu-o declarar, contente:

— O dinheiro só é bom para fazer bem aos outros. Já vestimos mais de quinhentas crianças desde que aqui estamos e olha que não há por aqui velhos com fome, nem crianças sem alegria, nem doentes sem tratamento, nem rapazes sem escola!

— E tudo isso foi o pai? ... — perguntou Jerônimo.

O Senhor Santos, respondeu:

— Olha, rapaz, não sei como isto foi. As coisas foram-se enganchando umas nas outras, o Prior para um lado, as meninas do Pinheiro para outro...

— O bom coração do Pai para outro...

— interveiu Luiza, comovida.

— E acima de tudo, sabes tu, rapaz? Deus, Nosso Senhor! ... — concluiu o antigo banqueiro, pensativo.

Jerônimo Souza partira para Tanger de avião, de onde dias depois dava notícias da irmã, moribunda num hospital.

Mas, para a salvação daquela alma, Jerônimo não fôra a tempo; o seu coração endurecido, a pesar-dos concelhos das religiosas que tratavam dela com carinho, não logrou comover-se.

— Só me interessa saber do meu Boris! — repetia Suzette.

— Coitadinha! queres que te traga um padre para desabafares e alivares o coração? — perguntava-lhe o irmão todos os dias.

— Não! — gritava a desgraçada, com violência.

O veneno que o russo infiltrara na sua alma era forte demais para poder agora vencer-se... Os filmes dissolventes, que tanto a apaixonavam, mostravam-lhe a felicidade de viver sob o falso prisma do artifício...

Morreu, enfim; e Jerônimo, profundamente impressionado, não tanto pela morte como pelo baixo materialismo da irmã, não voltou a Portugal: dali mesmo partiu para a África Ocidental, escrevendo ao pai uma longa e triste carta em que lamentava a falsa educação que tão profundamente estragara aquela alma!



Mas Maria da Luz, cantarolando baixinho, ia escrevendo as notas rapidamente; e limitou-se a abanar negativamente a cabeça, como se a inspiração musical a não deixasse falar.

Helena concentrou-se na leitura da grande carta. Quando acabou, Maria da Luz já ali não estava para vêr os seus olhos húmidos... Helena foi devagar para casa e ajoelhando-se ao pé da mãe, que da janela da sala observara a cena, disse, comovida:

— O Mãe, não sei o que hei-de fazer...

O Nô quer casar comigo e diz que eu também gosto dele apesar de tudo!

D. Maria da Luz sorriu:

— Bem convencida disso estou eu há muito tempo, Lena.

— Então o Boris? Se a Mãe soubesse como eu ficava impressionada quando elle...

A mãe interrompeu-a, docemente:

— Lena, essa impressão doentia e detestável não era amor, podes crêr. O amor verdadeiro, o amor cristão, puro, simples não é o que tu sentias; é sempre baseado numa sólida amizade, como a do Nuno e tua, numa clara compreensão das almas, numa absoluta comunhão dos espiritos...

Esse era o amor que encheu a nossa vida, do teu pai e minha. E o amor único, que nos prende, completa e absolutamente, para a vida inteira...

D. Maria da Luz calou-se; e, abraçadas as duas, ali ficaram, em silêncio, até que o sol se escondesse de todo por trás do pinhal, ao fundo do horizonte.

Quando Francisca e os dois irmãos entraram, admirados de vêr tudo escuro na sala, Helena, acordando daquela espécie de entorpecimento, levantou-se, e, com um sorriso feliz, exclamou:

— Abracem-me, todos três: vou casar com o Nô!

E foi uma alegria sincera na casa do Pinheiro.

(Conclui no próximo número.)

CARTA às RAPARIGAS

Escreve-me uma rapariga de 17 anos, uma cartinha simpática, inteligente, dizendo-me que, ao contrário do que eu tenho escrito em algumas obras que ela lê, acha que não é essencial ser cristã para mostrar sentimentos e actos de delicadeza; basta para isso ser bem educada. É evidente que a minha correspondente tem, relativamente, razão no que diz, mas não em absoluto, queridas raparigas. O espirito cristão impõe obrigações, e quantas pessoas há que se dizem religiosas e nem compreendem o alto significado desse espirito cristão? São capazes de falar com rudeza injustificada às crianças a quem ensinam a catequese; esperam a vez de chegar ao confessional; devotamente (?) a missa... e tiram o lugar a quem se distraiu, etc. Ora se todos êstes factos são delectais e de falta de atenção, é preciso não esquecer que o título de mulher cristã é um título de nobreza; e tem, quem o usa, maior responsabilidade. Terá de proceder, em tudo, com mais lealdade, mais delicadeza, mais doçura... É muito teria ainda a dizer sobre o assunto.



(*) — Vide Ana vem a Portugal (Bertrand).



UMA FAMILIA PORTUGUESA

XVI

Com a passagem rápida do tempo iam-se modificando as circunstâncias da vida de cada um. Os gémeos, Manuel e Mário, viviam agora separados. Mário resolvera tirar em Santarém o curso de Regente Agrícola, menos brilhante, é verdade, mas mais rápido e mais económico do que o de agronomia; habilitando-o a dirigir e administrar a herdade alentejana de Montemor, que fora de seus avós paternos. E agora, noivo da Linda Maria da Luz, fazia risonhos projectos de futuro.

Manuel, estudante brilhante, continuava fiel aos sonhos da sua adolescência: ser aviador e... casar com Eugénia. Os tios Mexilas tudo lhe facilitavam para a realização desses sonhos; e a própria Eugénia, encantadora rapariga que o adorava desde sempre, mas sem as pleuguês sentimentais que tolhem tantas vezes as nobres carreiras aos rapazes, sentia-se orgulhosa da vida que Manuel escolhera! Fra a mulher torte da Biblia, que acompanharia o marido no seu entusiasmo patriótico e nacionalista!

A Tia Angélica, suspirando, admirava-se daquela maneira de pensar, e observou um dia:

— Há tantos modos de vida bonitos, como por exemplo, ter um bom emprego numa Secretaria do Estado, ou numa Companhia de Seguros, ou num Banco, ou... Eugénia, porém, interrompeu-a com certa impaciência:

— Ó Tiasinha, nunca o Manuel estaria bem num desses empregos...

— Não sei porquê; o teu tio, meu marido, esteve 40 anos numa Companhia de Seguros e era um homem de valôr. Vinha sempre para casa às mesmas horas...

Eugénia viu que era inútil discutir; disse só, com mal reprimida vibração na voz:

— Cada qual para a sua vocação. E a

do Manuel... é voar em serviço da Pátria!

De Joaquim vinham as melhores notícias e esperava-se, no inverno seguinte, poder festejar em Portugal o seu casamento com Mariasinha Medeiros, a linda filha de Rodrigo e Cristina.

Alberto, ainda no Seminário de Coimbra, devia entrar breve no dos Olivais; a sua vocação estava tão decidida que se sentia completamente feliz. E a alegria, que era o fundo da sua alma bondosa, servia de exemplo para os outros seminaristas.

Com João dera-se um caso extraordinário: fraco, como tinha sido durante a infância, a regularidade da sua vida e dos seus estudos, o ambiente calmo da aldeia, tinham vencido essa fraqueza por completo. E hoje era um belo e bom rapaz, cujo ideal se concentrava naquela pequena terra: ser mestre-escola das dezenas de crianças que ali viviam.

— Não te queres casar, Janéco? — perguntava-lhe Francisca, às vezes.

— Queria uma mulher como tu, Chica! Francisca troçava-o; mas tinha descoberto que certos olhares ternos do irmão se poisavam muitas vezes na carinha triste de Maria Adozinda, uma pequena orfã que as Irmãs Doroteas educavam no Colégio e cujos pais, mortos em Africa, haviam deixado há muito de pagar as mensalidades.

Helena, casada com Nuno de Brito, tinha o seu lar em Lisboa; mas, quando o marido partia para as estações longínquas, era no Pinheiro, na parte modesta onde vivera tantos anos, que vinha instalar-se com o seu filho de dezolito meses, Lutz Maria. E D. Maria da Luz deliciava-se com essas estadas, revendo-se em filhos e netos...

Mário casara já com Maria da Luz; mas não tinha ainda chegado o desejado bebé...

Maria José Cunha continuava na al'ela a sua vida monótona; e como, no fundo do seu coração, não desaparecera o amor por Pedro, que nem para ela olhava, entristecia cada vez mais.

Embora Pedro não tivesse tornado a

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Desenhos de GUIDA OTTOLINI

falar-lhe dos seus projectos e sonhos, não desaparecera do seu coração o amor que ela lhe inspirava; e quanta esperança ainda tinha de chegar um dia a comovê-la!

Quando a encontrava em casa dos primos Mellos, que boas conversas tinham os dois, sentados lado a lado, no terraço ou no sofá de canto da sala! E Gabriela continuava a prendê-lo numa cadeira forte... Nunca mais lhe falara de amor; mas era ainda o amor que o fazia falar.

E agora convencera-se, enfim, que Gabriela estava perdida para elle; atraída para a luz brilhante dos estúdios como as borboletas que vêm morrer, estonteadas, contra as lâmpadas incandescentes...

— Pedro, olha que isto foi bom, sabes — disse-lhe Hugo muito a sério. — Foi um corte de bisturi!... A Gabriela não é nada a mulher que te faria feliz...

— Talvez tenhas razão, Hugo; mas fico triste para sempre... — Quem sabe lá, Pedro? — respondeu o irmão, abraçando-o.

E Pedro, com o coração despedaçado mas trabalhando cada vez mais, dedicou-se com ardor à sua profissão. Aceitou o partido médico e partiu para o Pinheiro a despedir-se da mãe. Logo D. Maria da Luz sentiu que havia mais alguma coisa do que a pena de ir viver longe da família... Mas discretamente, receando avisar qualquer chaga, calou-se. Francisca, porém, perguntou:

— O que é feito da Gabriela, Pedro? Não a tens visto?

Pedro deixou-se cair numa cadeira e contou a notícia que tanto o desesperava. D. Maria da Luz indignou-se sinceramente:

— Ainda se fôsse por necessidade de ganhar o pão de cada dia, embora haja tantas outras maneiras de o fazer; mas sendo rica, como é a Gabriela, que desnortamento o seu!

— Se em lugar de ir fazer cinema ela tivesse casado contigo, Pedro, é provável que fôsse infelicitíssima! — observou, Francisca.

O primo Estêves concluiu, categórico e severo:

— Não era mulher para a «Casa do Pinheiro»!

XVII

Quem entrasse naquele subúrbio de Leiria, anos depois, tinha a impressão de encontrar ali uma felicidade perfeita; e não havia misérias naquela região. Na Casa do Pinheiro já não estava o Colégio das Doroteas. Pois João, tendo herdado a grande fortuna do bom doutor Castro Sousa, morto cristamente nos seus braços, instalara-se na velha casa da família com a sua mulher, D. Maria da Luz e Francisca. Ali viviam felizes; e, do seu casamento com Maria Adozinda, já nascera uma pequenina Mafalda, cheia de vivacidade.

Helena, casada com Nuno de Brito, tinha o seu lar em Lisboa; mas, quando o marido partia para as estações longínquas, era no Pinheiro, na parte modesta onde vivera tantos anos, que vinha instalar-se com o seu filho de dezolito meses, Lutz Maria. E D. Maria da Luz deliciava-se com essas estadas, revendo-se em filhos e netos...

Mário casara já com Maria da Luz; mas não tinha ainda chegado o desejado bebé...

Maria José Cunha continuava na al'ela a sua vida monótona; e como, no fundo do seu coração, não desaparecera o amor por Pedro, que nem para ela olhava, entristecia cada vez mais.

Embora Pedro não tivesse tornado a

Francisca, muito observadora, descobrira há muito o segredo da Zé; mas não via possibilidade de lhe dar remédio e lamentava aquela rapariga, tão pouco experta e tão desinteressada de tudo, a pesar de linda.

— Oh Zé — disse-lhe um dia — queres dedicar-te à Crèche e tratar dos bebés? Zé encolheu os ombros:

— Tanto se me dá — respondeu. — Então vem comigo amanhã; verás que amores elles são, coltadinhos! — E Maria José começou a ir todas as manhãs para a Crèche, ajudar aos banhos, às papas, às lavagens da roupa, até.

— Tens um gelhão, Zé — animava-a Francisca — e se quisesse tomar o meu lugar muito te agradecia; pois a minha sobrinhinha Mafalda toma-me às vezes a manhã toda.

E como Maria José já gostava imenso das manhãs na Crèche passou a encarregar-se daqueles trabalhos diários com grande interesse. Quando Pedro, depois de muitos meses passados no exercício do seu cargo, vivendo sózinho com uma criada antiga, voltou à Casa do Pinheiro, Francisca quis convencê-lo a reparar na Zé, sempre linda e agora cheia de actividade lítil.

— Não me interessa nada a pobre Zé, Chica; porque queres que repare nela? — disse Pedro, indiferente.

— Vem comigo à Crèche amanhã de manhã, sim?

E Francisca levou Pedro a visitar a Crèche na manhã seguinte.

Numa sala enorme, cuja parede principal era toda envidraçada e inundada de sol, estavam umas dezenas de crianças gordas e coradas, deitadas em caminhas de campanha. E, além de duas Irmãs-enfermeiras, lá andava a boa Zé, vestida de branco também, com os cabelos loiros a sairem do véu d'organdi.

Neste momento, mesmo, sem vêr as visitas que entravam pelo fundo da sala, Zé pegara num bebé adormecido; e o carinho com que o cingia contra o peito, encostando à sua cara rubicunda da criança, tinha tanto de maternal que formava um grupo deveras encantador...

Francisca disse, batolinho, ao irmão:

— Podias ainda ser feliz, Pedro. A Zé gosta de ti há tantos anos... — E Pedro, depois dum dia de hesitação, sentindo-se sem coragem para encetar de novo a sua vida solitária, resolveu-se a pedir a Zé em casamento.

Doida de felicidade, Maria José transformou-se! E viviam felizes, ambos, rodeados de filhos lindos.

Francisca não sentia tendências para casar. Querla dedicar-se aos irmãos, aos sobrinhos; e, planeava acompanhá-los, um dia, o Padre Alberto, quando elle fôsse nomeado a paroquiar alguma aldeia longínqua.

Epilogo

Era o Domingo da Ressurreição de Cristo! Festa alegre entre todas para as famílias unidas, que têm a felicidade intensa de poder juntar-se nesse dia.

Na Casa do Pinheiro reinava neste ano grande alegria. D. Maria da Luz, embranquecida pelos anos mas ainda rija e forte, juntava em volta de si todos os filhos e todos os netos.

Já de manhã, à missa paroquial, no meio do repicar alegre dos sinos, a Igreja da aldeia vira chegar a família toda, faltando apenas as crianças mais pequeninas; e a devoção com que assistiam ao Santo Sacrifício era um exemplo para todo aquele povo.

Na «Casa dos Pobres» também se feste-

java o jantar da Páscoa; e os grandes bemfeitores que eram os Santos, pai e filho, haviam de presidir à refeição daquela família de pobresinhos.

A casa de jantar do Pinheiro era um enorme salão, com três largas janelas de sacada e à mesa, do mais puro estilo D. João V, podiam sentar-se, à vontade, as 16 pessoas que compunham a família: pois o primo Estêves nunca era dispensado nestas festas. E numa outra mesa sentavam-se as 15 crianças.

Pedro e Maria José orgulhavam-se dos seus cinco filhos, todos lindos e fortes. O casalinho de Helena, os gémeos de Manuel e Eugénia, as três pequeninas de João e Maria Adozinda; o rapazito de Mário e Maria da Luz; e a pequenina de Joaquim e Maria Medeiros e o endiabrado garoto de Hugo e Lutz, formavam um conjunto encantador de graça e beleza!

Tinha-se servido mais cedo o jantar das crianças; e agora, que ia o ranchinho deitar-se em alegre chilreada, começava o jantar dos pais.

A canja, dourada e suculenta à moda tradicional portuguesa, estava deliciosa! E o Primo Estêves, saboreando-a, observou:

— Em parte alguma se come uma canja assim...

— As galinhas foram criadas pela Luiza! — declarou Hugo, satisfeito.

— Que felicidade termos podido este ano juntarmo-nos todos — disse D. Maria da Luz, enternecida.

— E até o nosso Alberto, que vai para os confins de Portugal dentro em pouco! — observou Manuel.

— O pior para a Mãe é eu levar-lhe a Chica — disse Alberto, que estava à direita da mãe — mas fica tão acompanhada que não tenho muitos remorsos.

— A vida exige muito de todos nós — respondeu a mãe — e para que a torne-mos verdadeiramente útil temos de pôr no segundo plano os nossos gostos pessoais. Não podemos deixar de dar muitas graças a Deus pela felicidade que temos!

— Acrescentou a boa senhora, comovida.

— O Pedro é quem deve falar primeiro — decretou Mário quando, à sobremesa, se serviu o vinho do Porto.

— E faço-o com gosto, rapazes — respondeu o mais velho.

— Você bota discurso? — perguntou Hugo.

— Poucas e boas serão as minhas palavras — retorquiu Pedro. E, erguendo o seu cálice de vinho dourado, disse, entre grave e risinho:

— Vamos beber pela nossa querida Mãe, antes de mais nada!

— Viva a Mãe!... — gritaram todos, levantando-se para ir beijar e abraçar D. Maria da Luz.

Quando se restabeleceu o sossego, Pedro continuou:

— Parece-me realmente que, na nossa vida de todos, há algumas boas conclusões a tirar e, perdoem a falta de modestia... alguns exemplos a seguir!

Grandes risos acolheram esta declaração.

— Porque, se é certo que temos feito asneiras, é certo, também, que todos nós, pela Fé, pelo Trabalho, pela Coragem, pela Tenacidade, cada um da sua maneira, estamos bem servindo a Pátria!

— Bravo! Bravo! — gritaram muitas vozes.

— Vamos, pois, beber por toda a nossa gente pequenina — que havemos de educar nos três ideais que têm sido os nossos: DEUS! PATRIA! FAMÍLIA!

As palmas vibrantes cobriam a voz de Pedro.

E o primo Esteves, com os bigodes molhados pelas lágrimas que não podia sustentar, rematou:

— Deixem-me dizer-lhes que eu também... eu também queria... eu julgo que... eu...

Não conseguiu nunca acabar a sua fra-

MARIA VAI CASAR

— Eu não sou invejosa, Martha, tu bem o sabes — começou Maria, naquela tarde — mas às vezes sinto... que gostaria que as circunstâncias em que vou viver, quando casar, fôsem parecidas com as da Graçinda... — Martha olhou a irmã, um pouco admirada.

— E porquê, Maria? Não compreendo bem o teu pensamento, confesso.

Maria suspirou fundo; depois de um momento tornou:

— O noivo da Graçinda é, sem dúvida, muito inferior ao meu adorado noivo. Mas... em que casa linda eles vão morar! Se tu visse, Martha, o que é a elegância das salas, o conforto dos móveis, o luxo do enxoval... — Martha disse, com vivacidade:

— Que importa, Maria? Levem vocês dois uma grande ternura, um verdadeiro amor, o gosto pelo trabalho, o estímulo de melhorar, pouco a pouco, o conforto do vosso lar...

— Vai ser bem modesto, Martha — cortou Maria, pensativa. — Falta-nos tanta coisa...

— Pois se queres que te diga, minha filha, acho bem melhor que assim seja. Eu conheci uns noivos, há anos, que casaram durante a formatura d'ele em Coimbra: isto é, casaram pobres, para levarem vida de estudantes. Não imaginas quanto era modesta, mas deliciosa, a casa onde foram morar, no Penêdo da Saudade! Uma só criada fazia o serviço todo; e se essa mulher ia às compras de manhã, a noiva não hesitava em se cobrir com um largo avental e tratar da arte culinária!

Asseguro-te, Maria, que aqueles dois não trocariam a sua casinha modesta onde tanta coisa faltava pelo mais luxuoso palácio...

— Oh Martha, tu encaras tudo através dum romantismo que já não é de hoje: a vida agora exige tanto...

— Exige mil patéticas e mil inutilidades, queres tu dizer. E porque se não há-de reagir um pouco contra tais exigências?

— Não é possível, Martha.

— É possível, Maria; e aconselho-te a que o faças na tua vida de casada.

Se ofereceres ao teu marido: uma sala de boas poltronas, com flores frescas, almofadas garridas, livros interessantes sobre a mesa, elle não pensará em salões luxuosos.

Se ao chegar do trabalho te encontrar bem vestida, bem penteada, bem risonha, e lhe apresentares um jantar saboroso e bem temperado, julgas que elle pensará noutra coisa que não seja saborear e gozar a tua presença?

— Tu achas??... — disse Maria.

— Se acho! Isto são coisas certas, positivas, vividas, Maria: não são fantasias românticas, como tu julgas — tornou a irmã — Mas para que se realizem é preciso que haja um sentimento profundo, sincero, absoluto, a ligar o casal...

Só isso terá importância, convence-te.

— Sim, sim... — murmurou Maria.

— E esse sentimento é a base única da felicidade conjugal — concluiu Martha, gravemente.

Se, o pobre primo Esteves; mas sentiu-se profundamente feliz sob os abraços, os beijos, os risos do rancho que tanto adorava!

E aqui termina a história desta família portuguesa que através das vicissitudes da Vida, dos desgostos, das mortes, soube encontrar a Felicidade: no DEVER, no AMOR, na RECTIDÃO, no TRABALHO, na ALEGRIA!

FIM

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

MARIA RITA SOLTEIRA

(ã minha Amiga Maria Joana Mendes Leal)

QUASI tódas as raparigas detestam ler «Diários», bem sei: e eu sou uma delas. Mas é tão bom escrever o que pensamos, o que fazemos, o que sonhamos... Afinal, é uma espécie de convívio agradável: por isso me decidi a escrever, de vez em quando, o meu diário, na esperança de interessar outras raparigas da minha idade.

Tenho só 17 anos: que pena! Gostava de ter, pelo menos, 19 ou 20: assim, ninguém me liga nenhuma... Sou bastante espelutada, reconheço isso: só como um péro e, embora não me ache linda, de feia não tenho nada: ainda bem!

Quando me vou confessar, digo sempre ao Sr. Padre Joaquim que sou presumida; e é a pura verdade... Devia corrigir-me, bem sei; mas, por ora, não sou superior a isso. Gosto, confesso, de me ver ao espelho! E reconheço que os meus olhos, (quasi) pretos como carvões, têm brilho. É que o meu cabelo castanho, todo ondeado naturalmente, é bonito a valer. Mas o nariz, ai o nariz! Tal qual, com pena o digo, uma batata nova! Se eu conseguisse afinal-o... Mas é impossível. O resto passa: há pior e há melhor. Da figura não digo nada: pois se ainda este verão desatei a crescer e a engordar! Receio muito vir a ser um gigante, o que não é nada chic: e sei que os rapazes embriram em dançar com tamanhões maiores que eles; sentem-se vexados!

O Pai e a Mãe adoram-se, positivamente; mas não adoram menos o rancho que nós somos: o Gonçalo (está na cabeça do rôl), eu, a Luízinha, que acaba de fazer trêze anos, e os outros três manos (mexilhões, turbulentos e muitas vezes impertinentes) Manuel, Alexandre e Nuno. O Nuno é o meu predilecto e tem só 10 anos, coitado.

Ontem, ao jantar, armou-se uma discussão medonha por causa das horas de certas lições. Se não fosse o Pai mandar calar tudo, não sei como acabaria. Devo dizer que o Alexandre esteve INSUPORTAVEL!

— Por que razão é que todos hão-de sujeitar-se a S. EX.³ a MENINA? — (a «menina» era eu) — Ela que se sujeita a nós, que temos lições mais importantes! — Eu estava fúria! E não respondi com doçura, isso não. Mas vi a cara da Mademoiselle

Sixte tão aflita, que acabei por declarar, com dignidade:

— Você é pura e simplesmente idiota! — Quando me fui deitar e a Mãe veio dar-me um beijo (como faz sempre) senti que o seu olhar era descontente...

Cheia de remorsos (embora convencida que tinha razão) beijei-a com força e perguntei-lhe:

— A Mãe está zangada comigo? — Não estou zangada, filha, estou desconsolada...

— Bem sei que fui um pouco impertinente, Mãesinha, mas olhe que o Xana está deveras insuportável!

— E na tua consciência, Maria Rita, achas que andaste bem?

Eu baixei um pouco a cabeça e respondi:

— Sei que fui brusca, Mãe, mas o Xana...

— Minha filha, pareces-me muito indulgente contigo mesma... tornou a Mãe.

— Oh Mãe, então o Xana... — A Mãe nem me deixou continuar. Beijou-me com meiguice e disse-me:

— Vê se te tornas mais paciente e... senhoril! — acrescentou com um sorriso bom. Senhoril... pensei eu, depois da Mãe sair. Estou a lembrar-me da nossa velha Miss Janet, que costumava dizer ao Gonçalo quando ele andava mal:

— Oh Gonçalo, remember you are a gentleman!

E o «gentleman», apesar de ter só sete anos nessa época, tomava logo uma atitude cheia de dignidade.

Dizer que adoro estudar será mentir. Que bom que era se se pudesse ficar instruída de repente, sem trabalho! Quando eu era pequena, lembro-me que a minha maior aspiração era que houvesse «varinhas de condão»! Porque, no fundo, eu talvez não seja o que se chama «uma mandriona», visto que QUERO ser instruída: mas detesto ter de decorar, de obrigar o espirito a enfronhar-se nos livros aborrecidos, pesados... Também não sou ignorante como certas meninas que há para aí, que da História de Portugal só conhecem a primeira dinastia e a Descoberta do caminho para a Índia! Em todo o caso irritam-me, ao máximo, certas patétas do Liceu, que se julgam uns AZES, e que falam com ores de superioridade, (como se fossem capazes de dirigir o mundo) dos seus estudos de algebra e matemática. Saberão elas coser meias? Fazer arroz de leite? Talhar um queijo?

A Mãe é que organizou as horas dos meus dias, de acôrdo com a Mademoiselle Sixte, que a-pesar de velhota é uma pessoa de alto valor.

E é ela que me acorda tódas as manhãs, quando o relógio do escritório dá as 8 horas.

— Rita! Ma petite Rita! — Eu bem a oiço... Mas como odeio levantar-me cedo, deixei-me ficar, muito calada, naquela moléza...

Hoje estou radiante: veio o convite para o casamento da Miquinhas! Vou vê se a Mãe me deixa fazer um vestido novo, ou se tenho de ir com o do ano passado, que já todos viram e tornaram a vêr... Não digo que ele esteja velho, ou fôra de moda, isso não. Mas é triste andar sempre vestida da mesma maneira! Chegá a tirar-me o gosto d' ir a certas festas!

A Juca, minha prima co-irmã, diz que não compede esse meu sentimento: pudera! ela detesta festas, bailes, cinemas!

Só gosta de fazer catechese, de visitar pobres (o que eu detesto), e outras coisas parecidas.

Quando estava hontem a escrever o meu diário ouvi a voz do Manuel na escada: — Mirri! Oh Mirri!

— Não posso lá ir! — gritei cá de cima.

— O peor é para ti! — O que será? pensei eu... A curiosidade venceu a pena de interromper a prosa. Desci a escada em dois pinotes, e cheguei ao pé dos três manos mais velhos, reünidos em concílio no patamar.

— Se cathar ela não quer... — declarou o Gonçalo, com ar enjoado.

— E é o mais certo — concluiu o Alexandre.

— Trata-se de conseguir do Pai que nos deixe ir todos a uma janturada na Outra Banda, com os Britos, os Silveiras, outros rapazes...

— Não deixa, com certeza — cortei eu logo.

— Não explicaste bem, Manuel... disse o Gonçalo — Vai a mãe Silveira, a Isabel Cunha, a Miss dos Britos... são jarrões a dar como um páu!

— E olha que não faltará o teu adorado José João! — declarou o Xana com ares trocistas que me indignaram (o José João é um dos Britos, e foi sempre o meu predilecto entre os amigos dos manos).

— Ainda bem que ele vai — respondi, em ar de desafio — E onde é essa janturada, no caso do Pai deixar?

— Um programa bestial — tornou o Xana — Adivinha!

— Não podemos ficar aqui à espera que a Mirri advinha — disse o Manuel.

— Já sei! — gritei eu — Vamos de barco até Sacavém...

— Nada disso — respondeu o Gonçalo — O nosso projecto é ir ver o nascer do sol à Arrabida; depois...

— Que ideia horrível! — gritei eu.

— Deve ser formidável! — exclamou o Xana.

— Estupendo! — concordou o Gonçalo. Mas eu, que detesto madruggar, abanei a cabeça. E tornei:

— Então a janturada começa ao nascer do sol?!

— Parece que esse belo projecto não agradou aos «jarrões» — disse o Manuel, enjoado.

— Outro projecto é sair no vapor das nove, almoçar na Quinta dos Britos, e ir tomar chá ao Casal das Rôlas, no Alfete. — (o Casal é a Quinta dos Silveiras).

— Parece-me muito melhor esse projecto — respondi — Mas quero ainda mais esclarecimentos.

— Tanta pergunta! Tanta bisbilhotice! — gritou o Xana, furioso.

— Se você quer que EU peça ao Pai, tenho de saber bem o que hei-de pedir.

O Gonçalo, achando prudente a minha aliança, explicou:

— Olha, Mirri, tens de conseguir da Paternidade que nos deixe, simplesmente, ir jantar à Quinta dos Silveiras no Alfete e voltar... no vapor das onze.

— Isso não deixa o Pai com certeza, mas lá vou. — E fui, muito lampeira, bater à porta do escritório.

Direi já que NINGUEM tem um pai como eu! Primeiro que tudo... adora-me: e isto é já importante. Mas além de tudo mais é um homem de um valor COLOSSAL! e vêem milhentas pessoas consultá-lo: é o maior advogado de Portugal.

Quando entrei no escritório (depois de pedir licença, já se vê), o Pai beijou-me e perguntou:

— Então que temos, Maria Rita? — Um pedido! — Desembucha, minha filha! — A malta quer pandega, Paisinho! — Como linguagem... a mensageira deixa a desejar.

(Fiz uma certa bôca d'amuo que costuma fazer rir o Pai).

— Almoço na Arrabida, janturada nos Silveiras, volta no vapor da noite, etc.

— Mas o Pai cortou logo, com ar sério. — Pensem noutra coisa, meninos.

— E se o programa fôsse mais simples?

— Bem, filha, pede à Mãe para cá vir — concluiu o Pai: e eu sabia que a causa estava ganha pela «malta».

Daí a dias realizou-se o tal passeio: nunca poderei esquecer um dia tão delicioso! Na linguagem do Xana diria que foi BESTIAL! e na da maior parte das minhas amigas: ESTUPENDO e FORMIDAVEL!

Atravessámos o Tejo de manhã cedo, depois do almoço engulido a galope. Que caravana se juntou no cais! Nós todos, já se vê, menos a Mãe, que nos entregou aos manos OSTENSIVAMENTE: mas segredou à Matilde (que foi minha ama e estava encarregada de levar a merenda final) «que olhasse pelas meninas»... A Matilde como guarda é um auténtico «bull dog»!

Tam Britos, Silveiras, Cunhas, e uns rapazes amigos dos manos. E já me esquecia da Miss Norman, por causa de quem iam ficando sem almoço!

O projecto era almoçar na Quinta dos Britos, na Arrabida; para depois, pela tarde adeante, tomarmos chá no Casal das Rôlas, perto do Alfete. Mas quando iam a descer a serra, todos encaixados nos três automóveis (menos os rapazes que levavam as suas bicicletas) o carro da frente, onde ia a mãe Silveira, parou de repente: e os outros carros estacaram também, provocando empurões... e gargalhadas, já se vê.

— O que é? — O que aconteceu? — O que seria? — e o que se ouvia por todos os lados. E ninguém explicava nada.

Afinal era a pobre mãe Silveira que estava enjoada! Foi preciso sentá-la à beira da estrada, abaná-la, dar-lhe a cheirar o frásinho de sais da Miss Norman! Este atrazo foi bom para melhor gozarmos a beleza maravilhosa daquela vista! Ao longe, muito ao longe, via-se Lisboa, como num sonho...

Mas os rapazes (que não são nada contemplativos) impacientavam-se e mal disfarçavam essa impaciência! (eu até acho que foram impertinentes para a pobre D. Maria Silveira, que continuava, coitada, vêde como um limão!).

Depois é que descobri a razão da pressa em que aquêles meninos estavam: queriam tomar banho no Portinho da Arrabida e já iam de «maillito» debaixo dos fatos! Calaram-se muito calados: e quando chegámos ao Portinho surgiram aquêles figurões e saltaram para o mar como gafanhotos!

Nós pedimos à boa mãe Silveira e à Miss Norman que nos deixassem arranjar um barco para, ao menos, remarmos um bocado; mas viu-se que não havia tempo para essas fantasias, e seguimos a caminho dos «Platanos», deixando manos e amigos dentro de água.

O que nos esperava na Quinta dos Britos! Estavam todos esfomeados, positivamente; havia já 4 horas que se tinha engulido o almoço. Onde ia o café com leite! E ficámos espantadas quando, ao tocar a sineta do portão, ninguém apareceu.

A Miss Norman bem gritava, com a sua voz de cana rachada:

— Ohh Simon! Ohh Marria Djosé!

Mas qual! nem o Simão, nem a Maria José abriam o portão,

O ladrar dos cães era assustador! Nessa allura apareceram os rapazes nas suas bicicletas.

— Então só agora é que chegaram?! — gritou o Gonçalo.

— Empadinhas! — troçou o Alexandre, sem o mínimo respeito.

E até o José João, habitualmente tão delicado, exclamou, com ironia:

— Batem o record da moléza, mentras! E o Manuel pendurou-se à corrente da sineta, provocando o ladrar ainda mais furioso dos cães.

(CONTINUA)



CHÁ DA COSTURA

— Venho fúria, meninas! — exclamou a irascível Joana.

— Explica porque — disse Clara, calmamente.

— Porque? Porque agora, com as novas exigências dos nossos superiores toda a caridade... vai acabar de vez!!!

— Que maluqueira é essa, Joana?! — gritou Alice, enquanto as outras variavam as exclamações de espanto e incompreensão.

— E' como lhes digo meninas — tornou Joana, menos excitada — Ainda hoje me disse o Sr. Padre Joaquim, a quem costumava confessar-me, que a caridade não deve ser exercida só pelas festas, pelos divertimentos, pelas representações.

Ora... — Quanto eu compreendo isso, Joana!

— disse Clara, convencida. — Que se faça uma ou outra festa de vez em quando para ajudar e impulsionar as Obras, ainda se entende; mas ser a caridade o «pretexto», como é tantas vezes, para as variadas festas e danças, é inadmissível.

Joana exclamou:

— Sabes o resultado, Clara? Ninguém mais arranja dinheiro para as Obras. E sem dinheiro como hão-de manter-se? Sabes algum meio? Então diz! — Clara, cosendo activamente, tornou:

— Antes de mais nada, Joana, uma Obra Social não se improvisa à tôa, sem bases, sem organização, sem os elementos precisos para que tenha estabilidade.

— Ah, se tu ouvisses a tal russa do Estoril! — disse Joana, entusiasmada.

— Já a tenho ouvido; e nessas ocasiões foi a propósito de corridas de cavalos, ou do tango — não me lembro bem. Mas voltando às Obras Sociais, Joana, é tempo de as considerarmos a sério, com projectos firmes, realizáveis, duráveis!

— Oh Clara — disse Maria José, de repente — que dizes tu à ideia de tentarmos a fundação duma Crèche na nossa Freguesia?

— Era tão bom... — murmurou Alice, pensativa.

— Sim festas de caridade não se pode — declarou Joana, categórica.

— Eu conheci uma tão alegre, tão bonita, tão útil... — disse Clara, recordando tempos passados.

— E então? O que foi feito dessa Crèche? — perguntou Joana.

— Cumpriu a sua missão durante 17 anos. Uma geração inteira. E muitas das petisas que lá entraram com um ano e depois frequentaram a Casa de Trabalho anexa, são hoje mulherzinhas sãs, de corpo e de espirito, que ganham a sua vida. A Obra acabou na terra onde estava instalada, por caso de força maior; mas vai, se Deus o quiser, recomençar a sua missão noutras paragens. Quem sabe? — e Clara calou-se.

— Que misteriosa, Clara! Ficamos sem saber onde era essa obra, em que terra, como funcionava... — disse Alice, admirada.

Clara voltou-se para ela e disse:

— Olha, Alice, nada disso importa. O que importa é, se vocês quiserem (mas olhem que é *querer* em todo o sentido da palavra!) nós meteremos ombros à tarefa e conseguiremos realizar qualquer coisa de útil e práctico para as crianças pobres; que dizem?

Um côro forte e cheio de sincero entusiasmo foi a resposta eloquente à pergunta de Clara.

Quando a gritaria abrandou, Clara disse:

— Vou estudar o ponto de vista práctico do projecto; estabelecer bases, orçamentos, organização, e depois...

— Mãos à obra! — exclamou Maria José.

— Nem já posso pensar noutra coisa! — gritou Joana, largando o trabalho.

— Não, Joana, isso é que não está certo. Vai trabalhando já naquilo que é preciso agora! — tornou a boa Clara, sorrindo.

CARTA ÀS RAPARIGAS

NÃO gosto, queridas amiguinhas, que me tenham na conta de rubugenta, massadora, antiquada, impertinente... Se tal pensarem de mim e das minhas «Cartas», sinto um verdadeiro desgosto: e, o que é pior, fico certa, certíssima, de que falhei a minha missão! Mas pelo interesse enorme e constante que me merecem as raparigas portuguesas de tódas as classes e de tódas as idades, eu não deixo nunca de lhes chamar a atenção para essas mil «nadas» que tanta importância têm na felicidade. E creiam, queridas raparigas, a «felicidade» não vem só das circunstâncias em que cada uma de nós vive; há uma grande parte que depende de nós próprias. A felicidade verdadeira tanto pode vir na riqueza como na pobreza; na saúde como na doença; depende sobretudo, repito, da nossa alma, do nosso espirito, do nosso coração, da nossa consciência. Isto que parece uma contradição, um paradoxo, não o é, creiam. E desta afirmação posso dar-vos exemplos sem fim!

Assim, conheci uma rapariga, rica e fiável, a quem nada faltava em conforto material: mas viveu paralizada num taboleiro durante os anos da sua mocidade. Como a sua alma era excepcional e elevadíssima de que se lembrou? De aproveitar as horas, os dias, para se rodear de crianças a quem ensinava o que podia. A sua alegria ao ver o resultado das suas lições era incomensurável! e a adoração de que as crianças a rodeavam dava-lhe uma felicidade imensa. Viveu feliz apesar da sua desgraça; e morreu como santa, deixando um rasto luminoso a envolver a sua memória...

O bem cumprir os deveres que nos competem é, sem dúvida, o grande segredo da felicidade. Sejam esses deveres massadores, aborrecidos, fatigantes, quando acabamos de os cumprir e bem, sentimos a alma cheia de alegria pura! É a paz da consciência: nada existe no mundo de mais suave e delicioso do que ela!



PARA LER AO

SERÃO

por Maria Paula de Azevedo

Desenhos de Guida Ottolini

das. Primeiro que uma pessoa esteja arranjada em termos, com o «rouge», as unhas, e tudo mais, são horas. É claro que me deitava, depois, durante o dia: mas qual sossêgo nem qual carapuça! eram os galos da quinta aos berros, as crianças a brincar, os cães a ladrar... Levantava-me só para o chá, é claro; e sempre com dores de cabeça. Depois, na praia... ainda foi pior!

— Mas...
— O sol de queimar: fiquei com os bra-

ços encarnadíssimos, apesar dos óleos. E emagreci quatro quilos! Por último fui-me de perder do jogo: queres crer que fiquei desfalcada em contos de reis?!

— Coitada... — murmurou.
— Dizes bem, filha: coitada de mim — concluiu — que tristes e ridículas férias! E que falta de noção do que é bom, simples, são, agradável...

Gosem as suas férias, queridas Amiguinhas: mas vivam com simplicidade, nessa época de repouso para o corpo e para a alma

MARIA RITA, SOLTEIRA

(Continuação)

A Isabel Cunha, irmã muito mais velha de dois rapazes pela idade do Manuel, observou: — *Passa-se qualquer coisa de anormal; então a Miss Norman não avisou o Simão e a mulher que preparassem o almoço?*

O José João declarou, com impertinência:

— Talvez a Miss Norman entregasse o caso às criadas, em lugar de... — mas a pobre Miss, escarlate e gaga, protestou com veemência:

— *Eu escrever três dias há! Não pôde intender, não pôde! Onde Simon? Onde Maria Djosé? E lunch nós?*

A Matilde lembrou-se de meter a sua colherada dizendo, com ares entendidos e serenos: — *Lá do Simão não sei; e aqui no meu cabaz há pitêus que chegam para todos, graças à Divina Providência!*

— *Mas a mãe Silveira disse: — Nada disso, sr.ª Matilde. O melhor é irmos já para o Alfeitte, que lá se há-de arranjar almoço.*

E lá fomos para o Casal das Rôlas, a enganar a fome cantando cânticos variados. Só a pobre Miss Norman é que ia cabisbaixa; e quando se decidiu a abrir bico foi uma espécie de gemido ridículo:

— *Onde Simon? Onde Maria Djosé?*

Ao chegar ao Casal das Rôlas a Sr. D. Maria Silveira chamou a caseira. E quando lhe participou que teria de arranjar comida para 20 pessoas... esfomeadas, a mulhersinha deu uma estrondosa gargalhada e respondeu:

— *Pronto, sr.ª D. Maria! Migas de bacalhau (tenho ali a água d'onde o cossi prá gente), ovinhos postos d'hont! com chouriço, «brólhos» temperados! E é o que se pôde ter a geito em meia hora.*

Mas como havia, ainda, o cabaz da Matilde, destinado a uma vaga merenda à volta para Lisboa, não se calcula o que foi o opiparo almoço no Casal das Rôlas! Eu fiquei ao lado do José João; e o rapaz mais interessante que conheço! Está a estudar Direito em Coimbra. Falámos de tudo quanto há! Cheguei a esquecer o sítio onde estava... Somos muito amigos; e já combinámos (sem ninguém saber), casar um com o outro quando ele se formar. Entendemos-nos tão bem! E ele há-de ser advogado como o Pai. Os Britos não são ricos; e os pais já morreram ambos. Quando, no fim do almoço ouvi gritir:

— *Mirri! Mirri! Estás mouca?! — é que caí em mim. A Isabel disse-me ao ouvido: — Então isso é noivado ou o que é? — eu respondi, risonha: — Se Deus quizer, Isabel!*

Mas não gostei muito de ouvir o José João rir à socapa com um dos amigos do Gonçalo e dizer-lhe (eu tenho um ouvido de tísica!) — *Flirts! Namoricos! Amores! É o que há de melhor nas nossas idades! Toca a aproveitar...*

É claro que ele não se referia a mim.

Depois daquele belo almoço, quando estávamos todos no pinhal (um pouco espapaçados, valha a verdade) e eu admirando a linda vista sobre o mar da palha, a Isabel disse:

— *Se este passeio fôsse quando eu era rapariga nova (a Isabel tem 40 anos) sabem o que faria nestas alturas?*

— *Versos!* — gritou o Gonçalo, em ar de troça.

— *Dormia a sesta; e era uma ideia estupidíssima!* — disse o Manuel, escancarando a sua bocarra dum maneira vergonhosa.

— *Nada disso. E o que decerto ninguém faria, Manuel, era bocejar assim deante de todos.*

O Manuel ficou vexado, e bem mereceu a lição. Mas como, no fundo, é muito «joia», disse, humildemente:

— *Tem razão, Isabel; portei-me como um javardo.*

A Isabel continuou:
— *Se estivéssemos aí por 1915 ou 1920, num «pic-nic» como este, jogavam-se jogos.*

— *Que jogos? Diga lá, Isabel!* — pediu a Luízinha.

— *Ensine, sim?* — insistiu o Nuno, correndo a sentar-se ao pé da Isabel.

— *Vocês, agora, já não gostam dessas brincadeiras — tornou a Isabel — mas o que lhes asseguro é que nos divertíamos a valer.*

— *Então a dança, com um boa grafonola, não está mil furos acima de todos os jogos, e até do Mah-jong?* — gritou o José João, estendido no chão a fumar.

— *Nada chega ao Mah-jong — declarou a Lixa, categórica.*

— *Deixem a Isabel explicar os tais jogos — exclamou a Luízinha. — (E eu também tinha curiosidade em saber.)*

— *Um desses vários jogos era o do carro; e se vocês quiserem experimentá-lo, substituímos a antiga carruagem por um automóvel.*

Mas esta vaga, vaguíssima, explicação deixou-nos todos aparvalhados a olhar para a Isabel.

— *O melhor é começarmos já — disse o Nuno. — Com certeza que é mais divertido do que a maçada da dança.*

E como não tínhamos grafonola decidimos jogar, embora os rapazes inventassem mil pretextos para não entrar.

Por fim, quando os manos viram a nossa animação e ouviram as nossas gargalhadas, resolveram-se a tomar parte no «carro»; e divertimo-nos a valer!

Sentam-se todos em volta do «chauffeur» que era a Isabel, já se vê; e que teve de inventar histórias complicadas a respeito do automóvel: e, cada vez que ela dizia a palavra automóvel todos se

levantavam e davam uma viravolta. Que agitação nestas viravoltas! E se ela falava nas diferentes peças do automóvel a pessoa que figurava essa peça também dava uma volta. A pobre senhora D. Maria, tão forte, coitada, lá dava as voltas como nós, é claro. E, já se vê, pagavam-se prendas se as voltas não se dessem a tempo. O que nós, depois, inventámos para as prendas! O José João teve de fazer o pino à roda dum pinheiro! A senhora D. Maria foi forçada a dar três saltos a pés juntos! E a Miss Norman teve de beijar o nariz do Alexandre! (Só ver a atitude grave da boa inglesa, e a expressão fula do Xana, teve pilhas). A sorte da Isabel foi terrível: passear com o tamanho do Nuno... de cavalitas! A Lixa recitou os Lusíadas; a Luli Silveira teve de cantar a Portuguesa, e eu tive de dançar um bailado sobre a «Triste Viúvina», cantada por todos em coro! Ficámos estafados de rir!

O chá, ali no pinhal, foi lauto e ótimo. E quando eram sete horas metemo-nos a caminho para a volta, pela linda estrada do Alfeitte para Caülhas.

Entrámos em casa às nove da noite e, embora eu viesse mortinha de sono e fôsse logo deitar-me, ainda ouvi no corredor a minha mãe dizer à Mãe:

— *Lá o tal menino é que me está a cheirar a chamusco...*

Que mentiroso será esse? Adormeci como pedra em poço.

II

Aproxima-se a data do casamento da Miquinhas: que bom! O pai quando soube (quem lhe disse foi a sergaita da Luízinha) que eu sonhava com um vestido novo... não teve coragem para m'o recusar. Começou, sim, por fazer uma cara muito feia:

— *Não gosto de luxos, Maria Rita; porque não há-de ir com o vestido azul que leveste à festa dos Tios? Está rôtó?*

— *Rôto não está, Paisinho, e se só apanho outro quando ele se romper, tenho de esperar a vida inteira!* (E fiz a boca amuada).

Mas o pai não riu.

— *Tolémas. E não é o fato que tem importância: é a educação, o espírito, a alegria, a graça!*

— *Então, Paisinho, não há um ditado que diz que o «hábito faz o monge»?*

O Pai deu uma gargalhada, e exclamou:
— *Oh minha tontinha! é tal qual o contrário. O ditado diz que o hábito... não faz o monge!*

Eu fiquei vexada, confesso. Mas nessa altura rompeu a Luízinha pelo escritório e gritou, excitadíssima:

— *Mirri! A Miquinhas telefonou agora que vão seis amigas dela todos de branco, e tu és uma delas, com chapéus iguais, e não sei que mais trapalhadas!*

Eu, radiante, olhei para o Pai. E o querido Pai concluiu, meio a sério meio a rir: — *E tem de ser branco, e igual ao das outras, e chapéu, e luvas...* — Saltei-lhe ao pescoço! Nessa tarde não pude pensar em mais nada. A boa mademoiselle Sixte bem se cansou a dissertar sobre o Império de Chartemagne, coitada: mal a ouvia!

Ao jantar questioneei com o Xana que estava um autêntico OURIÇO, porque teve notas baixas em algebra (às vezes ajudado-nas lições).

— *As raparigas só se interessam A VALER pelos trapos — declarou ele com ares desdenhosos.*

— *Também você se pavoneia todo quando leua o uniforme novo da Mocidade!* — observou a Luízinha, muito espezitada.

— *A menina perdeu uma ocasião de calar o bico — tornou o Xana. — E ninguém pode negar que para uma garota como a Mirri um vestido novo é uma coisa bestial!*

— *Você é um garoto, mas eu, com 18 anos, nem sou garota, nem considero bestial um vestido novo, branco, comprido, chic e estupendo!* — gritei eu, entre zangada e radiante.

— *Oçam-na — disse o Gonçalo, rindo a bom rir. — Só de falar na fatiota... os olhos luzem!*

E tudo acabou num riso geral.

— *O que acho indecente — continuou o Xana — é convidarem só a Mirri e o Gonçalo. Porque não fomos também convidados, o Manuel e eu?*

A pergunta ficou sem resposta, coitado do Xana.

E lá chegou o célebre dia do casamento da Miquinhas. Que cortejo, que luxo, que elegância! Atrás da noiva (que lá linda e chic, mas pintada de mais), lá seguiam as seis «demoiselles d'honneur», entre as quais eu própria; e devíamos fazer bonita vista: vestidos brancos, compridos, «capitnes» com fita caída sobre o ombro, rosas pálidas...

A entrada na nave da Estréla, quando romperam os sons graves do órgão, senti os olhos cheios de lágrimas... A Luli Silveira, que ia a meu lado, percebeu a minha comoção e disse-me em segredo:

— *Não chores! Lembra-te do «rouge» ficas ridícula...*

Enguli logo as minhas lágrimas, prestes a cair. Mas fiquei com um nó na garganta durante toda a cerimônia. E quando o Bispo fez as perguntas aos noivos tornei a ficar muito impressionada, sem me lembrar do «rouge».

A Miquinhas é que não estava nada comovida! Respondeu muito alto, olhava para todos os lados, e depois, na sacristia, tinha o ar de quem estava numa matine dançante.

Ouvi a mãe da Luli dizer a uma senhora:

— *Que casamento tão equilibrado, não achas? Ambos ricos, ambos da sociedade, realmente, já se não usam.*

— *A minha amiga diz muito bem: a vida é uma realidade e não um romance!* — respondeu a senhora, muito convencida.

Fiquei pensativa... Então a vida não pode ser um romance?! Eu, quando chegar a casar hei-de querer paixão romântica, sim, senhor! Enem compreendo que se case sem ela. Os Pais fazem-me sempre pensar em Romeu e Julieta, Paulo e Virginia, e outros namorados célebres! Assim é que eu quero para mim.

A Miquinhas apareceu, depois, a despedir-se de todos, com um «tailleur» bege elegantíssimo. Esperava-os o Packard estupefacido que o pai dele lhes deu, e lá foram para o Estoril, que ela preferiu o Bussaco.

— *Deus me defenda da semsaboria do Bus-*

saco — ouvi-a eu declarar: — Arvores, fontes, capelas... Brrrr... Até me arrepiro só com a ideia!

A Lixa ainda observou:

— *Mas olha que no Estoril vais cair no meio de imensos tipos conhecidos!*

— *Nunca estardo «enfin seuls», como nos romances se diz — observou a Luli.*

A Miquinhas deu uma gargalhada e respondeu:

— *Para estarmos sós, minhas ricas, temos a vida toda! Já basta, com certeza.*

Tudo isto me deixou admirada e com a sensação de vago desconsolo...

E à noite desabei as minhas impressões com a Mãe. A Mãe beijou-me e disse:

— *Tu bem sabes, querida, que a pobre Miquinhas tem vivido num meio diferente do nosso. Os pais divorciados, ela, coitada, entregue às mestras...*

— *Oh Mãe, se ela gostasse a valer do noivo... — observei eu. A Mãe sorriu.*

— *Tens razão, Maria Rita. É isso que é sempre o principal. Mas também há os casamentos de conveniência, sabes tu?*

— *Para que casam as pessoas se não gostam uma da outra?! — tornei eu.*

— *Para terem a sua casa, os seus filhos...*

— *E se depois embirram uma com a outra?*

— *Isso é grave, filhinha — respondeu a Mãe, a sério.*

Agora dorme em sossêgo, Maria Rita; e não penses no casamento — acrescentou a rir.

Mas eu... pensei. Quero casar, quero ter imensos filhos, e quero que a nossa vida de casados seja ROMÂNTICA! Como o noivo que escolhi é o José João, é só dele que me lembro quando me vejo a subir a nave da Estréla pelo braço do pai: mas, coisa extrema! essa ideia não me move! É como se, em lugar do José João, eu pensasse no Gonçalo ou no Manuel! Tenho lido nos livros que o coração bate quando se pensa no noivo; mas o meu não bate nada. Terei eu um coração de pedra? Lá bater quando penso no José João, isso não bate...

(Continua)



Carta às raparigas FÉRIAS BOAS!

QUAL de vocês, queridas Filiadas da M. P. F. não sente um estrechamento de alegria com a ideia das férias próximas?? Parece que lhes chegam baforadas do ar salino das praias, ou do ar fino das serras, ou do ar morno dos pinhais, ou do ar perfumado dos campos... De outro ar, em todo o caso, diferente do das cidades e das vilas. E depois... o não ter lições, não ter estudos, não ter obrigações... Ai, porém, discordo de vocês em absoluto: obrigações temos sempre, seja tempo de férias ou não. A questão é classificá-las bem essas obrigações, tornando-as repousantes, agradáveis e, sobretudo, úteis. É preciso que as férias boas tenham sempre um resultado prático: para o corpo, refazendo-lhes as forças diminuídas pelo trabalho do inverno; para o espírito, aumentando nele a cultura e o desenvolvimento; para a alma, fazendo-a mais elevada pela prática de bom apostolado e de boas obras.

Dou-lhes, pois, um grande conselho, queridas Amiguinhas, fácil de pôr em prática: façam o programa dos seus dias conforme sejam, é claro, as suas férias. Dividam o tempo entre a higiene, o trabalho manual, o prazer, o exercício, a leitura, o repouso, a caridade inteligente. E que esse programa, oçam bem! fique escrito e não só na vossa ideia, lá mercê do esquecimento. No fim dessas férias boas que alegria terão todas ao constatar que cumpriram, que realizaram o seu programa! Recordo que há anos, em conversa com uma rapariga amiga, nova como vocês e, como vocês, bem intencionada, lhe perguntei pelas suas férias, passadas nesse verão em excursões várias, acabando por uma temporada na praia da moda.

— *Deste-te bem, Nela? Gostaste das tuas férias? Divertiste-te?* — perguntei.

Uma expressão enjoada apareceu no rosto emagrecido, carregado de vermílhões vários.

— *Uma espiga, tudo.* — respondeu — *Para apanhar os combóios, sempre iraduga-*

PARA LER AO SERÃO

por Maria Paula de Azevedo

Desenhos de GUIDA OTTOLINI

MARIA RITA SOLTEIRA

III

A Lutzinha está doentíssima há um mês: tem uma febre tifoide, coitadinha! Os manos mais velhos foram para casa dos Tios e eu fiquei para ajudar a Mãe a tratar dela e a governar a casa. Já fiz 18 anos e tenho muitas obrigações a cumprir. Também tenho de olhar pelo Nuno, que está fraco e precisa de cuidados.

Estávamos tão felizes! E agora vem esta tristeza... A Mademoiselle Sixte diz que Nosso Senhor manda estas «provas» às pessoas para ver como se agüentam no meio delas; que é preciso ter constância e rezar com muita devoção. Eu sinto-me cheia de esperança nas melhoras da Lutzinha.

Ontem ouvi a mãe chorar no escritório do Pai: e o Pai nada respondia... Quando o médico saiu, à noite, fui a correr à porta da rua e perguntei-lhe:

— A Lutzinha está melhor?
— Não — respondeu ele, com tristeza.
— Mas então?... — tornei eu. Ele pôs a mão em cima da minha cabeça e saiu sem dizer mais nada. E eu fiquei ali, na entrada, encostada à parede, com a cabeça baça, sem lágrimas...

O Gonçalo, ao entrar, é que deu comigo.
— Mirri! Que fazes tu aqui?!
— A Lutzinha vai morrer, Gonçalo... — murmurei.

— Cala-te, tonta! — respondeu ele, brusco. Uma campainha soou nesse momento e ambos corremos, como loucos, para a porta do quarto dos Pais onde está a Lutzinha.

O cabelo é pingar de brilhantina, parecia um espelho...



zinha. O Pai abriu a porta devagarinho e disse:

— Ela quer ver-te, Maria Rita. Não chores, não faças barulho.

Entrei no quarto, com o coração a bater... E a meio da larga cama dos Pais pareceu-me tão pequenina, tão pálida, a minha pobre irmã! Joelhei-me ao pé da cama, sem poder sustentar as lágrimas... Nunca eu avaliara o amor que lhe tinha, na vida de todos os dias! Agora vinha-me à idéia certa frase da Mademoiselle Sixte, (que perdeu toda a família quando era nova):

— Ah, a família... É como um colar de pérolas que nos liga uns aos outros, que nos prende: quando se rompe o colar... soam-se as pérolas, ficamos isolados, tristemente...

O nosso colar ia partir-se se a Lutzinha morresse: pérola das mais finas, coitadinha...

— Adeus Mirri!... — ouvi-a eu dizer, baixinho: tão baixinho, com a voz tão sumida que nem parecia a dela! Beijei-lhe a moaneta magra, caída sobre o lençol e fugi! fugi para não a ver morrer ali ao pé de mim... Como cheguei ao quarto nem sei! Cai sobre a cama a soluçar; e julgo que perdi os sentidos, pois não tenho bem a consciência do que se passou depois disso. Lembro-me, vagamente, de ouvir passos apressados pelo corredor fora, portas que se abriram e fecharam, a voz da Mademoiselle a chamar: — Rita! — e até me pareceu (coisa impossível) ouvir rir o Xana!

Tudo isto era como num sonho, muito ao longe... E não sei o tempo que duraram estas impressões estranhas.

Por fim a casa caiu num silêncio absoluto. O silêncio da morte... Já me acordada, eu recordava, agora, a nossa Lutzinha, tão cheia de alegria, de vida, que Nosso Senhor chamara a Si com treze anos, apenas.

E velu-me o desejo ardente de tornar a vê-la; de tornar a beijar aquela carinha linda, em que os olhos, luminosos, azuis como o Céu onde ela já estava, se tinham fechado para sempre... Mas como não sabia o tempo que tinha passado, se horas, se dias, pensei, dolorosamente; — quem sabe se já a levaram?! — e levantei-me depressa, admirada de me achar vestida e penteada tal como caíra sobre a cama, depois de ver a minha irmãzinha a morrer. Sentia-me tonta, tremula...

Agarrei-me às paredes e lá fui.

Como tudo estava silencioso na casa habitualmente cheia de movimento! Que horas seriam?! Perto do quarto dos Pais surgiu a Matilde, com um dedo na boca. — Schiu, para onde vai a menina? — segredou ela, pondo-se diante da porta.

— Quero ver a Lutzinha, ama — respondi baixinho.

— Vá-se deitar, menina; tem tempo de a ver amanhã — e empurrou-me, brandamente, para o meu quarto, dando-me um beijo na mão.

E eu obedeci. Despi-me, lavei-me, rezei, dei-me, sem quasi saber o que fazia. No dia seguinte devia ser o enterro... Adormeci profundamente, exausta de chorar, de sofrer, de rezar.

E quando acordei, na manhã seguinte, vi a Matilde ao lado da minha cama.

— O seu banho está pronto, filhinha. Se a menina quiser ir ver a mana depois do banho, venha ao quarto dos Paisinhos.

— Ama, ama, não te vás embora! — gritei eu vendo a Matilde sair, apressada, — Esquece-te de pôr aqui o vestido preto — murmurei, desconsolada.

Arranjei-me o mais depressa que pude; e, quasi a correr, fui ter ao quarto dos Pais, cuja porta estava encostada. Onde teriam posto a Lutzinha? O que lhe teriam vestido? Naturalmente, o vestido da Comunhão solene que tão bem lhe ficava!

Pela fresta da porta vi que o quarto estava claro, cheio de sol: ia ver a carinha lívida, os olhos cerra os, o caixão coberto de flores... E não me decidia a entrar.

Um soluço irremediável fez aparecer o Pai à porta do quarto: e caí a chorar nos seus braços amorosos, que me apertaram meitadamente.

— Então, então, Maria Rita, não te quero ver chorar, meu amor... — E foi-me levando, assim abraçada, a cara encostada ao seu peito, pelo quarto fora.

— Chega-te bem à cama, Mirri — disse a voz querida da Mãe — viste-a ontem a dizer-te adeus, tens de vê-la hoje...

Mas eu não podia decidir-me a olhar para a Lutzinha!

— Porque não abres os olhos, Maria Rita? — perguntou o Pai, admirado.

Então abri, finalmente, os olhos, com o terror de ver a MORTE diante de mim... Mas a Lutzinha, sentada na longa cama, pálida e risonha, é que agora me falava!
— Mirri! não me levou Jesus! Estou tão contente de viver!

A minha louca alegria não se pode escrever num Diário. Abracel os Pais, agarrei-me às mãos de Lutzinha a chorar, e só dizia, como uma pateta:

— Não morreste! Não morreste! Não morreste!

A Mãe, então, mandou-me deitar outra vez.

— Vê se ficas na cama até ao almoço, depois te conto tudo o que se passou com a Lutzinha e o milagre que Nosso Senhor nos fez...

IV

Como foi bom o nosso Natal d'este ano! Ao fundo da sala grande armou-se, como de costume, o Presépio; e foi, já se vê, a Lutzinha (já optima) que preparou e arranjou tudo. Comprou urze branca, linda (e n'isso gastou as suas próprias economias); e o chão do Presépio estava todo coberto de musgo verdadeiro. Com a lanterninha do Xana pôs luz DENTRO das pilhinhas do Menino, o que fazia um efeito impressionante!

Quando voltámos da Missa do Galo (à qual comungou toda a família) acendemos a luz do Presépio e eu toquei uns cantos de Natal (simples e antigos) que nós duas e os manos cantámos menos mal (somos todos afinados).

O Xana, que é um comilão e, coitado, pouco espiritual, a certa altura desabafou: — Tudo isto é formidável; mas a esquinha, agora, vinha ao pintar!

— Você não se envergonha de pensar só em comer? — disse o Gonçalo, indignado.

— Tenho um corpanzil a sustentar: que quer você que eu lhe faça, seu s'principe Alfenim? — (o Gonçalo é magro como um palito) respondeu o Xana.

Mas a Mãe atalhou, sorrindo, com a sua bondade habitual:

— Também, filhos, são horas de encarmos a consoada; vamos para a mesa.

E nem sei dizer quanto nos deliciámos com a cea quentinha, deliciosa, aquecida, ainda, pela alegria que reinava entre todos!

No dia seguinte, que rico Natal! De manhã já todos tínhamos corrido à chaminé da sala, onde se alinhavam os sapatos da família! (e até tínhamos pedido aos Pais que lá puzessem também os seus!). Que barulheira em volta da chaminé! Que alegria louca a do Nuno ao vê-lo, encostada ao seu sapato... uma bicilete!

A propósito das prendas de Natal, não posso deixar de contar aqui que o Miguel, irmãozinho da Juca, não só escreveu a sua carta anual ao Menino Jesus, mas... foi deita-la no correio sem ninguém saber!! E quando eu lhe perguntei que morada tinham posto, respondeu com ares superiores: — Oh Mirri, que havia eu de pôr? CEU, já se vê — Que inocência, coitadinho. A minha tia (como a Mãe), tem uma teoria optima: não se inventam fantasias, nem complicações; mas deixam-se certas ilusões, poéticas e inofensivas...

A Mãe dizia-nos quando eramos pequenos: — Não, filhos, o Menino Jesus não pode vir a TODAS as chaminés na noite de Natal. Mas dá às mães as ideias do que as creanças gostam e precisamos perceber? — O jantar do Natal é sempre cá em casa: Tios, Primos, a Prima Serafina, umas vinte pessoas ao todo.

Eu adoro o Natal! E para nós, Christãos, é a festa ideal, em que parece que renascemos para o Bem...

Quando penso na doença da Lutzinha, sinto que mudel imenso ao feito e de maneira de ser. Que exquisto que é! Mas é certo que fiquei diferente: e acho que... melho, moralmente.

O pavor que a Lutzinha morresse, e que assim, quasi de repente, acabasse aquela vida d'ela, tão cheia de alegria e de saúde, fez-me pensar a sério em muitas coisas.

A primeira de todas é que bem devo agradecer a Nosso Senhor a felicidade que temos cá em casa: a saúde, a alegria, a ternura uns pelos outros (apezar das turmas com os manos)

A segunda é que estou RESOLVIDA a não levar uma vida inútil, só em matineas, cinemas, pic-nics. Embora estas pandegas (o Pai detesta que eu empregue esta palavra ordinaríssima) sejam emtre-meadas com milhentas lições, é preciso (sinto isso) tornar-me mais UTIL aos outros.

Vou pedir ao Pai que me deixe fazer um curso de enfermagem ou de puericultura (isto que as creanças são a minha paixão).

A terceira coisa é que já não estou tão decidida a casar com o José João.

No Domingo das corridas vi-o com os manos, depois de nos falar, a dar-se imensas ares! O cabelo, a pingar de brilhantina, parecia um espelho; e no meio de meninas genero «estrélas» de cinema, de cigarro na boca, só se ouvia as gargalhadas d'ele e o seu habitual vocabulário, que, realmente, me soou mal. De repente, a ideia que poderia casar com ele deu-me um grande arrepijo pelas costas abaixo! O melhor é não decidir, por ora, com quem hei-de casar. Afinal... isto de casar, é muito sério! Quando penso que ainda não há seis meses que fui ao casamento da Miquinhas e já se diz que eles querem divorciar! I Que vergonha... Eu já a encontrei no cinema: é parecu-me felicitíssima! mas era porque acaba de receber uma enorme herança, disse-me ela.

Morreu-lhe, no Brazil, uma tia que nunca viu e a Miquinhas é a herdêira única.

— Não há nada que valha a «massa» — declarou-me — é a moia real da vida!

— Oh Miquinhas! — gritei eu indignada.

— É como te digo, minha rica — tornou ela — O dinheiro vale MAIS que tudo! — Eu talvez conheça pouco da vida, sim; mas o que sei, com certeza, é que o dinheiro NÃO substitue a alegria, a saúde, o amor...

CHÁ DA COSTURA

Clara tapava os dois ouvidos perante a algazarra que reinava na sua saleta: era a primeira reunião depois das férias.

— Não há direito! — gritava, excitada, Joana, tentando dominar as outras vozes.

— Mantenho o que digo: a Júlia andou mal! — dizia Alice.

— Andou bem! — exclamou Maria José.

— Oh meninas, que maluqueira está! — disse Clara, empurrando-as, com firmeza, para os seus lugares habituais. Calarem-se, enfim. E Clara perguntou: — Mas do que se trata, afinal?

Recomeçou o borbóricho.

— Fala tu, Rita — tornou Clara, com calma.

— Nem vale a pena discutir se a Júlia

E também sei que não trocava aquê de ar de alegria POSTIÇA que tem sempre a Miquinhas, pelas alegrias que nós temos cá em casa, todas bem verdadeiras, embora feitas de mil coisas pequeninas!

Também fiz uma descoberta COLOSAL... e ainda não falei n'ela a ninguém.

É que o Gonçalo está apaixonado! E como é pela Juca, que é uma autentica SANTA, fique radiante com a minha descoberta. O mais engraçado é que ele julga que ninguém percebeu ainda; mas os Pais desconfiam, com certeza...

Ele vai, este ano, fazer o serviço militar, embora esteja no 3.º ano de Direito; o seu desgosto é ter de marchar para o Algarve! E a Juca (que está longe de sus-petar que eu descobri tudo), dizia-me hontem:

— Então o Gonçalo sae de Lisboa agora? Olha que vae fazer falta em casa, não vae?

— Se vae! — respondi eu — e não só aos da casa, Juca; a todos que o conhecem! — A Juca, um pouco corada, tornou:

— É uma joia, o Gonçalo: não ha dois como êle...

Então eu não pude resistir, dei-lhe um beijo repenicado na bochecha e exclamei, a rir:

— Escusas de disfarçar, Juca; vocês dois adoram-se e hão-de casar com certeza!

A pobre e tímida Juca não teve a coragem de negar; com os olhos humidados... olhou para mim a sorrir e... não disse nada!

Mas o Gonçalo veiu ter comigo ao quarto de estudo.

— Então a menina saiu-se casamenteira?
— Adoro casamentos, bem sabes! E acho que o melhor é vocês participarem isto a todos e ca-arem já: o mais depressa possível! — exclamei, entusiasmada. Com espanto meu, o Gonçalo fez-se sério e respondeu:

— Como és creança, Mirri! A querida Juca e eu havemos de casar, se Deus quiser; mas ha-de ser para termos a NOSSA casa, o NOSSO viver, os nossos filhos — Eu só pensava no amor d'eles um pelo outro e esquecia-me de que, para casar e ter casa, é preciso também ter maneira de ganhar a vida...

Mas antes de me ir embora ficamos noivos — tornou o Gonçalo — e assim já a minha adorada Juca passa a fazer parte do «bloco»! — O ar apaixonado com que o Gonçalo disse isto parecu-me tão romantico, que me impressionou deveras! (o Pai costuma chamar o «bloco» ao nosso conjunto de paes e filhos).

andava bem ou mal, Clara — meteua Maria José — O que devemos pôr em pratos limpos (e tu melhor da que nós todas juntas) é o caso em dia: uma rapariga católica, praticante, de boa sociedade, pode ou não, fazer um certo número de coisas que são censuradas pela religião e pela boa educação??

— Evidentemente que não — respondeu Clara.

— O caso não está posto como deve ser, Clara — disse Alice.

— Eu explico — cortou Joana — Os paes não gostam que nós dançemos o tango e outras danças parecidas. Não gostam também que usemos êses fatos de banho chiquissimos e estupendos que constituem a Moda. E então...

— Os pais também não gostam: pelo menos, os meus... — cortou Rita.

— E então havemos de tornarnos ridiculas, não apparecermos nas praias, dançar só os Lancelots da era dos Afonsios e passar horas sentadas ao lado das mamãs, com os joelhos bem unidos e uma guarda-sol a tapar a pinha? — exclamou Joana, vermelha de excitação. Este quadro, de realização pouco provável na época em que estamos, provocou o riso geral. E Clara, com o seu habitual bom senso, disse:

— Oh Joana, que série de disparates! Há mil danças, mesmo modernas, que podem dançar-se com naturalidade, com arte, com ritmo... sem ser o tango em que os paes se agarram de uma maneira que nada tem de fino... E há fatos de banho igualmente estupendos e chiquissimos que são simples e decentes. O que se não admite (e já tantas e tantas vezes nos têm explicado isto mesmo) é a incoerência entre as boas teorias e as detestáveis práticas!

— Diz isso em português, sim? — pediu Joana.

Clara riu:

— As raparigas que de manhã se apresentam, com devoção sincera, a comungar não podem, é evidente, apresentar-se na praia com fatos reduzidos à caricata salinha rodada e pouco male...

— A Júlia... — meteua Alice.

— Não é essa Júlia — continuou Clara — que faz escândalo na praia... e usa uma coleção de medalhas e bentinhos ao pescoço?

— Tal qual! — exclamou Maria José.

— Não está certo, não — concluiu Clara quasi com gravidade. As católicas devem portar-se como manda a religião católica, sempre e em toda a parte onde estejam...

Era a primeira reunião depois das férias



PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO
DESENHOS DE GUIDA OTTOLINI

MARIA RITA SOLTEIRA

V

O Xana declarou uma d'estas manhãs que quer ir para a aviação.

E, como a Mãe observou: — Não basta QUERER ir; é preciso estudar e muito — éle respondeu, abespinhado:

— Isso é para os oficiaes superiores; o que eu quero é voar, seja como fôr, com estudos ou sem eles.

Mas o Pae, aborrecido, sacudiu-o logo: — Você não diga asneiras. Veja se trata de acabar o liceo e habilitar-se d'Politécnica: depois poderá piar.

O Manuel, que é muito calado e admira profundamente o Xana, não resistiu a observar:

— Oh Pae, olhe que o Xana é tido por um AZ lá no liceo! Na sua turma ninguém se atreve a fazer-lhe frente!

Que «jola» de Manuel! atret-lhe logo uma bolinha de pão e um beijo na ponta dos dedos. O Pae perdeu instantaneamente a carranca e disse:

— Ainda bem. Que os meus filhos trabalhem e o meu maior desejo... e orgulho.

N'essa altura tocou o telefone; e a criada, (uma certa «lôrpa» que entrou há pouco tempo) disse:

— A menina Joséstinha manda dizer ao menino Nuno para ir já ao telefone.

Foi um protesto geral, á mistura com gargalhadas dos rapazes. O Nuno, da côr d'um tomate, levantou-se para ir; mas um grito do Pae fê-lo sentar imediatamente. E a Mãe encarregou a rapariga de responder «que o menino Nuno estava á mesa» e não ia ao telefone.

— Quem é a menina Joséstinha? — perguntou o Pae, muito a sério.

— Anda no 1.º ano. É da minha turma — respondeu o Nuno, embeberado.

— Então para que são essas ridículas conversas ao telefone? — tornou o Pae.

— Acabe lá com patéticas.

— Os outros todos falam ao telefone cada um á SUA menina; é o costume.

— E tu achas graça á isso, Nuninho?! Achas divertido?! — perguntei eu, cheia de curiosidade.

— Não acho piada nenhuma, é uma chati... — Nuno! — cortou o Pae, severamente.

— Uma espiga — tornou o pequeno — mas uma pessoa tem de fazer o que fazem os outros.

Eu indignei-me! E disse: — Faz o que te parecer BEM, Nuno, e deixa falar os patétas!

— Oh Nuno, pois o menino será como os celebres carneiros de «Panurge», de que fala a Mademoiselle, que lam sempre atrás uns dos outros, sem sequer saber para onde, nem porquê?! — exclamou a Luizinha.

Chegou d'Angola o primo António Cabral, (filho d'uma prima do Pae), que estava em Africa desde muito novo.

Verdade seja, éle não é velho; mas deu-me a impressão de ser mais velho do que os rapazes que conheço. Muito alto, espadado, a cara rapada, e uns olhos enormes, cinzentos claros, exquisitos! Não é nada bonito; e até o acho muito pouco simpatico, a falar a verdade.

Quando éle apareceu cá em casa (há já umas semanas), estavam várias visitas a tomar chá. Na sala grande tinham fiteado as pessoas «de respeito»; e a gente nova, rapazes e raparigas, estavam todos na sala pequena.

Arranjámos duas mesas de Mahjong e o resto tagarelava no sofá. A Luli, que detesta o Mahjong, é sempre a mais animada; gosto imenso d'ela.

— Tenho a vida cheia como um ovo! — declarou ela, toda contente — E o tempo chega-me para milhentas coisas com o meu sistema: listas e mais listas, dias e horas tudo escrito na agenda!

— Você porque não fuma, Luli? — perguntou-lhe o José João, oferecendo-lhe a cigarreira.

— Odeio o fumo, que quer você? E não estou para fingir que gosto, como faz a Lixa, e outras que eu conheço.

N'essa altura é que entrou o primo António. Tudo se calou a olhar para éle; e o Gonçalo fez logo as apresentações.

— Não quero ser desmancha-prazeres — disse o primo; e o José João perguntou:

— Você joga?

— O «bridge», como toda a gente — respondeu o primo — Mas se me dão licença — acrescentou — sento-me aqui ao pé da minha prima Maria Rita a conversar.

Bem teria eu preferido que éle escolhesse outro «poiso»...

Mas a Luli, com o seu desembaraço, tratou de o fazer contar coisas d'África, e a conversa tornou-se interessantissima! Já me pareceu menos embleto.

Começou a contar-nos o que fazia por lá.

— Sentir o valor do nosso esforço, do nosso trabalho, vêr, pouco a pouco, o desenvolvimento das terras e das creaturas, creiam que é d'um palpitante interesse para a vida!

Que linguagem tão diferente da que costumam ter os rapazes com quem convivemos! Parecia-me que devia ser massador falar com o primo António; mas o que é certo é que ali estivemos com éle imenso tempo, sempre interessadissimas, ambas.

— Mirri! — gritou o Xana, á certa altura — põe a grafonola a andar!

— Um bom «swing» era bestial — disse

o José João, vindo buscar-me para dançar. Mas o Gonçalo pediu:

— Vem cá, Mirri, conta ao António o que fazes no teu curso de «bebês», sim?

O José João ficou furo, coitado: mas eu fiz a vontade do Gonçalo. E contei ao primo em que consistia o tal curso de puericultura, cheio de interesse, e o estágio que ia seguir-se n'uma Crèche de Lisboa.

O António escutava-me com tal atenção que me pareceu menos antipatico.

A Luli declarou, depois d'ele sair, que o António era estupendo! Mas o José João e, com éle, mais dois rapazes e a Lixa, classificaram-n'os de... «odiosos»! Até o Gonçalo deu sorte e exclamou, indignado:

— Tonto na lingua, Zé João! não sabes que o António é nosso primo?!

— Primo ou não, é antipatico da cabeça aos pés! — respondeu o José João.

— Pois meninos — tornou a Luli — fico na minha e não arreído: é estupendo o tal primo d'África!

Armou-se uma discussão tremenda: que barulheira!

Ninguém me perguntou a minha opinião; mas é evidente que o não posso achar «odiosos», como eles dizem. Duro, sim; mas, no fundo, sinto uma espécie de admiração por éle, confesso.

Todas as quintas feiras janta cá a nossa velha prima Serafina: senhora de enorme fortuna, incomensurável rubulice... mas que nos adora a todos.

A bem dizer, foi ela que educou a Mãe quando a minha avó morreu, ficando a Mãe muito pequenina. A sua constante indignação são as modas, as danças, as expressões, etc. (O marido morreu há que anos).

Ora, no dia em que o António se appareceu viu jantar a prima Serafina.

— Quem é esse António de quem todos vocês estão falando? — perguntou.

— É o filho da pobre Lucia, lembra-se? — respondeu o Pae.

— Já sei; aquela tua prima que casou com um engenheiro sem eira nem beira.

— Oh Prima — indignou-se a Mãe — era um rapaz inteligentissimo, e o filho está-se tornando notável! Tem já hoje uma fortuna, que deve ao seu valor.

— Apesar de todo esse valor o casamento foi péssimo: e o homem deixou a Lucia com um filho ás costas, para mais.

— Oh Prima Serafina, ainda bem que a pobre senhora ficou com um filho: sempre é um interesse para a vida! — exclamou eu.

A prima Serafina virou-se toda para mim, com o «lorgnon» na ponta do nariz:

— Olhem, olhem! Já a formiga tem catarrol!

Depois, desinteressando-se do assunto, declarou, com solenidade:

— Quero dar-lhes hoje uma noticia SENSACIONAL!

Todos ficaram cheios de curiosidade. A Prima Serafina iria casar outra vez?

— Como tu, Maria, és a minha herdeira... A Mãe tentou interrompê-la.

— Deixa-me falar, não m'interrompas — cortou a Prima — sendo perco o fio.

— Como tu és minha herdeira, quero participar-te que... acabo de comprar uma esplendida propriedade no Ribatejo!

Foi um cêro de exclamações entusiasmadas! E a Prima estava radiante.

A Luizinha levantou-se para a beijar (o que o Xana acompanhou com uma ridicula caréta), e disse:

— O meu sonho era ir no verão para uma quinta!

— Montar a cavallo! — segredou-me o Nuno.

A Prima Serafina, então, entrou em explicações detalhadas sobre as vanta-

gens da compra, a beléza do sitio, as comodidades da casa, etc.

E todos nós, n'essa noite, sonhámos com a Quinta da Lezíria!

VI

Lá se foi o Gonçalo... E é certo, certissimo, que o nosso bloco ficou desequilibrado sem essa rica pedra!

A boa Juca, que tem uma vida activissima, (é Dirigente da Jic, é Vicentina, é Catequista na sua freguezia,) vem cá a casa imansa vez; como se já fizesse parte do «bloco». Todos a adoram! e ela tem sempre uma boa palavra para os Pais, uma idéia divertida para o Nuno, uma história para a Luizinha, um conselho para mim... E é alegrissima! O Manuel chega a pretender que ela não só é engraçada a contar coisas, mas que tem pilhas!

Uma coisa que éla lamenta imenso, é a minha reluctância (e muito intensa) em visitar pobres. A idéa de penetrar naqueles «anjos» nojentos, cheios de micróbios (e de bicharia...), o respirar aquêle ar infecto, ouvir os queixumes dêles (que eu não posso remediar), tudo isso é horrível para mim.

— Que queres, Ju, fazer outros sacrificios; mas não ésse.

— Ouve, Mirri, só te peço que levas uns brinquedos a uma doentinha do Casal Ventoso; fazes-me isso?

Não tive coragem de dizer que não. Arranjei uma boneca de celuloide, uma caminha, e lá fui, sózinha, até ao pobre bairro.

Que miséria de casebre... O chão era têrreo, o tecto quasi em cima da cabeça, e não havia chaminé! A doentinha deitada no chão, sobre um velho colchão dado pela Juca, bem pouca roupa tinha com que se cobrir, coitadinha! Quando lhe dei a boneca parecia doida!

— Para mim, menina? Mesmo dada?! — dizia ela, com os olhos brilhantes.

E eu fiquei ali um bocadinho, a contar-lhe a história do Natal, a adoração dos Pastores, a vinda dos Reis Magos a Belém, a grande alegria de sermos todos Cristãos. Depois fli-la rir, coitadita; e por último dei-lhe os bôlos de azeite feitos pela Matilde.

— Quando é que a menina cá volta? — perguntou-me a mãe, uma simpática rapariga, com mais quatro petizes á sua volta.

E eu, que não pensava em voltar, fiquei calada. Mas á doentinha, impaciente, disse:

— Amanhã, sim, menina?

E eu respondi, decidida:

— Pois sim, Beatriz, amanhã.

E... voltei! Não só um dia, mas muitos...

Compreendi, enfim, o enorme interesse que pode prender-nos aos pobres, quando comunicamos «directamente» com éles!

No Natal lá tinham o seu Presepiozinho arranjado por mim; e que alegria reinou naquele miserero lar, com tudo o que lhe levei em roupa e comida!

A Juca abraçou-me com ternura e disse-me simplesmente, ao ouvido:

— O meu grupo de raparigas anda a organizar um baile de subscrição a favor das Obras da Freguezia. Já temos a favor, que é estupenda, e só falta resolver a questão da música.

Os rapazes (que não querem saber de despesas) exigem um «jazz» melo doido, que há agora em Lisboa e custa os olhos da cara. Têm instrumentos berrantes e exóticos, e os próprios músicos cantam, gritam, gesticulam, como se fôsem fugidos do manicomio! Eu acho que é IDIO-

EXEMPLOS A SEGUIR...

Na risonha Quinta das Olalás, entre Odivelas e Cancços, juntavam-se, nos meses de verão, muitas raparigas: todas elas sobrinhas e primas da dona da casa, a viscondessa de S. Lembre-se da tia Patrocínio, que ás quintas-feiras, há cinco anos, reunia em sua casa um rancho vivido e bullçoso?? pois a viscondessa era irmã da tia Patrocínio; e partilhava com ela o gosto simpático de se rodear de gente nova. Que belas temporadas passavam as alegres raparigas na Quinta das Olalás! Juntando o divertimento á utilidade a viscondessa não deixava as pequenas levar vida ociosa, a chamada «boa



vida», que, afinal, é sempre má! E logo que as sobrinhas iam chegando ás Olalás faziam-se programas, marcavam-se horas, arqui-tetavam-se projectos variados que enchessem os dias de maneira prática e agradável.

— Tiasinha, dê-me a mim a catequese da garotada, sim? — pediu naquele ano a engraçada Rita, que fizera quatorze anos havia então.

A tia olhou-a e sorriu.

— Pouco saberás ensinar, meu fedelho! Rita corou, zangada.

— Fico eu com éla, tia Maria — acudiu Lidia, já de dezoito anos e cheia de bom-senso.

A viscondessa tornou:

— Tu, Zêca, vais encarregar-te de arranjar fatiota para a petizada: e para te ajudarem a Milinha, a Fernanda e a Beatriz.

— Otimo! — exclamou Zêca.

— E eu? — perguntou Joaquina, que tinha só dez anos, mas era cheia de boa vontade.

— Vais dirigir os recreios da Crèche, queres?

A palavra dirigir entusiasinou Joaquina. Batendo as palmas, gritou:

— Que trabalho estupendo, tiasinha! Brincar, cantar, jogar jogos com os petizes!

— Tal qual, filhas: vocês verão, depois de passarem d'is meses, o resultado de todo o vosso trabalho — comentou Lidia.

E o programa foi-se cumprindo dia a dia com entusiasmo, com ordem, com pontualidade. Toda a aldeia tomava, assim, parte activa nas férias das Meninas das Olalás; e quando, aos Domingos, viam seguir o rancho em alegres pic-nics, ou em divertidas burricadas, muitos trabalhadores, á porta dos seus casebres, e muitas das suas mulheres, enchendo os cântaros nas bicas, olhavam com bonhomia risonha aquelas raparigas tão queridas dos seus filhos e que assim lhes dedicavam as horas dos seus dias...

Quando acabou o verão, a viscondessa deu uma festa nas Olalás. A merenda foi ao ar livre, naquelle enorme terraço de árvores seculares cuja vista, sobre a mata, fazia o encanto de todos; e a seguir dançou-se com animação, ao som de um sexteto ótimo, em que as valsas alternavam com as danças modernas.

Todos estavam felizes naquela tarde! E á noite, depois de um lauto jantar, a boa viscondessa quis que todo o seu ranchinho a escutasse com atenção:

— Queridinhas, gostaram das suas férias? — perguntou ela, com aquêle sorriso bondoso que parecia dar luz á sua fisionomia.

Um cêro estridente rompeu, feito de alegres exclamações.

— Ainda bem — tornou a viscondessa — E eu quero mostrar a bela soma de trabalho que essas boas férias produziram.

As vossas lições á pequenada foram esplendidas: e até conseguiram domar certos garotos insuportáveis, que as próprias mães passavam o dia a maltratar... sem resultado, é claro. Os fatinhos que vocês remendaram e arranjaram, vestiram muitos nus, coitados! As brincadeiras que dirigiram... (Joaquina, radiante, corou) — serviram para ensinar os petizes a brincar de maneira intelligente.

— E nós gozámos um verão ideal! — exclamou Lidia, abraçando a tia com gratidão.

— Sabem o que me dá vontade de dizer, meninas? — perguntou, então, o tio Diogo, velho primo da viscondessa que viera assistir á festa de despedida — Que toda esta maneira de encarar a vida da mocidade... são exemplos a seguir por tanta menina inútil!

O ponto de reunião era, depois do almoço, no Golf do Estoril. E dai fomos para Sintra, pela Serra.

Não sei porque telha, pois outra palavra não acho, o José João lembrou-se de se mostrar outra vez terrissimo (para não dizer «lamecha»...) comigo! Um género que detesto; e éle bem o sabe. Até a Luizinha reparou na sua maneira ridicula de olhar; e disse-me, em segredo:

— Oh Mirri, o Zé João quando olha para ti parece uma cabeça de vitela!

A Isabel lembrou-se de me falar no passeio á Outra Banda, há dois anos, e perguntou-me:

— Então, Maria Rita, ainda tens as mesmas idéias a respeito do casamento com o José João?

(Continua)

MARIA RITA SOLTEIRA

Eu respondi logo:

— Casar com o José João?! Deus me livre de tal!

A Isabel abriu grandes olhos e chamou-me catavento... o que nada me agradou, confesso (embora lhe dê razão...)

A Lixa, que adora o irmão, já percebeu que eu não estou virada para o José João. — Dantes, Mirri, eras diferente...

— Talvez... — murmurei eu, quasi inconscientemente.

Quando chegámos a Sittais, onde queríamos tomar o nosso chá, quem é que ali apareceu, sem ninguém esperar?! O António! A Luízinha, que é donda por ele, saltou-lhe ao pescoço; e a Luli... corrou, de contente, até à raíz dos cabelos. Eu, nem sei porquê, estava um pouco nervosa; mas já achei o António menos emburrado. A Lixa detesta-o, não há dúvida! E perguntou-lhe, sacudida:

— Como é que você soube que v'nhamos para Sittais?

— Nada de denúncias! — respondeu o António, a rir (mas eu desconfio que o Nuno é que lhe disse o programa da tarde...)

O fim daquele dia foi, na verdade, delicioso! E, apesar do José João permanecer embeberado e se queixar de uma misteriosa nevralgia (nunca se soube onde), a volta para Lisboa foi divertida.

O António, afinal, é alegríssimo! Ele e a Luli contaram histórias todo o caminho; e a Lixa dedicou-se ao Manuel, que tem por ela um grande entusiasmo. O Xana, que prefere o «sport» a tudo mais, lembrou-se de explicar à pobre Isabel todos os mistérios, todas as belézas, do «foot-ball»! E como ela é uma espécie de «mãe» deles todos, mostrou interesse pelo assunto. O que levou o Xana a declarar, com profunda convicção:

— Inteligente a valer é a Isabel! Que belo «goal-keeper» se fez! dela se fôsse rapaz! Mal empregada...

O nosso baile é já amonhã. O meu vestido ficou um amor: cor de rosa muito pallido e vaporoso, com um enorme laço em «taffetà»...

CAPÍTULO VII

Afinal, não me diverti tanto como supunha... Muita gente, muita animação, a música ótima (embora não fôsse o Jazz dos malucos), e a ceta estupenda! Mas, apesar de tudo isto, repito, não me diverti como esperava: nem sei porquê! A Luli, a certa altura, disse-me:

— Que tens tu, Mirri? Não há direlto...

E a patêinha da Lixi, quando passou por mim, dançando com um diplomata espanhol, segredou-me:

— Sim, sim minha rica, falta cá o «africanos»...

Naturalmente ela referia-se ao António Cabral, que não foi ao baile. Eu nem lhe respondi; mas fiquei mal disposta toda a noite.

O José João dançou comigo três vezes; bastante casmurro, valha a verdade.

De repente, com uma gravidade inesperada, perguntou-me:

— Queres ir amanhã jogar o golf?

— O golf? Não sei se a Mademoiselle pode ir comigo — respondi.

— Indo a Lixi ou o Gonçalo já não precisas da Mademoiselle.

Eu fiquei calada.

— Estás sorumbática, Mirri — tornou ele.

— E é mesmo — disse eu — nem sei por quê... — acrescentei.

— Sei eu... — resmungou ele.

— Estás a falar sozinho? — perguntei, espreitada.

— Cá me entendes! — E assim nos separámos, amuados, ambos.

Dai a dias, ao jantar, o Pai, com um ar malicioso, anunciou uma novidade: mas sem dizer o que era.

— M-us filhos, tive hoje uma espécie de «conferência» no meu escritório!

— O Paisinho — gritou a Luízinha — parece que gostou da conferência!

— A falar a verdade — tornou o Pai, a rir — não a tomei muito a sério.

— Posso pôr-me a adivinhar? — perguntou o Xana, que é curiosoíssimo.

— Uma pergunta cada um! — respondeu o Pai.

— Trata-se de nós? — perguntou o Manuel.

— Claro! — disse o Pai.

— Não perguntas nada, Mirri? — disse a Luízinha, voltando-se para mim.

Não sei por que razão, correi até à raíz dos cabelos! E o Nuno gritou logo:

— A mana iluminou! — enquanto os outros espetaram os olhos na minha cara afogueada... e fula!

O Xana, então, exclamou:

— Trata-se da Mirri!

— Quente — disse o Pai.

— Oh Rita! — murmurou a Mademoiselle, apertando-me o braço e olhando-me com uma ternura fora de propósito.

— Oh filho — interveio a Mãe — acho melhor acabar com este jôgo ridículo. Olha, Maria Rita, é de ti que se trata, realmente.

Eu estava deveras embaraçada, quasi a chorar, sem saber porquê...

— O que é, Pai? — murmurei.

— Se não estivéssemos à mesa, eu cantava a Marcha Nupcial de Mendelssohn — exclamou o Xana.

— Ainda bem que estamos à mesa — replicou o Nuno.

— Pois foi hoje ao meu escritório procurar-me uma pessoa... que declarou ter um sonho na vida...

(Os manos, que malucos, deram palmas!)

— Juízo, filhos! — disse o Pai, continuando:

— Essa pessoa aspira a casar contigo, Maria Rita.

Eu suspirei fundo... Mas não disse nada.

— Então, nem perguntas quem é, minha filha?... — tornou o Pai, com um bom sorriso. Para quê fazer essa pergunta, pensei eu; sei tão bem de quem se trata... E o meu coração, que até ali nunca batera, saltava-me, agora, dentro do peito! Não pude dizer nada...

— Acho melhor a Maria Rita pensar em sossêgo — disse a Mãe.

E, como já todos se levantavam da mesa, o Pai, cingindo-me de encontro ao peito, tornou, com melgoice:

— Anda cá, filha querida, és ainda uma criança. Pensa em sossêgo, dorme sobre o caso, e não te precipites. Depois me dirás o que devo responder ao José João.

— Ao José João?! — gritei eu — Oh Pai! — e, rompendo num choro convulso, sai a correr da casa de jantar, e fui deitar-me sobre a cama, onde a Mãe veio logo ter comigo.

Beijando-me ternamente a Mãe murmurou:

— Não digas nada, meu amor; nada precisas de explicar... que eu não saiba já... Deixa passar o tempo; tantas coisas mudam e se mod'ficam... Crê, querida, que tudo o que nos acontece é sempre para nosso bem: para um fim que desconhecemos...

A Mãe falou... falou...

E as suas palavras boas e carinhosas acalmaram o meu coração desapontado...

(Continua)

CHÁ DA COSTURA

— Que belas festas vou ter para este Natal: dois bailes, nem menos! — exclamou Joana, entusiasmada.

— E eu! — gritou Alice.

— As festas no Natal são sempre parecidas — observou Rita, cosendo — A missa da meia-noite, a consoada, as prendas nos sapatos, o jantar de família...

— Nem sempre se reduzem a essa samsaboria — disse Joana.

— Não dizes nem um pio, Clara?! — tornou Joana.

— Pois parece-me que tenho muito que lhes dizer sobre o Natal, ricas — respondeu Clara, com gravidade.

Todas a olharam com espanto sincero.

As perguntas cruzaram-se.

— Porque estás tão séria? Aconteceu-te alguma coisa? Tiveste aborrecimentos?

Clara sorriu e respondeu:

— Nada disso, meninas. Mas a impressão que vocês me dão com o vosso Natal é tão estranha...

— Porquê?! Como é isso, Clara? Que idéia! — gritaram algumas, parando de coser.

PARA LER AO SERÃO



por MARIA PAULA DE AZEVEDO

PARA LER AO SERÃO

POR
MARIA
PAULA
DE
AZEVEDO

Desenhos de
GUIDA
OTOLLINI



CHÁ DA COSTURA

— Então, Clara, pensaste na nossa futura Obra? — perguntou Joana, excitada.
— Fizeste cálculos, estudos, observações? — interrogou Alice, curiosa.
— Como é que vamos começar a trabalhar? — acrescentou Maria José com interesse.

Clara, enquanto talhava camisinhas, respondeu:

— Tenho os orçamentos todos feitos; e baseados em factos: não em teorias.

— Quanto dinheiro é preciso para uma centena de crianças? — tornou Joana, levantando-se como se já soubesse aonde ir buscar o dinheiro.

— Senta-te, Jana, e pega no teu trabalho. Enquanto trabalharmos, podemos fazer planos e conversar sobre o assunto — respondeu Clara.

E sob a influência inteligente e calma de Clara todas se puseram a trabalhar com verdadeiro afã. Clara recomeçou:

— Se quisermos esperar que se obtenha uma casa apropriada a uma creche, nova, bonita, moderna...

— É evidente que devemos fazer isso — cortou Joana, categórica.

...então — continuou Clara — não podemos encetar a obra nestes anos mais chegados. Mas se quisermos tratar de acudir imediatamente à miséria das crianças, muito poderíamos fazer: e eu bem gostaria que tal fizéssemos.

— Tens toda a razão, Clara — disse Maria José.

— Acontece que há quem nos ceda uma casa velhota, térrea, com dois outros quartos grandes, uma cozinha e um pátio: porque não aproveitar já essa cédência?

— E os móveis? As roupas? As coisas todas?

Clara sorriu.

— Tenho tudo isso e muito mais, sem nada gastar. Da tal creche que acabou, dão-nos móveis, loiças, roupas, bibes, tudo!

— Oh Clara, será possível?

— Mas com uma condição: abrir já uma crechesita de cinquenta crianças.

— E onde é a tal espelunca? — perguntou Joana.

MARIA RITA SOLTEIRA

VIII

Escrevo da Quinta da Lezíria, para onde vim com a Mademoiselle Sixte, convidadas pela prima Serafina.

A Mãe disse à prima que eu estava fraca e precisava de mudar de ares; de maneira que ela, cottada, rodete-me de mil cuidados e faz-me tomar gemadas à antiga portuguesa!

— Vocês, agora, gostam de ter umas figuras de paus de virar tripas — afirmou ela ontem, com uma expressão enjoada — e mal se distinguem, hoje em dia, as mulheres dos homens!

A Mademoiselle velu logo confirmar:

— Oh si, si, Madame ter tante raison! Todas meninas qu'rrer perdre górdure e ser mágrine, mágrine...

(Querida Sixtesinha! nunca serás capaz de falar a nossa língua decentemente).

A prima Serafina, animada com a aprovação da Mademoiselle, continuou:

— Uma rapariga quer-se gorda, corada, sem o tal zarcão com que sujam a cara a todo o momento...

— Zarcão! — exclamou eu, indignada

— Dá-lhe os nomes franciões que quiseres; é uma porcaria e mais nada.

— Oh prima, na vida moderna...

— Espelunca! — gritou Clara, franzindo o nariz, indignada.

— Se tiver ar, luz, e sol, já serve muito bem — disse Alice.

— Se arranjarmos cinquenta contos por ano, podemos tratar disso quanto antes; é o bastante para manter cinquenta crianças de 1 a 3 anos — continuou Clara.

Foi um desapontamento geral: onde e como arranjar cinquenta contos por ano?

— Com três ou quatro festas, rifas... — lembrou Joana.

— Que todos os anos arranжемos uma ou duas festas — continuou Clara — não vejo nisso inconveniente: mas não basear nelas a manutenção da Obra. É preciso, antes de outros rendimentos eventuais e incertos, que haja o fundo garantido para manter a Crèche.

— Mas...

— Esse fundo certo só pode ter duas origens: a dos paroquianos, com subsídios voluntários conforme os seus meios próprios, e a das entidades oficiais, sejam quais forem.

— Mas ouve, Clara... — interveio a impetuosa Joana.

— Deixa-a falar, Jana! — disse Maria José.

Clara continuou:

— Com os paroquianos podemos contar: já indaguei. Dividem-se os subsídios em 5 categorias, todas de pagamento anual ou semestral. Subsídio de 1 conto, de 500 escudos, de 100, de 50 e de 20.

— Que bem planeado! — exclamou Alice.

— Resta o problema máximo — tornou Clara — é ter o interesse... e os subsídios, da Assistência, da Junta, da Misericórdia, do Governo Civil. Como over os

homens que dirigem essas secções é mais difícil do que...

— Levantar o mundo! — gritou Joana.

— Todos, no fundo, têm a mania das grandezas, das perfeições... E esquecem, infelizmente, que enquanto se espera o Óptimo, vai faltando o Bom...

— Deixa lá, Clara, lanças-te a boa semente no espírito de nós todas: a Crèche há-de fazer-se! — concluiu Maria José, com optimismo.

— Qual vida moderna — cortou a prima — Em todos os tempos, a pele duma rapariga se quer fresca, sã, limpinha à luz do dia: sem se cobrir de drogas. Mas vamos ao que importa. Quem vai resolver a tua paparoca sou eu. Flores de aveia, gemadas, caldos concentrados...

— Pelo amor de Deus, prima! Eu não QUERO engordar! — exclamou eu, atarrada com aqueles projectos de sobre-alimentação.

— Depois do almoço, cama! — continuou a prima.

— Eu nunca durmo de dia, e...

— Bico! — declarou a boa senhora; e... tive de me sujeitar ao novo regimen de engorda! O que é certo é que, com mil carinhos das duas senhoras, boas carias da adorada Mãe, outras (engradíssimas!) dos manos, ali passei quasi dois meses.

A região ribatejana é cheia de carácter e interesse! Aqueles campos, vastos e férteis, animados, ao longe, pelas figuras dos campinos e as manadas de touros, tem um encanto muito especial. E a paisagem é calmante...

Depois, a Mademoiselle tinha-me trazido uma quantidade de óptimos livros, que me deliciaram nas horas de repouso ao ar livre (debaixo de um sobreiro secular). Eram as «Brigittes», livros interessantíssimos de Berthe Bernage (que a Mademoiselle conhece pessoal-

mente!); e esses livros são tão «humanos», tão cheios de actualidade que, por vezes, me sinto encarnada, por assim dizer, na própria Brigitte! Li, também, o admirável livro de Elaine Sanceau (uma autora inglesa que se dedica com entusiasmo a assuntos da História portuguesa) sobre o Infante D. Henrique. Como o nosso espírito lucra no convívio com figuras dessas!

Se não fôssem as saudades dos Pais, dos manos, da casa, (e até da minha ama), eu ficava outro mês na Lezíria. E a boa prima Serafina, apesar das suas rabujices, nada me aborrece. Ao serão é que ela gosta de conversar; e faz milhentas perguntas, às vezes bem indiscretas...

— Olha lá, menina, eu ouvi uns certos zun-zuns a respeito do tal António, filho da Lúcia. Então esse preto fez-te a corte?

— Preto! — gritei eu.

— Ah, não é preto? Julguei. Mas, preto ou branco, fez-te a corte ou não? Isso é que eu quero saber.

— Nunca me fez corte nenhuma — respondi, excitada e corada.

— E o tal menino Brito? Joaquim Luis, ou José Francisco (com essa mania dos dois nomes, faço sempre confusão). Naturalmente esse é dos patetas que andam por Lisboa à caça de casamentos ricos.

— O José João é muito novo ainda...

— E tu pensas em casar com um fedelho desses?

— Não, prima! Antes queria ficar solteira!

— E fazias muito bem. Mas há-de casar: e eu própria tenho em vista um novo de primeira categoria para ti, fica sabendo. Homem de respeito...

Dei um grito de horror: um noivo escotado, a dedo, pela prima Serafina!

— Temos tempo para pensar nisso — concluiu a prima.

E, com mais três quilos no meu corpo, entrei na querida, velha, casa da Estrela. Os manos, incluindo o Gonçalo e a Juca, formavam alas na escada; e os Pais, de braço dado, estavam no patamar.

Apenas eu apareci, romperam todos a cantar a Maria da Fonte, acompanhados pela imitação de trombone que é a especialidade do Nuno! Eu ri tanto, tanto, que fiquei com uma dor no pescoço; e as lágrimas de riso corriam-me pela cara abaixo!

No meu quarto, todo cheio de flores, estavam lembranças do Pai, da Mãe, da Lutzinha... Desta vez tinha lágrimas de enternecimento: eram diferentes das do risol! E à noite, quando rezei, senti subir do meu coração agradecido um hino de gratidão para Nosso Senhor, por me ter dado a maior, a mais preciosa riqueza que no mundo pode haver para uma rapariga solteira: o amor dos pais e dos irmãos!

IX

Como o tempo passa... Já estou em pleno estágio numa das Creches de Lisboa: modesta, só de 50 crianças, mas lindamente organizada e dirigida por Irmãs de S. Vicente de Paulo.

Três vezes por semana tenho o meu serviço de manhã: quatro bebês a quem dar o banho, os biberões, etc., de quem tomo, enfim, a responsabilidade. E, embora eles sejam fofinhos, com as suas carinhas de «castanhas piladas» (pela miséria que têm passado) e a expressão dolorosa de velhice precoce, já os adoro, coitadinhos!

Mas tomara que chegue a outra fase do meu estágio: a da Escola Maternal, com a alegre pugenada de três, quatro, cinco e seis anos!

Certo é que tenho agora a vida cheia como um ovo, como diz a Luli! Lições de História e Literatura francesa com a Mademoiselle; de Ciências Naturais com o Pai; e várias ocupações na secção das Juventudes Católicas, pois sou... Presidente da «Joc», nada menos!

Os sábados e os domingos são reserva-



dos para possesões, golf, cinema, e outras «diversões» (para não dizer a verdadeira palavra, que é: Pândegas!).

Há que tempos que nada digo do José João, e a razão é simples: foi para Coimbra de todo, viver com um tio. A Lixa ficou em Lisboa, entregue a umas freiras e vem cá imensas vezes. Infelizmente, fala-me do irmão a todo o momento; e farta-se de me dizer coisas embrirentas... Não há direito!

— Éle adorava-te, Mirri, mas tu só querias flertar... — disse-me ela, ontem.

— Flirtar, eu?! É coisa para que nunca tive getto, Lixa!

— Deixa-te de coisas, minha menina; és um az, simplesmente.

— Não me faças zangar a valer, Lixa! Pois se eu não gostava do José João...

— Gostavas, a principio gostavas, e muito! Mas... quando chegou o tal primo d'África, que bem podia ter lá ficado...

Eu respondi, fula e excitada:

— Os sentimentos não se forçam, pronto! Nada mais dissemos, mas ficámos zangadas uma com a outra.

O António janta cá muitas vezes; mas já não tem comigo aquelas conversas que tanto me interessavam... (embora nada tuesses de amoroso)

Quando encontra cá a Luli, o que sucede muitas vezes, então anima-se a valer! Parece-me bem que eles gostam um do outro... Tenho mesmo quasi a certeza disso. A Luli fica tão feliz quando ele aparece!

Ouvi falar na próxima partida dele para a África; mas não me atrevi a perguntar nada. A Lutzinha foi menos discreta. E perguntou, à mesa:

— Oh primo António, quando é que se vai embora?

— Tens assim tanto desejo de me ver pelas costas? — respondeu ele a rir.

— Quem me dera que cá ficasse toda a vida! — exclamou o Nuno.

— Impossível fazer-te a vontade — tornou o António — E antes de um mês espero estar no alto mar!

(Parece-me que, ao dizer isto, olhou para mim; e sentiu-me corar, corar...)

O que me admira é ver o António fechar-se com o Pai no escritório imensas vezes, e terem conversas intermináveis os

dois! A Mãe também às vezes toma parte nessas conversas; mas nenhum de nós sabe do que se trata! Os próprios manos dão sorte com isto; e o Xana observou já:

— Rapazes querem-se com rapazes; mas o António não nos liga nenhuma!

— Acho-te razão, Xana — disse o Manuel, despetado.

E eu, vagamente inquieta, observei:

— Talvez sejam negócios de África. Mas a Lutzinha, espreitada, cortou logo:

— Histórias! Se se tratasse de negócios a Mãe não saía do escritório com aquela cara de riso! Olhem para a Mãe, meninos!

— e, de facto, abriu-se a porta do escritório e de lá vinha a Mãe, toda risonha. Que mistérios!

O que é certo é que chegou o dia em que o António veio despedir-se de nós; partiu na manhã seguinte. Que homem frio, seco... ingrátissimo! Nem comovido parecia! Eu, que sei quanto a Luli gosta dele, sentia-me revoltada...

— Não lhe custa deixar Lisboa? — perguntei, baixinho, pensando no desgosto da Luli, e com um nó na garganta.

— Vou bem satisfeito, Maria Rita! — respondeu-me, num tom grave e alegre ao mesmo tempo! — Como se compreende isto? Logo direi à Luli que esqueça semelhante homem, que no lugar do coração... tem um pedregulho.

A minha ama, à noite, foi ter comigo ao quarto como faz muitas vezes.

E, em grande mistério, beijou-me no pescoço e disse:

— Minha rica menina, lá se vai o primo para as Áfricas. Nosso Senhor o conserve por lá muito tempo!

— Que idêta é essa, ama?! — exclamou eu.

— Idêta? — tornou ela — Não que a gente na cozinha nan tem olhos pra ver nem ouvidos pra ouvir...

A minha curiosidade era enorme, mas fui-me despidando sem ligar importância ao assunto.

— Não tardará que ele volte e é capaz de levar de cá o rico anjo da minh'alma! Levar-mo pra terra dos pretos! — e com esta explosão a Matilde agarrou o rico anjo da sua alma como se nunca mais o quizesse largar...

(Continua)

PARA LER AO SERÃO

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO
Desenhos de GUIDA OTTOLINI

MARIA RITA SOLTEIRA

IX

As senhoras da nossa Fréguesia resolveram fazer uma grande festa de caridade. E, como de costume, não me dispensaram; embora eu agora tenha a vida cheíssima com o curso de puericultura, o governo da casa (que a Mãe me entregou) o curso de cozinha, que me interessa imenso, a catequese, a lição de literatura portuguesa com o Pae, as reuniões da Jic e... a vida de sociedade, já se vê. Mas, como se tratava da Sopa dos Pobres, não pude dizer que não: e fui, (com um certo sucesso, tenho de o reconhecer) a própria autora do número principal da noite.

— Olha, Mirri — disse-me a viscondessa, que organizava a festa — arranja uma espécie de apresentação de vários quadros vivos: mas com carácter histórico, percebes?

— O meu Deus, mas isso é de uma enorme responsabilidade, sr.^a viscondessa! — respondi.

— Ora, ora, ora — tornou ela a rir — tu és capaz disso e de muito mais!

Puz-me a pensar... E lá arranji um número a que dei o seguinte título:

«Devaneios de uma rapariga de hoje»... A festa foi no Teatro D. Maria, já se vê; e toda a gente chiquíssima, uma animação louca, raparigas a vender programas, a rir e a estupender de um centro do Leitão, e todos contentíssimos, nem sei porque!

Seria eu que me sentia feliz, sem também saber porque? E' possível...

— Não sei o que te acho hoje, Mirri — disse-me a Luisinha, quando eu enfiava o meu vestido novo, (um imprimé amo-

roso que me deu a prima Serafina) a cantarolar. Desatei a rir estúpidamente.

A Luisinha tornou;

— Não sei o que tens; mas que estás diferente do costume, estás.

Olha, sabes que o António Cabral tomou um friza para a festa, aquela grande de boca, imagina! e convidou a Luli e os paes dela para irem com ele?

Eu não sabia; e senti um estranho apêto no coração... Mas o meu feltto alegre dominou tudo naquela noite: era certo que eu, como dizia a Luisinha, estava diferente do costume...

E, perante o teatro à cunha, lá entrei no palco, (um pouco para o lado direito) a principio envergonhadíssima...

— A menina parecia estar muito à vontade — observou o Gonçal, admirado.

— Isso é para quem não conhece a mana — meteu o Nuno, com ares superiores — quando entrou no palco tinha a sobran-celha esquerda levantada e a direita encolhida: sinal de embaçada!

— Estavas um amor, é que tu estavas — declarou a Luisinha — e falaste de uma maneira estupenda!

— Os Devaneios de uma rapariga de hoje é que apresentavam uma colecção de quadros de várias épocas da vida portuguesa.

Começava assim:

SENHORAS! SENHORES!

A que venho eu aqui? Porque venho? Para que venho?

Simplemente ajudar, com a minha boa vontade e as minhas palavras singelas... à festa dos pobres. Trata-se de obter PAO para eles: seja eu uma migalhinha dêsses pão, que tão urgente é hoje... mais que nunca!

SENHORAS e SENHORES!

Eu sou uma rapariga nova e moderna no meu modo de pensar; vivendo, como os da minha geração, a vida de hoje tal como ela é: irrequieta, prosaica, agitada, incoerente, variada, barulhenta... Ora cheia de intensidade fremente, ora banal, banalíssima, até ao absurdo... (risos do público).

Mas dá-se comigo um estranho caso, verdadeiro mistério inexplicável: sinto, às vezes, no meio da existência movimentada desta época, EU, a rapariga do século

XX... uma espécie de NOSTALGIA, uma vaga SAUDADE... de coisas que passaram, de tempos que mudaram, de gentes que viveram...

Como explicar tal fenómeno? Não sei...

Parece-me compreender, com inexplicável clareza, o encanto singular de outras épocas, outra linguagem, outro pensar, outros costumes... (aqui parei um pouco). E se eu, como toda a gente nova desta geração d' APOSGUERRA, acho «bestial» o que antes era ESPLÊNDIDO; e «estupendo» o que se dizia simplesmente BELLO; e se chamo «formidável» às coisas mais insignificantes; e se declaro que é «BEM» aquilo a que usava chamar-se FINO, sinto, apesar de tudo isso, (confesso-o com estranheza) uma verdadeira

emoção... ao evocar certas figuras do Passado: esse passado que, ao meu espirito moderno, tão longe de nós se me afigura...

Não há ainda muitos dias que eu li... (seria na prosa esplêndida do Conde de Sabugosa??) páginas sobre a Restauração de Portugal. Como estavam, então, unidas as famílias portuguesas, vivendo UM só ideal, de todos o mais nobre: A independência da Pátria! (aplausos fortes).

E parecia-me, sonhando acordada, ver surgir, nos seus fatos de sédas pesadas, nobres figuras daquela época...

D. Filipa de Vilhena, (que tão célebre se tornou armando, como D. Mariana de Lancastre, os filhos cavaleiros), descendo os degraus do seu palácio ao lado das suas encantadoras filhas: D. Maria, a mais velha, linda e frágil; D. Luiza, Condessa de Penagulão, cujo gosto artístico e cuja inteligência faziam dela uma das figuras notáveis da alta sociedade...

(Aqui surgia o quadro, lindíssimo, em que a Júlia, a Filipa, a Carminha, representavam a mãe e as filhas.)

Depois continuava:

E a inteligentíssima D. Joara de Menezes, Condessa da Ericeira, senhora numa cultura que, mesmo hoje, seria considerada invulgar, como me parece vê-la, num rigoroso luto de viúva, lendo os seus admiráveis discursos em casa de D. Francisco Manuel de Mello!

(Que sucesso teve a Maria José, com a sua figura linda, representando a Condessa da Ericeira!).

MARIA VAI CASAR

— E o capítulo das criadas, Marta? — perguntou Maria entre séria e risonha. Marta riu francamente.

— É mais grave do que muita gente julga; mas eu sou das que pensam que as boas patrões é que fazem as boas criadas.

— Nisso é que me parece que te enganas — tornou Maria — queres melhor pessoa do que a tia Amélia, coitadinha? e tem sido a constante vítima de umas pestes; ladrões, malucas, parvas...

— Não eram boas essas tôdas, reconheço. Mas que falta de geito da tia Amélia para as escolher, para as ensinar, para as aconselhar!

— Oh Marta! — protestou Maria.

— Como tu vais ter de te enfrontar no assunto, visto que já só faltam três meses para ires para a tua casa, sempre te quero dar alguns alvitreos...

— Tu tens sempre sorte com as tuas raparigas, Marta: quando penso que a Zeferina é filha daqueles trapalhões de Monsanto e que se apresenta com tanta linha, tanta finura!

— Isso que chamas sorte, Maria, tem uma grande parte de paciência, podes crer. E é evidente que eu não agarrarei à tua primeira garôta que me aparecer. Mas o que é essencial é, antes de mais nada, ser sempre muito justa nas observações que fazem às criadas. Se alguma vez ralhosos sem justiça... lá se vai todo o prestígio da «senhora». Depois, é preciso ensiná-las não só com paciência, com vagar, com serenidade, mas também com método. Se se habituarem a fazer os serviços à mesma hora, da mesma maneira e sem precipitação, tornam-se perfeitas!

Eu continuava, com exaltação:

Quão de época essa, na vida portuguesa! E a alegria da LIBERTAÇÃO do jugo estrangeiro, que durara sessenta longos anos, elevava, mais alto que nunca, a alma dos nossos Avós! (aplausos).

Não parava, porém, o meu sonhar...

Agora, galgando séculos de vida portuguesa, era GARRETT, o escritor genial, o elegante de 1840, que me parecia ver, fazendo o encanto daqueles célebres Serões, na casa requintada e luxuosa do Conde de F'arrobol...

Al se repartiam, pela noite adiante, o jogo, a dança, graciosa e digna, a música Mozartiana, os ditos (espirituosos e profundos a um tempo...) num ambiente de rara e verdadeira distinção! (Quadro lido dum Serão nas Larangeiras).

Era o tempo romântico, apesar do seu vago artificialismo... Era a época dos Poetas amorosos... Dançava-se os Lanciros, com meuras graciosas... E a vertiginosa valsa a dois tempos, que levava, como num vôo, os pares enlaçados! As salas eram de balão, sobre armações rígidas, que melhor realçavam os corpos bem justos, de largos decotes, em que a linha dos ombros descia... (aqui surgiu, no mesmo «décor», a dança dos Lanciros, com a música nos bastidores; e teve de se repetir três vezes!) Depois, tornei:

Não posso nunca esquecer as narrativas da minha querida Avó quando recordava a época entre 1890 e 1900! (querida Avó, de quem tão bem me lembro)...

Maria, rindo, contou;

— Lá nisso tens razão. Se soubesses o que é a casa das Borges, por exemplo, onde está aquela rapariga filha da Ana Joaquina! A pequena é espertíssima e tem geito para tudo. Mas uns almoço a uma hora, outros a outra; e tudo chama de manhã até à noite: — Oh Francisca, vem aqui! Oh Francisca, vai acolá! Francisca, traz isto! Francisca, vai comprar fruta! Francisca, não ouves? — e é assim o dia inteiro! Que desordem de casa, nem calculas, Marta.

— E como é que essa Francisca há-de vir a ser uma boa criada? Não é possível.

— Se eu apanhasse uma como a Zeferina...

— É fácil, podes crer; mas lembra-te do que te digo, Maria: começa por ensiná-las com paciência. Nunca desculpes faltas de respeito! Mas desculpa antes as faltas de serviço... Não ralhes com injustiça: faz-lhe antes ver a razão porque ralhaste.

— Quem arranjarei eu?? — murmurou Maria.

— Exige, ao máximo, que a tua criada ande sempre bem posta, bem penteada, bem limpa, bem calçada. Que fale com delicadeza a todos; que pratique os seus deveres religiosos: e, é evidente, dá tu própria, sempre, o exemplo do cumprimento de todos os deveres...

— Tu achas que a maioria das pessoas pensam nisso tudo quando tomam criadas?!

Marta sorriu.

— Não pensam, não, e é pena! pois têm muitas vezes... a pouca sorte da tia Amélia.

Os vestidos, já menos complicados do que anos atrás, eram ainda profusamente enfeitados; as cinturas finas, de véspa! as mangas, fufadas como largos presuntos! os penteados bem altos, torcidos em caprichosos monetes.

E a Avó contava, revivendo o SEU TEMPO com enternecimento alegre, o prazer das valsas a três tempos, nascidas em Viena de Austria, tão impregnadas de «strains»! (perdoem-me o «francesismo» desta palavra intraduzível!)

Como se divertia a gente nova, dizia ela; como dançavam, como brincavam, como gozavam... (quadro engracadíssimo, em que, ao som de valsas antigas, se dançou com animação).

A guerra de 70 estava, de todo, esquecida; a de 94 não se previa ainda... Mas eram tão tão estranhos os costumes de essa época, que me parece estar separada da nossa... por SECULOS... e não por anos!

(Pensei um momento) Nunca os filhos tratavam por TU os paes: isso seria pouco português, dizia a Avózinha. Mas a ternura respeitosa que ligava mães e filhas, muitas vezes fazia-as companheiras, confidentes, amigas... E eram sempre as mães que acompanhavam as filhas para toda a parte.

Também eram eles, os PAES, que davam ordens aos filhos e não, como hoje, que sucede o contrário! Estranhos costumes os de esse tempo!! (aqui ouviram-se gargalhadas imensas do público).

Nunca as raparigas se pintavam; e os seus vestidos apresentavam-se, que esquisite, na sua frêscureza natural!!!

Também, nesses tempos remotos, as raparigas finas iam tôdas, delicadamente, cumprimentar as pessoas de idade; e escutavam o que elas diziam, mesmo que isso as aborrecesse um pouco... (novo riso na plateia). Parei um momento... Depois, tornei:

Os ruídos das ruas nada se pareciam com o businar estridente dos autos vertiginosos de hoje, contava a Avó. Era o «ploc-ploc» dos cavalos, batendo com as patas nas pedras das calçadas; era a melopela afinada dos velhos prégões de Lisboa... (prégoes longinquos nos bastidores).

Tudo isto a Avózinha contava, cantarelando, por vezes, certa valsa linda que a França nos mandara; ou os «Washington Post», chelos de vivacidade, que as esquadras estrangeiras tocavam em alegres e divertidas matinées dançantes! (música nos bastidores).

Acabada a música, recomeci:

Não havia aviões no céu puro de Portugal; e os grandes navios de guerra estrangeiros que entravam no Tejo, vinham, apenas, em missões risonhas e cumprimentetas! (Aqui fiz nova pausa.) Depois, recomeci, alegre:

De repente, porém, param os meus devaneios. Caio, súbitamente, na plena Realidade, na vida inquietada de hoje, na vida que é a Minha! a Vossa! a Nossa! Vejo, sinto, ouço, gozo, o que é de hoje, o que é do meu tempo, da minha

época, da minha geração! (bem alto, com entusiasmo:)

Evoco a T. S. F. !
o Telefone! !
a Grafonola!
o Cinema!
o Automobilismo!
a Aviação!
o PROGRESSO!

emfim, material e moral, em tôdas as suas manifestações,
ESTUPENDAS e... FORMIDÁVEIS devemas!

(Enormes aplausos.)

A vida de hoje, é certo, não é um sonho: é uma REALIDADE, por vezes bem prosaica. Mas... porque não tentarmos, nós, a geração NOVA, nós, sobre quem se firmam tôdas as ESPERANÇAS da Pátria Portuguesa, idealizá-la?

Dar-lhe, dentro do nosso espirito lúcido de hoje, um pouco do romantismo de outras épocas? Tirar-lhe as arestas da má educação? Da linguagem desleixada? Da indiferença pelos mais velhos?

(Continuei, com entusiasmo crescente.) Sejamos MODERNOS, raparigas e rapazes! (com força) Sejamos do nosso tempo! Vivamos, sim, a nossa época: mas tentemos BANIR da vida portuguesa, para sempre, o Egoísmo!

a Inutilidade!
a Banalidade!
a Incoerência entre as teorias... e a prática!

Sejamos ALEGRES! OPTIMISTAS! ACTIVOS! Mas sempre... dentro do espírito Cristão e Português!

(Acabei cumprimentando, enquanto surgia o QUADRO de HOJE, com dança geral, jazz, movimento, tudo!)
O Teatro vinha abaixo com palmas e chamadas!

Não se pode mesmo calcular o que foi o delírio quando acabou esse quadro final com o baile moderno! E todos gritavam:

— Autora! Autora!

Maria Rita! Mirri!

E fui, positivamente, arrastada para a frente do palco; e nem via as pessoas, tal era a minha excitação. Mas pareceu-me que na grande frisa de boca dois braços de homem aplaudiam com verdadeiro entusiasmo! E confesso que isso me deu prazer...

(Continua)



Como se dançava antigamente...



Como se dança hoje...

PARA LER AO SERÃO

Por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Desenhos de GUIDA OTTOLINI

CHÁ DA COSTURA MARIA VAI CASAR

— Não sei se sabem, meninas — começou Clara — que me lembrei de uma novidade interessante para as nossas tardes.

— O que será?! — perguntaram algumas.

— Ah, Clara — suspirou Joana — queira Deus que não seja aumento de trabalho e redução de comestíveis...

Tódas riram. Clara tornou, bem humorada:

— Nada disso, Jana. É claro que o nosso trabalho deve ir sempre em aumento, ouve-me bem! mas a idéia é outra. Vamos tirar à sorte, de umas vezes para as outras, qual de nós há-de ser a *menina do dia* na vez seguinte.

Entreolharam-se tódas, sem compreender.

— A *menina do dia*, a quem coube a sorte, terá que apresentar, no chá seguinte, qualquer coisa interessante, ou útil, agradável, ou instructivo...

— Não entendo nada — declarou Joana.

— Explica melhor, Clara, sim? — pediu Alice.

— Olhem, façamos de conta que escrevemos já os nomes de tódas nós em pedacinhos que dobramos ou enrolamos — disse Clara. — Cada uma é escolhida (por ordem alfabética dos nomes) para tirar a sorte de cada vez.

— E então?...

— Aquela cujo nome saiu, será, repito, a *menina do dia* da próxima costura: terá de apresentar um bôlo especial, ou de ensinar qualquer coisa nova e interessante, ou de ler alguma obra da sua autoria, ou de mostrar a sua habilidade de maneira especial.

Joana amou. E observou:

— Aqui estou eu, por exemplo, caso saia o meu nome: não tenho jeito para bôlos; só sei fazer o velho Sabão e esse mesmo... nem sempre cose. Escrevo péssimamente; e com as mudanças de ortografia nunca sei se hei-de pôr *ss* se *cc* com cedilha. E para mais...

— Estás a caluniar-te, Jana — interrompeu Clara, a rir — és muito capaz de ter idéias engraçadas e engenhosas; não foste tu que no verão passado organizaste um concurso de boas acções entre a garotada do teu bairro?

Joana encolheu os ombros.

— Isso foi nada; não teve importância nenhuma.

— Pois foi uma idéia engraçada e generosa: tanto mais que deste belos prémios aos mais classificados!

— Quem te disse isso tudo, Clara? — perguntou Joana, admirada.

— Foram justamente alguns dos concorrentes — respondeu Clara, risonha. — Já vês que és bem capaz de apresentar idéias, projectos, novidades, etc.

— Vamos arranjar as sortes, querem? e Maria José, ajudada por Alice e Rita, depressa escreveu os nomes de tódas.

— Tira lá tu a sorte, Clara — pediram.

— Saliu a Rita! — exclamou Clara, desdobrando o papelinho.

— Mas que hei-de eu fazer? — perguntou Rita, sem entusiasmo.

— Daqui até lá tens tens tempo para pensar — concluiu Clara — agora, toca a trabalhar, meninas!

— Mas que hei-de eu fazer... — repetiu Rita baixinho, enquanto cosia uma camisinha.

— Muitas raparigas — disse Marta — usam desleixar-se depois de casadas. Ora...

Marta cortou:

— Conheço algumas que dizem: «Não vale a pena estar com apuros e massadas. O marido conhece-nos bem!»

— Que em rmissimo disparate esse, Maria! e como elas arriscam, imprudentemente, a boa disposição do marido...

— Como, Marta?

— Pensa bem nisto, minha filha, responde-me: será porventura agradável a um homem, seja qual for o seu fétio, chegar a casa e ver a sua mulher mal penteada, mal vestida, desmazelada? essa mesma mulher que, em solteira, se apresentava elegante e cuidada?

— Se êle gostar dela devêras, importar-se-há com o seu arranjo?!

— A sua impressão será bem melhor se a vir engraçada, arranjada, o cabelo bem penteado, um fato que a favoreça. Podes crer, Maria, que o próprio amor se deixa influenciar por certas exterioridades...

— Tu achas isso, Marta?!

— Tenho a certeza do que te digo, Maria. Nunca esquecerei o desconsólio de certo amigo do Manuel (casado havia poucos meses) quando via a figura desastrada da mulher com a «toilette» de casa: o cabelo sempre esgaldado, os sapatos cambados, o vestido mal feito, um avental com nódoas... Para sair, então, eram todos os cuidados, os apuros, a elegância.

— Isso era natural, Marta!

— Não, Maria, não concordo com o sistema. Seja para casa, seja para a rua, seja

para qualquer ocasião da sua vida, a mulher casada deve apresentar-se sempre com todo o aprumo, com a elegância apropriada à situação; e ter o máximo cuidado, podes crer, em procurar... o que a favoreça.

— Mas olha que muitas vezes, sobretudo quando o casal não for rico e houver um bando de meninos...

Marta abanou a cabeça e tornou, sorridente:

— Conheces a Milinha? Talvez te não lembres dela, pois vive fora de Lisboa, em plena aldeia.

— Lembro-me perfeitamente — disse Maria.

— Pois cito-a sempre como um modelo raro da mulher casada admirável. Vivendo longe da cidade, nunca deixa de manter a sua elegância pessoal; e o marido, ao chegar do seu trabalho, encontra-a sempre sorridente e fresca, no meio do encantador rancho de cinco filhos: dos quais o bebé ainda não tem dois anos.

— Parecem bem felizes... — murmurou Maria.

— A alegria daquela casa é confortante para quem lá vai! E olha que não é pelo luxo nem pelos divertimentos, nem pelas festas! Vivem uns para os outros, uns pelos outros, adorando-se, interessando-se, desenvolvendo-se... — Marta calou-se.

— E afinal — tornou, depois de um momento — toda a felicidade desta família é composta pelos seus próprios elementos.

— Tens razão, Marta... — concluiu Maria, um pouco cismática.

MARIA RITA SOLTEIRA

X

Passaram meses desde que escrevi no meu querido Diário... E nestes meses todos, tenho trabalhado devêras: com interesse, com gosto, com proveito!

— A Mirri está-se tornando notável — declarou o Gonçalo. E esta opinião deu-me prazer; atendendo a que para o meu mano só é notável a Juca, que dentro de um mês se tornará minha irmã.

— Como é que, de repente, te nasceu esse juízo formidável?! — perguntou o impertinente Xana.

— Com o teu exemplo! — respondi.

— Querem saber uma novidade estupenda? — anunciou a Luízinha, entrando de roldão na casa de jantar, à hora do almoço.

— Que novidade é essa? — perguntou a Mãe, admirada.

— A Rosinda, costureira, é que a trouxe esta manhã — tornou a Luízinha — Mas peço-lhes que não fiquem horas a adivinhar...

— O Belenenses venceu o Benfica? — perguntou o Xava.

— Frio, gelado... — respondeu a Luízinha, com ar enjoado.

— A Rosinda não é a costureira das Silveiras? — perguntou o Manuel.

— Tal qual — disse a Luízinha — e é de-las que se trata!

— Já sei — tornou o Xana — a mãe Silveira perdeu, com o raciocínio, trinta quilos de gordura! (ninguém achou graça nenhuma a esta impertinência).

— A Luli vai casar! — exclamou a Luízinha — e a Rosinda já está a trabalhar no enxoval dela!

— Isso é bestial! — comentou o Xana, com entusiasmo. — Talvez me convidem para o casamento!

— É impossível — gritei eu, impressionada — a Luli não me disse um pio! E com quem, fazes favor de me dizer? — tornei eu, agressiva.

— A Rosinda não conhece o noivo: mas sabe que está longe de Lisboa, e que é riquíssimo!

Eu senti uma mão de ferro apertar-me o coração... Como este mundo é cheio de ingratidão, meu Deus! A Luli, minha amiga de infância, minha companheira de estudos, fôra pedida em casamento (e por quem, Deus meu!) e nada me dissera. (Nem um momento, só, puz em dúvida, é claro, que esse noivo longínquo era o António). Mas, apesar da impressão dolorosa que a notícia me dera, observei com fingida indiferença:

— Não me parece que a Luli seja pessoa para viver em Africa.

— Em Africa?! Mas ninguém disse que ela ia para a Africa! — exclamou a Luízinha. E o Gonçalo, admirado, voltou-se para mim:

— Que idéia é essa, Mirri?

— Que tólo! Era bem fácil de compreender.

— Dizem — continuou a Luízinha, contente com o sucesso da sua notícia — que o noivo está longíssimo, nas Ilhas Canárias (a Rosinda até disse «canalhas»!).

— A menina está de certo a fantasiar, observou o Manuel.

Mas a Luízinha continuou:

— Nada disso! Trata-se de um espanhol, diplomata, que a Luli conhece do Estoril.

— Viva a graça! Olé, olé! — gritou o Xana.

Pareceu-me que, de repente, me tiravam de cima das costas um rochedo! E, nessa mesma tarde, esquecendo a minha zanga por ela ter feito segredo do seu noivado,



«O terno abraço em que me senti envolvida dizia mais de que tódas as palavras...»

ful levar à Luli um ramo de cravos brancos.

— Se soubesses como estou feliz, Mirri! — disse-me ela, beijando-me — O Joselito gosta de mim há um ano! e eu sempre a hesitar... Mas quando êle me disse que ia para as Canárias por muito tempo, então descobri... que também gostava de-lê a valer! Senti um aperto estupendo formidável, no coração! E agora sei que, é isto o amor, Mirri! O verdadeiro! O grande! O único! — e a Luli, comovida, abraçou-me com força.

... ..

Todos os vapores que vêm de Africa trazem notícias do António: mas nunca para mim, nem para os manos. Que homem seco e frio...

— Nem ao menos um postal... — comenta o Nuno, melindrado.

— A Mãe sei eu que êle escreveu: e a carta era bem gorda — disse a Luízinha, igualmente ofendida.

Nesse momento, porém, entrou na sala a Mademoiselle Sixte, com uma carta na mão e um sorriso malicioso na carinha encarquilhada.

— Rita! — anunciou ela, estendendo-me a carta.

De quem seria aquela carta? O meu coração começou a bater...

A Luízinha e o Nuno, cheios de curiosidade, chegaram-se a mim e preparavam-se para ler, comigo, a misteriosa carta. Mas eu levantei-me e disse-lhes:

— Vou ler para o meu quarto — deixando os dois de orelha murcha e ambos muito ofendidos.

Então, no socódo do meu quarto, ouvindo o assobiar alegre e trocista dos melros no jardim, com o coração palpitante li a impressionante carta que me dirigia, por intermédio da Mãe... o António.

Não posso descrevê-la, não posso explicá-la; só posso copiá-la tal qual, sem lhe alterar uma palavra, uma vírgula, uma expressão...

E tudo li com lágrimas de enternecimento, ao ritmo apressado do meu coração!

Minha Maria Rita, (quando li MINHA senti-me estremecer)...

Deixei passar estes meses num silêncio que, decerto, lhe pareceu estranho. Mas é que, na quasi-certeza (perdõe a minha presunção...) de lhe não ser indiferente, de ter conseguido tocar esse coração adorável e adorador, (será possível que estas palavras sejam para mim?) eu quis, de acôrdo com os seus queridos paes (eu bem desconfiei...) deixá-la mais tempo na ignorância dos meus sentimentos e... dos meus projectos de futuro. Digame, agora, bem sinceramente, Maria Rita, quer partilhar a minha vida de trabalho? Tem coragem de vir viver em Africa, longe dos seus e da vida mundana à qual está habituada? Quer ser a minha mulher muito querida? Da sua resposta depende toda a felicidade da minha vida, Maria Rita! Pois desde o dia em que a conheci, desde que sei o que é a sua alma delicada, o seu carácter leal (oh meu Deus, isto é demais!) o seu coração amoroso, já não posso conceber outra felicidade que não seja... a de casar consigo.

E peço-lhe que responda, já, ao seu apaixonado

ANTÓNIO

Doida de felicidade, comeci por beijar a terna carta que, de tão longe, me trazia palavras de amor que eu nunca ouvira...

Depois, abri a porta do quarto precipitadamente... tropeçando na Luízinha e no Nuno, que ali esperavam as notícias... pressentidas por êles, os marotos! Mas eu nada lhes disse, coitados! e corri para o escritório do Paé, onde sabia encontrar também a Mãe.

— Oh Mãe! Oh Paé! — Nada mais pude dizer, tão comovida estava; e o terno abraço em que me senti envolvida pelos Paes dizia tudo o que palavras não poderiam dizer...

Que alegre jantar foi o de aquêlle dia! Os manos, a Luízinha, a Mademoiselle, e, a sobremesa, a própria Matilde, todos pareciam considerar-me como uma jóia preciosa e rara!

Mas toda a medalha tem um reverso: e eu tinha de esperar, ainda, longos meses antes de ver o meu adorado António chegar a Lisboa!

(Continua)



«O marido encontra-a sempre sorridente e fresca no meio do rancho dos filhos»...

MARIA RITA SOLTEIRA

XI

O casamento do Gonçalo foi bem comovedor, na igreja pequenina de Monserrate, perto da casa dos Tios. Nunca vi noiva tão grave na sua felicidade! Para a Juca, o casamento é um dos mais importantes Sacramentos da religião católica; e as palavras litúrgicas foram ouvidas por ela com uma intensidade de expressão que eu nunca vi numa noiva!

La linda, a querida Juca! e a prima Serafina, que era a madrinha, deu aos noivos uma prenda principesca: uma quintasinha encantadora, perto de Sacavem, aonde foram passar a lua de mel.

E dentro de quatro meses... casamos nós, o António e eu! Mas não partimos tão cedo para Angola: o António deixou tudo preparado para poder ficar um ano em Portugal.

Como eu me sinto feliz no meu noivado... Não me canço de agradecer a Deus a minha enorme ventura em ter conhecido o António! Sinto que ele é bem superior a mim: não o mereço, é certo...

A menina é um alho, todos sabem isso — observou ontem o Xana, muito a sério — mas olhe que se pode gabar que teve uma sorte bestial em agradecer ao António!

A Luízinha abespinhou-se tôda, apesar da sua ternura pelo meu noivo.

— Bestial! — gritou, indignada — A Mirri é digna de um príncipe, Xana! de um rei, até! — acrescentou com força.

— Não há príncipes nem reis que casem com meninas da sociedade — disse o Nuno — E o António vale mais do que mil príncipes! — Esta explosão obrigou-me a pegar-lhe na cabeça e beijar-lhe as bochechas com ternura. O Xana tornou:

— Tudo isso é muito bonito; mas o que eu sei é que... se há meninas adoráveis como a nossa Mirri, não há muitos rapazes como o António, que é, simplesmente, estupendo em tudo! — E ninguém discordou da opinião do Alexandre.

A primeira vez que nos convidaram, oficialmente, como noivos, foi para casa dos Tios, onde também jantavam a Juca e o Gonçalo.

Eu ando meio estonteada, como se vivesse num mundo diferente... Mas isso não impede que trate de arranjar milhentas coisas para a nossa casa futura: almofadas, centros, cortinas, panos variados e modernos. E o meu António por tudo isso se interessa também, o que é para mim o melhor dos estímulos, e me dá uma atividade estupenda.

No jantar dos Tios, quando, à sobre-meza, o Pai ergueu o seu cálice de Pórtico para beber à saúde dos noivos (os recém-casados e nós) tinham todos, eu bem senti, um nó na garganta... O querido Pai, com os olhos húmidos, disse coisas comovedoras quando me envolveu num olhar de ternura! E acabou, simplesmente, com estas palavras:

— Minha filha, entrego a tua vida a um homem leal e bom: e confio em ti, para

que saibas estimá-lo como ele merece, fazendo da vossa existência um manancial de alegrias...

Todos beberam num silêncio comovido. Também fomos, semanas depois, a um grande baile na Embaixada de Espanha, acompanhados pelos Pais ambos. Eu sempre gostei imenso de dançar; mas até aqui desconhecia esse prazer requintado que é: dançar com um noivo que se adora... e que dança lindamente!

Esse sentimento de prazer transparecia decerto na minha cara! pois ouvi comentários, durante uma valsa de cadência suave tocada pela orquestra.

— O António Cabral e a Maria Rita são um par ideal...

— Ali é que há romance a valer, não lhe parece?

— Aquêtes dois a dançar são estupendos...

— Não há direito de não ligar nenhuma ao resto do mundo!

E por aqui fora, à nossa passagem, surgiam as observações várias, que muito me faziam rir e pensar...

— Não se sei sabes, Maria Rita — disse a Mãe, numa bela tarde de Agosto, ao jantar — que foste convidada pelos tios a passar uma semana no Estoril, enquanto a Juca está no Algarve.

— E os Patzinhos deixam-me ir? — perguntei, muito calma.

O Xana escancarou os olhos e gritou:

— A menina está virada do avesso desde que se embebeu pelo António! Se esse convite viesse antes disso, até saltava na cadeira!

Eu ri, achando-lhe razão; e o Manuel observou:

— Você desta vez acertou, não há dúvida!

— O quê, tu não gostas de ir, Maria Rita? — A Mãe bem sabe quanto eu gosto dos Tios; mas o António absorve tanto o meu espírito, que o que prefiro sempre é...

— Escrever, dançar, sonhar, adorar o mais-que-tudo — exclamou o Xana, troçando.

É lá fui para o mundanismo do Estoril; embora os Tios vivam um pouco retirados na sua linda casa perto do Golf, rodeada de calmos pinhais onde o socêgo é ideal e quase absoluto.

Tôdas as manhãs ia até ao Tamartiz com a Lixa, convidada também pelos tios; mas enquanto ela se entustasmava com as elegâncias, achando «chic» todo aquele conjunto de pessoas semi-nuas, eu sentia-me invadida por uma impressão nova, como se a minha mentalidade estivesse diferente...

— Então por estares noiva mudaste os teus gostos? — perguntou a Lixa, irritada com os meus desabafos.

— Não sei o que te responda, Lixa, mas acho tudo isto... indecente, anti-estético, ridículo!

— Mas foi o António que te meteu na

cabeça essas teias de aranha? — tornou ela.

— Nunca falámos nem no Estoril, nem no nudismo, nem nas esquisitices desta época. Mas sabes, Lixa, quando passo no meio daquelas criaturas de salote que não tem mais de um palmo e meio, de costas nuas, de pernas negras (e até peludas), e as vejo, não entrar pelo mar dentro mas numa exibição caricata ao lado dos rapazes, sinto quasi... vergonha de as encarar!

A Lixa, indignada, exclamou:

— Ora adeus, isso é forte, Mirri! Muitas delas são senhoras de valor e algumas têm beleza a dar com um pau: tomáramos nós!

— Confesso que nem reparo, tão cobertas de tintas e oleos estão aquelas caras. E apontando com os olhos a figura adorável da pequenina Lili, estendíndinha meio nua ao lado da mãe, cujo fato cobria muito pouco do seu corpo gordo, não pude deixar de observar:

— Aquela criança sentirá pela mãe alguma espécie de respeito, Lixa?

— Respeito e nudez não são incompatíveis, me parece — respondeu a Lixa, sacudida. — E tu dantes não pensavas assim.

Terá a Lixa razão? Será possível que eu achasse natural aquela exibição ordinária que a gente nova adoptou nas praças?

O que é certo é que hoje... incomoda-me e fere a minha sensibilidade, irrita-me!

E penso que uma verdadeira católica deve apresentar-se sempre de maneira a não ter de cõrar diante de ninguém: nem de crianças, nem das criadas, nem da família, nem de um padre, mesmo!

— Tudo isso são exageros — concluiu a a Lixa, despetada — A vida hoje é mais «nature» como dizem os franceses. Nada de peias, nem no vestir, sequer.

— Nesse caso marcha-se para traz como o caranguejo e voltaremos, quem sabe? à vida das cavernas, à Idade da Pedra...

E' um pontapé na civilização cristã, e o que é! declarei eu, com força.

(Conclue no próximo número)

GENTE NOVA

É este o título do novo romance que breve vai publicar-se nessa vossa Página, queridas raparigas da M. P. F., quando a Maria Rita terminar o seu «diário» de solteira.

Quanto eu gostaria de saber se vos agradou a vida alegre e despreocupada dessa Maria Rita, que julgo ter tantas pareenças com algumas de vós! Esforcei-me, creiam, por fazê-la vibrar e sentir como vibram e sentem as raparigas de hoje; e tentei evitar que o Diário se tornasse aborrecido. Tê-lo-ei conseguido??

Peguem na penna, queridas amiguinhas, e digam-me, com a sinceridade máxima, as vossas impressões sobre a Maria Rita, solteira.

Preferiram a «Família Portuguesa»? Escrevam-me directamente, digam o que lhes apetece, critiquem e observem — na certeza de que, com as vossas cartas, darão prazer à vossa amiga

MARIA PAULA DE AZEVEDO

(R. de Buenos Aires, 8)



— A novidade que lhes trago é uma receita de cozinha...

CHÁ DA COSTURA

VENHO envergonhadíssima, fiquem sabendo — declarou Rita, naquela tarde.

— Porquê? — perguntaram muitas vozes.

— Por uma razão muito simples — respondeu Rita, desconsolada — como menina do dia só trago... uma receita de cozinha. Clara animou-a, risonha.

— Mas, Rita, se a receita for uma novidade, for boa e for prática, é ótimo.

— Em geral não é de culinária que tratam estas nossas reuniões — tornou Rita, — mas por mais voltas que eu desse à cabeça, não tive idéias nenhuma que pudessem interessar.

— É claro que esta coisa de menina do dia não é para que se trabalhe menos, — disse Clara — e lembrem-se de que antes do verão temos de ter muita coisa pronta, muitos enxovais feitos, muita obra que se veja...

— E antes da Rita mostrar a sua eloquência não seria bom tirar-se a sorte da próxima menina do dia? — lembrou Joana.

— Talvez sejas tu, Joana — disse Alice.

— Já tenho os papellinhos preparados de antemão, não sei se sabem — informou Maria José, levantando-se para ir buscar uma caixa quadrada, que abriu.

— Toca a tirar a sorte! — exclamou Joana, com entusiasmo.

— É a Clara! é a Clara! — gritaram. — Dei lenha para me queimar, — comen-

tou Clara, enquanto falava e cosia. Depois disse:

— Anda, Rita, expõe lá a tua novidade. Rita levantou-se e começou:

— Bem sei que há agora poucas batatas, embora seja o tempo delas. Bem sei que, em vista disso, poucas receitas se fazem com elas; e é uma pena. Mas...

— Que batateira que é a Rita! — interrompeu Joana.

— Vê lá não troques o a por um o; não me agrada isso, — continuou Rita, a rir. — Pois a novidade que lhes trago (será novidade?) chama-se:

Batatas fôfas

Cozem-se as batatas grandes com a sua casca. Põe-se uma fregideira funda com azeite (ou gordura) a ferver sobre o lume. Descascam-se duas batatas (deixando as outras ainda na água da cozedura), cortam-se, em rodas bastante grossas, e deitam-se na fritura. Depois recomeça-se com o resto das batatas, e vão se tirando, depois de loiras, com a espumadeira, já se vê.

— Devem ser bem boas — aprovou Clara.

— Se se acompanhar com um bom prato de legumes, ou de arroz de manteiga, ou de ervilhas, já não é nada mau para estes tempos de guerra — concluiu Rita.

— Um bravo à menina do dia! — aplaudiu a impetuosa Joana.



— É lá foi para o mundanismo do Estoril...

Correspondência com as Filiadas



MARIA RITA SOLTEIRA

CAP. XII

Casamos dentro de oito dias. E á hora de deitar, depois de ternas confidências com a Mãe querida, eu pergunto a mim mesma: saberêi eu ser a companheira que o Antônio precisa para a sua vida de trabalho?

Saberêi eu adaptar-me a um viver longe de Portugal, dos Pais, do meio em que tenho vivido?

Saberêi eu ajudar o meu marido, alegrá-lo, fazê-lo feliz?

A Mãe, docemente, aconselha-me: — Pensa mais nêlo do que em ti, filha; a nós, mulheres, compete mais dar-lhes a felicidade do que recebê-la, Maria Rita.

— Como é isso, Mãe? — perguntei, admirada.

A Mãe sorriu.

— Bem vêes tu, meu amor, que a felicidade não tem a mesma forma para êles e para nós; nós somos felizes, sobretudo, pelo que lhes damos a êles...

— Não entendo bem... — murmurei, pensativa.

— Um dia compreenderás melhor, Maria Rita.

— Gosto tanto do Antônio, Mãe — tornei eu — que me parece ser fácil, facilímo, evidente, torná-lo feliz.

A Mãe beijou-me e disse, quasi com gravidade, antes de me deixar sózinha: — Repito o meu conselho, Mirri: pensa sempre nêlo antes de pensares em ti, e verás que tudo se tornará simples na vida dos dois.

Fiquei a pensar nas palavras da querida Mãe.

E convenci-me que: adorando o meu marido, cumprindo alegremente todos os meus deveres (mesmo os mais aborreci-

dos), tendo, como espero, um rancho de filhos sãos, mantenão a nossa casa sempre confortável, risonha, ordenada, é quasi impossível... não sermos felizes!

Ontem, ao jantar, o Manuel fez uma declaração importante e solene: quere casar com a Lixa! Adora-a!

A Luízinha observou inesperadamente com ar malicioso:

— Para mim não é novidade nenhuma: há bom tempo que eu descobri que vocês dois se entendiam lindamente!

A Mãe beijou o Manuel com ternura e disse:

— A Lixa tem muitas qualidade; acho que escolheste bem, Manuel.

— Tudo isso é formidável, é; mas o nosso bloco é que fica reduzido a uma pedrinha da calçada! — disse o Xana, desconsolado.

— Nada disso — meteu o Nuno, que se está tornando um lindo rapaz, cheio de vivacidade e alegria — o bloco é que está maior, Xana! Já se lhe junta a Juca, o Antônio e a Lixa!

— Bravo, Nuno: você disse uma grande verdade — respondeu o Pae, a sério.

Mas a verdade, afinal, é relativa... Visto que o Gonçalo e a Juca não vivem aqui, o Antônio e eu partimos para bem longe, e o Manuel e a Lixa vão decerto para fora de Lisboa.

Deixá-lo: o bloco, reunido ou separado, é sempre uma família como a nossa: unida, mais do que nunca, e cheia de alegres propósitos de felicidade.

E é com esta declaração que fecho e termino o meu querido Diário; pois que para sempre termina também... a vida despreocupada de Maria Rita, Solteira!

F I M

Querida amiguinha

Maria Teresa Guerreiro Bravo

Aprecei o mais possível a sua carta tão cheia de sinceridade e de simpatia. Pelos meus escritos devem as raparigas da Mocidade ter já sentido quanto eu gosto da simplicidade, da naturalidade, da espontaneidade... São qualidades que me parecem dever fazer parte do modo ser das raparigas novas; em contraposição com o artifício e a affectação, que são sempre detestáveis.

Sim, Maria Teresa, é normal que goste de se divertir, de ser alegre, de passeiar, de dançar, de gozar — logo que proceda sempre, em todas as ocasiões, de maneira a não ter de cõr ar diante de ninguém, com a dignidade própria da rapariga

CHÁ DA COSTURA

Quando penso que hoje a menina do dia és tu, Clara! — gritou Joana, excitada. — Tu! A Abelha-mestra! A Sisuda! O Chavão!

— Não digas mais, Joana, senão môrro sufocada! — disse Clara, a rir.

— O que apresenta a menina do dia? — perguntou Maria José, curiosa.

Clara ficou pensativa...

— Lembro o seguinte — disse de repente

— Cada uma de nós está um quarto de hora calada (a trabalhar, é claro) e ao fim dêsse tempo, cada uma diz qual foi, segundo a sua opinião pessoal, o acontecimento que maior importância teve no mundo.

Ergueram-se vozes desencontradas e gritantes; ninguém se entendia!

— Mas que idéia, Clara!

— Sempre coisas complicadas, afinal!

— Acontecimentos no mundo!

— Eu não sei nenhum...

— E' coisa em que nunca se pensa.

— E no fundo... é uma espiga, é o que é.

Clara bateu as palmas, e todas se calaram, meio amuadas.

— Toca a trabalhar, ricas, e, daqui a 15 bons minutos... quem quiser é que fala, quem não quiser, cala-se.

Durante aquêlo quarto de hora ouvia-se, apenas, o zumbido duma Impertinente môsca. E as agulhas não paravam de trabalhar. Alice, que olhava para o seu relógio de pulso, gritou:

— O meu nome começa por A, peço a palavra.

— Gabo-te o gôsto — resmungou Joana.

— A meu ver, Clara, o maior acontecimento que houve no mundo, o maior,

cristã. O caminho do dever é sempre belo, é sempre risonho, é sempre o único que nos traz a Felicidade!

Quanto a leituras, é assunto vasto que muito me interessa; e agradeço-lhe a idéia de me pedir alguns conselhos. Desde já, lembro os belos livros de Rebelo da Silva (Contos e Lendas, a Casa dos Fantasmas), o maravilhoso Ivanhoe de Walter Scott (com boa tradução portuguesa), as Viagens na minha terra de Garrett, os esplêndidos romances de Herculano. E, sem querer insistir em obras pessoais, pergunto-lhe, para terminar a carta de hoje, se acaso não leu as Quatro Raparigas, e os três volumes que se seguem? E as Alvoradas, a Terra Portuguesa, a Prima da América? Creio que lhe hão-de agradar; e caso os le'a faça a sua crítica franca e desassomburada, peço-lhe.

sem sequer se poder comparar com nenhum outro, foi o Nascimento de Jesus.

— Bravo, Alice, falaste lindamente.

— Eu não concordo — disse Maria José.

— Para mim, o maior de todos os acontecimentos, foi a Morte de Nosso Senhor sobre a Cruz.

— Pois minhas meninas — cortou Rita

— ainda mais se me afigura, a Ressurreição de Cristo em dia de Páscoa!

Olhe que lhe acho toda e completa razão em dizer que as matemáticas e a ciência não são incompatíveis com a «boa dona de casa»: é evidente que não. E o ideal será que a rapariga perfeitamente educada saiba, e possa, juntar a uma ciência sólida uma educação prática para a vida do lar.

E por hoje... nada mais, querida Amiguinha,

Maria Paula de Azevedo

N. B. — Recebi uma encantadora carta da Filhada Maria de Lourdes Gomes Rosa e no próximo número lhe responderei com grande prazer.

— Queridas — observou Clara — creio que podemos tirar uma simples conclusão das vossas opiniões, que todas me pareceram inteligentes, profundas, e que podemos reduzir a uma só. É que, de todos os acontecimentos que houve no mundo, o maior... não pode ter deixado de ser: o Cristianismo!

— Afinal a tua idéia foi interessante, Clara — murmurou Joana, meditando.



— Estás cismática, Maria? — perguntou Marta, levantando os olhos do seu «tricot». Maria, respondeu:

— Pois estou, sim; mas o que me faz cismar é um assunto muito prosaico, a falar a verdade.

E' que, como já falta pouco para o grande dia (aqui Maria sorriu, enternecida) — tenho que decidir entre duas boas raparigas para me servirem, e não sei, de todo, qual delas escolher!

Martha riu com gôsto.

— Oh filha, a fome deu em fartura, afinal. Pesa bem as qualidades duma e doutra...

— Isso mesmo é que me faz cismar, Marta. Uma delas, a Mabília, é filha da nossa lavadeira, gente boa e religiosa; sã como um pêro, simples, assediada...

— Ótimas qualidades, essas — disse Martha.

— E uma cara bolachuda e côrada que inspira simpatia, mas...

— Há um mas?...

— E não é para desprezar, infelizmente. Não faz idéia nenhuma do que seja o serviço (e todo o serviço, repara bem) duma casa de gente fina... Portanto, terei eu,

(em plena lua de mel, não vêes?) de a ensinar, de a treinar...

— E a tal outra? — tornou Martha.

— A outra é a Gracinda, que sai de casa da viscondessa, por ter mau gênio com as companheiras. Mas é fiel, educada, e com uma destas «linhas»... — Maria, interrompeu-se e ficou pensativa.

Depois, continuou:

— Os meus lindos aventais de organdi vão brilhar deveras na Gracinda, enquanto que na barriguda Mabília...

Martha, riu e observou:

— E essa Gracinda, tão «chic», sujeita-se a fazer o serviço *todo* da tua casa? E sabes o que é a sua moralidade, o seu porte, a sua família?

Maria encolheu os ombros.

— Oh Martha, lá estás tu a aplicar às criadas um autêntico diploma de bom comportamento! É claro que não tomo ninguém sem informações, e a viscondessa limitou-se a dizer o principal: a rapariga é fiel, limpa, trabalhadeira, e sabe do seu ofício. Nada mais sei dela, nem consigo saber.

— Então, Maria, não basta — disse Martha, com gravidade — É muito sério, acredita, êsse capítulo da vida doméstica para a nossa felicidade conjugal...

— Oh Martha! — exclamou Maria, indignada.

— Não te indignes, minha filha, é assim.

E creio que ficarás mais bem servida com a filha da lavadeira, embora seja uma ignorante (caso tenha jeito, é evidente). E sabes o que eu faria no teu lugar, Martha? Mandava-a vir umas duas ou três vezes por semana cá a casa; ia-a treinando a pouco e pouco, dando-lhe as noções da delicadeza, no falar, na apresentação...

— Ela o que tem é boa vontade, coitada — observou Maria.

— Nesse caso, é meio caminho andado.

— Mas olha que a Gracinda...

— Deve ser uma serigaita, muito batida já, que até sentenças iria dar-te, podes crer. E para acabar com o assunto criada!

— Que tu achas quasi... conjugal! — interrompeu Maria, a rir.

— Exige sempre uma moralidade absoluta em tua casa — tornou Martha.

— Talvez me decida pela simpática «lôrpa», em lugar da elegante «serigaita» — disse Maria, pensativa.

— E isso mesmo é que eu faria, sem hesitar — concluiu Martha.

PARA LER AO SERÃO

GENTE NOVA

À minha prima Berta Folque Pessoa

NAS lindas salas do Grémio Alentejano realizava-se naquela tarde de Maio, uma animada festa de caridade. O Jazz-band não parava de tocar nos seus tons estridentes: para delícia da gente nova... e indignação de muitos dos mais velhos, valha a verdade! Como pode, porventura, chamar-se música, essa palavra sacrosanta, à mistura de discórdias ruidosas que ferem, quasi fisicamente, os tímpanos civilizados? Um velho general, que ali acompanhara a neta, dizia, no vão dum das largas janelas, a um amigo, advogado muito conhecido, de espírito moderno:

— Não, meu amigo, isto excede a minha compreensão, creia! Quem dá a estes ruidos o nome de música, que nome dará então às obras de Beethoven?...

— É que os seus ouvidos, general, não foram habituados às dissonâncias do Jazz; mas olhe que mesmo nelas existe uma harmonia especial, estranha, sim, mas...

— Não me diga que pode haver harmonia naquêlê batuque vergonhoso que só parece de pretos! — exclamou o general, indignado.

A conversa ter-se-ia prolongado, e talvez que a velha discussão sobre o exótico jazz se tivesse tornado interessante, se não fosse interrompida pela paragem súbita da música e pela chegada dum par encantador junto aos dois homens. A excitação do general desapareceu como por encanto; e o advogado, sorridente, acolheu com evidente simpatia o jovem par.

— Ah, avô, que bela tarde esta! — exclamou Francisca Teresa, cujos risinhos vinte anos gosavam com entusiasmo.

— E a sua neta dança dum maneira formidável! — disse José Paulo, o simpático filho do advogado.

O general apalhou a testa de Francisca Teresa.

— Está a transpirar, Tété; agora descança.

— O avô é a minha ama seca — comentou a rapariga a rir, voltando-se para José Paulo.

Uma salva de palmas rompeu subitamente e o jazz recomeçou a sua animada cacofonia.

— Vamos, Tété? — perguntou José Paulo, tocando no ombro de Francisca Teresa.

— Agora descansas, ouviste? Não danças mais.

Dôcil, Francisca Teresa sentou-se ao pé do general; e José Paulo afastou-se com o pai, depois de amáveis cumprimentos.

— O avô podia bem ter-me deixado dançar mais um fox... — suspirou Francisca Teresa.

— Custa-te assim tanto ficar uns minutos ao pé da tua ama seca? — retorquiu o general, rindo.

— É que o José Paulo é um dançarino estupendo!

— Essas palavras que vocês usam são ridículas! Formidável, estupendo, ora vejam se veem a propósito êsses exageros de linguagem.

— Tété! — gritou uma rapariga morena, vestida de encarnado, passando a dançar — não te esqueças da tarde de amanhã, ouviste? Tens de estar pronta às duas e meia.

O par seguiu e o general perguntou: — Onde é êsse passeio? Quem vai contigo, Tété?

— Vai ser ótimo, avô, e estou a antegosar a tarde. Vamos no carro até Belas, sabe? Visitar uma Creche que lá há e que ninguém viu ainda.

— Vamos, dizes tu; mas quem vai? — tornou o general.

— Comigo vai a mana; e levamos a pequena conosco. Como o carro é grande vai, além da Domingas, a Chucha, prima dela. O avô bem sabe que andamos a fazer o curso de assistentes sociais, ambas; e precisamos de ver obras dessas.

— Cursos e mais cursos; mas o verdadeiro curso é casarem e crearem os seus filhos — resmungou o general, levantando-se.

— Então já nos vamos embora? — exclamou Francisca Teresa, desconsolada — Olhe, avô, ali vem o José Paulo outra vez para êste «swings»; já estou descançada.

O general, resignado, sentou-se outra vez; e a neta seguiu, risonha, ao ritmo exótico do «swings».

— São os ossos do ofício — murmurou-lhe, dali a momentos, uma senhora que se aproximara e se sentara na cadeira vazia de Francisca Teresa.

— Ah, prima, já estou velho para estas festas; mas a Tété queria vir, a mãe não podia acompanhá-la, os bilhetes estavam acetes...

— Deixe lá, deixe lá, primo, também lhe dá prazer trazer uma rapariga linda como é a sua Tété. Olhe o gosto com que ela dança!

Na verdade, Francisca Teresa e José Paulo formavam um par encantador de mocidade e alegria. O general abanou a cabeça e respondeu:

— A minha outra neta era assim, tal e qual a Tété! e bem nova a morte a levou... Uma pneumonia traiçoira, uma janela aberta nas costas decotadas...

— A Tété é sãzinha como um pêro, graças a Deus — tornou a senhora — E olhe que o José Paulo parece apreciá-la bastante. Um bom partido: a carreira acabada, a fortuna que a mãe lhe deixou, e uma jóia de rapaz!

— Jôia, jôia, quem sabe isso, prima? Deve ser um pândego se seguir as pisadas do avô, se bem que eu gosto do pai — acrescentou, sério.

A animação estava no auge! e agora, com a venda de bolos, de rifas, de sortes, parecia que um frêmito de toucra passava pelas salas cheias de gente. O grupo das raparigas da Comissão resolvera fazer leitão de todos os bolos, e eram verdadeiros gritos, entremeados de risos alegres, que soavam, ininterruptos.

— Uma briochê grande, quarenta escudos! Quem dá mais?

— Quarenta e dois!

— Cincoenta!

— Pronto!

— Rebuçados d' ovos... clandestinos: um escudo cada um!

— Felhos por mãos de anéis!

O general tapava ostensivamente os ouvidos.

— Estão todos doidos, todos. O que os desculpa é ser para os pobres o lucro, sendo...

Francisca Teresa, afogueada, risonha, estafada, sentara-se, agora ao pé do avô.

— Divertiste-te, Tété? — perguntou êle quando o barulho abrandou.

— O mais possível, avôzinho! — respondeu a neta, beijando-o ternamente.

(Continua)

CORRESPONDENCIA

Querida Maria de Lourdes Gomes Rosa
A sua cartinha trouxe-me verdadeira alegria; sabe porquê? Porque vejo que tem a noção justa e clara do que deve ser a verdadeira rapariga portuguesa: simples, alegre, digna, natural. E gostei imenso de saber que tinha apreciado a minha Maria Rita, solteira.

Cabe agora a vez de Maria de Lourdes Roque ter aqui a sua resposta.

Confesso, Maria de Lourdes, que me deu prazer ver a maneira como compreendeu a figura de Maria Rita: rapariga moderna, cheia de alegria, de espontaneidade; mas sabendo manter a linha que toda a rapariga que se preza nunca deve perder.

por MARIA PAULA DE AZEVEDO
desenhos de GUIDA OTTOLINI

CHÁ DA COSTURA

— A Menina do Dia é a Maria José! — gritou Joana.

— Bastante me custa — murmurou Maria José.

— Foi a sorte, minha rica; toca a começar.

— Queira Deus que se não aborreçam com a minha idêia — comentou Maria José — Porque é afinal uma espécie de leitura, imaginem!

— Não sei o que seja uma espécie de leitura, Zé! — comentou Clara, admirada.

— Eu explico — tornou a menina do dia — Eu vou ler, de vez em quando, as notas que aponte; mas posso fazer-lhes uma pequena conferência sobre... Beethoven!

— Bravo, Zé! É uma idêia estupenda! — exclamaram muitas.

— Eu tenho um tal culto pela figura do grande gênio que foi Beethoven, que me lembrei de lhes contar o que sei da sua vida dolorosa, da sua alma santa, do seu talento incomparável...

— Anda, começa — pediu Joana, cosendo activamente.

Beethoven nasceu em Bonn, a cidade do Reno, em 1770, e era de origem flamenga. Havia na sala modesta da casa dos seus pais o retrato do avô de Antuérpia, músico que o Príncipe Eleitor mandara vir da Flandres para dirigir a orquestra da corte de Bonn.

A mãe do genial Ludwig, por quem êle teve sempre, até ao fim da vida dela, uma adoração profunda, era uma pessoa fina e boa, com relativa educação; embora fosse filha do chefe de cozinha da casa reinante, e portanto, de origem modesta. O pai, músico também, orgulhava-se do talento que o filho já mostrava em pequenino; mas diz-se que o forçava a estudar horas seguidas para o exibir em público, explorando-o em seu próprio proveito.

— Um egoistarrão — comentou Joana.

— Do avô flamengo herdara Beethoven o temperamento apaixonado, feroso; e também a cabeleira escura indomável onde parecia que nunca penetrara um pente!

— É uma cabeça inconfundível! — observou Clara.

— O primeiro mestre de Beethoven foi o organista da corte Neefe, que, encantado com o discípulo, lhe ensinou cravo e órgão. Na rica biblioteca do Príncipe enfiava-se o rapazinho nos conhecimentos dos clássicos; e com um entusiasmo invulgar estudava as obras de João Sebastião Bach, Händel, e outros.

COM AS FILIADAS

Ivone Correia Perpétua escreve-me uma encantadora carta que veio direita ao meu coração com a frase seguinte:

«A Maria Rita nunca mais me sairá da alma!» E muito me interessaram as suas considerações sobre a guerra. Felizmente... estamos já na Paz! e como o Optimismo é uma grande força na Vida, eu aconselho, aos novos, sobretudo, que encarem sempre o Futuro com

Optimismo e Alegria:

Maria Paula de Azevedo

N. R. — Continuarei aqui a responder às minhas correspondentes.

Mas um desgosto enorme, profundo, ia ferir, aos dezassete anos, o coração de Beethoven: a mãe, tuberculosa, falecia; e ao encargo de olhar pelos irmãos mais novos juntava-se uma grave preocupação... O pai, carácter fraco e espírito mesquinho, entregava-se à bebida, enchendo o pobre Ludwig de vergonha!

— Tinha sido melhor que morresse — disse Rita.

— Pois sim, mas não morreu. E viveu ainda muitos anos em inúmeras bebedeiras — continuou Maria José — O único consolo dessa triste época da sua vida foi para Ludwig a constante e fiel amizade da família Breuning que o acompanhou sempre... Para não as massar é que não descrevo o que era o ambiente familiar daquela casa e os serões encantadores em que Ludwig, ao piano, improvisava «retratos musicais» de todos!

— Não é nada massador, tudo isso — disse Joana.

— Pois sim, mas se me alongo nas minúcias nunca mais acabo... — respondeu Maria José, continuando:

Como a casa dos Breuning era muito freqüentada foi-se espalhando a fama do talento de Beethoven; e começou a falar-se de Ludwig até em Viena, que era, então o maior centro musical do mundo. O grande compositor Haydn, já velho, de passagem em Bonn, ficou tão entusiasmado quando ouviu Beethoven, que convenceu o Príncipe Eleitor a mandá-lo a Viena para ouvir os mestres e aperfeiçoar a sua técnica. A emoção em Bonn, foi grande: partia o seu grande homem! E com as preciosas recomendações da corte de Bonn e do conde de Waldstein, amigo dos Breuning, abriram-se-lhe em Viena tôdas as portas, todos os palácios, todos os corações!

— Até aqui não acho que êle tivesse, como disseste, uma vida dolorosa! — observou Joana.

Já lá chegamos, infelizmente. Não exagerei dizendo que até palácios lhe abriram as suas portas; pois o príncipe Lichnowsky quis que Beethoven se instalasse na sua própria casa, dando aos seus criados a ordem de obedecerem ao toque de campainha de Beethoven antes de qualquer outro! E começou para o grande gênio uma vida de trabalho intenso. Haydn dá-lhe lições de composi-

ção; e Beethoven teve sempre pelo velho compositor uma gratidão imensa.

A fama de pianista sobrepõe-se agora a de compositor: o gênio revela-se nos Trios, nas Sonatas, na Sinfonia Pastoral, em que o seu amor pela Natureza o inspira! Mas... a grande desgraça da sua vida vai começar: zumbidos horríveis, dores estranhas, e a surdez, enchem de pavor o pobre Beethoven!

— Que horror, coitado! — murmurou Alice.

— Ainda não sente a resignação para o seu mal... E êle, que tinha uma alma de bondade, revolta-se, a princípio! Escreve cartas dolorosas aos Breuning... Repito, meninas, muitíssimo teria eu que dizer da vida de Beethoven se quisesse alongar-me. Mas é impossível; tenho de resumir. Já a surdez aumentara imenso, quando, em 1801, teve a alegria de conhecer a encantadora Julieta Guicciardi: alegre, viva, engraçada, por quem se apaixonou, logo... Tanto a Sonata Clair de Lune, impregnada de doce emoção, como a Appassionata, cheia de paixão, foram dedicadas a Julieta.

— E ela gostou dêle? Porque não casaram? Conta — disseram muitas, com interesse.

Julieta era frívola e coquette, sabem vocês? Hoje dir-se-ia que quis animar o «flirt» naquela alma genial. Porque pouco depois de o conhecer casou com um conde de Gallenberg, absolutamente insignificante. A alma de Beethoven estava tão acima da vulgaridade...

Ainda agora falei-lhes da Sinfonia Pastoral, onde se sente profundamente o seu amor pela Natureza; mas não lhes disse esta frase admirável, que vem numa das suas cartas:

«Sinto tão profundamente a presença do Criador que me parece ouvir cada árvore dizer: Santo! Santo! Santo!»

— Olhem, ricas, o assunto é elevado demais, e interessante demais, para se resumir numa só das nossas Costuras: se ficasse para a próxima reunião o resto? — propoz Clara.

— Assim, sou duas vezes seguidas a Menina do Dia! — protestou Maria José.

— Deixá-lo: já que encetaste o caminho da Alta Cultura, tens de te aguentar! — exclamou Joana.

— E é bem palpitante a vida de Beethoven! — concluiu Rita.



O grande Studebaker das Paes, um pouco antiquado mas sólido e confortável parara à porta da casa antiga e vasta, onde habitava o general com a família. Compunha-se ela do velho militar, já viúvo havia anos, da sua filha Manuela, casada com um engenheiro de minas, inteligente e rico, e dos seus três filhos: Cecilia, Francisca Tereza e Manuel, estudante do liceu.

Cecilia, já com vinte e dois anos, casara aos dezoto com um oficial da aviação. Tivera, porém, a desgraça de o perder num desastre do seu avião, despeñado inexplicavelmente em pleno mar... Ficara-lhe, como é natural, uma profunda tristeza na alma; e só a consolava um pouco o amor pela sua filha de dois anos, Maria do Céu. Cecilia com a sua filhinha habitavam a mesma casa, mas no 3.º andar, em relativa independência.

O general vivia, pois, rodeado de filhos, netos e adorada bisnetinha, cujo encanto fazia a alegria da família toda. Todos os dias a pequenina vinha para o jardim do Vó, como ela dizia; e ali passava as horas da sua vida, entre os sonos prolongados e as rejeições apropriadas aos seus três anos. A existência de Cecilia toda se consagrara àquela criança: na filha concentrara o amor que tinha ao marido e a saudade que lhe ficara dele.

Francisca Tereza tinha um temperamento alegre e grave ao mesmo tempo. Tudo lhe parecia bom na vida; e a intensidade do seu sentir era por vezes exagerada, aplicada às coisas mais insignificantes.

— Porque tomas tudo a peito, Tété? — dizia-lhe a mãe, vendo-a afligir-se por um nada, regosiar-se por outro nada — Vê as coisas com mais calma, minha filha; assim esgotas-te.

— Então a Mãe julga que a Tété muda de fétio, velha como já é? — perguntou um dia Manuel, com a impertinência dos seus dezaseis anos. — Até há um ditado que diz:

— Furro velho não aprende linguas.
— Dotido! — exclamou Francisca Tereza levando o caso a rir — Nem sequer vem a propósito o teu ditado — acrescentou.
A busina do Studebaker repetia agora as suas chamadas na rua; e como Cecilia já descera devagarinho, dando a mão a Maria do Céu, Francisca Tereza beijou a mãe e saiu a correr pela escada abaixo.

Para ler ao serão

— Eu afinal podia ir com vocês — gritou Manuel no patamar — e como não tenho aula à tarde era bestial marchar por aí fora!

— Você não foi convidado — respondeu a irmã — mas eu posso pedir à Domingas; quer?

— Peço eu; e como vai a Chucha, que me adora, toca p'ra baixo — e Manuel, escorregando sobre o corrimão chegou num instante ao pé do carro.

— Viva, Domingas, olá, Chucha, dão-me uma bolela?

— Pude! Encalxa-te como puderes, Manuel.

A alegre caravana partiu; e os risos eram tantos que o velho chauffeur José Vicente, apesar da sua gravidade habitual, estampada na cara corada sob o cabelo branco de neve, não podia deixar de rir com as observações engraçadas de uns e outros.

— Não vá depressa demais, peça-lhe, José Vicente — disse Cecilia, que se sentara no lugar da frente, com Maria do Céu ao colo.

— Lá está a mana com medo do acelerador — disse Manuel — Zé Vicente, você lembre-se de que é surdo do ouvido direito!

O dia estava lindo! E por todo o caminho de Bemfica as rosas e as glicínias cobriam os muros e os gradeamentos das quintas.

— Tété, começaste já a fungar com o cheiro das flores? — perguntou Domingas, troçando.

Francisca Tereza, radiante, aspirava o ar com prazer.

— Uma das minhas delícias, é cheirar! — Você fala como se vivesse sempre no meio de rosas; mas quando passa por canos abertos, ou canastras de peixe pôdre, ou...

— Oh Manuel, que horror! — gritou a irmã — nesses sitios não fungo: encolho o olfacto e passo sem cheirar nada.

Maria do Céu adormecera no colo da mãe. E Cecilia, pensativa, perguntou:

— Porque se lembraram vocês de ir visitar a tal creche? Conhecem lá alguém? Deixar-nos-ão entrar, assim, sem mais nem menos?

Domingas respondeu:

— Ouvi dizer que está sempre aberta, menos aos domingos; e que os donos até gostam que se vá lá.

— Dá-se alguma esmola? — tornou Cecilia.

— Qual! — gritou Domingas — Livrem-se de tal!

É uma gente que fez aquela obra por amor à petizada pobre; e não aceitaram sequer um 5 reis partido ao meio: uma espécie de telha, afinal.

O carro entrava agora na antiga Porcalhota, entre casebres pobres, com suas parreiras sobre as portas, muros baixinhos, craveiros floridos. E, logo a seguir, as ruas largas da Amadora, já com casas modernas e lojas de boa aparência, uma letaria de mármore vistosos, um alegre jardim público cheio de roseiras floridas.

De repente, porém, o carro deu um pulo e parou.

— O que foi, José Vicente? — perguntou Domingas.

O velho coçou a cabeça e desceu a espreitar o rodado trazeiro; todas desceram também.

— Um prego, ou coisa que o valha, furou um dos pneus. Tão certo como eu ser José Vicente — resmungou o velhote.

— E quanto tempo vamos ficar aqui? — perguntou Francisca Tereza — talvez valha a pena ir para aquele jardim.

— Jardim! Jardim! — gritou Maria do Céu, correndo, alegre, para as rosinhas de toucar que cobriam um caramanchão do jardim público.

Mas o pneu depressa foi substituído pelo chauffeur, ajudado por Manuel; e o carro meteu pela estrada entre campos férteis e verdejantes.

Quando chegaram à ponte de Carenque, deixaram a estrada de Queluz à esquerda; e passando um arco vetusto, quasi um túnel, entraram num caminho viçoso, onde algumas árvores, talvez centenárias, haviam resistido à fúria devastadora do ciclone... dos arbóricidas. Na verdade era pitoresco o caminho, com riachos pedregosos onde lavadeiras batiam roupa, pequenas hortas separadas por renques de alfaces, casitas caiadas aqui e ali.

E, pouco, minutos depois, passada a grande subida que os levou ao Pendão, deixando para trás a varzea bem cultivada na qual se ergulam, de onde a onde, arcos do Aqueduto das Águas Livres, entraram na velha estrada de Belas.

— Que esplêndidas árvores à nossa esquerda! — exclamou Cecilia — que quinta será esta?

— A antiga quinta do Senhor da Serra — informou José Vicente.

— São ulmeiros, que lindos! — disse Francisca Tereza.

— E a hera a cobrir-lhes os troncos, que encanto! — acrescentou.

— Esta estrada é bonita; mas é triste, não acham? — observou Chucha. — Gosto mais de árvores pequenas, sol, luz...

— Triste porquê? Eu acho que não há sitios tristes ou alegres — disse Manuel — as pessoas é que estão com telha alegre ou telha triste.

— Você não sabe nada disso; está sempre com telha verdadeira, telha mesmo! — respondeu a Chucha, rindo.

— E é mesmo — concluiu Manuel.

— Outra quinta cheia de árvores, à direita! — exclamou Francisca Tereza — mas aqui são cedros, que belos!

Domingas explicou:

— Esta é já a quinta onde está a tal Creche, sabem? Daqui a cinco minutos estamos à porta dela.

(Continua)

por Maria Paula de Azevedo

(Desenhos de Guida Ottoline)

CHÁ DA COSTURA

— Continua com o Beethoven, Maria José! — exclamou Joana, com entusiasmo.

— É tão bom viver-se um pouco no ambiente dos grandes homens... — disse Clara, pensativa.

— E até se cose melhor a ouvir coisas tão interessantes — declarou Rita.

— Ainda bem que gostam — disse Maria José, satisfeita, começando a sua narrativa.

— A surdez de Beethoven era quasi completa! E esse horrível desgosto, junto ao amor infeliz, às dificuldades materiais da vida, à tristeza de perder o seu irmão Carlos (ficando, a seu cargo, um filho detestável desse irmão) tudo isto inspira a Beethoven o célebre Testamento de Heiligenstadt, documento doloroso e impressionante em que elle explica as razões do seu temperamento taciturno...

— Coitado, e como pode elle continuar a compôr?! — gritou Joana, impressionada.

— A sua fé admirável, o seu culto pela virtude, pelo dever, é que o impedem de se matar! E é nessa época que compõe as mais admiráveis sonatas! Quanto mais caminha a surdez, mais espiritual é a concentração daquela alma em si mesma... Entre as suas muitas discipulas tem Beethoven a inteligente Teresa de Brunswick, que sente uma adoração pelo seu mestre, trocando-se entre ambos uma correspondência cheia de ternas expressões. Porque não casaram? Não se sabe.

— Naturalmente por elle ser surdo... — disse Alice.

— Não sei. Foi mais um sonho desfeito. E ainda hoje se discute se o verdadeiro amor de Beethoven foi por Julieta Guicciardi se por Teresa de Brunswick.

— A tal Julieta não merecia o amor dum homem como elle — declarou Joana.

— E tens razão, Jana! Mas sabe-se lá?... — continuou Maria José — A sua religiosidade é que nunca o abandonava; foi a maior força da sua vida!

E compõe a célebre Missa em ré, que chamou Missa solennis, com todo o sentimento cristão da sua alma. Muitos dos seus protectores principescos tinham morrido; e a moda em Viena está agora toda virada para a música italiana. Beethoven, pobre, surdo, orgulhoso, isola-se de todos, e todos o abandonam!

Mas compõe, compõe sempre; até mesmo para comer e para acudir às despesas do tal horrível sobrinho, que só com ingratição e maldade pagou os seus sacrificios.

Nesta época tristíssima pensa Beethoven em compor a sua nona symfonia; e esta symfonia é inspirada na Ode à Alegria, de Schiller!

— Onde tinha elle alegria para se inspirar?! — exclamou Joana, espantada.

— E' extraordinário, é! Mas foi assim mesmo. Bem vês tu que Beethoven estava acima, bem acima, dos homens vulgares! Era o verdadeiro super-homem.

Vivia numa casita modesta nos arredores de Viena; mas como todos os meses se sabia que elle vinha à cidade falar com o editor, grupos de rapazes, pianistas, compositores, estudantes, espreitavam nessas ruas a passagem do Mestre... E quando surgia ao longe a figura atarracada de Beethoven, de sobrecasaca azul clara, as algebeiras cheias de papéis e aparelhos acusticos, o collarinho de grandes bicos, o



chapéu alto de abas largas sobre a cabeça já grisalha, a expressão rabujenta, chegavam-se a elle para o ver, para o ouvir, para o admirar... E eram elles, entre muitos outros:

Schubert, Rossini, Weber, Wleck, etc. — Tudo isto é palpitante, Zé! — disse Rita, comovida.

— Então, a expressão rabujenta dava lugar à imensa bondade do seu coração; e acolhia a rapaziada com interesse.

Mas estava perto do seu fim, o Grande Génio! Depois de um resfriamento terrível, caiu gravemente doente; e à sua cabeceira tinha sempre um só livro: a Imitação de Christo.

Recebeu, devotamente, os Sacramentos;

e a sua morte foi um exemplo da mais pura Fé Cristã!

— E morreu sozinho? — perguntou Joana.

— Amigos fiéis estiveram sempre à sua cabeceira; e não esquecerei os seus nomes: Breuning, Schinder, Hummel. Desencadeara-se uma tempestade tremenda: trovões, relâmpagos, chuva torrencial, ventania...

E foi ao som de tão violenta música, mas na paz de uma consciéncia puríssima que Beethoven morreu em 26 de Março de 1827.

— Falaste lindamente, Zé! — disse Clara, abraçando a boa Maria José.

— E comoveste-nos a todas... — concluiu Joana, impressionada.

Correspondência com as Filiadas

Dois leitoras de Viana de Castelo, Natalia Pereira a'Eça a'Alpium e Maria Jorge de Ornelles Monteiro, também se pronunciam sobre a Maria Rita.

Não viram, porém, na sua figura de rapariga «de agora» frequentando a sociedade de Lisboa, vivendo num meio onde, infelizmente, domina o caão, o carácter firme e recto que se esconde sob a sua aparente futilidade... Lamentam (e eu apprecio a sinceridade da sua critica), que Maria Rita «as distraia» apenas, e não as leve, como seria para desejar. Mas se a autora dum romance actual pintasse a sua heróina como a perfeição máxima, essa heróina deixaria de ser a verdade absoluta pois não seria real; a vida tem de se mostrar como ella é e não (em romances leves) como quereria-mos que ella fosse... E, na verdade, a maioria das raparigas que leram Maria Rita, solteira, sentiram através do seu diário singelo o bem que daquelas páginas pode tirar-se: isso foi para a autora um enorme consolo.

É provável, que as minhas correspondentes de Viana, vivendo num meio mais calmo do que o de Lisboa, onde o caão se não usa (e ainda bem!) e onde as meninas não tenham, (felizmente), liberdade exagerada nos seus actos e pensamentos, achassem Maria Rita... uma insuportável sergaita!

A heróina de Gente Nova é diferente de Maria Rita.

Veremos se, como espero, lhes agradará...

Há poucos dias chega-me uma nova cartinha em que, numa caligrafia cheia de personalidade, Maria Tereza Sarzedas, de 13 anos, me diz as suas impressões sobre a Maria Rita. A carta é curta; mas um modelo de simplicidade e clareza. E julgo ter atingido o meu fim lendo nela a seguinte frase:

«Gostei muito da Maria Rita que, apesar de ser «uma rapariga moderna, é uma rapariga como deve ser».

Bem haja, Maria Tereza, pela alegria que a sua cartinha me trouxe!

E no momento em que eu pensava terminar (por esta vez) a correspondência com as Filiadas, chega-me a deliciosa carta de Viviane, comentando, com vivacidade espirituosa, a Maria Rita solteira.

A sua declaração categórica de que aquella familia é «tal qual o tipo da familia portuguesa vista do nosso meio deu-me um imenso prazer!

Pois, para quem escreve, um dos fins a atingir é que as figuras que cria tenham vida e naturalidade; não sejam meros «fantoches» onde o artificio substitua a realidade. E espero ter conseguido fazer viver a minha Maria Rita, tornando-a companheira querida das raparigas de hoje.

Como síntese do livro, diz ainda Viviane: «Maria Rita é alegre, boa, bastante sensível, «seria e tem uma filosofia prática».

Os meus agradecimentos à simpática Viviane!

Maria Paula de Azevedo



José Paulo Ribeiro Sales era um rapaz inteligente, vivo, trabalhador: e o pai revia-se nele com orgulho. Acabado o curso de Ciências Económicas e Financeiras com brilho, José Paulo preparava-se para uma eventual ida à África, onde lhe parecia poder empreender trabalhos de futuro. Não sabia ainda bem em que consistiriam esses trabalhos; a sua ambição era tão grande!

Herdara da mãe, senhora alentejana de fartos recursos, uma fortuna boa: queria agora desenvolver esse capital de umas centenas de contos em empresas de futuro, com rendimentos grandes...

— Reconheço que sou ambicioso, Pai — disse êle uma tarde — Será defeito ou qualidade?

O pai sorria, indulgente.

— E's da tua época José Paulo: quando eu tinha a tua idade e comecei a advocacia a minha maior ambição era casar com a tua mãe, e... entrar na politica. Só apreciava o dinheiro para viver bem, sim, mas sem luxo. Vocês agora, gente nova...

— Desculpa, Pai, que eu te interrompa — cortou José Paulo — nós, os de hoje, não podemos ser felizes sem tôdas aquelas coisas, (eu nem as considero luxo, afinal), que só com dinheiro, e muito dinheiro, se podem obter.

O pai ficou cismático.

— Viver sem automóvel, sem cavalos, sem criados, sem tudo o que a vida moderna pode dar-nos, chego a pensar... que nem vale a pena viver... — continuou José Paulo.

— Mas então, José Paulo, em que altura pões tu o amor, o estudo, o trabalho, os filhos, o lar, e tantas outras coisas que são a essência pura da nossa vida?

José Paulo deitou fora o Camel que fumara até melo.

— Tudo isso junto, Pai, está para mim abaixo da minha ambição. Quero ser rico, antes de mais nada. Depois, casar com a Francisca Tereza: é a única rapariga que me interessa a valer.

— Mostras que te não falta bom gosto; mas... tens assim a certeza de ser correspondido? Já lhe falaste?

José Paulo, pensativo, não respondeu logo. Depois, disse:

— E' estupenda: não caso com outra.

O pai respondeu, a sério:

— Quando tiveres a certeza disso, eu falarei aos pais e ao avô, pois tenho por aquela gente a maior consideração. Mas enquanto levas a vida boémia que levas, não me inspires confiança, José Paulo.

O rapaz encolheu os ombros e tornou, sorrindo:

— Já te disse, Pai, que o n.º um para mim é a ambição e mais nada. Tenho amanhã um encontro importantíssimo para a minha vida: um estrangeiro que precisa de um técnico financeiro para uma grande Companhia que se vai formar.

— Onde é isso?

— Coisas da América; por ora não te posso dizer nada. Mas se isto for avante, Pai, ainda virás a ter um filho milionário!

— No fundo, tenho pena que não quiseses seguir a minha carreira — observou o pai — O Direito é, e será sempre, a mais nobre de tôdas as carreiras!

— Acho o teu entusiasmo qualquer coisa de formidável, Pai! Mas essa carreira nobre não me satisfazia a mim. As grandes fortunas mundiais foram alguma vez feitas pelos grandes advogados?!

— Mas quem pensa aqui na fortuna? —

exclamou o pai, um pouco impaciente — O dinheiro nunca foi um fim nobre, José Paulo: e a minha maior ambição de advogado sempre foi de ordem intelectual e altruista!

José Paulo abraçou o pai, e disse:

— Não te zangues; e convence-te que somos de épocas diferentes, apesar de haver só 25 anos de intervalo nas nossas idades... Tu ainda tens romantismo, Pai; ainda, no teu tempo, vocês eram capazes de escrever cartas ás namoradas, chelas de baboseiras... Nós, hoje, vamos para o telefone dizer-lhes que são mesmo estudantes, encontramos-nos em maillots de banho nas piscinas ou nas praias; achamos que a fita nova é bestial, etc.

— E tudo isso é bem destituído de poesia — tornou o pai, com desconsolo — Contanto que seja para vocês a felicidade — acrescentou.

— Essa coisa de felicidade, também já não é o que era. Pois tu conheces algum rapaz capaz de se satisfazer com o amor e a cabana? — tornou José Paulo.

— Julgo que a Francisca Tereza seria bem capaz disso, meu filho — respondeu o pai.

— A Têê? Não deve ser uma dessas plégas.

— Plégas?!

— Lá estás tu a ferver, Pai. Para nos satisfazermos com a tal cabana era essencial... que lá houvesse poltronas maple, telefonia, duchas, um bar bem fornecido: pelo menos, ouviste?

— Chegas a parecer-me cinico, meu filho — concluiu o pai, quasi com tristeza.

— Quando te convencerás que o mundo mudou depois da guerra? E agora vou-me à vida, Pai: trat-te do tal encontro que de verá ter para mim enorme importância.

— E quem é esse estrangeiro? — perguntou o pai, desconfiado.

— Nem sei de que terra vem: talvez da Roménia ou do Egipto; se não for da Argentina ou do México.



Mais duas cartas de Filiadas me vieram às mãos: e, na verdade, talvez fossem e tas as que mais me chegaram ao coração... Porque fossem mais bem escritas? Não. Confesso que nestas cartinhas dou mais importância ao pensamento que as dita do que ao estilo em que são redigidas. Por se entusiasmarem sobre as autoras pela «Maria Rita, solteira» e a considerarem (o que tanto me alegra!) como um livro bom, útil, interessante? Mas isto foi igualmente patenteado em muitas outras cartas de raparigas, que tão gentilmente quiseram escrever-me as suas impressões. Há, pois, mais alguma coisa, nestas duas últimas (?) cartas, uma vinda da Ilha da Madeira, outra de Esposende, Margarida de Cassia, do Funchal, escreve com o coração nas mãos e esse género é sempre encantador pela sinceridade que revela. A sua carta respira uma das coisas que eu mais prezo: a alegria de viver! Sente-se, nas suas frases, o optimismo são e simples; e, por isso, a Maria Rita foi para ela uma espécie de auto-biografia. E outra coisa senti na carta de Guida, uma das Margaridas que se encontram por todo Portugal, diz ela: a calma vida de família; simples, portuguesa, cristã.

A carta de Fernanda Marinho, de Curvos (Esposende) não me comoveu pela nota afectiva, nem pelo prazer, aliás grande, que lhe deu a leitura da minha Maria Rita: e contudo é esta, entre as cartas rece-

— Gostava mais de te ver metido com gente portuguesa, José Paulo.

— Porquê, Pai?

— Na nossa terra não têm, bem sei, esses grandes vãos, esses enormes impulsos, essas audácias...

— Por cá taras vezes se passa da cêpa torta — cortou José Paulo.

— Não é tanto assim; há bellissimas fortunas. Mas, pelo menos, todos se conhecem, todos sabem quem são uns e outros, quem eram os pais, os avós...

— Esses estrangeiros, que vêm Deus sabe de onde, que confiança podem inspirar-nos? Nenhuma...

— Até logo, Pai — concluiu o rapaz, rindo, e saindo apressado.

(Continuo)

bidas até hoje, a que tem verdadeira importância para tôdas as colaboradoras do Boletim da M. P. F. Não a considero como dirigida só a mim: mas a tôdas quantas dão ao nosso jornal o seu espirito, o seu trabalho, a sua alma! E, para tornar bem claras estas minhas palavras, passo a transcrever a parte da carta que as justifica:

«Aqui estou a escrever-lhe não como filiada, pois, praticamente já não pertença à Mocidade Portuguesa. Não pertença, não pela idade, pois ainda tenho 20 anos, mas porque, saindo o ano passado da Escola do Magistério Primário, exerço hoje a profissão de professora oficial. Apesar de não poder usar já o meu emblema nem vestir a minha farda, que é guardada com todo o orgulho e com todo o respeito, o meu espirito de rapariga nova segue constantemente a lanterna guiada pela Mocidade Portuguesa. Assino o Boletim desde o 1.º número da sua publicação. O Boletim para mim é como um conselheiro seguro e um guia que não vacila na sua direcção. Com toda a franqueza digo que é ao Boletim, quasi só a êle, que devo a minha formação moral.»

Foram estas as palavras que me comoveram! E constituem para tôdas nós, Dirigentes da M. P. F. um motivo de mais pura, de mais profunda alegria!

M. P. de A.

CHÁ DA COSTURA

A menina do dia é a Alice; escusa de fingir que não se lembra — declarou Joana.

— Lembro-me perfeitamente — respondeu Alice — tenciono cumprir a minha obrigação; mas com uma condição... — acrescentou.

Tôdas preguntaram, curiosas:

— O que é? O que será?!

— É que se continua a trabalhar na mesma, em lugar de estarem tôdas com os olhos espetados na minha cara!

— Optimo — aprovou Clara.

— A minha idêia hoje é talvez sensaborona — tornou Alice, modestamente — mas tenham paciência, não arranjer outra. Vou ler-lhes alto uma história que achei bonita!

— E' uma bela idêia, Alice — comentou Maria José.

— Então começo já — E Alice, tirando do seu sacco um livro pequeno, começou a ler:

— Era uma vez um Príncipe e uma Princesa que se adoravam e viviam felizes num palácio lindissimo, no meio de uma floresta de velhos cedros. E todos os dias seguiam abraçados, os olhos presos e as mãos presas também, através dos atalhos verdejantes, aspirando com prazer intenso os perfumes daquela verdura maravilhosa. Mas nenhum recanto da mata os delicia tanto como o Lago sereno, profundo, emoldurado em hortensias azuis, que se dizia ser encantado, e transformar as almas das pessoas... Ali passavam horas, enternecidos, vivendo o seu lindo sonho de amor como se fossem, êles dois, as únicas criaturas do mundo... Nada mais viam sendo as suas pessoas.

— Porque será que ela nos lê esta história? — murmurou Joana, admirada.

— No fim, digo — respondeu Alice, continuando a ler:

Uma tarde, porém, ao sentarem-se sobre o musgo aveludado, viram surgir, de entre dois altos loureiros de folhas luzidas, uma figura estranha de velha... Em silêncio, passara junto dêles sumindo-se entre os troncos das velhas árvores.

E, no dia seguinte, ao chegarem ao Lago, quasi se não admiraram ao ver a Velha sentada numa pedra junto ás hortensias azuis. O seu olhar estranho fixava-se no par encantador com tal intensidade que a Princesa exclamou:



— Mas que querets de nós, Senhora?!

Então a Velha apontou com a mão descarnada a multidão de peixinhos que all esperavam, sem dúvida, algumas migalhas. E os dois, partindo o pão da sua merenda, distribuíram-no alegremente pelos habitantes do Lago. Olharam, então, em redor.

Na beira do Lago, bandos de sapos pequeninos saltavam das pedras para a água em prodígios de acrobacia! Pássaros chilreavam, alegres, sobre os ramos das árvores; pingos de resina, como enormes brilhantes, luziam sobre os troncos cobertos de musgo... Porque razão, no egoísmo do seu amor, só agora, sob o olhar e a mão descarnada da Velha do Lago, observavam e viam estas maravilhas?

Em tudo sentiam, agora, a Harmonia, a Beleza, o Interesse, a Vida de milhares de seres, trabalhando na eterna luta pela existência... Estariam transformadas as suas almas?

— Eu só via, na Vida, o nosso amor... — murmurou a Princesa.

— E hoje também eu me sinto diferente do que era — disse o Príncipe — queria espalhar o Bem, ser útil, trabalhar...

— Quem será a Velha do Lago? — tornou a Princesa, pensativa, vendo avançar para êles a estranha figura.

«Eu sou a Vida obscura dos Humildes, dos Pobres, dos Pequeninos... Ninguém me vê sendo com os olhos da alma! e a principio sou feia, escura, triste... Mas quando me conhecem e me amam, ah Príncipe! assim me transformo até à mais pura beleza!» — e, de repente, a Velha do Lago, num clarão luminoso, appareceu transformada maravilhosamente!

Então o Príncipe, abraçado à Princesa, disse baixinho:

— Não esqueceremos nunca, na nossa vida doce e feliz, a vida dos Humildes, dos Pobres, dos Pequeninos...

— E ela nunca mais será feia, escura, triste... — murmurou a Princesa, como vida.

Assim abraçados, radiantes como nunca, o coração aberto a tôdas as manifestações da Vida, o Príncipe e a Princesa afastaram-se do Lago encantado. E nunca ventura maior foi celebrada no mundo do que a daqueles bons principes em cujo reino não havia fome, nem ignorância, nem tristeza, nem egoísmo...

— Mas porque razão nos lêste esse conto, que é tirado de um livrinho que até já li há anos?! — perguntou Joana, admirada.

— Creio que comprendi a tua idêia, Alice — disse Clara.

— Eu explico — respondeu Alice. — Ao reler, por acaso, este contozinho, fiquei a pensar no seu simbolismo simples, sabem?

— Mau, mau, lá começam vocês a falar difícil — resmungou Joana.

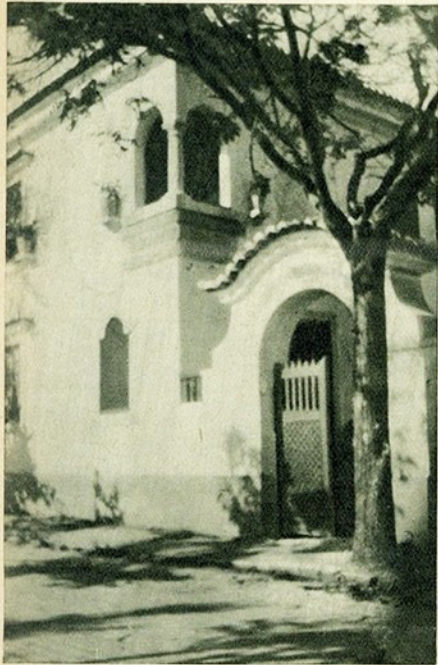
— Não, Joana, nada disso. Mas é certo, certissimo que, muitas vezes, se vive bem egoistamente, passando ao lado de tantas outras vidas, de tantas outras coisas, sem querer vê-las, sem querer conhecê-las, sem querer tentar remediá-las...

— Tens imensa razão, Alice: e da tua leitura poderemos formar um propósito útil e, empregando a palavra que vocês tanto usam, estupendo: — declarou Clara, risonha — é o propósito de banir da nossa vida, para sempre, o egoísmo!

— Viva a Alice! — gritou a impetuosa Joana.

— Olha que tiveste uma idêia colossal! — concluiu Maria José.

PARA LER AO SERÃO



GENTE NOVA

VI

Quando o carro das Paes parou em frente da Crèche, ainda mal tinham tido tempo para observar a acolhedora casa branca, de gênero bem português, em cuja parede caíada um S. Pedro de azulejo segurava as chaves celestes, uma alegre algazarra infantil acolheu os visitantes. Manuel saltara rapidamente do carro e tocara a sineta com força; enquanto muitas mãos pequeninas (e talvez não imaculadas...) se esforçavam, pelo lado de dentro, por abrir o grande portão verde, empurrando o fecho que o segurava.

— Visitas! Visitas! — gritavam vozes esgançadas.

Abriu-se, enfim, o portão; e no pátio cheio de sol surgiram dezenas de crianças vestidas de branco, com sandálias brancas também e as cabeças higiénicamente rapadas.

— São garotos ou garotas? — perguntou Manuel, acariciando os melões lavadinhos.

Uma empregada, de bata branca e véu de organil na cabeça, apareceu à porta da casa, sorridente e simpática.

— Desculpe esta invasão — disse Cecília avançando para ela — Mas disseram-me que se podia ver a Crèche...

A empregada respondeu logo: — Sempre, minha senhora, de sol a sol!

As crianças rodeavam Maria do Céu, admirando os seus caracóis, fazendo uma roda de inspeção em volta dela. E Maria do Céu sorria, contente.

— Se as senhoras quiserem subir aquela escada de pedra, queçamos por ver a secção dos bebés — disse a empregada; e todos se encaminharam para o andar de cima enquanto as crianças, no pátio, fechavam uma enorme roda em volta de Maria do Céu e cantavam, num coro forte

e afinado, apontando com os dedos para a pequenina:

Olha a menina, ai don solidon
Como vem bonita!
Mão na cabeça, ai don solidon
Não lhe caia a fita!

Eram palmas a acompanhar o canto, gestos apropriados aos versos, e risos em frescas gargalhadas que chegavam a comover as raparigas. Mas essa emoção passageira nada foi ao pé da que sentiram quando chegaram ao largo recreio dos bebés. Ali, como em toda a Crèche, tudo era branco também: desde a ama seca, com a sua bata, o seu véu, o seu calçado branco, até aos pequeninos de 1 a 3 anos, de macaquinhos brancos e cabecinhas rapadas. Risonhos, todos, correram para elas, com os passinhos cambaleantes ainda... E logo as raparigas lhes pegaram maternalmente, beijando e acarinhando as carinhas limpas e bochechudas.

— Isto é adorável — exclamou Francisca Tereza.

— Vem ver o dormitório! — gritou a Chucha, que entrara no quarto soalheiro onde os berços, aliás de simples vêrga pintada de branco, cobertos de tulle, tinham rosetas azuis e cor de rosa: conforme o sexo do bebé. Uma grande imagem de Jesus, com os Seus braços largamente abertos, presidia a esta sala.

— Que alegria por toda a parte! — exclamou Domingas, com um pequenino em cada braço; enquanto Cecília, junto de uma das muitas janelas emolduradas por roseiras floridas, pelas quais, a jörros, entrava o sol, observava as danças alegres do pátio e dizia:

— Vejam vocês a Maria do Céu no meio da roda a rir quanto pode!

— Que obra encantadora... — murmurou Francisca Tereza, pensativa — Que ideal deve ser poder realzá-la — acrescentou, de si para si.

Foram então à pequena capela; e como a empregada chamasse o rancho todo para vir cantar um hino a Nossa Senhora,

viram vir a pequenada, numa corrida turbulenta, escada acima. Chegados à capelinha, porém, fez-se um silêncio respeitoso; e, agrupando-se junto do harmónio ao qual se sentou a empregada, cantaram o velho e simples canto português que já tantas gerações têm entoado em louvor da Virgem:

Virgem pura
Tua ternura
E' d'alívio
Ao meu penar
Noite e dia
De Maria
A beleza vou cantar.

— Se V. Ex.^{as} querem ouvir um Coral de Bach, eles não o cantam mal — disse, baixinho, a empregada — Temos um destinado à visita de Sua Eminência.

— Um Coral de Bach! — exclamou Domingas, segredando.

— Como é isso possível?! — perguntou Francisca Tereza.

— Bach cantado por saloinhos, isto é estupendo! — murmurou Manuel, interessado.

— Lá que deve ter piada, deve — concluiu a Chucha.

A empregada começara uns acórdos graves e lentos. E os pequenos, atentos e com os olhos nela, cantaram, em afinação perfeita, as frases harmoniosas do grande Mestre, nas quais se enquadravam palavras compreensíveis para as suas idades.

Veio até nós, cheio de amor,
Ver seu rebanho, o Bom Pastor!
E vamos, ternos meninos,
Qual p'ra Jesus os pequeninos.

Cecília e Francisca Tereza, comovidas, tinham os olhos cheios de lágrimas...

E depois de saírem da capela e do rancho miúdo voltar a correr para as brincadelas do pátio, Cecília perguntou:

— Mas como pode conseguir-se tanto de crianças tão pequenas? Quem as ensina? Como as ensinam?

A empregada sorriu.



por Maria Paula de Azevedo
(Desenhos de Guida Ottolini)

CHÁ DA COSTURA

— É fácil, minha senhora; e o principal é que as crianças adoram cantar. Vejam-nas ali no pátio: ninguém as obriga!

Agora, com Manuel e a Chucha no meio deles, as crianças tinham começado cantigas e danças; pareciam não querer acabar! E, de repente, vindas do outro lado da casa, apareceu um outro rancho vestido de branco também, pequenas entre 8 e 12 anos, a juntar-se, com risos alegres, à pequenada da Crèche.

— Aquelas de onde vêm? — perguntou Francisca Tereza, à janela do recreio dos bebés, preparando-se, com Domingas e Cecília, para visitar as outras instalações da Crèche.

— São as pequenas da Casa de Trabalho anexa: entram na Crèche com um ano e aos oito passaram para a Casa de S. Pedro, onde aprendem a coser e remendar.

— Mas esta obra é utilíssima, é completa! — exclamou Cecília com entusiasmo.

— Que esquisito que ninguém a conheça, ninguém fale nela, ninguém, mesmo, se importe com ela — disse Francisca Tereza — Porque será?

— Os donos não gostam de fazer vista, nem de ser falados, minha senhora — respondeu, gravemente a empregada — Fizem a obra pelo bem das crianças, para as fazer boas cristãs, salvar-lhes os corpiños e as almas...

— Quanto tudo isto deve custar... — murmurou Cecília, observando a casa, os móveis brancos, as roupas, a ordem e o asseio, o porte do pessoal...

— Oh meninas! — gritou Manuel, do pátio — Peçam a essa senhora para deixar-nos ir pela quinta acima com a malta toda, sim?

Gritos alegres e palmas sublinharam o pedido de Manuel. A empregada, com o seu bom sorriso, disse:

— Antes da hora da merenda, se V. Ex.^{as} quiserem dar um passeio na mata de cedros, podem os pequenos ir também.

Foi uma alegria! E no meio do enorme rancho, cobertos os «melões» com grandes chapéus de palha, seguiram todos pela horta verdejante, até à encosta coberta de cedros centenários.

As crianças corriam adiante, espalhando-se pela quinta como uma chuva de flores brancas... E quando, já de volta do passeio, Cecília deu o sinal da partida para Lisboa, alinharam-se todas fora do portão, numa fila interminável de bibes brancos, e cantaram à partida do carro:

Quando vai p'ra longe de nós nosso bem,
Adeus!

Ao vê-lo partir nós dizemos também:
Adeus!

Não se esqueçam de nós, da nossa amizade
Ficamos sôzinhos com a saudade
Adeus! Adeus! Adeus!

E' triste ir p'ra longe dos seus!

Já o carro se afastara e ainda se ouviam as vozes infantis cantando, afinadas, o melodioso Adeus...

— A mim comoveu-me esta visita — disse Francisca Tereza, pensativa.

— Eu não sou para piéguices — disse a Chucha — mas aqueles miúdos tinham pilhas.

— Como obra social é admirável — disse Domingas — Nesta Crèche é que era bom um estágio, Tété.

— Fariam-se de falar em mil obrinhas de quitriri, das fulanas, das cirranas, das beltranas; desta que é colossal, nunca ninguém deu pio!!! — concluiu Manuel, sinceramente.

(Continua)

— Para lhes dizer a verdade, queridas, sinto-me hoje tristonha, contra os meus hábitos de constante optimismo — declarou Clara, pegando na grande tesoura com a qual talhava as roupinhas.

— Alguma razão forte terás para te justificar — respondeu Maria José.

— Sim e não... — murmurou Clara, de si para si.

— Outra coisa que não pareceta — gritou Joana.

— Pois tu, que detestas hesitações, estás a falar sôzinha e a dizer sim e não?!!!

Clara riu e tornou:

— Não façam caso; chegou a minha vez de ter telha.

— Nada disso, menina Clara — tornou Joana, tirando-lhe a tesoura da frente dela.

— Ponha para aí todos os seus pensamentos, todas as suas idéias, e veremos que até dessas hesitações sai coisa útil para nós!

Clara, meio a sério, meio a rir, disse então:

— Pois bem, talvez faça bem em insistir, Jana. Eu tive férias como vocês todas. Estive no campo, estive na serra, estive na praia...

— Que sorte bestial! — gritou Joana.

— Não digas essa palavra feia, Jana; é tempo de nos habituarmos todas a esquecer essas... bestialidades ordinárias.

Mas vamos ao meu caso.

Nessas terras onde estive esforcei-me, creiam vocês, por aproveitar, e fazer aproveitar aos outros, esse tempo de...

— Pandega! — exclamou a impetuosa Joana.

— ...repouso — continuou.

— Mas no fim desses dois meses fiquei mais desconsolada, ainda, do que antes!

— Porquê?! — perguntaram.

— No campo constatei a selvageria em que o povo vai vivendo, coitadinho! e os donos de quintas e solares em redor, que tanto podiam interessar-se pela miséria de toda a ordem... limitam-se, quasi sempre, a dar esmolas.

E' preciso dar um pouco da alma com elas...

Na serra, onde comuniquéi com os rudes pastores, vivendo por vezes a sós com a natureza, impressionou-me de uma maneira que nunca mais esqueço a pobreza absoluta, franciscana, até, em que vivem essas pobres criaturas... Não dormem bastante, não comem o que precisam, não se abafam como devem...

E ninguém os ampara, lembrando-se, ao menos, das Obras de Misericórdia...

— Oh Clara, estás tétrica! — exclamou Joana.

— E ainda não acabei. Na praia foi, talvez, o pior de tudo.

— Já vejo onde vais chegar — disse Alice.

— Já vêm porque passaste o verão numa praia: e é quasi o mesmo em toda a parte — continuou Clara.

— A maioria das raparigas (e algumas

pertencem a organismos católicos, isto é, com responsabilidade moral), levando os dias numa escandalosa indolência, pouco vestidas, e indiferentes a tudo o que não seja...

— Flirt! — exclamou Joana.

— Dança! — disse Rita.

— Banho! — acrescentou Alice.

— Sport! — tornou Maria.

— Chic! — declarou Maria José.

— Chás! — juntou Berta.

— Acertaram vocês todas — concluiu Clara — E das férias, o que trouxeram essas meninas, o que fizeram de útil? Nada; nem sequer melhoraram a saúde, com os banhos exagerados de sol e mar, as noitadas, as canseiras, os namóros...

— Lá nisso tens tu razão de sobra... — observou Rita.

Estou a pensar na Pi, coitada, que trouxe a pele do peçoço em misero estado — disse Maria José.

— E então a pobre Micas, vocês não sabem? — tornou Rita — Estafo-se tanto, com as noitadas até de manhã, que teve de ir para o Caramulo!!

— Não há direito! — exclamou Joana.

— Pois sim, pois sim — disse Clara — vocês agora, que as férias estão passadas, dizem que «não há direito»; mas se em pleno verão alguém lhes pede para modificarem o seu modo de vida não gostam e...

— Refilam! — gritou Joana.

— O pior não é o reflar, como tu dizes; é o teimar e prejudicarem gravemente, creiam vocês, a saúde do corpo e a saúde do espirito... — tornou Clara, a sério.

Tudo isso é verdade, Clara, mas férias são férias, e o que há de melhor nos meses de verão é uma pessoa fazer mil coisas que não faz no inverno e regalar-se de liberdades várias e inúmeras! — exclamou Joana.

— Não julgues, Joana, que o prazer dessas liberdades é tão grande como isso... Nem tudo o «que luz é oiro», sabem vocês? E algumas dessas raparigas vêm das férias cheias de desilusões... — tornou Clara.

— Nem trazem consigo uma boa dose de alegria, às vezes — concluiu.

— Talvez exageres, Clara: aqui estou eu, sã como um pêro, queimada como uma moura, alegre como um melro e... quasi noiva... de um az!!! — exclamou, radiante, Alice.

Todas a abraçaram e rodearam, e quiseram saber quem era o Az.

— E o que fizeste de bom e útil para o próximo? — perguntou Clara, risonha.

Alice, quasi grave, respondeu:

— Mais do que tu julgas, Clara: ensinei três garotos a ler e a rezar, levando-os à Comunhão particular.

Tirei da rua uma petiza que vivia a mendigar, e metia-a numa Casa de Trabalho.

Fornei vários livros bons a uns operários da estrada, que os apreciaram ao máximo!

E... não fiz mais nada — concluiu Alice.

— Fôste estupenda, simplesmente! — declarou Joana; e todas concordaram com ela.

MARIA JÁ CASOU

Quando Marta apareceu, naquela manhã, encontrou a irmã, de grande avental, na cozinha.

— Explicaram-me ontem um prato de almôço, que deve ser esplêndido: quem sabe se nem tu o conheces? Chama-se Pisto!

— Conheço, Maria, e gosto bem dele. Mas vais tu fazê-lo? Porque o não ensinavas antes à Catarina, que está embaçada a olhar para ti?

— Então mexe-te, Catarina: põe na frigideira comprida (não é essa, mulher: essa é redonda) duas boas colheres de azeite a ferver.

Catarina, cheia de boa vontade, cumpriu a ordem.

— Nesse azeite tenho de deitar uma cebola às rodas finas.

— Eu prefiro picar a cebola — observou Marta.

— Mas a receita é às rodas. Agora, Catarina, enquanto a cebola aloira no azeite...

— Não a deixes esturricar, vê lá! — aconselhou Marta.

— Corta-me em pedaços esses três belos tomates, já descascados e sem sementes.

— Pronto, minha senhora.

Maria curvou-se sobre a frigideira onde a cebola fregia.

— Cheira bem. Deita uns grãos de pimenta, sal, um ramo de salsa e o tomate. Agora, uma colher de pão ralado.

— Bota-te água, minha senhora?

— Oh mulher, livra-te! — gritou Maria.

— Agora deixa-se ferver tudo até estar uma papada.

— E ó depois? — tornou Catarina.

— Bate já três ovos bem batidos; clara e gema. Junta os ovos na papada: isso. Vai, com a colher de pau, chegando os lados para o meio, assim! Para lhes dar uma forma comprida...

E Maria, juntando os actos às palavras, encostou a colher de pau aos lados do pisto, para que tivesse a aparência de um paio alentejano.

— Como tu fazes isso bem, Maria! — disse Marta.

— É que eu vi fazer isto mesmo à cozinha dos primos. Agora é que é a operação mais delicada: assim eu a faço bem...

— Oh minha senhora, o que será? — disse Catarina.

— Dá cá um prato grande, rapariga — e Maria, com cuidado, voltou o pisto, fora do lume, para cima do prato, tornando, depois, a pô-lo na frigideira sobre o lume.

— Assim, aloira dos dois lados e vai enchugando.

— Ah, que já olço o sr. doutor a meter a chave na fechadura e o tal espírito sem estar acabado! — gritou a agitada Catarina.

Marta e Maria tiram com gosto; e, enquanto Maria corria a tirar o avental e a lavar as mãos para o almôço, Marta ensinava a cozinheira a pôr o pisto na travessa e a metê-lo na estufa para que se conservasse bem quente.



Chá da Costura

Joana vinha excitada naquela tarde. — Que cara é essa, Jana? — perguntou Clara.

— Tenho de desabafar, Clara, e é já — respondeu Joana — Vocês acham-me malcriada, bem sei, brutinha, rude...

— Que idéia!... — protestaram muitas.

— Nada disso — disse Clara — apenas impulsiva.

— Pois sim, pois sim, é para «dourarem a pilulas», como se costuma dizer; e eu tenho consciência da minha péssima educação, mas vejo à roda de mim, nos eléctricos, na rua, nos cinemas, na igreja, por toda a parte, enfim, tanta menina pior que eu...

— Conta, conta, Jana.

— ... que resolvi fundar uma campanha contra a grosseria!

— E és tu que diriges e campanha? — perguntou Rita, com malícia.

Joana virou-se para ela e respondeu: — Sou eu, Rita, eu mesma! E vou já dizer-lhes as razões deste desabafo.

Meti-me no eléctrico, na baixa, e vocês sabem o que é o eléctrico da Estrela à tarde. Empurrões, apertões, uma ch... — Jana! — gritou Maria José, a sério.

— É verdade que tu também empreendedeste a campanha do português clássico.

— Entre o clássico e o ordinário, Jana, há um abismo...

— Bem; direi, então, uma espiga. Mas lá consegui entrar e sentar-me. Iam nos bancos do fim duas senhoras: mãe e filha. Pois a conversa delas, da mais insignificante banalidade, de resto, era dita tão de rijo como se ambas fôsse mucas!

E todo o eléctrico ficou sabendo, sem ter nisso o menor interesse, que a Mocas já não ia ao Pôrto, que a costureira faltara com o casaco e que a Lili ia meter a fitina no colégio. Isto em berros, verdadeiros berros!

— Realmente é incrível; mas sucede muitas vezes, para vergonha nossa.

— Quando me apei, na R. João de Deus, desceu também um homem que

parecia fino; mas logo escarrou com tal violência, que eu senti vontade... de lhe bater; e quando lá a chegar cá a casa surpreendi um garotão dos seus vinte anos encostado à parede, pintadinha de frêsko, do prédio grande, a rabiscar nela as suas contas!!

— E que fizeste? — perguntou Alice.

— Não resisti, e disse-lhe (embora a medo, confesso) que não estragasse a parede acabada de pintar...

— E éle?

— Olhou para mim, furioso, e resmungou: «metem-se com a vida de cada um». Mas foi-se embora dali. Naturalmente foi escrever noutra parede; não tenho ilusões...

— Tu tens imensa razão, Jana; e acho que todas devemos tomar parte na tua campanha de boa educação. Mas como? Não é fácil achar a maneira...

— Vou pensar no caso — declarou Joana, categórica.

— Pensemos todas; e agora... toca a trabalhar, meninas — disse Clara.

GENTE NOVA

Os serões em casa do general eram calmos e bons; lembravam as noites de tempos passados em que as famílias se reuniam em volta da mesa, trabalhando, lendo, conversando, fazendo música, jogando. Manuela e o marido iam às vezes com a filha ao cinema, ao teatro, aos concertos, às pequenas festas em casa de pessoas amigas, e a um ou outro baile; nessas noites ficava só Cecília com o Avô.

E Francisca Tereza gostava de se divertir, como era natural; mas apreciava também os serões pacatos, fazendo o seu «tricot» ou tocando, para delícia do general, Schumann, Chopin e Beethoven com verdadeiro encanto.

O piano era, para ela, uma das coisas boas da vida; e todos os dias estudava, com entusiasmo, preparando a lição semanal com um professor do Conservatório, seu mestre desde pequena.

— Anda, Tété — pediu o general, naquela noite — vai tocar a sonata em ré menor; nunca me canso de a ouvir...

Francisca Tereza sentou-se ao piano, e encetou essa maravilhosa sonata de Beethoven a que vulgarmente se dá o nome de Recitativa.

Punha nela toda a sua alma... Os primeiros compassos, em notas longas, lentas, profundas, intensas, como de um pensamento misterioso, tocava-os sempre de uma maneira muito pessoal; para atacar, com brilho e viveza, a frase seguinte, vibrante e rápida na qual parece haver uma interrogação... E quando, sobrepondo a mão esquerda à direita, encetava a melodia lindíssima, impregnada de dó, Francisca Tereza parecia pôr, devêras a sua alma artista na ponta dos seus dedos!

Quando terminou o primeiro andamento, um côro entusiasta bradou:

— Bravo, Tété! Bravíssimo! Continua! E só depois de tocar o maravilhoso andante (os mais belos que Beethoven compôs) e o delicioso final, onde se repete, sem nunca cansar, o lindo motivo em ré menor, é que Francisca Tereza se levantou do piano.

O avô, enternecido até às lágrimas, não pôde deixar de a beijar; e teve esta frase de desculpável orgulho:

— Parece-me uma andorinha a levantar uma águia...

— Eu cada vez gosto mais de tocar esta sonata, Avôzinho — comentou Francisca Tereza.

— Sabem que o Rodrigo Paes pensa em ir para a África? E' uma mania que outra qualquer — declarou Manuel, que interrompera o estudo no seu quarto para vir dar aquela notícia.

— Ache muito bem — disse o pai, levantando os olhos do jornal — Na África tem êle um belo futuro.

— Tu achas, Jorge?! — perguntou Manuela — Não posso convencer-me disso. Então um agrônomo não está melhor em Portugal?

— A mana não dá plo? — tornou Manuel, interpellando Francisca Tereza.

— Coitado do Rodrigo; tenho pena, e muita, se êle se vai embora — respondeu ela.

— Minha rica — tornou Manuel — se lhe disseres isso sem tirar nem pôr... está-se a vêr que êle perde a mania de cavar!

— Cavar?! — perguntou o general, olhando o neto por cima dos óculos e sem compreender.

— Deixe lá, Avô, é linguagem de agora; cavar quer dizer ir-se embora, na língua dêles — disse Francisca Tereza, rindo.

— Então, Tété, tens essa influência no Rodrigo Paes? — perguntou Manuela com interesse.

— E é mesmo! — gritou Manuel, saltando da sala a correr.

— O Rodrigo é um excelente rapaz — observou Jorge, acendendo um cigarro e passeando pela sala — Mas não creio que venha a triunfar na vida, isso não.

— E' inteligente e bom, P. l. Isso é que é certíssimo — disse Francisca Tereza com calor — Mas é um tímido... — acrescentou.

— Nem sempre a audácia faz triunfar — murmurou Cecília, recordando o marido, tão chelo do espirito de aventura...

— Hoje em dia, filhas, é a audácia que triunfa; os timoratos, os modestos, os encalhados, não passam da cêpa torta — declarou o pai.

— Oh Pai, não diga isso com tanta força — interveio Francisca Tereza — Então o casal Curle, por exemplo, não trabalhou na sombra, no silêncio? E o célebre Pasteur? E tantos, tantos...

— Isso era noutros tempos, Tété! Hoje em dia...

— Em parte acho-te razão, Jorge — interveio o general — mas não em absoluto: porque o principal é haver o talento, o merecimento, o estudo.

— Eu acho que o Rodrigo tem imenso valor, Pai — tornou Francisca Tereza. — E os pais pareciam admirados daquela declaração tão categórica.

— E que pensas tu do José Paulo, Tété? — perguntou Cecília, encarando a irmã com interesse.

Francisca Tereza pôs ligeiramente, e não respondeu logo.

— Ah! está um que há-de ir longe... — murmurou o pai, continuando o seu passeio pela sala.

— E' um rapaz interessante — disse Manuela — E faz gosto ouvi-lo falar dos seus planos, dês suas idéias, dos seus projectos...

— E' muito ambicioso, é — disse Francisca Tereza.

— Um rapaz quer-se assim — declarou o pai — não é natural a ambição quando se é novo?

— Conforme — tornou o general — Ambição demasiada, não.

— E não será sobretudo a da riqueza que domina no José Paulo? — perguntou Cecília — é uma ambição que não tem grandeza... — acrescentou.

— Tudo isso são verduras da mocidade — concluiu o pai.

Nêste momento, porém, romperam pela sala as três senhoras Vila Fresca, uma viúva e duas solteiras, que vinham passar o serão de vez em quando.

— Trazemos grandes novidades — declarou D. Ernestina, a viúva.

— Nós não somos más linguas, Deus o sabe: mas há coisas... — disse D. Alzira, sentando-se ao pé de Manuela.

— Se se vai a aceltar tudo na sociedade, onde iremos parar? — acrescentou D. Ermelinda, com ar compungido.

Jorge, aborrecido, encolheu os ombros disfarçadamente. O general, depois de tossir com força, perguntou:

— Mas de que se trata, minhas senhoras?

— Ah, o general há-de achar interesse nas nossas notícias — respondeu D. Ernestina — são coisas que só no tempo de hoje podem dar-se, infelizmente!

— Antes de mais nada é preciso explicar... — meteu D. Alzira, confidencialmente.

— Deixa falar a Ernestina, Alzira — disse D. Ermelinda em tom de censura.

— Sabem, com certeza — tornou a viúva — que os Andrades perderam a fortuna toda em papéis do Brasil, não é?

— Coitados, já se fala nisso há tempo — disse Manuela.

— Pois a mãe e a filha, ambas essas insensatas, (nem acho outro nome que lhes dê) enquanto o pai lá está em Cabo Verde, num empregosinho sem importância, resolvem... empregar-se também, imaginem!

— Gente tão fina, tão educada, é um escândalo! — observou D. Alzira, com indignação.

— Isso é exagero, Alzira — disse Ma-

nuela — Não vejo escândalo nenhum em que as pobres senhoras trabalhem para ajudar a família!

— Pobres senhoras, não: nobres senhoras! — tornou D. Ernestina — e é preciso não esquecer o velho ditado francês que diz: Nobrêça obriga!

— Mas, minha senhora — disse Jorge, impaciente — uma das coisas a que a nobrêça obriga é a proceder bem. Ora em que é que as senhoras Andrades procedem mal? Porventura esses trabalhos são vergonhosos?

— Não fica bem, na nossa classe, uma senhora empregar-se; olhe a pobre Cristina, coitada, que tem tão pouco, se algum dia pensou em empregar-se! Lá vai vivendo, coitada, come em casa duns e doutros, e sendo fôsem os presentes de algumas pessoas, nem sei como poderia viver.

— Então não é preferível fazer o que fazem as Andrades? — perguntou Francisca Tereza.

— Também sou dessa opinião — declarou Cecília — e se'eu precisasse de fundos para educar a minha Maria do Céu, não hesitava em empregar-me.

— Pois fazias mal, menina; e tal não quiz a Providência — disse D. Ernestina, convencida.

— Também ouvimos dizer que a Domingas Paes (a tua amiga, Tété) namora um banqueiro riquíssimo divorciado e com dois filhos...

— Oh! — exclamou o general.

— A Domingas! — disse Manuela — que sabes tu a esse respeito, Tété? Francisca Tereza respondeu, simplesmente:

— Não creio a Domingas capaz de se registar, Mãe. Há realmente um risco que lhe fez declarações várias; mas ela pertence à Juventude Católica, e já lhe disse que não pensasse nela nem ao longe.

— Agua mole em pedra dura... — murmurou D. Alzira.

— As meninas que têm muita liberdade — tornou D. Ernestina — vêem-se às vezes em situações dessas.

— Não, Ernestina — respondeu Manuela — se uma rapariga fôr séria a valer, e fôr aos seus princípios, às idéias que lhe ensinaram, tanto faz ir acompanhada como sózinha: procede da mesma maneira.

— Ah, filha, eu quando era rapariga nova até teria medo de ir às festas sem a mamã sempre ao meu lado — disse D. Ermelinda, que era a mais piégas.

(Continua)



PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO Desenhos de Guida Ottolini



GENTE NOVA

VI

Francisca Teresa acordara cedo naquela manhã de Dezembro; embora na véspera se tivesse deitado tardíssimo. Tinha ido ao S. Luís ver o novo filme americano e se bem que não havia nêles cenas chocantes, Francisca Teresa trouxera aquela impressão vaga e desconhecida que deixa na alma um mau espectáculo, ou uma má leitura...

As amigas todas estavam entusiasmadas.

— E' estupenda a fita, não achas, Têté? — perguntou uma.

— Não pode haver duas opiniões a esse respeito — concluiu outra.

— Afinal é do melhor que cá tem vindo — disse a própria Manuela que, muito cansada naquela noite, não dera atenção minuciosa ao enredo; e só às decorações, à elegância, à cor...

— Pois eu nem por isso gostei, tenham paciência — declarou Francisca Teresa — Todo aquele final, em que aparentam felicidade, é baseado em vidas irregulares e exquísitas!

— O que ela foi buscar! — gritou Domingas.

— Quem se lembra dessas ninharias? — opinou a Chucha.

— Ninharias! — tornou Francisca Teresa — Reparem bem no que eu digo, meninas. Os dois que se adoram, e no fim ficam a viver radiantes, eram ambos casados com outras pessoas; e ele até tinha filhos. A mulher péssima, a intrigante, mata-se...

— E faz muito bem — declarou uma.

— Os pais da menina ajudam a que ele se separe do verdadeiro marido...

— Que era uma peste! — gritou outra.

— ...Mas que era o marido — continuou Francisca Teresa.

— Já vêem vocês que o filme, pensando bem, não tem nada que se aproveite! E' uma série de imoralidades.

— Que exagêro, Têté! E' pena que se registem os dois, isso é; mas, naquela situação, que fazer? E' a vida — disse a Chucha, convencida.

Nesta linda manhã de inverno, acordada, Francisca Teresa pensava nas múltiplas coisas que enchiam a sua vida. Pensava no Rodrigo, esse encantador rapaz que a adorava, ela bem sabia, mas por quem não sentia amor... Era inteligente, honesto, bonito, bom; tudo isso ela reconhecia. Quanto maior interesse lhe inspirava o elegante José Paulo, com o seu olhar dominador e enérgico, e que adoptara como divisa:

«Quê non ascendam?»

José Paulo nunca lhe dissera nada que se relacionasse com projectos de casamento; nunca, sequer, lhe dissera palavras ternas... Mas que prazer era para ela vê-lo, conversar com ele, dançar ao

nhos (tão pobres de tudo coitados...) o que é o sentido do Natal!

— Glória a Deus nas alturas! — cantou Joana.

— E na terra, paz aos homens de boa vontade! — responderam as outras, alegremente.

som do Jazz... Sim, era dêle que Francisca Teresa gostava; e se lhe pedisse para casar, ela nem um momento hesitaria. Tudo juntava, o José Paulo! A beleza, a inteligência, a fortuna... Casando com êle, Francisca Teresa poderia, decerto, dar largas às suas ambições sociais; fundar uma Obra de Assistência, por exemplo, ideal êsse, que sempre acalentará... Como José Paulo devia compreendê-la bem...

Com tão alegres pensamentos, vestiu-se depressa. Tinha de ir ao curso d'Economia Doméstica antes do almoço, pois começavam as férias do Natal e a lição ia ser longa hoje. Logo a seguir, iria à sua costureira provar um vestido de noite, que queria estrear antes do Ano Bom.

Ainda perto de casa encontrou um rancho de crianças, sujas e miseráveis, que chamaram alegremente pelo seu nome: — Menina Têté! Menina Têté!

Afagou-as, falou-lhes, ralhou pelas carinhas nojentas. E notando as bochechas estranhamente coradas da pequenina Orlanda, de cinco anos, ouviu o irmão, de três anos apontar para a irmãzinha e declarar:

— Tem a cara pintada com «batôn»! — E o rancho aplaudia, rindo, batendo as palmas.

— Minha porquilha — ralhou Francisca Teresa — Vai já ao chafariz lavar essa cara, ouviu?

Êste simples incidente mais a fazia pensar no que, tantas vezes, lhe dizia o avô:

— O povo tem sempre os olhos nas classes educadas; temos muita responsabilidade nas asneiras dêles.

Até a criança de cinco anos tentara à imitação das senhoras, pintar a carita, de vermelho!

E não surpreendera ela, um dia, a filha da porteira, garôta de seis anos, a deterer papel encarnado numa bacia de água... para pintar as unhas?!

Na seguindo o seu caminho depressa, como depressa se segulam os seus pensamentos. Quería pensar no Natal, já tão próximo; mas o seu espirito não parava nesta região espiritual. O Rodrigo... O José Paulo... Agora não queria também pensar no Rodrigo... Era do outro que gostava: porque teimava o Rodrigo em gostar dela? E como se o destino se divertisse a obrigá-la a pensar no Rodrigo, surgiu na sua frente, perto do Curso de Economia Doméstica, o próprio Rodrigo.

— Têté — gritou êle — Ainda bem que te encontrei!

— Como estás, Rodrigo? Então é verdade que te vais embora? — perguntou Francisca Teresa.

— Não é certo ainda; depende... — respondeu êle, grave.

— De quê? — tornou ela, encarando-o.

— Não posso dizê-lo aqui, na rua, à pressa, Têté... — disse êle, depois de uma hesitação.

Francisca Teresa olhou o seu relógio no pulso esquerdo; e tornou:

— Podes, sim: ainda tenho cinco minutos antes da minha hora.

Rodrigo olhou-a com uma vaga tristeza, e disse:

— Vou para Africa por duas razões, sabes? Primeiro, tenho lá um trabalho de hidráulica que deve dar-me futuro e talvez, até, fortuna; segundo... prefiro afastar-me de Lisboa, agora. A não ser que...

— Que?... — insistiu Francisca Teresa.

— Que a rapariga de quem gosto me diga para não ir — disse o rapaz, devagar.

— E tu sabes se essa rapariga gosta de ti?

— Não sei...

— Então, Rodrigo, se tu o não sabes é porque... sentes que ela não gosta.

— E' essa a tua opinião, Francisca Teresa?

— Se ela gostasse de ti, já tu o terias sentido, Rodrigo. Se vêes que tens em Africa o teu futuro, não penses mais nessa rapariga; não mereces que lhe sacrificues a tua carreira — E Francisca Teresa, bruscamente, apertou-lhe a mão, dizendo:

— Tenho pena que vás para tão longe; somos amigos há tantos anos... Não deixes de ir lá a casa despedir-te, vê lá!

Rodrigo afastou-se, um pouco cabiçal.

Depois, em casa, à hora do almoço, Francisca Teresa contou o encontro que tivera, sem allús, dizer a gravidade das palavras trocadas entre ambos.

— O Rodrigo Paes sempre vai para a Africa — declarou, simplesmente — encontrei-o esta manhã.

A mãe olhou para ela e não disse nada. Mas o avô queria saber detalhes sobre a partida do rapaz, de quem sempre gostara muito.

— Há por aí uns zun-zuns que tu não és

alheia a essa partida, Têté; vocês, as vészes, raparigas, dão um pontapé na felicidade!

— Oh Avôzinho, então uma pessoa há-de casar sem amor? Eu gosto do Rodrigo com amizade de irmão; e não se casa com um irmão.

— Sabes lá se é amor se é amizade, minha tonta; nem sempre êsses dois sentimentos estão tão separados como se julga.

Francisca Teresa abraçou-o, risonha, e tornou:

— São diferentes como o dia da noite, Avô... — e, sorrindo a um sonho que lhe atravessava o espirito, calou-se.

— Têté, já pensaste na festazinha a preparar para o Natal dos garôtos? — perguntou Cecilia, entrando com Maria do Céu.

— Natal! Natal, tia Têté! O Menino vem! — gritou a pequenina, sentando-se, carinhosa, no colo de Francisca Teresa.

(Continua)

CHÁ DA COSTURA

— O Natal não é só o dia 25 de Dezembro: é toda esta quinzena de alegria espiritual! — declarou Maria José, com sincera convicção.

— Eu gostava que o Natal fôsse a festa de todos sabem vocês? de todos, de todos, sem excepção! — disse Clara melancólica.

— Dizes isso num tom, Clara, que é a negação da alegria! — observou Joana, admirada.

Clara respondeu-lhe: — Pois acerta-te, Jana; é com tristeza, e muita, que eu digo isto!...

— ?!

— Sim, filha, sabes porquê? Porque para o Natal ser o que deve ser, era preciso que em todas as casas, e nas mais pobrezinhas, nada faltasse... Já vêes que me faz pena não poder conseguir, para todos, o bem-estar, a fartura, a alegria...

— Ouve, Clara — lembrou Maria José — sabemos bem que pouco podemos fazer materialmente; e aqui também muito importa essa parte material. No entanto, talvez pudessemos juntar-nos todas (e dizer o mesmo às raparigas dos outros chás da costura) e cingir-nos, por exemplo, a algumas ruas da freguesia, tratando de proporcionar um Natal alegre aos pobres dessa ruas; que dizem vocês?

— Há uma coisa mais simples, talvez — respondeu Rita — E' pensar... nos pátios! Nesses pátios miseráveis e cheinhos de crianças!

Joana entusiasmou-se:

— Essa idéia é estupenda, Rita; vamos dedicar-nos a um dos pátios dar-lhes coisas, arranjar um Presépio...

— A idéia é de veras boa; mas é preciso

proceder com ordem para que se faça alguma coisa de útil. Dá cá um papel, Zé, vamos assentar o que há a fazer. — E Clara, com a sua pena, começou a escrever o programa dos trabalhos a fazer e das coisas a arranjar.

— Temos de saber quantas famílias habitam o pátio escolhido; quantas crianças há nessas famílias; e as idades delas.

— Eu arranjo o pão para o jantar do Natal — declarou Joana, com calor — Dou para isso as minhas economias... e com gosto — acrescentou.

— Pela minha parte vou vêr se arranjo bôlos de arroz para a sobremesa.

— Eu não posso entrar em despesas; mas irei, com as primas, preparar as mesas e os Presépios.

— Tratarêi de angariar um dinheirinho para se comprarem algumas galinhas; e lá em casa é que se fará a canja de todos — lembrou Clara, já desanuviada.

— Querem saber o que eu arranjo? — perguntou Alice, contente — Brinquedos para os miúdos!

— E é preciso também não esquecer a fatiôta — disse Maria José — Mas essa arranja-se nos Vestiários: eu pensarei nisso.

— E para que consigamos obra assada, tornou Clara — vou propôr-lhes uma coisa. Que um grupo se encarregue da parte espiritual: ir visitar essas famílias desde já (a pretexto de lhes preparar um bom Natal), falando-lhes de Jesus, do Seu Nascimento, da Sua festa próxima, da alegria de sermos Cristãos...

— Oh Clara, vai ser ótimo o nosso Natal — disse Maria José, beijando-a — porque vamos de espalhar muita alegria em volta de nós...

— E não só isso, Zé — respondeu Clara, quase com gravidade — havemos, talvez, de fazer compreender a êsses pobrezinhos

O' meu menino Jesus,
Nascidinho na pobreza,
Tomai posse da minha alma,
Minha única riqueza!

Cantai, anjos, ao Menino,
Que a Senhora logo vem;
Foi lavar os cueirinhos
A' pocinha de Belém.

O' meu Menino Jesus,
Descalcinho pelo chão;
Metel os vossos pezinhos
Dentro do meu coração.

Pastor do gado branco,
Não arranques rosmaninho,
Pois é onde a Virgem pura
Estende os cueirinhos.

(QUADRAS POPULARES)



MARIA JÁ CASOU

— Que tens tu, Maria? Choraste? — e Maria abraçou ternamente a irmã.
 — O Manuel está doente, e não sei o que faça!
 — A primeira coisa é chamares o médico.
 — Ele não quer! São tudo despesas... Diz que não tem nada.
 — Não te excites e trata de chegar a uma conclusão. Ele tem febre? Pusete-lhe o termómetro?
 — O termómetro? Mas eu não tenho termómetro!
 — Faz falta numa casa; tens de o mandar vir. E doe-lhe a cabeça? Está engrupado? Um bom chá quente, um comprimido de aspirina...
 — Não temos nada disso cá em casa: nunca nos lembramos que podíamos adoeecer...

— Pois fizermos mal, minha filha: é preciso prevenirmos antes de ter de remediar. Vou contigo ver o Manuel.
 E as duas irmãs foram ao quarto conjugal, onde Manuel, com um princípio de gripe, se deitara sobre a cama.
 — Isto não é nada — declarou ele logo.
 — Doe-me a cabeça, as pernas, e sinto-me febril — acrescentou.
 — Creio que bastará a aspirina, Manuel; e como vocês não a têm cá em casa, vou-lha mandar, assim como o termómetro. E se ele logo não estiver melhor — acrescentou Maria, baixinho, saindo com a irmã — então telefona ao médico para vir vê-lo.
 Já no corredor, Marta tornou:
 — E' absolutamente indispensável, Maria, ter-se sempre em casa uma pequena botica.
 — Mas como? Onde? — perguntou Maria.
 — Se não tens um desses armários modernos, pequeninos, brancos, que se pregam na parede da casa de banho,

arranja uma caixa grande, ou mesmo uma gaveta larga. E aí, tens de ter, pelo menos:
 Um termómetro; um pacote de algodão hidrófilo; aspirina; tintura de iodo; borato de sódia; água oxigenada; fenossalil; 1 lata com gazes, ligaduras e adesivo.
 — Ih, tanta coisa, Marta!
 — Não sejas criança, filha. E' preciso saber acudir prontamente ao princípio das doenças, aos desastres, aos golpes, etc., etc.
 E, tendo a tua botica fornecida, evitas muitas demoras. E' evidente que tens de saber aplicar as drogas...
 — Nem sempre é fácil...
 — Ora, adeus; é aplicar o raciocínio... e não é, ouve-me bem! substituir o médico. Agora vou-me para casa o mando-te já o termómetro e a aspirina. Com o chá bem quente, vê lá!
 E Marta saiu apressada, deixando Maria a pensar na instalação da sua botica caseira.

CHÁ DA COSTURA

— Já pensaram bem que estamos em Janeiro? — perguntou Clara, naquela tarde fria e chuvosa.
 Todas levantaram as cabeças, admirações.
 — Então Janeiro é diferente dos outros meses?! — exclamou Joana.
 — E' o primeiro do ano, Joana: é o que enceta, por assim dizer, a série toda pelo ano adiante.
 — E então?? — tornou Joana, sem compreender.
 — Já vejo que nenhuma de vocês teve a mesma ideia do que eu — declarou Clara — e como a ideia me parece boa, vou

desenvolvê-la. Mas vão cosendo, meninas, não percam tempo.
 E, enquanto a actividade aumentava entre o alegre grupo, Clara explicou:
 — E' em Janeiro que devemos estabelecer os nossos planos de trabalho para todo o inverno. Planos de costuras, de leituras, de estudo...
 — Ora essa, Clara, e não haverá lugar para divertimentos?! — perguntou Joana, de sobrolho franzido.
 — Pois claro que há, Jana! — respondeu Clara a rir — Mas para isso... não são urgentes os planos, bem vê: surgem com frequência e, sendo próprios, dão-nos alegria e boa disposição.
 Mas os planos sérios, esses, exigem de nós força de vontade, tenacidade, desejo de cumprir.

— Que planos tens tu, Clara? — perguntou Alice, curiosa.
 — Tenho imensos; e espero poder realizá-los. Não vale a pena dizer-lhes o que são os meus planos: basta que lhes diga que nêles entra muita actividade colectiva, muito estudo de história, (que é o meu maior entusiasmo), algum trabalho pianístico, (para pôr em dedos uma infinidade de coisas esquecidas), várias obras em «filet», que são preciosas lá em casa, a adaptação portuguesa de um delicioso livro inglês, a organização de uma assistência infantil...
 — Não digas mais, Clara! é impossível que faças tudo isso este inverno — declarou Maria José.
 — Com saúde e calma tudo se faz muito bem. E querem saber uma coisa, ricas? E' que quando pego numa folha de papel e escrevo nêles os meus belos planos... tenho quasi a certeza de poder realizá-los!
 — Pois eu farto-me de fazer projectos e sai tudo sempre ao contrário! — disse Joana, desconsolada.
 — Experimenta o meu sistema, Jana — aconselhou Clara — escreve num papel o que queres fazer este inverno...
 — Se eu seguisse o teu conselho punha já no tal papel: divertir-me, dançar, rir, não trabalhar, e... casar com um rapaz estupendo!



Foi uma gargalhada geral. E quando acalmaram viram Rita, socegada a um canto, a escrever. Clara perguntou-lhe:
 — Estás a escrever os teus planos, Rita?
 — Estou; e vou lê-los alto, para depois do inverno verem se os realizei ou não — respondeu Rita. E, pegando no papel leu:
 Antes da Páscoa, hei-de fazer os casquinhos para os pobres; hei-de acabar a almofada para a salinha da Mãe, (começada há que tempos); hei-de ensinar a ler a pequena da lavadeira, (que é uma patetinha); nunca hei-de faltar à Catequese, (como fiz no inverno passado muitas vezes); hei-de acabar de ler as peças de Shakespeare, (faltam-me só quatro); hei-de chegar à Revolução Francesa no estudo de História Universal, (com datas e tudo); acabar de ler o Monge de Cister, (já o comecei a ler há que tempos); hei-de dar passeios a pé todas as manhãs; hei-de fazer companhia à tia Henriqueta, (que tem 80 anos) uma vez por mês...
 — Não te esforças muito com a pobre senhora! — observou Joana.
 Rita continuou:
 — ...e também ajudar a Mãe no governo da casa — concluiu Rita, satisfeita e aliviada.
 — Verás que cumpres tudo lindamente! — disse Clara, abraçando-a, a rir.

GENTE NOVA

VII
 Era o dia dos anos de Manuel; e o avô resolvera festejá-lo com uma dessas festas modernas em que, das seis e meia à meia noite, se dança, conversa e toma bebidas variadas, acompanhadas de requintados azeitões e pratos substanciais.
 Um terceiro animado tocava na sala grande; pois o general preferira que a T. S. F. ou a grafonola, aliás óptima, fossem substituídas por artistas verdadeiros.
 E na esplêndida casa de jantar, cujas três janelas de sacada abriam sobre o terraço do qual se descia para o jardim, estava a mesa coberta de deliciosas iguarias; desde os dois enormes perús crassados nas cabeceiras da mesa, às variadas galatinas, e aos múltiplos pratinhos de croquetes, filetes, pastéis, sanduíches, «pâtis fours», doces de ovos, rebuçados e bombons.
 Num extremo da sala havia chá e chocolate; no outro um belo serviço de vinhos e «cock-tails», entre os quais um deles inventado pelo próprio Manuel, o herói do dia: e Manuel era o «barman» naquela tarde.
 — Como se chama o teu «cock-tail», Manuel? — perguntou a Chucha, bebendo um cálice da exquisita bebida que lhe provocara um forte ataque de tosse e caretas incomensuráveis.
 — Posso dar-te a honra de o baptizares, Chucha! — respondeu Manuel, com gentileza. — Mas vê se inventas um nome sugestivo e dinâmico...
 A Chucha, bebendo outro gole, declarou, franzindo o nariz:
 — Não sei o que esta droga me faz lembrar... Parece aguarard misturada com tintura de iodo, mostarda, sumo de limão e pimenta em grão desfeita em gasolina e gin! E' colossal, Nel!
 Manuel sentia-se lisongeadado com a descrição.
 — E o nome? — tornou.
 — O nome... o nome... oiha, já sei: Piramidal Espampante!



O general andava entre os grupos, feliz por vê-los dançar, ouvi-los rir, sentir os contentes com tudo e com todos.
 Como não era ainda muito velho, pois os seus setenta anos mostravam-se vigorosos e cheios de vida, gostara de rodear-se de gente moça; e interessavam-no as mentalidades da nova geração tão diferente do que fora a sua...
 Com Francisca Tereza, a neta preferida, discutia às vezes esses assuntos e apreciava o seu raciocínio, sensato e fino. Sendo moderna, Francisca Tereza tinha um pensar quasi austero.
 Admirou-se, porém, de a encontrar, pensativa, no vão de uma janela, olhando as velhas pimentas que ensombavam o jardim.
 — Que fazes, Tété? Abandonas as tuas visitas?
 Francisca Tereza voltou-se, risonha.
 — Foi um momentinho só, Avô. Pedi-ram-me para esperar nesta salinha...
 — Pediram-te? Quem, minha filha?
 — E' uma brincadeira, Avôzinho. Mas eu prometi... e estou à espera do José Paulo, que quer falar-me não sei de quê.
 O avô abanou a cabeça e saiu devagar sem dizer nada.
 José Paulo entrou minutos depois. Acabara de dançar com a Chucha e vinha alegre, animado, talvez por ter também engulido o terrível «Piramidal Espampante» inventado por Manuel.
 — O Avô admirou-se deste à parte, você sabe? — disse Francisca Tereza, deixando-se ficar no vão da janela.
 — A idade dele já não pode compreen-

der os nossos actos, os nossos pensamentos; nem muitas vezes os nossos planos.
 — Não, José Paulo, o Avô é mais novo do que alguns novos. Mas... vamos ao que importa. Porque não me disse você o que queria quando dançamos ainda agora?
 José Paulo acendeu um cigarro e propôs:
 — Você hoje está arisca, Tété; vamos sentar-nos no sofá e conversar com sossego.
 — E' bom de dizer, mas lembre-se que tenho de ir receber as visitas!
 — Estão animadíssimos a jogar jogos de escrever na sala pequena; a ova ideia do seu avô! A Domingas, com a Chucha, ajudam a sua mãe e a sua irmã. Agora não a deixo sair daqui antes de um bom quarto de hora, Tété — tornou o rapaz, com autoridade.
 Francisca Tereza suspirou e foi sentar-se numa larga poltrona, enquanto José Paulo se instalou no sofá.
 — O que pensa você do casamento, Tété?
 — O que penso? Que é um sacramento grave, gravíssimo, que eu encaro, de resto... com bons auspícios! — acrescentou, sorrindo.
 — Que estranha resposta numa rapariga moderna! Então a primeira coisa em que você pensa, quando se fala em casamento, é na parte grave, pesada, maçadora, mesmo! Então que lugar dá ao Amor, que é o número um do casamento? E à riqueza, que é para mim outra espécie de número um? — e José Paulo ria, mostrando uma enfiada de dentes grandes e brancos. Mas Francisca Tereza não riu. Ficou um momento calada, e tornou:
 — Sim, o amor é a base única do casamento, José Paulo. Mas o que é o amor se não for sagrado pelo Sacramento? Para mim, você creia isto, um casamento sem amor seria impossível; mas eu junto sempre ao amor, a grandeza, a ideia litúrgica, mesmo, do sétimo Sacramento.
 — Ai, Tété, deixemos essas maçadas, que não levam a nada de agradável. Você é a rapariga mais estúpida que eu conheço, sabe? — tornou, sorrindo.
 Francisca Tereza corou de prazer. Sentia o coração bater, apressado; mas não se atrevia agora a encarar aquê-

rapaz que desconhecia a timidez, a hesitação, a dúvida de si mesmo...
 — Eu resolvi casar consigo, Tété. Mas quero ter a certeza absoluta que você está pronta a esperar por mim um ano ou mais.
 — Esperar por si, José Paulo? — perguntou ela, sem compreender.
 — Penso ir à América por um tempo indeterminado. Talvez meses, talvez um ano, talvez mais; e quero que se considere minha noiva, Tété. Quando eu voltar, e volto rico, riquíssimo, então casamos. Terá todo o seu gozo na liturgia católica do casamento! — acrescentou, a rir.
 — Oh José Paulo, não ria de coisas tão santas! — respondeu Francisca Tereza.
 — Você não é crente como eu?
 — Sou relativamente católico, esteja descansada; e acho de mau gosto, até, não praticar, visto que pais e avós o fizeram sempre. Mas... depois de estarmos casados você tratará de reforçar o meu catolicismo. Agora responda-me: quer ficar sendo a minha noiva desde já? Nesse caso (e eu não duvido um momento, Tété) venho amanhã falar com a sua gente. O meu pai é muito seu amigo, sabe? E o seu pai parece gostar de mim. Que me diz?
 Francisca Tereza olhava agora a linda fisionomia do rapaz, um pouco curvado sobre ela; os olhos grandes, pestanudos, de um cinzento de aço, reflectindo a energia daquela alma viril.
 Sentiu o seu coração encher-se de amorosa ternura; levantou-se devagar, entregou as duas mãos às mãos finas de José Paulo e respondeu, com um sorriso feliz:
 — Sou a sua noiva, José Paulo! E esperaré por si todo o tempo que for preciso!
 José Paulo beijou-lhe as mãos ambas; e, de braço dado, voltaram para a sala, onde recomeçara a dança com entusiasmo, ao som de uma valsa rítmica e linda, que dançaram lenta e amorosamente.
 — Vocês parecem entender-se muito bem. E a tua cara não é a de todos os dias, Tété — murmurou a Chucha, quando passaram por ela, a valsar.
 — Você deu no vinte — respondeu-lhe José Paulo, a rir.
 E, toda aquela tarde, Francisca Tereza viveu intensamente o seu sonho de amor...
 (Continua)



GENTE NOVA

VIII

As senhoras Villa Fresca não tinham inventado o boato a respeito de Domingas; e era certo que o Dr. José de Oliveira, proprietário riquíssimo do Douro e dono dum banco no Porto, lhe fazia uma corte assídua. Tinha-a encontrado em Vidago, onde ela estava com a mãe e a Chucha; e, na intimidade da vida diária nas termas, formara-se entre ambos um convívio agradável.

Imprudently, a mãe de Domingas não perguntara a ninguém qual era a situação do banqueiro; apenas sabia aquilo que tantas vezes basta saber para certas pessoas: que tinha grandes e boas propriedades e uma enorme fortuna. Domingas, porém, que até ali fora sempre uma rapariga leal, coerente com as suas ideias e os seus princípios, soubera por um hóspede do hotel que o seu adorador era divorciado; e que deixara a mulher e dois filhos sem que houvesse razões para tal abandono. Logo nessa tarde, quando ele as veio buscar no seu luxuoso carro para uma excursão por Trás-os-Montes, Domingas pediu à mãe e à Chucha para desistirem do passeio.

— Desistir porquê? — exclamou a Chucha, fula. — Eu adoro ir e se não queres ir, vou eu com a tia.

E foram, deixando Domingas fechada no quarto.

No dia seguinte, a tomar as águas, o banqueiro declarou-se, com veemência.

— Posso oferecer-lhe uma vida de luxo, Domingas; e tenho por si uma tal paixão que você fará de mim o que quiser.

— Pode dar-me tudo... menos o casamento, bem sabe — respondeu a rapariga, com firmeza.

— O quê, vai prender-se com essa bagatela? — perguntou ele, admirado. — Mas há milhares de mulheres, casadas só segundo a lei! Em que é que isso impede um homem e uma mulher de serem felizes?

— Se o não queres p'ra ti, Domingas, talvez ele se vá para mim: tinha pilhas! — e a Chucha riu às gargalhadas ao ver a cara estupefacta da prima.

Meses depois, em Lisboa, Domingas desabafou com o irmão; o encantador Rodrigo, cuja rectidão era conhecida de todos.

— Esse homem não existe para ti como pretendente — disse Rodrigo, com força.

Nos bailes do entrudo, porém, Domingas tornara a encontrar o banqueiro; e as conversas, a dança, o convívio entre os dois, começavam a dar que falar na sociedade. Algumas cartas se haviam trocado...

— Não faço nada de mau, visto que não estamos para casar, Tété — respondia Domingas às observações de Francisca Teresa. — E' um simples convívio agradável.

— Não te fica bem, Domingas; corta de vez com esse convívio.

— Se tu visses o maravilhoso relógio de pulso que ele me mandou para os meus anos! — tornou Domingas, com entusiasmo. — Uma verdadeira jóia!

— E tu aceitaste?

— Uma prenda d'anos todos podem receber!

Um dia, em fim, passados meses, a pobre Domingas entrou, ofegante, pelo quarto de Francisca Teresa: na véspera da festa em que José Paulo ficara noivo da sua amiga.

— Que tens, Domingas? — perguntou Francisca Teresa, vendo-a cair no sofá a chorar.

— Acabei com tudo, Tété; mandei o relógio, as cartas, tudo, e escrevi-lhe a pedir que nunca mais se dirigisse a mim...

Francisca Teresa sentou-se ao pé dela, abraçou-a ternamente e disse-lhe, limpando com o seu lenço as lágrimas que lhe cobriam a cara:

— Tiveste a verdadeira foi-taleza cristã, Domingas; verás o enorme consolo que vai invadir a tua consciência!

— Perco tanta coisa boa para a vida...

— Ganhas tanta coisa boa para a alma...

— Ele gosta de mim a valer, Tété!

Domingas sentiu a incompreensão daquele homem; e limitou-se a responder:

— Olhe, não pense em mim. Simpatizo consigo, não posso negá-lo; é uma fatalidade... Mas sou católica e não posso casar civilmente, bem vê.

— Não desisto, fique sabendo: é uma loucura da sua parte, mais nada. E nos tempos de hoje quem se prende com tais insignificâncias? Não me dê a sua resposta já; pense maduramente e, de Lisboa, é que me há-de dizer quando quere que se marque o casamento.

Domingas chorara, a sós consigo mesma; e lamentara estar tão longe de Francisca Teresa, cuja alma cheia de força moral a amparava sempre tanto...

Contou à mãe e à Chucha o que se passava; mas, com espanto triste, ouvira da própria mãe palavras de indesculpável aceitação:

— E' pena, é; mas, minha filha, nos tempos que vão correndo é preciso encarar a vida dumã maneira diferente. Então a Sofia não se registou também? é felicíssima, afinal; já tem um

— Outro virá que te fará feliz em absoluto.

— Mas olha que é bom ser-se rica...

— E' bem melhor ser feliz dentro de dever!

Domingas vencera a tentação... E agora, apesar do seu desgosto, uma grande paz enchia a sua alma; embora impregnada, ainda, de melancolia.

Dias depois, Domingas veio a casa do general; e toda a família se encontrou na sala à hora do chá.

— O Rodrigo parte para a Zambézia, Tété; e queres saber uma novidade esquisita?

— Desconfio que advenha.

— Resolvi partir com ele, imagina! Tu bem avalias como ele vai triste, tristíssimo; e ainda nem sabe que estás noiva do José Paulo...

— O Rodrigo para mim é um irmão — disse Francisca Teresa.

— Isso não o consola — tornou Domingas. — Mas como eu também me sinto mal lá em casa, onde a Mãe não aprovou as minhas resoluções...

— Não aprovou? — perguntou Cecilia, admirada.

— A Mãe não é bastante religiosa; e diz que essas situações são, hoje em dia, vulgares.

— Incrível... — murmurou o general.

— Lembrei-me por isso de acompanhar o Rodrigo. É a Chucha fica lá em casa agora.

— Que faz ela no meio disto tudo? — perguntou Manuel.

— Tem milhentas ideias na cabeça, isso tem — tornou Domingas — mas não sei bem quais são...

— Não se me dava saber o que está dentro daquela pinha! — concluiu Manuel.

— Mas o que eu ainda não disse — tornou Domingas — é a parte mais interessante da nossa viagem. O Rodrigo, para o lugar que vai ocupar, precisa de ver umas coisas técnicas e agrícolas...

— Onde? — perguntou o general.

— Na Itália, imaginem; de maneira que temos o seguinte projecto que muito me sorri: vamos daqui a Génova por mar; de lá a várias terras italianas e de Nápoles é que embarcamos rumo à Africa! Julgo que seguiremos pelo Mar Vermelho, visto que o fim do Rodrigo é a Zambézia.

— Que esplêndida viagem, Domingas!

— Ver novas terras, novos meios, novas gentes — observou o general — vai ser um regalo para a sua inteligência, Domingas.

— Quando voltares — murmurou-lhe Francisca Teresa ao ouvido — como te parecerá longe toda essa história do banqueiro divorciado...

IX

José Paulo voltara para casa radiante. E, apesar do seu temperamento não ser dos mais expansivos, procurou o pai logo na manhã seguinte e falou-lhe da sua resolução a respeito da encantadora Tété.

— Gosto bem que te decidisses — respondeu o pai — mas disseste-lhe que partias para longe antes de casar? Ela acolheu bem o teu pedido?

José Paulo teve um sorriso de triunfo.

— Tu julgas que eu ia correr o risco de não ser recebido com entusiasmo, Pai? A Tété adora-me. Podes ter disso a certeza; e espera todo o tempo que eu quiser.

— Ainda bem, meu filho; é uma adorável rapariga. E explicou-lhe os seus projectos, as tuas ambições, o sítio para onde vais trabalhar?

— Nada disso; nem é preciso. Mas quero-te dizer-te a ti, como é o meu dever, que parto já, por estes dias, no «Clipper».

— Para onde?!

— Primeiro vamos a Nova York, o meu sócio e eu; depois, provavelmente, para mais longe... Muito mais longe.

— Assustas-me, José Paulo.

— Não vale a pena, Pai; devemos instalar-nos no Texas.

— Petrôleo?

— Petrôleo.

— És lacónico. Está organizada essa Companhia? Dispõe de capital?

— Não me perguntes mais nada, se queres ser-me agradável. Mas prometo-te uma coisa: o sucesso! — e José Paulo levantou-se.

— Deus te oiça, meu filho — disse o advogado, quase com gravidade, levantando-se também.

Francisca Teresa sentia-se felicíssima. E a confiança que lhe inspirava o amor de José Paulo era tão grande como a admiração pela sua inteligência!

— Esta partida súbita para a América, ou Deus sabe para onde, é que me não agrada — disse o general, nas vésperas do dia marcado para a saída do «Clipper». — Parece-me tudo isto tão estranho, tão precipitado...

— Oh! Avó, então que tem de extraordinário? — exclamou Cecilia. — A vida de hoje é rápida, é intensa...

— Há meses, já, que ele pensava nisto — disse Francisca Teresa.

— E tu, que és a noiva, sabes bem para onde ele vai? — tornou o avó. — E em que consiste o trabalho? — Francisca Teresa corou um pouco.

— Tenho tal confiança no José Paulo que nem lhe pergunto nada — respondeu.

— Pois fazes mal — concluiu o velho.

— Mas os pais, a irmã, o irmão, todos discordavam do general; e José Paulo sentia-se ali envolvido num ambiente de verdadeiro entusiasmo.

— O Rodrigo e a Domingas partem daqui a dias, sabem? disse-me a Chucha ao telefone — declarou Manuel.

— Essas conversas com a Chucha estão-se tornando muito frequentes, Manuel — observou Cecilia.

— Que querem? resolvi educá-la! Tem pilhas, e não se importa de passear comigo por toda a parte: qualquer dia vamos ceiar.

— Alto lá, menino — ralhou o pai — você lembre-se que é menor, e não quero cenar com raparigas conhecidas.

Manuel embeberrou. E nesse momento tocou o telefone.

— E' ela — disse o rapaz, correndo para o telefone — E' você, Chucha?

— Eu preciso de dar-lhe um recado, Nel — disse Francisca Teresa, tirando o auscultador da mão do irmão.

— Olha, Chucha, sou eu agora. Diz à Domingas que vou lá depois de amanhã passar a tarde. Vai no «Clipper», sim. Amanhã, para a América; não é mistério nenhum, que ideia! Adeus.

— Não sei como tens paciência para aturar a Chucha, Manuel — declarou Francisca Teresa, num tom aborrecido. Mas Manuel, amua-lo, saiu da sala.

E José Paulo veio fazer as suas despedidas naquela noite.

— Quando teres as primeiras notícias? — perguntou-lhe, terna e humildemente, Francisca Teresa, enfiando o seu braço no dele.

— De Nova York, se puder, telefono. Se não, mando um rádio.

— José Paulo, como talvez seja grande esta separação, gostava de falar contigo em sócio.

— Tenho o espírito cheio de preocupações, Tété; não posso demorar-me muito.

— Mas...

— E não quero, ouviu? que chore pela minha partida. Detesto lágrimas, você bem sabe.

CHÁ DA COSTURA

— Há quantos anos nos reunimos para coser, Zé!

— observou Clara, sorrindo satisfeita.

— E olha que são reuniões bem agradáveis, estas!

— respondeu Maria José.

— Quantos nós não temos já vestidos! — disse Joana, contente.

— E quantas ideias aqui temos desenvolvido! — me-teu Alice.

— A respeito de ideias — tornou Clara — tenho vontade de ouvir as opiniões de vocês sobre algumas. Para começar pergunto:

— O que é a felicidade, meninas?

Alegres gargalhadas acolheram a pergunta de Clara.

— Como queres que se responda a essa pergunta?! — disse Maria José, a sério. — Para a felicidade é preciso saúde; é preciso dinheiro; é preciso...

— Não concordo — tornou Clara — Mas digam, digam...

— Não concordas, Clara! — gritou Joana — pois como pode ser-se feliz vivendo na penúria?!

Sem fato bom, sem cozinha fina, sem vida chic, sem...

— Nada disso faz parte da felicidade: são acessórios, simplesmente — disse Clara.

— Mas que importantes acessórios! — exclamou Rita — Não creio que uma rapariga possa sentir-se feliz faltando-lhe o bem-estar, o conforto, a fartura; é impossível.

— Eu não me importo com a riqueza — disse Maria José — mas a pobreza deve ser terrível...

— Eu quando penso na felicidade, profunda, completa — tornou Clara — vejo-a principalmente na parte moral e espiritual da vida.

— Pois sim, mas tu és uma santa; nós não somos nada disso e queremos comer, beber, dançar, casar... — gritou Joana.

Todas riram, aprovando; e Clara continuou:

— Nada disso é incompatível com a minha concepção da felicidade; apenas, para mim, estão esses gozos em segundo lugar; e creiam o que lhes digo, para vocês, se pensarem bem, também estão.

— Então toca a dar explicações, menina Clara — pediu Joana.

— Se tiverem todos os dias óptima cozinha, boa saúde, bailaricos divertidos...

— Para onde posso escrever?

— Eu direi de lá, Tété.

— Não se zanga que eu vá despedir-me de si ao «Clipper», não?

— Ele teve um sorriso satisfeito.

— Zangar-me? Não. pelo contrário. Mas vá chic, bem vestida, com o chapéu castanho que lhe dá um ar... estupendo. Mostre-se como é: uma rapariga moderna, prática, sem pieguices. Agora um abraço, Tété.

E envolvendo a noiva nos seus braços fortes, José Paulo pousou de leve os seus



— Que rica vida! Oh quem dêra! — cantou Joana.

... e a par dessas delícias a vossa mãe, ou o vosso pai, ou os vossos irmãos estiverem tristes ou doentes, já não acharão graça a nada; porquê? porque a vossa alma não pode deixar de estar triste também.

— Ah nisso tens tu razão, Clara — disse Alice.

— Se lhes sair a sorte grande...

— Oh Clara, que ideal! — gritou Rita.

... mas se lhes morrer uma pessoa querida — continuou Clara — nem alegria poderão sentir.

— Isso é certo — disse Rita, pensativa.

— Depois, ricas, a felicidade é tão diferente para umas e para outras! Assim, o que dará felicidade a vocês, não será decerto o que a dará à filha da porteira, pois não? Nem, talvez, a uma princesa reinante! Dizia o meu avó, e eu nunca o esqueci, que a felicidade estava no exito das aspirações de cada um...

— Que complicado que isso é, Clara — disse Joana.

— Não é, Jana; é simples, até. Tu por exemplo, desejas uma determinada coisa...

— Desejo milhentas, Clara!

— Se as realizares, sentes-te feliz e tens a felicidade!

— E tu, Clara, como defines a felicidade? — perguntou Maria José.

— Ah, eu... — e Clara hesitou um momento; depois tornou:

— Afigura-se-me, sabem vocês, que a pessoa que souber, e puder, e conseguir, cumprir alegremente o seu dever, sempre e em todas as ocasiões, não puderá deixar de sentir-se feliz — concluiu Clara, simplesmente.

— lábios nos dela. Depois, declarou, sorrindo:

— Tenho o amor e a audácia; vou buscar o que ainda me falta: a riqueza!

— Tão longe... — murmurou a noiva, pensativa.

— Já não há longes, hoje em dia, Tété.

Há a vontade de «ferro»... mais nada.

E, despedindo-se de toda a família, José Paulo saiu de casa do General.

(Continua)

GENTE NOVA

X

Rodrigo, em contraste com José Paulo, tinha em si o sentimentalismo delicado da raça portuguesa. Faltava-lhe, o que era pena, mais confiança em si próprio, mais energia, e um pouco daquela audácia que em José Paulo era demasiada.

Mas a sua consciência do dever, o seu saber profundo, a sua inexcedível lealdade, faziam dele um rapaz de qualidades raras.

Desde criança que adorava Francisca Tereza; o seu sonho único era casar com ela, trabalhar para ela, fundar com ela um lar cristão e feliz, mesmo que tivessem de viver na maior modéstia.

E o enorme desapontamento ao saber que ela aceitara José Paulo, tinha sido para Rodrigo uma verdadeira doença.

— Olha, sabes que mais? — impacientemente Domingas perante o seu irremediável desabafo — vira-te para a Chucha: diz-te logo que sim.

— Deus me preserve de algum dia eu pensar na Chucha! Tem tudo o que eu detesto numa rapariga.

— Ora, ora...

— A linguagem, os modos, as salas acima do joelho, o andar gingão, o cigarro ao canto da boca, e, o que é pior do que tudo isto, o carácter fraco e o seu espírito sem bondade, quase cínico!

— Que retrato horrível da pobre Chucha; não há aí muito exagero? E olha que o Manuel anda apaixonado por ela; se não te mexes...

— Não me mexeres, Domingas — afirmou Rodrigo.

— Eu dizia isto como derivativo, Rodrigo — tornou a irmã, abraçando-o — para ver se te desanuviavas. Pois sei bem o que vale o teu coração...

— Não digo que valha muito; mas, sem sombra de despeito, ciê, aterra-me a ideia de ver a Têté, a nossa Têté, trazar com um homem céptico e frio como é o José Paulo.

— Parece gostar dela; não é isso o que importa?

— Acima do seu amor ele porá sempre a sua ambição.

— Mas é um homem leal e bom como tu, Rodrigo? — insistiu Domingas, ansiosamente.

— Espero que sim, Domingas; e o meu amor pela Têté é tão profundo que seria para mim um enorme desgosto se ela não fosse feliz com ele... — e Rodrigo ficou cismático.

— Vou levar um livro em branco para apontar as impressões da Itália, não achas boa ideia?

— Ótima, Domingas; vamos ser uns bons companheiros — e Rodrigo teve um sorriso triste.

— Dos nossos desapontamentos poderemos, quem sabe, arranjar uma disposição agradável...

— Não compares, Domingas, o meu amor pela Têté, que dura há tantos anos quanto tem a minha mocidade, com o que te sucedeu a ti!

— Cala-te — gritou Domingas — Não sabes o sacrifício que eu fiz renunciando àquele casamento, Rodrigo!

— O quê?!

— O José Oliveira é um homem fino, simpático, bondoso; e adorava-me numa maneira estupenda... Era tudo reunido: a fortuna, a saúde, o amor, tudo...

— Tudo não, coitadinha; tu bem o sentiste, Domingas. E como tu tens a noção do que é o dever, podes crer, minha filha, que se ficasses na situação de mulher registada, fora da Igreja Católica, não podendo andar de cabeça levantada e olhar direito, nunca, Domingas, te sentirias feliz — e Rodrigo beijou a irmã, cujos olhos estavam cheios de lágrimas.

A partida do Clipper, Francisca Tereza, que viera com Manuel despedir-se do noivo, causara sensação.

A sua linda figura, elegantíssima dentro do sóbrio vestido de casaco e saia, um simples feltro escondendo, ligeiramente, o lado direito da testa, o rouge discreto, os olhos úmidos, os caracóis escuros aureolando-lhe a cara, todo esse encantador conjunto não podia passar despercebido no aeroporto; tanto mais que àquela hora da madrugada ela era a única senhora que assistia à saída do avião.

Quando José Paulo apareceu, acompanhado pelo pai e pelo sócio, a linda rapariga enterneceu-se. Gostava tanto dele... E a ideia desta partida do noivo, da separação forçada com raras notícias, talvez, dava-lhe vontade de chorar. Enguliu as lágrimas, porém; José Paulo não as queria...

— Têté — disse ele, na sua voz um pouco metálica, — Quero apresentar-lhe o meu sócio, o sr. Sanches — Uma mão papuda pegou na sua; e uns beijos grossos pousaram na sua pele.

Limitou-se a fazer um ligeiro cumprimento; mas observou a fisionomia bonacheirona do sr. Sanchez, de nacionalidade mexicana, segundo José Paulo lhe dissera.

Tocou o sinal de embarque: mais um aperto de mão, um leve beijo na testa e o barulho dos motores abafou todos os outros ruídos, enquanto os passageiros entravam na carlinga.

O avião subia, subia... Cada vez era mais pequeno aos olhos úmidos de Francisca Tereza... Já já longe, tão longe, no céu cinzento! O dr. Ribeiro Sales tocou-lhe no braço com ternura; só eles estavam agora no caos de embarque.

— Vamos, Têté. Então Francisca Tereza deixou de reter as lágrimas; encosou a cabeça sobre o peito do advogado e chorou copiosamente, deixando transbordar o seu terno coração...

(Continua)



ditas. Ao almoço, tive o gosto de apresentar os *gnocchis* feitos por mim. Estavam óptimos, não calculam! E o Pai regaleou-se. É claro que o tempo a seguir ao almoço mal chegou para fazer tudo o que tinha marcado para hoje: andei a nove... mas consegui cumprir todo o meu programa, fiquem sabendo!

— Pois, Joaninha — disse Clara — ai tens tu as razões da alegria que enche o teu espírito. Não é difícil de compreender!

— Como? — perguntou Joana, admirada.

— A sensação, a certeza do dever bem cumprido, do dever cumprido alegremente, completamente, absolutamente, é o segredo da verdadeira felicidade; é o que tu sentes, Jana.

— Isso foi sempre uma das tuas ideias, Clara.

— E é assim, ricas, convençam-se bem dessa verdade profunda... — concluiu Clara, pensativa.

Boas ideias

Há coisas que, por vezes, nos ocorrem sem que as procuremos; e que vêm ao encontro das nossas necessidades de momento. Podem ser de ordem culinária (nesta época de dificuldades) ou de qualquer outra ordem, é claro. Lembro-lhes hoje, raparigas da Mocidade, um bôlo simples, excelente, fácil; e que tem, a seu favor, uma dupla vantagem:

não leva manteiga;
não leva farinha.

Em compensação... leva ovos. Chama-se ele: Bôlo da tia Zê.

Ovos..... 6
Açúcar..... 200 grs.
Amêndoa com pele... 250 »

Passa-se a amêndoa na máquina e mexe-se tudo junto, menos as claras, que se juntam no fim, bem batidas em castelo.

Deve cozer-se num forno fraco, para que não fique sêco; e numa forma redonda e baixa: a não ser que se prefira cozê-lo num tabuleiro, cortando-o, depois, em quadrados.

Um pouco de pilé por cima, embeleza-o!

Curta mensagem às leitoras

Está quase a chegar ao fim o romance **Gente Nova** e outro começará chamado **Alegrias e Tristezas**. Ter-lhes-á agradado a «Gente Nova»? Francisca Tereza é lhes tão simpática como o foi a «Maria Rita»? Cá fico à espera da opinião das leitoras...

Maria Paula de Azevedo

CHÁ DA COSTURA

Joana entrou como uma bomba naquela tarde; e vinha tão sorridente, que Clara perguntou:

— O que te sucedeu, Jana?

— A mim? Nada! — respondeu Joana, sentando-se a coser.

— Então porque tens essa cara de riso? — meteu Maria José.

— Saiu-te a sorte grande? — perguntou Rita.

— Encontrei o rapaz estupendo com quem pretendes casar este ano? — lembrou Alice.

Joana, risonha, abanou a cabeça.

— Anda, Jana, conta o que pensas — disse Clara.

— O que penso, Clara? Mas eu não estou a pensar em nada de especial! — tornou Joana. — E agora que vocês me estão a bombardear com perguntas e ditinhos, é que estou a pensar... no que penso! — concluiu Joana, súbitamente cismática.

— Olha que tu sempre és duma fôrça... — murmurou Rita.

— Aconteceu-te alguma coisa de muito

agradável, Jana; procura bem na tua memória — disse Clara.

Joana, ainda pensativa, respondeu:

— A verdade é que, sem saber porquê, creiam, me sinto hoje de um humor esplêndido! Tudo me parece correr bem na vida e uma alegria sem explicação está enchendo o meu espírito!

— Sem explicação, dizes tu?... — tornou Clara.

— Sem explicação — respondeu Joana, categórica.

— Recebeu uma declaração de amor, é o que é — declarou Alice. — E afinal...

— Ouve, Jana — cortou Clara, alegremente — conta-me como passaste a tua manhã, sim?

— Já desde ontem que ando num verdadeiro estado de beatitude, Clara, sem poder explicá-lo. Toda a tarde tinha estado a ensinar jogos e cantigas na Escola Maternal da Freguezia, sabem? E a alegria da pequenada, tudo agarrado a mim, fez-me deveras bem à alma. Depois, esta manhã, levantei-me cedo para ir à missa da 1.ª sexta-feira, e olhem que levei comigo três garotas pobres (que almoçaram lá em casa). Radiantes, coita-

GENTE NOVA

Tinham passado tres meses sobre a partida de José Paulo para a América. Os rádios lacónicos e pouco frequentes do noivo, quase impessoais pelo estilo telegráfico em que eram redigidos, nada satisfiziam o coração apaixonado da noiva. Mas guardava para si essa triste impressão que a ninguém deixava transparecer. Só Cecilia compreendia o seu sentir; mas como a irmã não desabafasse, nada lhe dissera ainda.

— O teu noivado é fôra do vulgar — resmungava o Avô.

— Realmente, o José Paulo podia escrever com o seu punho uma vez por outra, Têté — disse-lhe Manuela, apreensiva sem saber de quê.

— Oh Mãe — protestou Francisca Tereza — a vida dele deve ser terrível de trabalho; naturalmente quando chega à noite está exausto.

— Tu sabes em que consiste esse trabalho? — perguntou Jorge, trazendo-lhe o último rádio.

Francisca Tereza não respondeu; rasgou febrilmente o envólucro e leu alto:

— Vou para mais longe. Trabalho violento.

Ninguém disse nada; parecia que uma vaga de tristeza inexplicável invadira os ânimos... Pouco depois da partida de Rodrigo para a África, vieram uma alegre carta de Domingas, falando das primeiras impressões de Itália.

«Ah, querida Têté, que viagem deliciosa! e que maravilhoso porto é o de Génova! É claro que, em grandeza, o da nossa Lisboa é superior; mas como movimento não se compara. O hotel em que estamos é na linda Via Carlo Felice; e já ontem demos um lindíssimo passeio que nos encantou a ambos. Subimos num funicular até à Splanata del Castelletto, donde a vista sobre Génova é um encanto. Mas subindo mais alto ainda fomos até Castellaccio; e o panorama que desse forte se tem é verdadeiramente colossal! O porto, os jardins, as casas, a vegetação, tudo constitui uma vista maravilhosa e custou-nos a sair dall. Mas quantas e quantas ruínas a guerra deixou... O Rodrigo queria ir, naquela tarde em que tinha ainda tempo livre, ver o Campo Santo, e por isso tivemos que nós decidir a descer o monte. Se a palavra estupendo se pode aplicar a um cemitério, realmente é a este! Sob as enormes colunatas que circundam o jardim, que monumentos formidáveis em mármore de Carrara! E nalguns deles vimos uma estranha coisa: figuras em mármore representando pessoas da família dos mortos! A meio do jardim está uma bela estátua da Religião. Foi uma tarde bem aproveitada, esta; e queres crer que voltámos à noite a subir até à Splanata? O espectáculo da cidade com as suas luzes foi mais um prazer para nós e não se viam tanto as ruínas. E eu dormi como pedra em poço! Amanhã vamos para Roma, mas, infelizmente, só de passagem para Nápoles.

Esta interessante carta foi lida alto ao serão; e como lá estavam também as senhoras Villa Fresca, abundaram os comentários.

— A Domingas salcon-se por um triz — observou D. Ermelinda.

— E eu sei de fonte segura que o registo com o tal banqueiro esteve quase a fazer-se — disse D. Alzira.

— A Domingas é um carácter firme — declarou Francisca Tereza.

— Sim, sim, tudo isso é bonito de dizer-se — disse D. Ermelinda — mas as meninas hoje, com a ideia da fortuna,



dellam para trás muita coisa; e salta-se por cima do dever.

— Felizmente não foi assim com a Domingas, sr.^a D. Ernestina — respondeu Francisca Tereza com calma — ela gostava do José Oliveira, sabia que ele estava doido por ela, e tudo isso não contou perante o seu dever de católica.

— E tu, menina, para quando tens o casamento marcado? — perguntou D. Alzira, meliflua.

— Não está marcado ainda — respondeu Francisca Tereza.

— Vê lá se não ficas noiva muitos meses, filha, que isso não é bom! Podem chamar-te a sempre noiva... e não chegas a casar.

— Oh Alzira! — indignou-se Manuela.

— Era a brincar, era a brincar — disse a impertinente senhora.

— Agora a sério, Manuela. Encontrámos há dias a Margarida, (que é muito dos Ribeiro Sales, como sabes) e esteve a falar imenso do rapaz — tornou D. Ernestina, enquanto Francisca Tereza levantava a cabeça.

— Espero que só d'esses bem dele — respondeu Manuela.

— Não disse mal, isso não. Que tem sido valdevino isso todos sabem. Agora o que tem é a mania de ser milionário; ora, tendo a bela fortuna que era da mãe, para que havia de ir para cascos de rolhas meter-se em trabalhos?

— São feitos, mana — concluiu D. Ermelinda.

— Diz que a vida de hoje é uma espécie de... Como era que dizia a D. Margarida, ô Alzira?

— Espera, deixa ver se me lembro... Ah, já sei, diz que a vida de hoje é uma corrida de cavalos...

— De cavalos?! — exclamou Manuela.

— Não era isso, mana — acudiu D. Ermelinda.

— Era uma corrida... d'obstáculos, sim, d'obstáculos!

— E' verdade, é verdade — tornou D. Ernestina — e que quem não os souber ou não os puder saltar esbarra neles e cae; Deus me perdoe se entendo o que ele quer dizer com isto...

— Já um dia ouvi ao José Paulo essa interessante comparação — disse Jorge, sorrindo indulgente.

(Continua)

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO = Desenhos de GUIDA OTTOLINI

MARIA JÁ CASOU

— Muito gostei de te ver ontem naquele chá, Maria; mas admirei-me, confesso, que ficasses até tão tarde!

— E' verdade que fiquei; estava tão divertido. Todos animadíssimos; a música estupenda, os bolos óptimos...

— E o Manuel não podes ir? Ou não gostas?

— Qual! O Manuel nunca está livre antes das sete, é verdade; mas a essa hora o que prefere é ir para casa.

— ...

— Bem vêes, Marta, isso é bem natural; o dia todo a trabalhar, regala-se com a chegada a sua casa, ao seu socego, ao seu conforto...

— Acho naturalíssimo, Maria; e com o meu homem dá-se tal qual a mesma coisa. Mas há uma enorme diferença, apesar de tudo...

— Qual é?

— A diferença está no que eu faço em vista disso. — Ouve-me, Maria, e não te zangues com as minhas observações: é possível que te melindres com elas...

— Que ideia, Martha! Sei bem que tudo o que me dizes é, como dizem as célebres «pêgas» do Paço de Sintra, por bem.

— E é. Mas vejo em ti tanta inconsciência, às vezes, que me custa não falar...

— Não faço ideia nenhuma do que vais dizer-me!...

— Olha, comêço já sem mais demoras. Tu sentes, Maria, quanto o Manuel aprecia o seu lar, a sua salinha, o seu conforto, a sua chegada a casa depois dum dia de trabalho...

— Isso lá, é difícil encontrar quem mais o aprecie!

— Mas julgas que lhe é agradável chegar a casa sem que tu estejas a recebê-lo, a acolhê-lo, a ver se ele precisa de alguma coisa, se está cansado, se sente bem, etc, etc, etc?

— Ah, Marta, o meu marido não é nenhum piegias, coitado; não julgues isso!

— Isso não são pieguices, Maria. E pensa a sério no que te digo. Se o marido, ao entrar em casa, encontrar as luzes acesas, a sala acolhedora, a mulher risonha a recebê-lo e a interessar-se pela sua chegada, tem uma impressão bem mais agradável, creê, do que chegar a uma casa vazia, onde ninguém o espera, ninguém o acolhe, sala imersa na escuridão, o silêncio por toda a casa...

— Nunca pensei nisso tudo, confesso!

— Pois deves pensar, querida. E, a não ser em casos especiais, fixa bem esta norma de bem viver: a mulher casada deve fazer o possível por cnegar a casa antes do marido...

CHÁ DA COSTURA

— Meninas, pensaram na Campanha Pascal? perguntou Clara.

— Oh meu Deus, nunca se pode estar descansada — declarou Joana, aborrecida.

— Qu'ideia, Jana: a Campanha Pascal não quer dizer conseira, nem aborrecimento...

— Nem despreocupação consciente! — gritou a irascível Joana. — Está uma pessoa a projectar pândegas várias e lá vem a consciência (e é uma massadora a tal consciência) a resmungar: que fizeste tu para a Campanha Pascal? — Todas riram com gosto.

— E o resultado do resmungar da tua consciência? — Joana respondeu:

— Uma espiga, repito, uma espiga, mesmo!

— Conta, Joana!

— Fui tres dias seguidos a casa duma costureira serigaita que andava com ideias de se fazer protestante; e tanto falei, tanto conversei, tanto lhe dei a ler... que ela vai comigü à missa todos os Domingos, e cumpriu o preceito pascal!

— Bravo, Jana!

— Tinha resolvido dar férias a mim mesma, mas férias a valer: banir no mez de Abril todas as espigas. E afinal, por causa da consciência... foi tal qual o contrário! Pois se até resolvi, para dar o exemplo às colegas mais novas do que eu, não pôr «rouge» durante a Semana Santa!

Clara abraçou-a e disse, muito séria:

— Com os teus modos bruscos, Jana, tu és a pérola do rancho...



Joana corou de prazer. Mas, troçando de si mesma, tornou:

— Não te iludas. Clara: tomara eu abafar a tal consciência e viver regalada sem pensar em nada de sério.

— Maior é o teu merecimento, Jana!

— Não sei disso, Clara. Sei que tenho muito que aturar à minha consciência,

que é uma massadora e está sempre às turras com as minhas ideias: sempre!

— E no fim ficas contente e socegada? Joana sorriu e respondeu:

— Quando, por fim, desisto dos projectos tolos e vejo que fiz a vontade à consciência, sinto uma certa alegria... e um alívio colossal, valha a verdade!

Atenção! Raparigas da M. P. F. e queridas amiguinhas

Acaba de chegar a Lisboa o dr. Menezes Pinto. Homem de ciência muito distinto, que há uma dezena de anos, sob o desgosto da morte de sua mulher, partira para o estrangeiro com suas tres filhas, tendo passado esses anos quer em Paris, quer em Londres, quer em Washington, vem agora fixar-se em Lisboa.

— Que temos nós com isso? — perguntarão as minhas ricas leitoras, admiradas e, talvez, quem sabe? desdenhosas.

Tem mais do que pensam, queridinhas! pois o dr. Menezes Pinto tomou uma resolução que talvez as interesse. Resolveu esse simpático senhor na ideia de proporcionar às filhas, de 15 e 17 anos, (pois as duas mais novas são gêmeas), um pasatempo util e agradável, dar um almoço mensal ao grupo das suas amigas, que são todas da M. P. F.; e a particularidade desse almoço é a seguinte:

1.º será sempre preparado por uma das meninas;

2.º escolher-se-á, previamente, o assunto das conversas e discussões;

3.º reinará, durante essa refeição a mais esfusante alegria, sem que seja consentida... a mais ligeira má lingua.

Não é bonito este programa? Não é original a ideia do dr. Menezes Pinto? Já em Setembro se realiza a primeira reunião; e afirmo-

— lhes que as tres raparigas, Alexandra, Berta e Angélica, estão radiantes!

Alexandra e Berta tem quinze anos: são tão parecidas que todos as confundem! Apenas se não parecem nos temperamentos; pois enquanto Alexandra é estudiosa e grave, Berta não toma nada a sério... e mandrela quando pode.

Angélica é meiga e linda; mas um pouco indolente... A educação no estrangeiro deu-lhes ideias largas; mas ficaram sempre com a religiosidade sã e sólida que levaram de Portugal e a santa mãe que perderam lhes tinha inculcado.

Tem agora a viver com elas, a educa-las, a excelente Mademoiselle Sixte, lembrem-se? a mesma senhora, tão boa e simpática, que educou a nossa amiga Maria Rita.

Que nome daremos a estas reuniões mensais??

Creio que não ficará mal:

CONVERSAS

Maria Paula de Azevedo

* Vide Maria Rita, solteira, boletins n.ºs 62 a 73.

PARA LER AO SERÃO

MARIA JÁ CASOU

— Acho-te estranha, Maria; não te vejo o sorriso alegre de sempre... Será por partires breve para tão longe?

— Enganas-te, Marta, estou alegriíssima, até.

— ...
— Pensava mesmo propôr-te um passeio ao Estoril, ou a Sintra, ou...

— Com o Manuel, já se vê?

— Não, não, vamos as duas sósinhas; não era engraçado, com este tempo esplendido?

Marta não respondeu e ficou pensativa.

Dai a momentos, tornou:

— Olha, Maria, diz um velho ditado: *entre marido e mulher não metas a colher*. Mas tu és tão inexperiente, ainda, e as raparigas de agora tem uma maneira de encarar a vida tão diferente da que se tinha quando eu casei...

— Quem te ouvir há-de julgar que és velha!

— Não sou velha, bem sei; e casei há apenas dez anos. Mas a mentalidade já não é a mesma...

Maria olhou a irmã de sobrolho franzido e disse:

— Nisso acertaste: acabou o tempo dos maridos autoritários, orgulhosos, mandões!

— Querida, não sei (nem preciso saber) o que se passou entre ti e o Manuel; arrufos de namorados, com certeza. Mas quero já, já, prevenir-te contra os teus impulsos, a tua precipitação na maneira de proceder...

— Ah, não fazes ideia de quanto o Manuel pode ser violento... E eu não estou para me sujeitar — pronto!

— Se ele é violento, Maria, evita provocar-lhe a violência; é o teu dever.

— Ora essa! que se domine.

— A mulher compete dominar-se primeiro, Maria. Esqueces que num lar bem constituído o *homem* é o chefe; assim foi sempre, assim deve ser, e triste da família em que assim não é...

— Onde pões tu o nosso orgulho, a nossa dignidade?

— Em saber conciliar essa vontade do chefe com o que nós achamos bem. O papel da mulher, bem sabes, não é nunca rivalizar com o marido: mas completá-lo, harmonisar-lhe a vida, procurar sempre tornar-lhe agradável o seu lar.

— Tudo isso são palavras, Marta: e a liberdade...

— Se *gostas* do teu marido, e não pões isso em dúvida, põe de parte esse orgulho mal orientado e pernicioso: se tu a primeira a fazer as pazes, a abraçá-lo simplesmente e verás como ele se humilha diante do teu amor! E a alegria sincera com que te pedirá desculpa, mesmo que não tenha culpa...

— Reconheço que ele tinha razão n'algumas coisas; mas...

Marta, rindo, concluiu:

— Ambos tinham culpa e ambos tinham razão. Mas, ouve-me, Maria: a mulher é que deve sujeitar-se ao marido.

Lembra-te disto sempre, agora que partes para longe...

por

MARIA PAULA DE AZEVEDO

★

desenhos de

GUIDA OTTOLINI



CHA DA COSTURA

— Nunca mais se pensou naquela história de haver uma «Menina do dia»: e olhem que tinha piada, às vezes — observou Joana.

— Piada não sei se tinha — respondeu Maria José — mas não deixava de ter interesse.

— Podemos fazê-lo de vez em quando;

assim não se aborrecem da ideia, como sucedeu já — disse Clara.

— Se querem, tira-se hoje à sorte qual é a Menina — lembrou Rita, correndo a buscar papel para as sortes.

— Não vale a pena estar com o trabalho dos papelinhos: basta fazer como se faz no jogo das escondidas, lembram-se?

— e Joana, apontando cada uma, recitou:

Minha mãe mandou-me à mestra aprender o b-à-bá

Minha mestra me ensinou: Quero esta que aqui está!

— E's tu, Alicinha!

Alicinha não ficou contente e resmungou:

— E' uma espiga...

— Anda, diz o que vais fazer — cortou Clara.

Alicinha, resignada, murmurou:

— Posso ensinar a fazer o mais delicioso bôlo de laranja que conheço; que rem?

— Bravo! Bravíssimo! — gritaram todas.

— Deixa-me tomar nota da receita, Alicinha — e Clara preparou-se para escrever.

Alicinha explicou:

— Junta-se uma colher de chá de fermento Royal a 50 grs. de farinha de trigo e a 50 grs. de fécula de batata. Por outro lado, batam-se 4 gemas com 50 grs. de manteiga, 150 de açúcar e a raspa de uma laranja. Misture-se, depois, tudo bem e juntem-se as 4 claras em castelo. Torna-se a bater. Leva-se a forno médio e...

— Essa ótima receita vem no livrinho do Fermento Royal, não vem? — perguntou Joana.

— Ainda não acabei — respondeu Alicinha, excitada — e justamente o que vou dizer, e que é o principal, não vem em livro nenhum nem em receita nenhuma: é ideia minha!

E Alicinha concluiu, com ar importante:

— Depois de cozido o bôlo, e já frio, prepara-se o sumo de duas laranjas e vai-se regando o bôlo a pouco e pouco, deixando-o deliciosamente enopado!

— Deve ser ótimo! — concluiu Joana, lambendo os beiços.



GENTE NOVA

XII

E, finalmente, um dia, Francisca Tereza recebeu uma carta de José Paulo. Que alegria, ao reconhecer a sua letra miudinha, regular, perfeita!

O triunfo transparecia naquela carta de amor que, aliás, tão pouco falava de amor... Mas Francisca Tereza, lendo-a com o coração palpitante, sentiu as frases eloquentes do noivo através da sua própria ternura...

«Estou no caminho do triunfo, Tété!

E já me considero senhor de uma enorme fortuna. Não é isso a pedra de toque da vida de hoje? O próprio amor desenvolve-se melhor no meio do luxo que só o dinheiro pode dar-nos. Em poucos meses, transpondo obstáculos, vencendo fraquezas, dominando indecisões, consegui galgar o que outros só em anos vencem, quando vencem... Adoro-a, Tété, e você é o fim de todo o meu esforço para triunfar. Que esta afirmação lhe baste e dê paciência e coragem para esperar a chegada (talvez próxima...) do seu

José Paulo»

Nada mais dizia a carta; mas quanta alegria ela trouxe à feliz noiva!

O general, porém, ouvindo as notícias do futuro neto, abanou a cabeça, estranhamente descontente.

— Essas fortunas rápidas, súbitas, deixam-me uma impressão esquisita; não gosto — disse ele às filhas.

— O Pai é de outra época, bem vê — atenuou Manuela, que se entusiasmara com a carta de José Paulo.

Cecília, pensativa, observou:

— E' assim a vida de hoje, avô, de repente tudo vem, de repente tudo acaba...

Espalhará-se por Lisboa, sem se saber como, a notícia da imensa fortuna

que, em poucos meses, José Paulo Ribeiro Sales ganhara na América longínqua! Era como um filme de aventuras, daqueles em que, através de perigos e lutas, o herói vence sempre...

Mas passados seis meses de vaga ansiedade, em que as notícias se reduziam a lacônicos e raros telegramas, o dr. Ribeiro Sales chegou um dia, ofegante, a casa do general, para falar a Francisca Tereza. Era cedo. E a activa Tété tinha ido à missa matutina na igreja da Freguesia.

— Vou ao encontro dela — declarou o advogado, saindo, apressado.

Encontrara-a perto do Jardim Público e, pegando-lhe afectuosamente no braço, disse:

— Um instante, minha filha; preciso de falar já consigo! — encaminhando-se para um banco solitário do jardim.

— Tive notícias confidenciais do meu rapaz, Tété; e não são boas.

Ela estremeceu, aflita, mas esperou que ele continuasse.

— O sócio, e outros, espoliaram-no de tudo, ou quasi tudo; denunciaram-no à polícia como tendo-os roubado e ele fugiu para o México...

— Meu Deus! — murmurou Francisca Tereza.

— Não está em segurança, nem no México: parece que os outros afirmam ter provas de que as coisas se passaram com irregularidades...

— Meu Deus... — tornou Francisca Tereza.

— E agora, trata-se de lhe facilitar a volta para casa, Tété. Se fossem já casados, talvez a menina pudesse ir ter com ele e vinham por etapas para a Europa, huma espécie de viagem de núpcias. Mas era preciso casarem por procuração, e levantar-se aqui os fundos necessários para essas despesas. Ele, coitado, já nada tem; eu faria o que pudesse, e lembrei-me que a Tété, sendo maior e podendo dispôr do que lhe deixou sua Avó...

Francisca Tereza olhou o advogado com seus olhos francos e leais.

— Dr. Ribeiro Sales: bem sabe como eu adoro o José Paulo. Todos os sacrifi-

cios me serão fáceis quando se trate do seu bem.

Mas há uma coisa na qual a minha intransigência é ainda superior ao meu amor... Preciso de ter a certeza, absoluta e indiscutível, que José Paulo procedeu bem. Pobre, abandonado, triste, mas honrado, irei com ele para toda a parte, casarei por procuração se for preciso, ajudá-lo-ei a refazer a sua vida.

Mas só, repito, quando não pese sobre o seu carácter a mais leve suspeita de desonestidade...

— Mas, Tété, essas coisas levam tempo a ser provadas, bem vê; era preciso salvá-lo imediatamente e tirá-lo... da prisão — murmurou.

— Da prisão! — gritou Francisca Tereza, sentindo-se desfalecer.

O advogado amparou-a e tornou:

— Vá para casa, minha filha, e pense no que eu lhe disse. Hoje mesmo, até à tarde, temos de tomar alguma resolução.

E cabisbaixo, envelhecido, profundamente desolado, o pobre pai deixou Francisca Tereza sósinha, chorando a bom chorar no banco solitário do jardim.

(Continua)

Carta às raparigas

Queridas amiguinhas

O assunto mais grave do momento que passa, criam, é a Assistência aos pobres: e vós todas que tendes mocidade, saúde, força e Fé, não podeis, nem deveis, ficar alheias a este assunto. Que todas vós, peço-lhes, se dediquem, de qualquer maneira (e há tanta maneira de o fazer...) a ocupar-se dos pobresinhos; que cada uma escolha, conforme o seu temperamento, a sua situação, a sua vida, a modalidade que melhor possa exercer: lembrai-vos do que diz S. Paulo na Epistola do 2.º Domingo depois da Epiphania... E inspirai-vos nas Obras de Misericórdia, que são uma norma de vida caritativa perfeita! Aqui fica o pedido da vossa velha amiga

Maria Paula de Azevedo

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO DESENHOS DE GUIDA OTTOLINI

GENTE NOVA

XIII

Todo o dia, pretextando uma forte dor de cabeça Francisca Teresa ficou fechada no quarto, e só Cecilia lhe veio trazer chá e torradas, tentando obrigá-la a desabafar o seu desgosto. Por fim, sentindo toda a compreensão e ternura de sua irmã, Francisca Teresa contou-lhe tudo.

— Respondeste o que devias, Tété — foi o comentário simples de Cecilia. — E se gostas d'ele deveras, não podes proceder doutra maneira. Agora ouve o que te digo, queridinha: quem vai falar ao pai dele sou eu, queres? E, confirma o que tu já disseste.

— Querida Cecilia! — chorou Francisca Teresa, abraçando-a.

Nessa mesma tarde, em contraste com a tristeza profunda da pobre Tété, vieram duas cartas de Domingas atrazadas de muitos meses, respirando alegria e entusiasmo. Com os olhos velados pelas lágrimas irrimprimíveis, Francisca Teresa leu a primeira:

«Ah, se tu avallasses o que é o interesse de Pompeia, ressurgida do passado com os seus mosaicos, as suas pinturas, as suas estátuas, os seus pátios... Saímos de Nápoles de manhãzinha, o Rodrigo e eu; íamos quase felizes. Tété! Hoje há na vida, mesmo para quem sofre, tantas coisas boas, lindas, estupendas. Verdade seja que o Rodrigo pensa em ti através de tudo; e mesmo que o não diga eu sinto-o, adivinho o pensamento dele. O seu amor por ti tem raízes tão fundas, tão antigas, que me parece, (e ele próprio o confessou) ter existido sempre. Coitado, faz-me uma pena imensa ver como se desmorroneou o sonho no qual baseava a sua vida toda...»

Mas não quero falar-te em coisas tristes, a ti que vives ao calor da tua paixão pelo teu noivo como na d'ele por ti...

Saímos muito cedo de Nápoles; e, pedindo ao chauffeur que fosse de vagar, passámos terras encantadoras e pitorescas, com nomes sugestivos e cantantes: Portici, Torre del Greco, Torre dell'Anunziata...

Seguiu-se a subida ao Vesúvio, imagina! A Chucha dava berros se se visse montada num pileca chamada maccheroni a trepar o monte, onde o próprio chão, lá em cima, é quente! Apalpei a lava escaldante, Tété! e trouxe uma moeda metida nessa lava que depressa se petrificou. E lá de cima que vista deslumbrante sobre o golfo de Nápoles! Mas é evidente que a visita a Pompeia foi o mais interessante do dia; e quando nos vimos naquelas ruas estreitas de enormes lages (nas quais ainda estão os sulcos dos carros romanos!) e nas casas de há tantos séculos, fiquei impressionada deveras. A meio dos pátios das casas há sempre um tanque destinado a receber água das chuvas; rodeando esses pátios estão os quartos vários, todos pequenos, os dos homens dum lado e das mulheres do outro.

A casa mais bonita, das últimas escavadas, tinha frescos de cores ainda lindas; e no jardim, bem cul-

tivado, viam-se estatuetas artísticas em mármore branco de neve. Também visitámos as Termas de Stábios com as suas paredes ócas para deixarem passar os vapores da água quente; verdadeiro aquecimento central, afinal!

A' saída de Pompeia, eu só pude pronunciar uma única palavra: formidável!

Agora já só te escrevo de Africa; embarcamos amanhã.

A outra carta de Domingas, aitts anterior a esta, não lhe ficava atrás em interesse.

«Não me foi possível escrever-te de Roma: o tempo era bem pouco para o que queríamos ver, observar, admirar... Mas quando, poucas horas depois de chegar à maravilhosa cidade, nos vimos na Piazza di San Pietro, em frente da Basilica mais célebre do mundo, olhando para aquela cúpula harmoniosa, delineada por Miguel Angelo, aquela frontaria impressionante, quasi corri a entrar na Igreja colossal e linda!

E deu-se então uma coisa estranha, Tété; andávamos, andávamos, andávamos, para nos aproximarmos, enfim, das pias de água-benta, taças de mármore seguras por anjinhos. E só depois de tanto andar percebemos... que os anjinhos eram estátuas enormes e o percurso andado era imenso! Mas as dimensões da Basilica são tão harmoniosas na sua grandeza, que não se avallam de repente.

Que naves! Que mármore! Que harmonia! E o grupo comovedor da Pietà de Miguel Angelo! Como me senti feliz, Tété, pensando que pertencio, eu, infima, à religião que inspirou tal obra de arte! Como é bom ser-se católica, e viver-se dentro do espírito da Igreja... Pensei muito em ti nessa tarde...

Ainda fomos ao Vaticano; pois o Rodrigo, dispondo de pouco tempo, queria encher os olhos com as grandes telas de Rafael; e julguei que não conseguia tirá-lo de lá, tão absorvido estava em frente dessas maravilhas, únicas no mundo...

Hoje não t'as descrevo, sabes porquê? Porque estou cansada a um ponto que se me fecham os olhos e cai da mão a pena... Adeus, Tété!

Estas cartas deixava Francisca Teresa mergulhada em amargos pensamentos. Coisa estranha é a vida, dizia de si para si... Tinha passado os anos da sua infância, da sua adolescência, vendo crescer a seu lado, dia a dia, o amor precioso dum rapaz como Rodrigo; e tudo isso desprezou, esqueceu, para se apaixonar pelo frio José Paulo, cujo carácter parecia agora revelar-se menos leal, menos recto, talvez mesmo desonesto!

— Isso não poderel suportar... — murmurou tristemente. — O meu amor não pode resistir à falta de absoluta rectidão — concluiu, mentalmente.

Quando Cecilia voltou para dar-lhe conta da sua missão junto do Dr. Ribeiro Salles, missão essa que não conseguira cumprir, pois o adeoçado partiria de repente sem se saber para onde, Francisca Teresa disse-lhe, quasi calmamente:

— Ouve, Cecilia: se estívéssemos casados já, e o José Paulo procedesse mal, apesar do meu desgosto imenso e da desgraça da minha situação através de tudo... nunca eu o abandonaria. Penso que o lu-

gar da mulher é sempre ao lado do marido, em todas as circunstâncias...

— Concorde contigo, Tété — disse a irmã.

— Mas este caso é diferente. E a ideia que eu formava do seu carácter, do seu espírito, da sua vontade, transformam isto tudo num desapontamento tremendo...

A falta de honradez, Cecilia, é uma coisa tão baixa, tão vergonhosa... — e Francisca Teresa soluçou baixinho, a cara coberta pelas duas mãos.

O general, sem bem saber do que se tratava, andava preocupado e triste.

Via a sua Tété, d'antes alegre e activa, tão tristonha e calada... Nem de Maria do Ceu já se occupava, ela que costumava passar certas horas do dia a entretém a pequenita no jardim, ensinando-lhe canções e jogos. Nunca mais se sentara ao piano...

O general não queria perguntar nada; mas o neto encarregou-se de o pôr ao corrente duma maneira imprevista.

— A Tété saiu, avó? — perguntou o impetuoso rapaz, entrando na saleta uma manhã.

— Julgo que não, Manuel; se lhe queres? deve ter vindo carta do José Paulo — acrescentou o velho, mansamente.

— Isso é que me não parece; cá por coisa...

— ?

— O tal José Paulo é boa firma, afinal... — e Manuel preparava-se para sair. Mas o avô levantou-se com uma inesperada ligezeza e chamou-o energicamente:

— Manuel!

O rapaz não se atreveu a desobedecer.

— Põe para aí tudo o que sabes; já!

— Para quê estar o avó a ralar-se? A Tété não quer que se lhe diga nada.

— Fala e já — tornou o velho com severidade.

— O José Paulo parece que empalmou os sócios e pisgou-se com a massa toda para Caracas, ou não sei para onde. Depois...

— Se falasses português, era mais simples.

— O pai embarcou no avião da carreira para ver se o salva. Mas tudo isto é uma salçada bestial...

— Não digas mais nada; já me basta — retorquiu o avô, com exaltação. — Quando penso que uma neta minha, com o nosso nome, honrado desde sempre, podia vir a casar com um ladrão, ah, Manuel, nem sei o que sinto... Vai buscar água, depressa, depressa! — gritou de repente; e deixando-se cair numa poltrona, o general fechou os olhos e perdeu os sentidos. Manuel correu a buscar água e a chamar a mãe, o pai, as irmãs!

E durante muitos dias, viu o general a de finhar pouco a pouco.

Ao fim de quatro tristes semanas, rodeado de filhos e netos, religiosamente preparado para a grande jornada, e mostrando, até ao fim, a lucidez do seu espírito e a firmeza do seu caracter inteiro, o general morreu serenamente.

— Isso não poderel suportar... — murmurou tristemente. — O meu amor não pode resistir à falta de absoluta rectidão — concluiu, mentalmente.

Quando Cecilia voltou para dar-lhe conta da sua missão junto do Dr. Ribeiro Salles, missão essa que não conseguira cumprir, pois o adeoçado partiria de repente sem se saber para onde, Francisca Teresa disse-lhe, quasi calmamente:

— Ouve, Cecilia: se estívéssemos casados já, e o José Paulo procedesse mal, apesar do meu desgosto imenso e da desgraça da minha situação através de tudo... nunca eu o abandonaria. Penso que o lu-



Cecilia, intelligente e sensata, acompanhava agora a irmã quase a todo o momento. Vendo Francisca Teresa cair numa tristeza profunda, exacerbada pela morte do adorado avô, e recelando a falta de reacção da parte da irmã que estremeceia, tentava animá-la enchendo-lhe o tempo com trabalho.

— Pelo amor de Deus olha-me pela pequenina, Tété.

— Estou bem pouco alegre para estar com uma criança — respondia Francisca Teresa.

— Mas senta-te com ela no jardim; assim, estou descançada e posso ir tratar outras coisas.

Com o espanto de todos, o general deixara uma avultada fortuna; e a maior parte dessa fortuna era destinada à sua neta Francisca Teresa.

— Querido avô... — disse Tété, comovida. — Hei-de empregar esse dinheiro todo numa obra de Assistência.

— Cecilia entusiasmosse-se.

— Oh Tété, aposto que vais arranjar uma Crechesita na nossa Freguesia?

— Vae ser um interesse para a minha vida, Cecilia. E diz-me — acrescentou baixinho — soubeste alguma coisa do José Paulo? Como é possível que nada mais me dissessem?

Cecilia não respondeu. Soubera, sim, do triste boato que começava a correr insistentemente em Lisboa, trazido na véspera pelas senhoras Villa Fresca. E, na dúvida de o ver confirmado, nada deixara chegar aos ouvidos da irmã.

— Não me dizes nada... É porque nada sabes — concluiu Francisca Teresa tristemente.

Mas nessa mesma tarde o boato confirmou-se; e Manuel, chegando duma reunião de rapazes contou tudo aos pais.

— O José Paulo deu um tiro nos miolos! — declarou ele, indignado — que tipo! Viveu mal e morreu peor; nem tempo teve para se arrepender.

— E o pai, coitado? tenho pena dele... — disse Manuela.

— Não voltou ainda; parece que queria ver se provava a honradez do filho, mas as provas dos outros são boas, nada consegue fazer.

— Quem vai dizer isto à nossa Tété? — murmurou Jorge.

— Eu — declarou Cecilia, indo ter com a irmã.

Parecia um milagre o que, um ano depois destes tristes acontecimentos, sucedera na vida de Francisca Teresa:

Perto da casa do general, nuns terrenos vagos cedidos a baixo preço pela Câmara para esse fim erguia-se já, branca e acolhedora na sua simplicidade, a pequena Creche de Jesus Menino. E Francisca Teresa, toda entregue à sua obra, renascia para a vida com maior actividade, maior entusiasmo para o piano, maior amor às crianças pobres. Tentara chamar a Chucha, para a ajudar nos constantes trabalhos; mas em vão...

— Tenho mais que fazer do que aturar miúdos — respondeu Chucha, aborrecida.

— Tu?!

— Custa a crer!

— Só vendo...

— Eu, sim senhora, eu mesma. E já comecel a preparar as coisas para o meu trabalho. Num barracão enorme que há no fim da quinta tenciono ter um belo recreatório para garotos.

— Belíssima ideia, Jana! — aprovou Clara.

— Mãe dá-me o harmonium pequenino é muito fahoso e tem duas notas que sopram sem o menor som, mas serve; o Pai mandou lá pôr uns bancos compridos e uma mesa; a Maria dá-me uns quadros alegóricos e artísticos para as paredes.

— E que tencionas fazer com os garotos?

— A que horas vais para lá?

— O que lhes dás de comer?

Joana tapou os ouvidos e gritou:

— Deixem-me falar; ficam a saber tudo.



— E havia de tirar o meu rico tempo às pandegas, às unhas, ao bar, ao cinema e tudo isso, para quê? para fazer de pateta a dançar dancinhas com creanças ranhosas, ou a ensinar-lhes rezas como ao papagaio. Nada disso é o meu género.

— Oh Chucha! em tão poucas palavras disseste tanta tollice... — respondeu Francisca Teresa.

— Não vês que isto é um interesse, um interesse enorme para uma rapariga como tu, como eu?

— Para ti talvez; estás virada para o sério. Mas eu...

Francisca Teresa olhou-a, vagamente assustada.

— É verdade, Chucha, que andas em passelos com rapazes e até vais só com eles ao cinema?

Chucha acendeu um cigarro e respondeu a rir:

— E que tem? A vida são dois dias... — Tem muito, Chucha; e que a vida seja curta ou longa nada influe no caso. O que deve ser é bem vivida, dentro do deber que é, afinal, o único caminho da felicidade.

— Lá sermão é que eu não aturo, Tété; cala a caixa. Se tu soubesses a tarde bestial que eu tenho hoje... Vou para Sintra com um rancho; mas descança, a tia vai comigo! E foi o teu próprio Manuel que insistiu para eu ir, cala! Como resolveu catequizar-me, coitado! perde o tempo.

E Francisca Teresa nunca mais lhe falou na Creche. Mas Domingas, da Zambézia, ia acompanhando com interesse os seus trabalhos e prometeu tomar neles parte quando, dentro de um ano, voltassem para Portugal.

Uma carta de Domingas acabava de chegar de mãos de Francisca Teresa, instalada ao piano a tocar o Carnaval de Schumann.

O «Carnaval» era uma das suas obras predilectas, que estudara com entusiasmo; e fora explicada pelo seu professor com tal clareza que lhe parecia compreender, em absoluto, o pensamento de Schumann!

— Tu?!

— Custa a crer!

— Só vendo...

— Eu, sim senhora, eu mesma. E já comecel a preparar as coisas para o meu trabalho. Num barracão enorme que há no fim da quinta tenciono ter um belo recreatório para garotos.

— Belíssima ideia, Jana! — aprovou Clara.

— Mãe dá-me o harmonium pequenino é muito fahoso e tem duas notas que sopram sem o menor som, mas serve; o Pai mandou lá pôr uns bancos compridos e uma mesa; a Maria dá-me uns quadros alegóricos e artísticos para as paredes.

— E que tencionas fazer com os garotos?

— A que horas vais para lá?

— O que lhes dás de comer?

Joana tapou os ouvidos e gritou:

— Deixem-me falar; ficam a saber tudo.

Aos Domingos, si pelas duas horas ou três, é que vai funcionar o meu recreatório; e às quatro tem uma merenda de pão e fruta. E cada Domingo hei-de preparar um programa especial: discursos meus e deles, questionários, canto coral, e coisas colossais que me hã-de vir à ideia; verão!

Clara abraçou-a affectuosamente e disse:

— Estou certa, certíssima, de que as tuas férias vão ser encantadoras e cheias de proveito, Jana!

— Quando nos reunirmos outra vez, hã-de ver-se o que fez cada uma de nós — concluiu Joana, satisfeita.

— Com a partida da Clara, quando tempo estaremos sem nos reunirmos... — murmurou Maria João.

— Como passou depressa este ano. Cá estamos todas em vésperas de férias! — declarou Clara.

— E eu vou t'ê-las de encher o papinho — disse Joana, toda contente.

— Para onde vais, Jana? — perguntou Rita.

— Não sabem que o Pai comprou uma quintarola na linha de Sintra? E' para lá que vamos; olé!

Maria José admirou-se da alegria de Joana.

— Ora tu que todos os anos te regalias em prafas chiques, como é que vais apreciar o campo?

— E a vida na quinta? — meteu Rita.

— Estou radiante, fiquem sabendo; e vou tirar um partidão das férias, este ano.

— Viraram-te do avesso — comentou Maria José.

— Talvez... — tornou Joana, pensativa. — O certo é que a ideia da quinta está a entusiasmar-me deveras! E que projectos eu tenho... Nem fazem ideia! Clara, satisfeita, observou, rindo:

— Jana querida, sabes que te estás tornando um ás, um verdadeiro ás?

— Não cantes vitória. Ainda é cedo para isso. Mas tenham a certeza duma coisa: não terei férias inúteis, não. Senti de repente, imagina! que posso vir a ter uma influência importante na creança pobre que vive naquela terra; e resolvi trabalhar a valer: mas o que se chama trabalhar!

— Tu, Jana?!

— Tu?!

— Custa a crer!

— Só vendo...

— Eu, sim senhora, eu mesma. E já comecel a preparar as coisas para o meu trabalho. Num barracão enorme que há no fim da quinta tenciono ter um belo recreatório para garotos.

— Belíssima ideia, Jana! — aprovou Clara.

— Mãe dá-me o harmonium pequenino é muito fahoso e tem duas notas que sopram sem o menor som, mas serve; o Pai mandou lá pôr uns bancos compridos e uma mesa; a Maria dá-me uns quadros alegóricos e artísticos para as paredes.

— E que tencionas fazer com os garotos?

— A que horas vais para lá?

— O que lhes dás de comer?

Joana tapou os ouvidos e gritou:

— Deixem-me falar; ficam a saber tudo.

Aos Domingos, si pelas duas horas ou três, é que vai funcionar o meu recreatório; e às quatro tem uma merenda de pão e fruta. E cada Domingo hei-de preparar um programa especial: discursos meus e deles, questionários, canto coral, e coisas colossais que me hã-de vir à ideia; verão!

Clara abraçou-a affectuosamente e disse:

— Estou certa, certíssima, de que as tuas férias vão ser encantadoras e cheias de proveito, Jana!

— Quando nos reunirmos outra vez, hã-de ver-se o que fez cada uma de nós — concluiu Joana, satisfeita.

— Com a partida da Clara, quando tempo estaremos sem nos reunirmos... — murmurou Maria João.

— Como passou depressa este ano. Cá estamos todas em vésperas de férias! — declarou Clara.

— E eu vou t'ê-las de encher o papinho — disse Joana, toda contente.

— Para onde vais, Jana? — perguntou Rita.

— Não sabem que o Pai comprou uma quintarola na linha de Sintra? E' para lá que vamos; olé!

Maria José admirou-se da alegria de Joana.

— Ora tu que todos os anos te regalias em prafas chiques, como é que vais apreciar o campo?

— E a vida na quinta? — meteu Rita.

— Estou radiante, fiquem sabendo; e vou tirar um partidão das férias, este ano.

— Viraram-te do avesso — comentou Maria José.

— Talvez... — tornou Joana, pensativa. — O certo é que a ideia da quinta está a entusiasmar-me deveras! E que projectos eu tenho... Nem fazem ideia! Clara, satisfeita, observou, rindo:

— Jana querida, sabes que te estás tornando um ás, um verdadeiro ás?

— Não cantes vitória. Ainda é cedo para isso. Mas tenham a certeza duma coisa: não terei férias inúteis, não. Senti de repente, imagina! que posso vir a ter uma influência importante na creança pobre que vive naquela terra; e resolvi trabalhar a valer: mas o que se chama trabalhar!

— Tu, Jana?!

Desde o animado e buliçoso Prêambule, seguido do Pierrot pesadão e desgraçado, Arlequin, saltitante e ligeiro, à solene Valse Noble, ao amoroso Aveu, à apaixonada Chiarina, ao tímido Ensebius contrastando com o fogoso Florestan, todo esse vibrante conjunto (cujos nomes franceses o próprio Schumann escolheu, embora fosse o mais alemão dos alemães) terminando na alegre Marcha final, onde os moltos se cruzam e enlaçam...

Francisca Teresa tocava com uma compreensão invulgar. E estava justamente acabando o encantador Aveu, quando a carta de Domingas chegou.

Começava por uma alegre notícia que enchia de alegria o seu coração terno:

«Estou noiva. Um dos colegas do Rodrigo lembrou-se de se apaixonar por mim, imagina! Não é rico; teremos de viver modestamente. Mas estou tão feliz, Tété! O meu Carlos é de optima família açoreana, e diz ele, o seu nome honrado é o bem mais precioso e a única fortuna que tem para me oferecer. Vamos casar na Zambézia; já pedi à minha mãe para me mandar o que é preciso. Embora seja triste não casar em casa perto da Mãe... talvez seja melhor assim. Tenho o Rodrigo para me servir de pai; e evito muitas discussões, muitos aborrecimentos... Além disso, a Chucha inquieta-me, sabes? Dizem-me que cada vez se afasta mais da religião, do bom caminho, das boas companhias... Triste, tudo isto. E tenho de esquecer estas tristezas para só pensar na felicidade enorme da minha vida; o amor do meu Carlos!»

— Uma joia, esta Domingas — murmurou Francisca Teresa, dando a carta a ler à mãe e à irmã.

— E diz-se que o Rodrigo está fazendo um trabalho admirável de hidráulica — observou Cecilia.

— Sim? — perguntou Francisca Teresa, pensativa.

— Tu?!

— Custa a crer!

— Só vendo...

— Eu, sim senhora, eu mesma. E já comecel a preparar as coisas para o meu trabalho. Num barracão enorme que há no fim da quinta tenciono ter um belo recreatório para garotos.

— Belíssima ideia, Jana! — aprovou Clara.

— Mãe dá-me o harmonium pequenino é muito fahoso e tem duas notas que sopram sem o menor som, mas serve; o Pai mandou lá pôr uns bancos compridos e uma mesa; a Maria dá-me uns quadros alegóricos e artísticos para as paredes.

— E que tencionas fazer com os garotos?

— A que horas vais para lá?

— O que lhes dás de comer?

Joana tapou os ouvidos e gritou:

— Deixem-me falar; ficam a saber tudo.

Aos Domingos, si pelas duas horas ou três, é que vai funcionar o meu recreatório; e às quatro tem uma merenda de pão e fruta. E cada Domingo hei-de preparar um programa especial: discursos meus e deles, questionários, canto coral, e coisas colossais que me hã-de vir à ideia; verão!

Clara abraçou-a affectuosamente e disse:

— Estou certa, certíssima, de que as tuas férias vão ser encantadoras e cheias de proveito, Jana!

— Quando nos reunirmos outra vez, hã-de ver-se o que fez cada uma de nós — concluiu Joana, satisfeita.

— Com a partida da Clara, quando tempo estaremos sem nos reunirmos... — murmurou Maria João.

— Como passou depressa este ano. Cá estamos todas em vésperas de férias! — declarou Clara.

— E eu vou t'ê-las de encher o papinho — disse Joana, toda contente.

— Para onde vais, Jana? — perguntou Rita.

— Não sabem que o Pai comprou uma quintarola na linha de Sintra? E' para lá que vamos; olé!

Maria José admirou-se da alegria de Joana.

— Ora tu que todos os anos te regalias em prafas chiques, como é que vais apreciar o campo?

— E a vida na quinta? — meteu Rita.

— Estou radiante, fiquem sabendo; e vou tirar um partidão das férias, este ano.

— Viraram-te do avesso — comentou Maria José.

— Talvez... — tornou Joana, pensativa. — O certo é que a ideia da quinta está a entusiasmar-me deveras! E que projectos eu tenho... Nem fazem ideia! Clara, satisfeita, observou, rindo:

— Jana querida, sabes que te estás tornando um ás, um verdadeiro ás?

— Não cantes vitória. Ainda é cedo para isso. Mas tenham a certeza duma coisa: não terei férias inúteis, não. Senti de repente, imagina! que posso vir a ter uma influência importante na creança pobre que vive naquela terra; e resolvi trabalhar a valer: mas o que se chama trabalhar!

— Tu, Jana?!

— Tu?!

— Custa a crer!

— Só vendo...

— Eu, sim senhora, eu mesma. E já comecel a preparar as coisas para o meu trabalho. Num barracão enorme que há no fim da quinta tenciono ter um belo recreatório para garotos.

— Belíssima ideia, Jana! — aprovou Clara.

— Mãe dá-me o harmonium pequenino é muito fahoso e tem duas notas que sopram sem o menor som, mas serve; o Pai mandou lá pôr uns bancos compridos e uma mesa; a Maria dá-me uns quadros alegóricos e artísticos para as paredes.

— E que tencionas fazer com os garotos?

— A que horas vais para lá?

— O que lhes dás de comer?

Joana tapou os ouvidos e gritou:

— Deixem-me falar; ficam a saber tudo.

Aos Domingos, si pelas duas horas ou três, é que vai funcionar o meu recreatório; e às quatro tem uma merenda de pão e fruta. E cada Domingo hei-de preparar um programa especial: discursos meus e deles, questionários, canto coral, e coisas colossais que me hã-de vir à ideia; verão!

Clara abraçou-a affectuosamente e disse:

— Estou certa, certíssima, de que as tuas férias vão ser encantadoras e cheias de proveito, Jana!

— Quando nos reunirmos outra vez, hã-de ver-se o que fez cada uma de nós — concluiu Joana, satisfeita.

— Com a partida da Clara, quando tempo estaremos sem nos reunirmos... — murmurou Maria João.

— Como passou depressa este ano. Cá estamos todas em vésperas de férias! — declarou Clara.

— E eu vou t'ê-las de encher o papinho — disse Joana, toda contente.

— Para onde vais, Jana? — perguntou Rita.

— Não sabem que o Pai comprou uma quintarola na linha de Sintra? E' para lá que vamos; olé!

Maria José admirou-se da alegria de Joana.

— Ora tu que todos os anos te regalias em prafas chiques, como é que vais apreciar o campo?

— E a vida na quinta? — meteu Rita.

— Estou radiante, fiquem sabendo; e vou tirar um partidão das férias, este ano.

— Viraram-te do avesso — comentou Maria José.

— Talvez... — tornou Joana, pensativa. — O certo é que a ideia da quinta está a entusiasmar-me deveras! E que projectos eu tenho... Nem fazem ideia! Clara, satisfeita, observou, rindo:

— Jana querida, sabes que te estás tornando um ás, um verdadeiro ás?

— Não cantes vitória. Ainda é cedo para isso. Mas tenham a certeza duma coisa: não terei férias inúteis, não. Senti de repente, imagina! que posso vir a ter uma influência importante na creança pobre que vive naquela terra; e resolvi trabalhar a valer: mas o que se chama trabalhar!

— Tu, Jana?!

— Tu?!

— Custa a crer!

— Só vendo...

— Eu, sim senhora, eu mesma. E já comecel a preparar as coisas para o meu trabalho. Num barracão enorme que há no fim da quinta tenciono ter um belo recreatório para garotos.

— Belíssima ideia, Jana! — aprovou Clara.

— Mãe dá-me o harmonium pequenino é muito fahoso e tem duas notas que sopram sem o menor som, mas serve; o Pai mandou lá pôr uns bancos compridos e uma mesa; a Maria dá-me uns quadros alegóricos e artísticos para as paredes.

— E que tencionas fazer com os garotos?

— A que horas vais para lá?

— O que lhes dás de comer?

Joana tapou os ouvidos e gritou:

— Deixem-me falar; ficam a saber tudo.

Aos Domingos, si pelas duas horas ou três, é que vai funcionar o meu recreatório; e às quatro tem uma merenda de pão e fruta. E cada Domingo hei-de preparar um programa especial: discursos meus e deles, questionários, canto coral, e coisas colossais que me hã-de vir à ideia; verão!

Clara abraçou-a affectuosamente e disse:

— Estou certa, certíssima, de que as tuas férias vão ser encantadoras e cheias de proveito, Jana!

— Quando nos reunirmos outra vez, hã-de ver-se o que fez cada uma de nós — concluiu Joana, satisfeita.

— Com a partida da Clara, quando tempo estaremos sem nos reunirmos... — murmurou Maria João.

(Conclue no próximo número)

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO — Desenhos de GUIDA OTTOLINI

CHA DA COSTURA

— Oh Clara, tu que és a *sensatez* personificada — começou Joana naquela tarde de Setembro — vais dar-me umas certas explicações:

— E' sempre chela de imprevisão, Jana: diz o que te apetece dizer.

— Cem por cento diferente do que dizem os outros, é claro — comentou Rita.

— Talvez — tornou Joana. — E' o seguinte: não faltam pregações sobre a fraternidade, a soberba, a humildade...

— Etc., etc. — meteu Maria José.

— E, — continuou Joana — parece-me haver, milhentas vezes, contradições colossais.

—??

— Sim, minha rica, é o que te digo. Assim, pregam a fraternidade cristã, não é? mas nós exigimos que as criadas, por exemplo, nos tratem como seus superiores: e consideramo-las de classe inferior à nossa...

— E' evidente que são! — gritou Alice.

— São não, Alice; estão: há uma pequena diferença — observou Clara. — Embora tenhamos de ter em conta a hereditariedade de qualidades especiais, que nos vêm de trás, é claro...

— Que dizes, Clara?! Não percebo — tornou Joana.

— Não confundas, Jana, a disciplina social, a relativa separação das classes — continuou Clara — com a igualdade sob o ponto de vista espiritual. Essa é absoluta! Nas *almas*, somos iguais. Desde que as criadas pertencem a uma classe carac-



terizada cujo fim é: fazer um certo número de serviços remunerados, têm de manter para com os patões as regras da disciplina; regras essas que estão estabelecidas há muito tempo e fazem parte das suas obrigações.

— Mas — cortou Joana — a verdadeira fraternidade cristã não deveria ser juntar com elas à mesma mesa, estender-lhes a mão, passear com elas, etc., etc.?

— Não, Jana, nada disso. Se, por um acaso da vida, a criada enriquecer, ou casar com pessoa de outro meio, ou, enfim, sair da classe em que está para outra superior, deixará, claro, de ter esse deveres: cada classe social tem a sua disciplina, que em nada deve ser humilhante!

— E' muito interessante o assunto — disse Mademoiselle Sixte.

— Começo por perguntar simplesmente: tornou o Dr. M. Pinto — alguma das meninas sabe a significação da palavra *liturgia*?

— Até si ainda chego, Pai — respondeu Angélica — e é bem simples a resposta: liturgia quer dizer *actos religiosos públicos*, não é?

— Tal qual — respondeu o pai. — E como é interessante para todas as católicas conhecer bem a liturgia da sua religião! Não lhes parece?

— Deixa-nos primeiro saborear a canja, Paisinho — lembrou Berta.

— Que temos para o almoço, Angélica? — perguntou Mademoiselle Sixte.

— Tudo o que há de mais simples, como sempre está o arranjo desta mesa; não gostam? — e Angélica apontava o centro baixo, de vidro, cheio da congosa azul que apanhara na encosta da serra — Além da velha canja dos tempos antigos...

— E que boa que está! — declarou Júlia.

— ...temos um cozido de galinha a estragá-la: quer dizer, a galinha desossada, rodeada de puré de batata e «croûtons», com um molho grosso feito com o próprio caldo.

— Deve ser estupendo! — disse Carmo.

— Sabem vocês — perguntou o Dr. Menezes Pinto, quando se tiraram os pratos da sopa — em que altura da missa começa a parte mais importante do Santo Sacrifício? Falemos da liturgia da missa.

— Não percebo isso bem, Clara... — disse Rita.

— Oh filhas, como tudo é simples! — tornou Clara — Então no regimento, por exemplo: o sargento não se levanta perante o alferes? O alferes perante o tenente? O tenente perante o capitão? Etc., etc., etc.?

— Tens toda a razão! — exclamou Maria José.

— E oiçam bem, queridas: se, por qualquer circunstância, uma *senhora* se vir obrigada a sair da sua classe, terá, evidentemente, de cumprir aqueles deveres de disciplina inerentes à classe em que entrou, percebem?

— E' tudo uma questão de disciplina, dizes bem — comentou Alice — sem humilhações, nem rebatimentos, nada disso!

— E toda a fraternidade cristã, Jana, toda a igualdade espiritual, moral, caritativa, se pode, e se deve, praticar ao máximo. Percebes bem o caso?

Joana murmurou pensativa:

— Talvez...

— Ouve, Jana — concluiu Clara — temos as nossas criadas com a maior caridade, com paciência, com carinho, até deixando-as, no entanto, cumprir sempre os deveres de disciplina que lhes competem, percebem?

— Sim, sim, compreendo a tua ideia. E quando penso que já não teremos senão uma destas nossas reuniões, Clara...

— Quem nos dará estas explicações tão interessantes, Clarinha, agora que tu te vais embora?

— Oh filhas, o Porto não é o fim do mundo! — respondeu Clara. — E quem sabe se depois de Fevereiro teremos outra vez os nossos chás?

— A primeira parte da missa — respondeu Maria do Rosário — é a preparação: rezas aos pés do altar, Introito, os Kyries...

— A Glória...

— E quando, meninas, é que se entoa a Glória pela primeira vez no mundo? (desculpem este parentese).

— Em Belem, Paisinho: cantaram-no os anjos quando Jesus nasceu! — exclamou Berta.

— Depois da preparação vêm as orações e leituras — acudiu Alexandra — a Epístola, o Evangelho...

— E a recitação do Credo, afirmando bem as verdades que devemos crer — continuou Angélica.

— Começa, então, depois do Credo, a parte mais importante da missa: o *Ofertório*, a *Consagração*, a *Comunhão* — disse Maria do Rosário.

— Nos tempos dos primeiros cristãos — explicou o pai — os neófitos, que ainda não tinham a instrução suficiente, até saíam depois do Credo; não assistiam senão à primeira parte do Santo Sacrifício.

— Como é belo tudo isto... — murmurou Mademoiselle Sixte — e é tão consolador ser-se cristão!

— Mas continuem, meninas; vejo que não estão em *branco*, como dizem os estudantes, neste interessantíssimo assunto.

— Ah eu... — murmurou Carmo de consolada.

— Coitada de ti, Carmo: não aprendes nada?! — perguntou Berta.

— Ela cose lindamente e faz bolos — declarou Júlia, que era prima de Carmo — mas lá para letras...

— Vai ouvindo, Carminho, verás que gostas e aprendes — disse o pai, bondosamente.

— Depois do *Ofertório*, da *Consagração* e da *Comunhão*, que são a própria *essência*, por assim dizer, do Santo Sacrifício, em que mais consiste a liturgia da missa, sabem?

— Durante um momento nenhuma respondeu, Depois Berta exclamou:

— Meu Deus, como é simples de responder: *Acções de graças*, mais nada!

— Eu, durante a missa o que faço é rezar o terço — disse Carmo, com um ar digno.

— Pois melhor fôra que *acompanhas* e procurasses entender toda a missa, Carmo. Eu vou-te escrever tudo explicado num papel — disse Alexandra.

E, quando acabou o almoço, Alexandra entregou à ignorante Carmo o resumo seguinte, que leu alto:

— Rezas aos pés do altar.

— Introito.

— Kyries.

— Glória.

— Orações, Epístola, Evangelho, Credo.

— Repara, Carmo, que é agora que vai começar a parte principal da Missa — observou Angélica.

Alexandra, continuou:

— *Ofertório*: Oblação da Hóstia, Bênção da água, Oblação do Calix e Lavabo.

— Eu explico-te depois tudo isso, Carmo — disse Angélica.

GENTE NOVA

Já mais um ano passara.

Francisca Teresa guiando, com pericla, o seu pequeno Buick, apeara-se com Cecilia à entrada da Gare Marítima de Alcantara; e esperavam a chegada do Niassa que devia trazer, de Africa, Domingas, já casada, e Rodrigo.

Uma verdadeira multidão se acotovelava nas esplanadas e já o Niassa se avistava ao longe na bruma matutina do Tejo.

— Tomara vê-los aqui, Cecilia! é tão enervante esta espera... — disse Francisca Teresa.

— Tivamos tempo de ir a casa almoçar; não será melhor?

— Olha, ali vem a mãe da Domingas com a Chucha e um desconhecido; quem será?

Cecilia explicou:

— Não sabias que a Chucha vai casar? É um negociante do Perú que dizem riquíssimo.

— Mas a tia tirou informações, sabe quem é?

— Qual! a Chucha não quer nada disso; diz que essas minúcias complicam tudo. Consta que o homem é divorçado, talvez mesmo, bigamo; quem sabe?

— Oh Cecilia, que horror...

— A Chucha aceita isso tudo quase com cinismo!

Entraram depressa no carro e foram a casa almoçar. Quando voltaram para o calis já o Niassa estava ancorado; e no deck viram os seus queridos viajantes, radiantes, risinhos, à espera de poder desembarcar.

Domingas encostava-se ternamente ao marido, um rapaz moreno e magro, que inspirava simpatia; Rodrigo, com o seu ar grave, só olhava para Francisca Teresa, parecendo envolvê-la apaixonadamente...

... ..

E o que tinha que acontecer, aconteceu.

Francisca Teresa deixou-se comover por aquele amor tão fiel, tão profundo, tão nobre, de Rodrigo; e casaram na Basilica da Estrela.

A muita amizade que sempre unira Francisca Teresa a Rodrigo transformara-se num verdadeiro amor: ambos se adoravam mutuamente, compreendendo-se em absoluto.

E enquanto a Creche de Jesus Menino, como uma bênção do Céu, ia desenvolvendo a sua acção benéfica nas crianças da Freguesia, sob a direcção inteligente

— Não basta indicar o nome das cerimónias, Xandra; o principal é o *sentido* delas — observou o pai.

— A seguir ao *Prefácio* e ao *Sanctus*, começa o *Canon*, das mais antigas rezas da Igreja, onde se pede pela sua unidade, pelo Papa...

O pai observou:

— E o Canon abrange a *essência*, do Santo Sacrifício: a *Consagração* e a *Comunhão*.

— Depois da Comunhão há as *Acções de graças* — concluiu Berta.

— Tenho a minha cabeça chela de confusão — murmurou Carmo, desconsoada.

— Mas quando compreenderes tudo clarinho como água, verás tu como é interessante seguir e acompanhar o Santo Sacrifício — disse Angélica, abraçando-a.

— Morto para tudo o que é desprezível: vivo para a vida da alma! — respondera ele com força

— Você sabe lá o que é ser padre! — gritava Jorge, que sonhava para o filho altas situações sociais, em que brilhasse como político. — E' scrifflear tudo o que a vida tem de bom.

— É repetir tudo o que a vida tem de baixo! E sinto, meu Pai, que hei-de ser um bom padre — teimara Manuel — Não me cortem a carreira que escolhi e que é o único e verdadeiro ideal da minha vida!

Os pais, perante a sinceridade do seu entusiasmo, calaram-se.

E, acabado o lico, Manuel entrou, radiante, no Seminário dos Olivais.

FIM



CONVERSAS

II

O almoço daquele dia estava a cargo de Angélica que, com uma calma inalterável, de tudo se ocupara desde manhã cedo.

— Haverá só dois pratos; mas bons. — declarou ela às irmãs.

— E o assunto das conversas está recolhido? — perguntou Alexandra.

— O Pai só o diz à própria hora, sabem vocês? — disse Berta, a rir — para não irmos preparar-nos com livros e dicionários.

— Era desleal para com as outras, já se vê.

— Palpita-me que é sobre História outra vez — disse Angélica, indo acabar o arranjo da mesa.

E quando se encontraram todas na casa de jantar, diante duma apetitosa canja, bem dourada e bem portuguesa, o dr. Menezes Pinto declarou:

— Minhas meninas, as nossas conversas hoje serão especialmente elevadas: tratarão da *liturgia católica*!

— Oh Pai! — exclamaram vozes pouco entusiasmadas.

— Vamos ficar mudas como peixes — gemu uma das convidadas.

— Mas quem sabe alguma coisa sobre liturgia? — perguntou Maria da Luz.



Para Ler ao Serão

— Tu, Joaquim! — murmurou, admirada.

— Vou entrar contigo — disse o rapaz, enfiando no seu o braço da prima.

— Sabes? já falei com os donos do escritório: têm por ti uma destas considerações!

Maria de Lourdes sorriu; e os dois primeiros entraram no escritório.

— Sr.^a D. Maria — disse o sócio mais velho — esteve à sua vontade a conversar com o seu parente que não vê há dois anos; deixe o trabalho para mais tarde.

— Muito obrigada, sr. Moreira; mas, se dá licença, o meu primo espera um bocadinho e eu separo a correspondência.

— Como estás mudada, Lourdes — disse Joaquim, sentando-se ao lado da secretária — a crueldade da vida deu-te outra expressão...

— Não me sinto infeliz, Joaquim. E como gosto de trabalhar... Olha que talvez já me custasse viver sem fazer nada de útil!

— E a Tia como tomou isto tudo? — Mal, coitada! não se resigna e não me compreende... Queres tu ir lá hoje e jantar conosco? Partilhas as amagras sopas, é o caso!

— Achas que não é abuso? Tenho tanto que te dizer, Lourdes...

— Então, lá te esperamos, Joaquim. Foi um jantar quase animado, aquele!

Havia tanto que contar... E quando Joaquim saiu, já depois das onze horas, Maria de Lourdes pediu-lhe que voltasse breve.

— Vem, vem — insistiu D. Mécia, andando por alguma distracção — até podias vir todos os sábados.

— Não sei se as aborreces! — murmurou Joaquim.

— Não és tu o meu único irmão. Quem? — retorquiu Maria de Lourdes, sorrindo.

E Joaquim começou a vir todos os sábados.

Que bons serões ali passava entre as duas senhoras! A própria D. Mécia parecia suavizar o seu feitiço azedo. Maria de Lourdes, às vezes, tocava no seu belo piano de meia cauda, que nunca se decidira a vender; e nada perdera da sua técnica, nem do singular encanto com que sempre tocara.

Joaquim, que desde pequenino tivera pela prima um amor profundo, cada vez se sentia mais preso... Mas não se atrevia a falar, recelando que Maria de Lourdes quizesse acabar com aqueles sábados que eram a sua maior felicidade.

E pensava, olhando-a com ternura: — Como ela é linda, inteligente e boa! Nunca se impacienta com a mãe, tão ingrata, tão injusta... Nunca sente a menor revolta contra as infelicidades da sua vida... Cumpre o seu dever, absolutamente, simplesmente, alegremente, quise! E como é profundamente cristã, no alto sentido dessa palavra, aceitou a sua Cruz, beijando-a...

— E quanto tempo tens tu para cá estar? — perguntou Maria de Lourdes, num desses calmos serões.

— Ainda muitos meses, felizmente. Mas não me sobeja o tempo para certas resoluções que tenho de tomar — acrescentou, olhando a prima com um sorriso.

Maria de Lourdes, sem compreender o sentido daquelas palavras, sentiu-se vagamente comovida...

— E nãoencionas casar? — perguntou D. Mécia. — Não faltam raparigas ricas na sociedade.

— Não procuro riqueza, minha Tia; basta-me o meu soldo. E se a rapariga de quem gosto me quizer... — e Joaquim calou-se.

Maria de Lourdes, irrestivelmente, levantou os olhos da costura; e viu o olhar de Joaquim tão cheio de dedicação e ternura que não pôde impedir os seus lábios de dizerem, baixinho: — Oh Joaquim...

Então ele levantou-se, de repente; pegou na mão da prima e, beijando-a apaixonadamente, dirigiu-se a D. Mécia: — Minha Tia, dá-me a Lourdes?

Maria de Lourdes levantara-se também; e encostando a cabeça sobre o ombro de Joaquim deixou correr pelas faces as lágrimas em fio: as primeiras lágrimas de felicidade que chorava desde a morte do pai.

D. Mécia, porém, colhida de surpresa, exclamou, com azedume:

— Que brincadeira é esta?! Vocês estão a caçar comigo. A Lourdes não é menina casadoira; tem mais em que pensar. Não tem dinheiro, nem enxoval, nem tempo para o fazer, nem ela pensa nisso. E tu? Que fazes de mim? Teres d'ir para um asilo?

— Ao ouvir esta explosão de acrimonia, a pobre Maria de Lourdes caiu em si.

— Tem razão a Mãe, Joaquim. A minha vida não é o casamento; sou um homem de trabalho. E não posso deixar a Mãe...

Mas Joaquim apertou, com mais força, a mão pequenina de Maria de Lourdes. — Não caso sendo contigo; e tudo isso se há-de combinar a seu tempo.

— Tenha paciência, minha Tia: amanhã vem o meu Pae falar contigo.

E Joaquim saiu, risonho, depois de beijar com fervor a mão da prima.

Maria de Lourdes, apesar do mau humor da Mãe, sentia o coração trilhar-lhe de alegria... E nessa noite dormiu dum sono calmo até à manhã seguinte.

IV

No dia seguinte, de facto, vetu o Comandante António de Castro pedir oficialmente para seu filho a mão da sobrinha a D. Mécia; e a impertinente senhora rendera-se às razões lógicas do seu primo. Joaquim e Maria de Lourdes ficaram noivos. Uma tarde, pouco depois de chegar do escritório onde tivera um dia chelo de trabalho, sentada na única poltrona da saleta, Maria de Lourdes ouviu um toque de campainha e uma voz de homem discutindo com a criada. Não era a voz de Joaquim; e daquela hora da tarde não costumavam vir fornecedores. Felizmente D. Mécia dormitava no seu quarto.

O que seria?

Ouviu a criada, dizer num tom impaciente:

— Já lhe disse que não; o senhor é mouco? Apre, que é teimoso!

Maria de Lourdes chamou-a. Mas antes que a rapariga obedecesse ao seu chamamento viu assomar à porta da saleta um homem alto e elegante que a principio, não reconheceu.

Estava tão longe de esperar aquela visita...

— Sou eu, Lourdes — disse a voz grave de João, o seu antigo noivo.

— Que quer nesta casa, João? — perguntou a rapariga, levantando-se.

— Preciso falar consigo; e peço-lhe que me ouça.

— Não julgo que possamos ter nada que dizer um ao outro, João: não demore a sua visita.

— Desde que a vi no baile do Grémio, Lourdes, desde essa noite, que...

— Já não me interessa a sua vida João; e prefiro que nada me diga.

— Peço-lhe que me ouça, Lourdes...

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Desenhos de GUIDA OTTOLINI

— Disseram-me que estava noivo. E' verdade?

— E' e não é: um noivado facilmente se quebra.

— Sim, você acha nisso facilidade.

— Não seja má, Lourdes; escute-me com indulgência, se não fôr com outro sentimento...

— Não o entendo; e confesso-lhe que nada me agrada a sua visita.

— Pois venho fazer-lhe uma confissão bem grave, Lourdes.

— Seja lacónico, então; é o que lhe peço.

— Estou noivo ainda, e certo; e quero crer que me fará a justiça de pensar que não foi o amor que me levou a pedir a pobre Celeste Marques em casamento.

— Não se envergonha do que está dizendo?

— O amor, esse, era em si que eu o tinha encontrado e era por si, Lourdes, que eu o tinha!

— Mas...

— Ouça, ouça. Bem sei que andei mal. Bem sei. O dinheiro fazia-me tanta falta... Não podia viver sem ele. Mas hoje sinto o coração cheio de si, Lourdes; não posso esquecê-la nunca mais. E...

— Vá-se, João; e não torne a entrar nesta casa.

— Sabe que fui nomeado para o Banco Ultramarino? E com a morte de minha tia Vila Nova estou rico.

— Vá-se, João; não quero ouvi-lo mais.

D. Mécia, encostada à sua bengala, entrou.

— Ah, João, muito gosto de o ver, depois de tanto tempo. Sente-se um bocadinho.

Maria de Lourdes interveiu, sécamente:

— O João ia-se já embora, Mãe. Vinha participar-me o seu próximo casamento.

— Não é bem assim, minha Senhora — tornou João — Vinha pedir a sua filha que esquecesse o nosso arrufo e tornasse a considerar-me o seu noivo.

— Olhe, é pena que não vlesse há mais tempo. Ela agora — respondeu D. Mécia — já se decidiu pelo Joaquim.

— Está noivo i do seu primo? — perguntou João, dirigindo-se à antiga noiva.

— Estou; e descobri que é a primeira vez que sei o que é gostar de um homem!

— respondeu Maria de Lourdes, encarando-o.

— Está bem vingada, Lourdes — disse João — Adeus...

CARTA ÀS RAPARIGAS

Queridas Amiguinhas:
Estamos em Novembro: bem perto do Natal! Não deixem para tarde a campanha cristã, a alegria da vinda de Jesus a irradiar... Não deixem, em torno de vós, vencer o egoísmo, a indiferença, o comodismo, a preguiça, a irreligiosidade: se têm a felicidade enorme de ser cristãs, espalhem essa felicidade às mãos cheias! Dêem-na a conhecer, expliquem-na a quem a não sente, para que todos, perto de vós, se alegrem convosco.

Bem unidas, todas vós, organizem a maneira de dar alegria aos que não, têm: façam a divisão do trabalho, revezem-se umas com as outras nas visitas aos pobres, nos cânticos a executar, nos fatos a distribuir, nas consoadas a preparar. E assim, só assim, terão o Natal mais feliz que possa conceber-se, queridas raparigas portuguesas, cujos corações sabem vibrar para tudo o que é Bom e Belo!

Maria Paula de Azevedo



CONVERSAS

— Sabes que a Carmo pediu ao Pai para marcar ela mesma o assunto de hoje? — disse Angélica, a rir, a Alexandra.

— O que sairá daquela cabeça tonta... — respondeu Alexandra.

— Vocês exageraram — disse Berta — ignorante é, coltada, tudo são novidades para ela. Mas o querer instruir-se... já vale muito.

E quando todos estavam reunidos, prontos para saborear o almoço dirigido por Angélica, Maria do Carmo disse:

A conversa de hoje é escolhida por mim: é sobre as Cruzadas! Todas se entreolharam, admiradas.

— Escolheste bem, Carminho: o assunto é cheio de interesse — aprovou o dr. Menezes Pinto.

— Mas como te lembraste d'ele, tu que tão pouco sabes de História?!

— Aqui há coisa... murmurou Berta, vendo Maria do Carmo, côrada, olhar para Mademoiselle Sixte.

Então a boa senhora, risonha e prazenteira, disse:

— Sim, Berthe, aqui há coisa, como tu dizes: é que eu estar a entusiasmar Carmita com o estudo da História! E ela se interessa mesmo pela «Moyen Age» — acrescentou.

— Uma época de absoluta escuridão, afinal — disse Luísa.

Vozes indignadas exclamaram: — Escuridão? Que idela é essa, Luísa? Nem todos são dessa opinião...

E o dr. Menezes Pinto observou:

— Há muito quem o pense, é verdade; mas é uma lença que, pouco a pouco, se vai esclarecendo e destruindo.

Depois da terrível invasão dos Bárbaros, fazendo ruir o poderoso Império Romano...

— Em 476 — opinou Maria do Carmo, satisfeita.

...deve ter-se seguido uma época de verdadeiro e triste abatimento — disse Berta — e quantos anos durou essa época de infiltração dos povos bárbaros!

— Uma tres ou quatro séculos — declarou Angélica.

— Depois, com a fundação dos Mosteiros, onde os monges se dedicavam ao estudo, à arte, à ciência...

— O de Monte Cassino, no século V, foi o primeiro, fundado por S. Bento — disse Alexandra.

— E enquanto os monges estudavam, os guerreiros batalhavam e o povo trabalhava a terra, semeando-a... — disse Berta.

— Construíram-se grandes castelos — acudiu Maria do Carmo — e os senhores deles aí viviam como reis, mandando no povo como em seus vassallos.

— Organizava-se, assim, o Feudalismo.

— E os Cristãos começavam a pensar na conquista do túmulo de Nosso Senhor aos Inféris — tornou Maria do Carmo — A primeira vez que se pensou nisso foi em França: um homenzinho chamado Pe-

dro-o-Ermita montado numa mula percorria montes e vales com um Crucifixo na mão, gritando: Deus o quer!

— Ajuda nesse ano se não realizou a primeira Cruzada — disse Maria do Rosário.

— Mas foi no ano seguinte, em 1096 — continuou Maria do Carmo — sendo Papa Urbano II, que era francês.

— Eu não disse que o desejo de intruir-se vale muito? — murmurou Berta às irmãs.

— Formidável! — respondeu Angélica, baixo.

— E quem se notabilizou nas Cruzadas? — perguntou o Dr. Menezes a Maria do Carmo — Também o sabes?

Maria do Carmo respondeu, com segurança:

— Gosto imenso das Cruzadas; por isso fixei. Na 1.ª foi Godefroy de Bouillon, feito rei de Jerusalem. E nas outras entraram imensos reis: Filipe Augusto, Ricardo Coração de Leão, Frederico Barbaruiva, Luis IX...

— Esse, coltado, lá morreu na nona e última Cruzada: vítima de sua santidade, tratando doentes, apanhando a lepra...

— Afinal vocês indignaram-se comigo porque chamei escuridão à Idade Média; mas nada disseram em contrário — declarou Luísa.

— Na verdade, Luísa, se para ver brilhar estrelas é preciso estar na escuridão, então há um fundo de verdade na tua opinião — disse Angélica — Pois que luz mais brilhante haverá do que a figura estupenda de Carlos Magno?

— E o nosso Santo António? E S. Francisco de Assis? E S. Domingos?

— E os Cavaleiros medievais personificando a Lealdade, a Coragem, a Abnegação?

— E a Arte gótica que fez nascer as Catedrais maravilhosas, com as suas naveas em ogiva?

— E os vitrais incomparáveis?

— Foram dez séculos em que se perdeu o brilho da civilização romana; mas, que luzes espirituais nasceram então... E essas luzes foram tão vivas e tão fortes que jamais podem apagar-se na História. — concluiu o dr. Menezes Pinto, enquanto todos se serviam do apetitoso pudim de laranja, que era a especialidade de Angélica.

BOAS IDEIAS (GULOSEIMAS DE NATAL)

No jantar de família do dia 25, são permitidas, e apetecidas, todas as guloseimas... Sobretudo se forem feitas pelas meninas da casa, é claro. Conheçam as deliciosas:

BOLINHAS DE CÓCO?

Batem-se gemas de ovos com açúcar; l colher de sopa para cada gema. Em estado muito batidas, fazendo bôlhas, junta-se-lhe o côco ralado: a porção suficiente para que a massa fique grossa e possam tender-se, na palma da mão, bolhinhas, pequenas. Embrulham-se em açúcar pilé.

São sempre apreciadas:

AMENDOAS ESPECIAIS

Pelam-se com água a ferver; e põem-se num taboleiro com alguma água, açúcar e canela, a torrar no forno.

BOLINHAS DE NOZ

100 grs. de nozes passadas na máquina; junta-se 50 grs. de açúcar, 1 clara batida, e mistura-se tudo bem. Vão ao forno, às colheradas pequenas, num taboleiro.

ALEGRIAS E TRISTEZAS

V

Com a chegada do Natal, Maria de Lourdes gozava as suas primeiras férias; e que felizes essas férias lhe pareciam!

No mais fundo do seu coração dava graças a Deus pelo rumo que a sua vida ia tomando; e o amor de que Joaquim a rodeava compensava-a largamente dos desgostos, sofridos com tanta coragem.

D. Mécia, sempre trácivel, não lhe poupava as imperitências, as observações desagradáveis e injustas... Mas a ternura do noivo parecia redobrar a cada remoço da insupportável senhora!

Nã véspera do Natal Maria de Lourdes viu chegar um empregado de uma das grandes lojas da baixa.

— O que será? — perguntou ela, contente.

— Admira-me que haja ainda quem se lembre que existimos — observou a mãe.

— São presentes do Joaquim, com certeza — disse Maria de Lourdes, mandando instalar na cozinha o grande caixote que o homem trazia.

— Não tem resposta — declarou ele, fechando a porta e descendo a escada a correr.

E, ajudada pela criada, Maria de Lourdes abriu o caixote.

— Oh meu Deus! — exclamou, radiante, começando a despeja-lo... Um enorme peru, pronto para o forno, um apetitoso presunto, uma caixa de mantelga, um frasco de azeltonas recheadas e, metidas em sacos de papel, péras lindíssimas de «Angouleme»!

— Que loucura, Mãe! Venha ver, sim? — gritou Maria de Lourdes, correndo a buscar a mãe — Perá! Presunto! Péras! Mantelga! — explicou ela com entusiasmo.

— Parece que nunca viste nada disso. — respondeu D. Mécia, sem se mexer — Fraca memória a tua — concluiu com aze-dume.

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Apesar da má disposição da mãe, aquele jantar de Natal foi, na verdade, bem alegre para os noivos! E como o pai de Joaquim era a única pessoa que conseguia desanuviar D. Mécia, reinou, durante aquelas horas, um ambiente calmo e feliz, em que os noivos, embevecidos um no outro, pareciam esquecer tudo o que não era a sua felicidade.

E ao serão, instalado Joaquim junto ao piano, enquanto o pai e D. Mécia faziam paciências, Maria de Lourdes tocou, com a alma vibrando nos seus dedos, música clássica e bela que tão bem se harmonizava com a grande festa cristã!

Quando se despediram, naquela noite de Natal, Joaquim murmurou, beijando as mãos da sua noiva:

— A minha felicidade é tão grande que excede de muito o que eu mereço, meu amor...

E Maria de Lourdes, comovida, respondeu:

— E eu tenho medo, Joaquim, que qualquer coisa venha perturba-la...

A vida tinha, agora, para Maria de Lourdes, um aspecto alegre. O seu ganho, bem administrado, junto às centenas de escudos mensais que restavam da antiga fortuna, chegava para um viver remediado e sem dívidas; o seu noivado enchia-lhe a alma duma felicidade absoluta, profunda, intensa e, de dia para dia, mais apreciava o árduo leal de Joaquim, as suas qualidades de delicadeza e generosidade!

A verdadeira cruz da sua vida era a índole da mãe, sempre queixosa de tudo e de todos, rabujenta e revoltada contra os acontecimentos que tão súbitamente lhe haviam mudado a existência.

Maria de Lourdes, porém, nunca deixava de a acarinhá-la; e as suas observações injustas respondia sempre com um bom sorriso, com uma paciência que, por vezes, fazia cair em si, vagamente envergonhada, a trácivel senhora.

— Coitadinha da Mãe... — pensava a filha, comovida — estava tão pouco preparada para o desabar súbito da sua fortuna... Vivia tão despreocupada, tão longe, sempre, de todos os cuidados, com o carinho do Pai a evitar-lhe preocupações e trabalhos...

E, nestes pensamentos chelos de bondade e indulgência, Maria de Lourdes encontrava a força e a paciência para suportar o génio da mãe.

Quando estava ao pé de Joaquim, nas doces conversas do serão, passava as melhores horas da sua vida. E chegara à conclusão lógica de que a felicidade, afinal, é feita de mil coisas minúsculas... Saber senti-las, saber apreciá-las, saber ver na vida o que ela tem de belo, saber dar graças a Deus pelo muito que nos concede, tudo isso enchia a alma forte e sã de Maria de Lourdes; e na plenitude seu amor por Joaquim, esperando, pacientemente, que o casamento os unisse, sentia-se feliz.

Uma tarde, porém, ao

chegar do seu trabalho, a criada entregou-lhe uma carta de letra desconhecida.

— Algum pedido, naturalmente — pensou Maria de Lourdes, abrindo distraidamente o sobrescrito, e seguindo pelo corredor fora, enquanto lia as primeiras linhas:

«Tenho urgência de falar a sós com V. Ex.^a — dizia a carta — e peço que me receba amanhã mesmo. Irei antes da sua saída. — Maria Laura Cunha».

Este nome era, para ela, de todo desconhecido.

— Algum pedido, coitada da creatura — murmurou Maria de Lourdes.

Nessa noite não pensou mais na carta da desconhecida. Sentia-se tão feliz, tão cheia dos alegres projectos de futuro que fazia diáritamente com o seu noivo, que queria dar também um pouco da sua felicidade aos outros; e se o pedido não fosse exorbitante, procuraria satisfazê-lo. Essa Maria Laura Cunha receberia uma boa esmola, coitadita.

Ainda não eram nove horas da manhã quando chegou a misteriosa correspondente. Baixa, magra, seca, sem nada na cabeça, um olhar triste, uma criancinha de dois anos pendurada na sua mão, Maria Laura Cunha entrou na saleta; e, sem mais preliminares, dirigiu-se a Maria de Lourdes, que a esperava, já:

— E' V. Ex.^a a noiva do guarda-marinha Joaquim José de Castro?

Maria de Lourdes, com esta pergunta súbita, recuou um pouco e respondeu, vagamente atenta:

— Sim, sou eu. Mas não é guarda-marinha o meu noivo; é segundo-tenente da Armada.

— Ah! não sabia — tornou a outra.

Maria de Lourdes olhou-a com sincera estranheza e esperou que ela continuasse.

— Talvez se admira que eu venha aqui para lhe falar do seu... noivo; mas é que esse homem é para mim...

— O quê? — gritou Maria de Lourdes, não podendo dominar-se.

— Sou a sua mulher, embora só civilmente; e esta criança é sua filha.

Maria de Lourdes, pálida e comovida, não respondeu logo. Daí a momentos, disse:



Desenhos de GUIDA OTTOLINI

— Sente-se; é melhor falar com serenidade. Há aqui, decerto, uma confusão.

— Nenhuma — tornou Maria Laura. — Há três anos, em Moçambique, perante as autoridades, casei com esse homem. Depois dum ano foi em missão particular ao interior, tendo pedido uma licença para isso, e nunca mais apareceu. Nem conheceu a filha — acrescentou com amargura. — Tive de trabalhar duramente para nos sustentarmos a mim e a ela... E disseram-me que ele morrerá. Soube ontem que está vivo.

— Mas... — cortou Maria de Lourdes — como prova que não está enganada e como hei-de convencer-me que tudo isso é verdadeiro?

Maria Laura abriu um saco de couro que trazia; e, sentando no chão a criança melo adormecida, tirou do saco um maço de papeis que entregou a Maria de Lourdes.

— Para não a obrigar a ler as certidões e tudo mais, veja simplesmente a do casamento civil. Não terá dúvidas sobre a identidade de meu marido — acrescentou com energia.

— Tudo isto é estranho... — disse Maria de Lourdes, lendo a certidão.

— Cheguei de Moçambique há uma semana apenas — continuou Maria Laura.

— E sucedeu que ante-ontem, indo ao Banco Ultramarino, um dos empregados superiores, ao ler a certidão do meu casamento, pareceu impressionado; pediu-me para a ler com mais cuidado no seu gabinete...

— E...? — perguntou Maria de Lourdes.

— E voltou daí a instantes perguntando-me: «A senhora diz que o seu marido morreu? E' claro que a pergunta não deixou de me sobressaltar; tratava-se de receber o pouco dinheiro que eu sabia ter lá em depósito. Foi a minha vez de perguntar:

— O senhor duvida? — Mas o tal empregado, com um ar amável e delicado parecia ter mudado de feitio; e respondeu-me, entregando o dinheiro: «O seu marido não morreu. Se a senhora quer saber onde ele está, vá a casa da Sr.^a D. Maria de Lourdes de Pimentel e Almeida; é a sua noiva! A morada dela aqui a tem».

— Como pode calcular, o meu coração estalava... E tratei logo de vir aqui avisá-la; já vê que não procedi mal.

Maria de Lourdes sentia-se, pela primeira vez na sua vida, esvaír... E, recelando desmaiar deante daquela estranha, vítima, como ela, dos acontecimentos, pediu-lhe, baixinho, num murmúrio:

— Vá-se embora, peço-lhe. Mais tarde falaremos outra vez.

Fechou os olhos, encostou a cabeça à cadeira e ali se deixou ficar, inerte, sem força para se mexer...

Quando tornou a abrir os olhos, estava sózinha. E, como um autómato, preparou tudo como fazia todos os dias e saiu para o escritório.

(Continua)

CONVERSAS

— Hoje tenho eu que contar, ao almoço. — declarou Júlia, que pouco ou nada falava.

— Mais vale tarde que nunca — respondeu Berta.

— Mas como sabes tu qual é o assunto

que o Pai escolheu? — perguntou Alexandra. — Encontrei o teu Paisinho ontem à tarde — tornou Júlia — e embora eu saiba que é proibido conhecer-se de antemão o assunto, atrevi-me a perguntar...

— E o Pai disse-te?! — exclamou Angélica, admirada.

— Disse uma palavra só... e bem eloquente para todas nós, visto que estamos em Dezembro: Natal!

— Realmente de que falaríamos nós com maior interesse nas vésperas da maior festa cristã?

— Natal Natal! — repetiram muitas, em tom alegre.

— Mas que dirás tu do Natal, Júlia, que todas nós não sabemos já? — murmurou Alexandra.

E seguiram para a casa de jantar, onde as grossas achas de lenha crepitavam, alegres, e a temperatura se mantinha quente como os corações de todas...

— O que nos vais tu dizer sobre o Natal, Júlia? Como todos somos bons cristãos, o Natal é para nós a festa por excelência... — disse o dr. Meneses Pinto.

— Para mim a parte que eu mais gosto é a que se refere aos pobres: a alegria de lhes dar uma boa consoada, um bom abafa, um lindo Presépio... — observou Maria do Carmo com simplicidade.

— Eu confesso o meu egoísmo — declarou Berta — mas o que muito me interessa... é o que vou encontrar na chaminé dentro do meu rico sapato, naquela noite bendita!

— Oh Berta, não tens vergonha?! — Nenhuma, Xandra!

— Pois eu quero contar-lhes o que foi, para umas dezenas de portugueses, voando em mares africanos, o Natal... de 1497!!

— Como actualidade... bates o «record».

— Deve ser muito interessante, Julianna — animou o dr. Menezes.

— Julho foi sempre estudiosa — observou Mademoiselle Sixte.

— Seguíam pelo Atlântico abaixo as três naus de Vasco da Gama — começou Júlia.

— Eram tres, bem sabemos, mas ainda havia a dos mantimentos! S. Gabriel, S. Rafael e Berrio — disse Angélica.

— Tinham saído de Lisboa em 8 de Julho, do sítio onde depois se construiu a Torre de Belem; e, descendo pela costa africana, só em Novembro é que chegaram a uma enseada a que chamaram de Santa Helena.

— Quem lhes diria então a dolorosa celebridade que o nome dessa terra viria a ter...

— Como — meteu Maria do Rosário — o mar era all menos bravo, lá se demoraram uma dezena de dias comunicando com os pretos, miseráveis e inofensivos, que lá viviam.

— Não eram cafres esses indígenas? — perguntou Angélica a Júlia.

— Tal qual: e não eram maus. Lá partiram as naus, depois desses dias, apanhando logo tormentas terríveis! E quando chegou o dia de Nossa Senhora da Conceição ainda não estavam muito longe do Cabo da Boa Esperança que tinham dobrado a 22 de Novembro! Nada disto admira, visto que iam agora por mares



desconhecidos em absoluto, e viajando à vela, com toda a prudência célebre de Vasco da Gama.

— Mas onde lêste tu tudo isto?! — perguntou Berta.

— Num dos livros estupendos do meu irmão Nuno, que tem a mania da História e lê as Crónicas antigas.

— Continua, Júlia, porque até agora nada disse se relaciona com o Natal — disse Rosário.

— Arribaram a um ponto da costa a que chamaram São Braz; e no dia de N.^o S.^o da Conceição vieram de S. Braz, avançando para o norte. Mas a tempestade que os apanhou tornou-se tão medonha que esses homens, em luta com o oceano, navegando ao sabor das ondas e da ventania, julgaram ficar ali sepultados todos no mar furioso...

— Quantos não desejariam voltar para trás, como fizeram com o Bartolomeu Dias — observou uma.

— Nem isso seria fácil, com certeza. — continuou Júlia — E chegara a madrugada de 25 de Dezembro de 1497: o dia de Natal!

Muitos desses homens, apesar de fortes e corajosos, recordavam decerto, talvez com lágrimas de saudade, a Pátria longínqua, o lar onde mulheres e crianças rezavam e festejavam a vinda de Jesus ao mundo...

Eis, porém, que naquela abençoada segunda-feira a tormenta parece abrandar pouco a pouco: aclara a manhã, dissipam-se as nuvens negras, levanta-se a névoa trágica que os envolvia como um véu fúnebre! E, de repente, os homens vêem desenhar-se, nitidamente, no horizonte à sua esquerda, uma longa costa! Um deles (talvez o próprio Vasco da Gama?) grita com alegria comovida:

Terra de Natal!

E logo todos, como a festejar o grande dia cristão, exclamam, com lágrimas de alegria:

Terra de Natal!

E foi esse o nome que, para sempre, ficou naquela costa africana.

— Bravo, Ju: a tua conversa foi colossal! — disse Berta.

— Afinal foi quase um monólogo — concluiu Júlia a rir.

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO



ALEGRIAS E TRISTEZAS

VI

Nessa mesma tarde Maria de Lourdes escreveu ao tio Antônio de Castro: pedia-lhe para vir falar-lhe à noite, sozinho, sem o Joaquim, embora lhe parecesse estranho... Ela diria as razões desse pedido. E, fechada com o tio na saleta, soluços de desespero embargando-lhe a voz, Maria de Lourdes contou ao comandante a visita de Maria Laura com a filha-linha, a sua nora, a sua neta!

— Custa-me a crer em toda essa história, Lourdes; e é preciso chamar já o Joaquim para que venha explicá-la.

— Não, não, Tio! Não deixe cá vir o Joaquim, pelo amor de Deus! Que razões poderá ele dar que o impeçam de fazer o que deve?

— E se tudo isso é mentira?

— Eu vi, meu Tio...

— Deixa vir o Joaquim, Lourdes; tem o direito de defender a sua felicidade.

— Sacrificando o dever, Tio Antônio?

— Não sabes ainda como ele se justifica, Lourdes. E eu queria ter-te como

filha... — acrescentou o comandante, beijando-a com ternura.

— A vida é cruel, às vezes... — murmurou Maria de Lourdes, tristemente.

E o comandante saiu, pensativo e profundamente impressionado.

Tinham passado semanas; e D. Mécia, mais impaciente que nunca, sem reconhecer na filha as suas raras qualidades de bondade e dedicação, sem ver a que ponto eram admiráveis o carinho, a paciência com que Maria de Lourdes cuidava dela, adoecera.

O médico do bairro, chamado à pressa, diagnosticando um caso grave, abanava a cabeça de maneira enigmática, sem bem dizer, talvez por não saber, que doença era aquela, tão pouco definida, que dava à infeliz senhora temperaturas altas e, por vezes, uma excitação verdadeiramente anormal!

Quando Maria de Lourdes, de semblante risonho, perguntava à mãe o que sentia, raro era não ver enrugarem-se a fisionomia de D. Mécia e receber a resposta brusca:

— Não sei. Estou mal. Mas não morro tão depressa; não o julgues.

— Oh Mãe! — murmurava a filha com lágrimas irreprimíveis.

— Era um alívio, bem sei; mas não estou tão mal como pensam: e ainda quero ter uns anos de vida, com a fortuna que tive-me e a que temos direito.

— Vamos curá-la, Mãe, esteja descansado: mas tem de ajudar a cura, sim?

— Para isso se chamou o médico.

Nada mais se conseguiu; mas a doença continuava em características, mantendo a febre quase constante.

E Maria de Lourdes viu-se obrigada a pedir uma licença para visitá-lo começando, assim, a desequilibrar-se a situação financeira da família.

Não tornara a ver Joaquim; talvez breve partisse para Macau, inconsolável pelo abandono dela...

Como a vida estava sendo dura para Maria de Lourdes! Parecia que tudo se juntava para a afligir.

Mas acima das tristezas, acima dos factos dolorosos, punha sempre a paz da sua consciência na certeza de seguir pelo caminho direito. E essa paz possuía ela em cheio; nem um momento duvidava que procedera como devia.

Recordava agora, sentada a trabalhar no canto do quarto da mãe, enquanto a doente dormia, a fisionomia espantada de seu tio, quando ela lhe expusera a situação inadmissível criada por Joaquim à pobre dactilógrafa; e a tristeza profunda com que o comandante a beijara dizendo:

— Queria ter-te como filha...

E ouvia a sua própria voz, repassada de lágrimas, respondendo, com firmeza:

— Meu tio, o dever do Joaquim está ali: tem de levar à igreja essa infeliz com quem se registou em África, e olhar pela sua filha-linha.

Mas desde esse dia, parecia-lhe que toda a sua força de ânimo, a fortaleza cristã a que sempre se agarrara, ficara estranhamente enfraquecida... Como explicá-lo?

Bateram à porta com força; e, através do ciciar da criada, Maria de Lourdes ouviu distintamente a voz de Joaquim:

— Ouve, Laurinda: eu tenho de entrar e não há nada que me impeça de o fazer.

Laurinda pedia, suplicava em segredo:

— Vá-se embora, sr. tenente: a Sr.^a D. Maria de Lourdes não quer ver ninguém, está ao pé da senhora.

Mas Joaquim, contra o seu costume, tornara-se rude; e, empurrando a rapariga, entrou na saleta.

Tudo isto Maria de Lourdes ouviu e, como a mãe não desse mostras de acordar deste longo sono, dirigiu-se à saleta.

— Os maiores criminosos, Lourdes, têm o direito absoluto de se defender; porque não queres ouvir-me? Eu nem tenho que me defender; pois não sou culpado.

— Oh Joaquim... — murmurou Maria de Lourdes — Para que serve este nosso encontro? Só te censuro, por não teres falado francamente, por não teres dito...

— O quê? — tornou Joaquim, grave.

Maria de Lourdes olhou o primo com sincero espanto.

— A tua vida em África, do teu casamento civil com essa criatura, da criança que é tua filha, da...

— Basta, Lourdes; não continues. Tudo isso é uma novela, sabes? Ou inventada para impedir o nosso casamento, ou, quem sabe? sinceramente confundida com outro homem que não sou eu.

— O quê? Essa confusão não é possível; e seria bem fácil pôr tudo a claro.

— Pois isso mesmo se fará; e breve.

— Eu falei com essa rapariga, Joaquim; não parece, e não é, com certeza, uma aventureira. Mostrou-me. ouviu-te? a cer-

tidão do casamento civil, realizado em Moçambique há três anos!

— Comigo, Lourdes? — perguntou Joaquim, esboçando um sorriso.

— Contigo, Joaquim. Lá estava o teu nome, a tua idade, o teu posto nesse tempo...

— Estranha coincidência, realmente — disse Joaquim, pensativo.

— Porque me não dizes a verdade? Achas que não t'a mereço?

Joaquim levantou-se, num impeto, pegou na mão de Maria de Lourdes, olhou-a bem de frente e declarou:

— Não casei com essa mulher nem com outra: e hei-de provar-t'o, Maria de Lourdes.

Sem dizer mais nada Joaquim de Castro saiu da saleta, deixando Maria de Lourdes atônada em tristes pensamentos; pois sentia que, pela primeira vez, Joaquim lhe não dizia a verdade...

(Continua)

CONVERSAS

— Lamento ter de dizer a vocês que o almoço hoje está longe, longíssimo, de ser opiparoso... — suspirou Berta.

— E porque o não arranjaste bom? — perguntou Maria do Rosário.

— Eu não digo que seja mau — respondeu Berta — Mas, com as dificuldades do momento, não consegui nada do que queria! e tive de preparar um «menu»...

— Ementa! — gritou Alexandra.

— Pois sim, pois sim — tornou Berta — mas olha que a tal ementa não é nada apetitosa.

— O que temos, então, para o almoço, Berta? — perguntou o pai.

— Uma sopa simples, de carne, que se chama mimosa, por ter bolinhas de ovo cozido no caldo.

— Exquis, Berthe — observou Mademoiselle Sixte, sorrindo.

— E segue-se, como prato único, um bom «navarin» de peito de vitela: quer dizer, a vitela com variados legumes guisada à francesa.

— A francesa, porquê?? — interrogou Júlia.

— Si, si, Berthe sabe bem a diferença: não fazer o que chamam «refogado» — disse Mademoiselle Sixte.

— Batatas, cebolinhas inteiras, nabos, cenouras, etc. tudo posto ao mesmo tempo — esclareceu Berta.

— E o que será o doce? — perguntou Maria do Carmo.

— Uma novidade — tornou Berta — um pudim ideal... feito com uma lata de Nestlé!!!

— Bem, vamos à parte espiritual — disse o pai — As conversas, hoje, terão de concentrar-se numa interessantíssima figura de mulher, que viveu na época do Renascimento.

— Portuguesa, Pai? — perguntou Angélica.

— Digo-lhes já quem é: Maria Stuart, rainha da Escócia — respondeu o dr. Menezes.

— Cá por mim: bico! — gemeu Carmo.

— Nós tivemos uma professora que dizia dela cobras e lagartos — observou Maria do Rosário.

— Pois nós tivemos uma, em França,



MARIA STUART

que a considerava uma santa — disse Angélica.

— É uma figura cheia de interesse — tornou o pai — e que se, às vezes, nos enche de indignação pela sua levandade e, pela sua estranha atitude na morte do Darnley, seu segundo marido, também nos seduz de uma maneira invulgar.

— O primeiro marido não foi Francisco II, — o rei de França? — perguntou Júlia.

BOAS IDÉIAS

Nos tempos actuais, sendo difícil (e, até impossível, às vezes) obter a boa manteiga, o fino azelte, a branca farinha, os ovos frescos... talvez venha fora de propósito trazer certas receitas culinárias das minhas queridas leitoras. Contudo... quantas vezes, milagrosamente, se possuem essas preciosas matérias primas e escasseiam as ideias?? Por isso lembro hoje uma certa e especialíssima:

TORTA SOUBISE

Trata-se de um prato essencialmente requintado pertencendo à verdadeira «alta cozinha». Amassa-se 200 grs. de farinha com 100 gramas de manteiga e 50 grs. de banha; água e sal apenas quanto basta para a massa ficar lisa e linda. Enquanto ela descansa, ao fresco, faz-se um creme grosso com 2 dc. de leite, bem temperado de sal e pimenta, e feito à francesa, isto é: juntar 2 colheres de farinha com 1 e meia de manteiga e ligar bem sobre o lume; juntando depois o leite e deixando engrossar.

A este creme, depois de frio, junta-se: 800 grs. de cebolas, cozidas e passadas na máquina. Mistura-se bem esta papada que se põe ao fresco. Com a massa forra-

— Tal qual: o filho mais velho de Henrique II e de Catarina de Medicis — tornou o pai — O certo é que Maria Stuart, linda, encantadora, culta, com toda a graça francesa (pois tinha ido muito nova, e já noiva do príncipe francês, para junto de sua Avó materna, a duquesa de Guise) ficou viúva aos 17 anos: e, deixando a França com antecipada saudade, embarcou para a sua rude Escócia, onde a esperavam, sim, os seus partidários católicos, mas onde também a esperavam as maiores lutas e tragédias.

— Lá casou com Darnley — lembrou Júlia.

— O pior foi casar depois com Bothwell, o homem que se dizia ter mandado assassinar o Darnley — observou Angélica — Embora o Darnley não tivesse nada de bom, nem se importasse com ela.

O Dr. Menezes Pinto continuou: — Acusada de cumplicidade com o Bothwell, perseguida pelos protestantes, Maria Stuart teve então uma inspiração que foi a sua desgraça: pedir auxílio à sua prima Elizabeth, rainha de Inglaterra, e marchar para Londres.

— Meteu-se na boca do lobo, visto que Isabel de Inglaterra a odiava a valer — disse Berta.

— É verdade; mas foi nos dezanove anos da sua prisão que a infeliz e linda rainha da Escócia se elevou espiritualmente de uma maneira que, ainda hoje, muito nos impressiona, não acham? — observou Angélica.

— Não quis nunca renegar a sua religião e pode dizer-se, afoitamente, que Maria Stuart morreu pela sua Fé! — confirmou Alexandra.

— Talvez, assim, expiasse os maus passos da sua vida... — concluiu Berta.

—se, então, um prato Pyrex, (reservando um bocadinho para umas tiras) enche-se com o creme das cebolas, cobre-se com tiras de massa, cruzadas umas sobre as outras, e leva-se a um forno não muito forte, para que a massa cosa devagar. É evidente que terá de tomar cuidado antes de ir à mesa: e não se tira do Pyrex, pois a massa é quebradiça ao máximo.



PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO ————— Desenhos de GUIDA OTTOLINI

ALEGRIAS E TRISTEZAS

VIII

A doença de D. Mécia estava estacionária; mas o médico tirara a filha todas as ilusões:

— Ir-se-á mantendo assim durante uns meses; mas levantar-se, nunca mais. Deve seguir-se a inevitável cachexia.

Um dia, inesperadamente, quando Maria de Lourdes já recomçara a sua vida de trabalho, sem aliás poder sentir a sua habitual alegria, Maria Laura voltou a procurá-la: desta vez, porém, no escritório da baixa. Maria de Lourdes acolheu-a com bondade.

— Já encontrou... o seu marido? — perguntou, pronunciando, a custo, a última palavra.

Maria Laura, excitada, respondeu: — Meu marido, sim, pode dizê-lo afotadamente. Mas na Majoria afirmam que ele morreu no interior da África; seja lá a senhora como as coisas são... — e Maria Laura riu, sarcasticamente.

— E' essencial que tenha um encontro com ele; quer que lhe peça para vir aqui? Posso telefonar-lhe agora mesmo, se quiser — disse Maria de Lourdes, tomando uma resolução súbita.

— Talvez seja o melhor; mas ele é que não querará vir...

— O Joaquim é meu primo, sabe? e conheço bem o seu carácter. Em tudo isto, creia, há qualquer coisa que não está esclarecida...

E Maria de Lourdes, sem mais delongas, pegou no aptofone da sua secretária e ligou para casa de seu tio.

— O Joaquim poderia vir aqui já, meu Tio? E' urgente.

Na meia hora que se seguiu poderia ouvir-se o zumbido de uma mosca; e as duas mulheres, frente a frente, estavam imersas nos seus pensamentos...

Um momento abriu-se a porta, e o sócio principal veio entregar uns papéis a Maria de Lourdes. Tornou a fechar-se a porta, o silêncio continuava... Mas, daí a um bocadinho, novamente se abriu a porta, devagarinho como antes... Um homem entrou, pé ante pé, surpreendendo as duas mulheres imóveis como estátuas: Maria de Lourdes sentada à secretária, a cabeça encostada à mão, lendo os papéis que lhe haviam entregado; Maria Laura, os olhos fitos na porta, encarando o recém-vindo com indiferença... e completo desconhecimento.

Então Joaquim, rindo alto, correu para Maria de Lourdes e agarrou-lhe as mãos:

— Ainda duvidas, louca? Esta mulher pode, porventura, sustentar que casou comigo, e não me conhece três anos de pois?!

Maria Laura erguera-se; e disse, com energia rude:

— Com este homem não fui eu casada; nem sequer se parece com o meu Joaquim — acrescentou, despeitada.

Maria de Lourdes, radiante e comovida, abraçava agora o adorado noivo; e só repetia, com a cabeça sobre o seu ombro:

— Perdoa-me, Joaquim, ter duvidado de ti...

E Maria Laura saiu do escritório sem que os noivos, sequer, dessem pela sua saída, imersos em profunda felicidade. Joaquim, porém, obrigando Maria de Lourdes a sentar-se a seu lado no sofá, explicou:

— Todos estes dias andei a informá-lhe; e quantas coisas tenho a dizer-te, Lourdes!

— Porque as não disseste mais cedo?

— Porque esperava este encontro, sem preparos, assim mesmo: queria provar-te que esta mulher não me conhecia. Agora ouve, minha filha: havia de facto, um tal guarda-marinha com o meu nome; mas tinha, a mais, o José que eu não tenho e talvez lhe faltassem algumas qualidades que eu tenho. Quem sabe? — e Joaquim, a rir, beijou a mão de Maria de Lourdes. Depois, continuou:

— Esse homem morreu, realmente; ou pelo menos nunca mais se soube nada dele, depois da ida para o interior em negócios pouco claros...

— Tenho dó da Maria Laura, coltada... — murmurou Maria de Lourdes.

— Faremos alguma coisa por ela quando nos casarmos, meu amor. Agora ouve ainda o resto e dá atenção, Lourdes querida!

— O que será?
— Sabes quem era o empregado do Ultramarino que tanto pareceu rigosijar-se com este drama que, felizmente, o não era?

— ??

— O teu ex-noivo João, simplesmente!

— Oh Joaquim, é possível?!

— Não pensemos nele, nem na Maria Laura; pensemos só na nossa felicidade, Lourdes! — e Joaquim estreitou a noiva contra o peito, num ímpeto de alegria.

IX

Havia já seis meses que D. Mécia falecera.

A pequena Igreja do Santo Condestável estava cheia de luzes e flores; e, apesar da hora matutina, muitas senhoras enchiam os bancos e vários oficiais de marinha, ostentando condecorações, davam solenidade ao conjunto. Ao som do órgão, Maria de Lourdes entrou, devagar, pelo braço do tio, que lhe servia de pai enquanto não era seu sogro; e uma velha tia, que muito a estimava, dava o braço a Joaquim.

— Que linda vai a Lourdes! — segredou Aliceinha, instalada perto da teia.

— Foi pena não se pintar: está palidíssima — disse Rosa.

— Que par lindo! o Joaquim é muito mais bonito do que o João — tornou Aliceinha.

— O Joaquim tem só o seu soldo, sabem?

— E' o amor e a cabana!...

— Vocês ouviram dizer que o João

CONVERSAS

— Meninas — declarou o Dr. Menezes Pinto, naquela chuvosa manhã de Fevereiro quando se encontrou na casa de jantar com o ranchinho habitual — vamos hoje falar sobre um assunto importante: o Crêdo.

— Isso sei eu de fio a pavio sem me enganar — disse Maria do Carmo, satisfeita. Mas a irmã, um pouco casmurra, atalhou, depressa:

— Talvez seja melhor, muito melhor, você estar calada e ouvir o que as outras dizem.

Maria do Carmo, melindrada, respondeu:

— Posso bem dizer que sei o «Creio em Deus Pai» na perfeição; e se querem que o diga...

— Não se trata de dizer o Crêdo, Carmo; mas sim de o explicar, de separar os artigos uns dos outros, de...

— Quais artigos? — perguntou Maria do Carmo, atônita.

— Vê? Oiça e cale-se, é o melhor — tornou Maria do Rosário.

— Não deixem, antes de falar do Crêdo, de apreciar a minha sopa: olhem que está estupenda! — pediu Berta. — E' uma simples sopa de legumes, sim, mas olhem que não é qualquer sopa!...

— Levou decerto os «délieux poireaux» da minha França... — murmurou Mademoiselle Sixte.

— E' a base deste creme, isso é. Mas vamos ao Crêdo, Paisinho. Não é o Crêdo o verdadeiro resumo de todas as Verdades da nossa religião?

— E foi composto para, de facto, ficarem bem esclarecidas e indiscutíveis.

— Eu nunca rezo o Crêdo sem o dividir, mentalmente, nos artigos que o constituem — disse Angélica. E Alexandra concordou:

— Nem eu. Torna-se, assim, tão claro, tão belo, tão completo como sintese do que devemos crer...

— Mas que artigos são esses, não me dirão? — gemeu Maria do Carmo.

— No Crêdo, como elas disseram, Carminho, foram resumidas pelos Doutores da Igreja, nos primeiros séculos do Cristianismo, as Verdades em que devemos crer; e cada uma dessas Verdades está contida em cada um dos 12 artigos do Crêdo, percebes?

— Assim, assim... — murmurou Maria do Carmo.

— Se sabes bem o Crêdo, como dizes, é fácil de entender. O 1.º artigo é a frase com que ele principia — explicou Angélica.

Alexandra recitou, devagar:

— «Creio em Deus Pai Todo Poderoso, Criador do Céu e da Terra».

— Nesse primeiro artigo, Carmo, diz-se que tudo, no mundo, foi criado por Deus; percebes? — tornou Angélica.

— «E em Jesus Cristo, Seu único Filho, Nosso Senhor» — continuou Alexandra.

— Ainda como uma bicha? Esteve quase a desmanchar o casamento com a Celeste.

— E' bem feito! abandonou a Lourdes quando ela ficou pobre: portou-se vergonhosamente — declarou Aliceinha.

A missa ia seguindo, dita pelo padre Costa, confessor de Maria de Lourdes desde a sua infância. E parecia comovido o bom sacerdote ao dar aos noivos a comunhão...

Agora soava no órgão uma Marcha Nupcial; e o par encantador descia vagarosamente a igreja parecendo, deveras, a encarnação da felicidade!

— Esse é o segundo artigo, Carminho — disse o Dr. Menezes Pinto.

— Assim, a parar, não sou capaz... — murmurou Carmo.

— O qual foi concebido pelo poder do Espírito Santo, nasceu da Virgem Maria: é o terceiro — disse Berta.

— Padeceu sob Poncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado — gritou Maria do Carmo.

— Agora o quinto: desceu aos infernos — tornou Alexandra; continuando:

— O sexto: Ao terceiro dia ressuscitou dos mortos, e está sentado à direita de Deus Pai, Todo Poderoso.

— Permitam-me uma pergunta, meninas — interrompeu o pai — Esse terceiro dia, em que se diz que Jesus ressuscitou, quando, e como, é comemorado pelos cristãos do mundo inteiro?

— Oh Pai, quem não sabe isso? E' a grande festa do Domingo de Páscoa, em que as famílias cristãs se reúnem e jantam juntas, e se alegram...

— Chegámos ao sétimo artigo: De onde há-de vir julgar os vivos e os mortos.

— E' o juízo final, percebe, Carmo? — perguntou Maria do Rosário.

— Isso percebe: é sermos julgados por Deus quando acabar o mundo — respondeu Maria do Carmo, sismática.

— O oitavo é fácil: Creio no Espírito Santo...

— Na Santa Madre Igreja e na Comunhão dos Santos é o nono:

Carmo perguntou:

— Então isso não são dois?

Foi o Dr. Menezes Pinto que respondeu:

— Não, Carminho, o nono artigo do Crêdo é constituído por essas duas frases, pois, de facto, a Comunicação dos Santos, isto é a parte que todos têm nos Bens da Igreja, pertence, por assim dizer, à catedralidade da Igreja. Mas isto é ainda um pouco difícil para a Carminho.

— O melhor é você fixar bem que o

nono artigo é esse — aconselhou Maria do Rosário.

— Na Remissão dos pecados, na Ressurreição da Carne e na Vida Eterna — concluiu Angélica — que são os últimos.

— Não são difíceis de compreender; embora a palavra carne suscite, às vezes, certas confusões — observou Alexandra.

— Eu cá... — murmurou Maria do Carmo.

— E' melhor não dizer nada; fique sabendo que a Ressurreição da carne, quer dizer, simplesmente, que quando houver o Juízo final todos ressuscitam com os seus corpos, em carne e osso, percebe? — cortou Maria do Rosário.

A pobre Carmo ficou calada e pensativa...

Depois disse, e todas romperam em alegres gargalhadas:

— Julgai que sabia tão bem o Creio em Deus Pai...

“Uma rapariga simples”

E' já no próximo número, queridas leitoras, que começa este novo romance; e tenho a certeza de que vai agradar-vos. Se a principio, lhes parecer infantil... não se desconsolam: pois a Guida, que nos aparece com catorze anos, apenas, cresce depressa neste livro! e tornamos a vê-la com vinte, a viver como vós, a trabalhar, a amar... E com isto termina esta cartinha, a vossa amiga

Maria Paula de Azevedo



PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO
desenhos de GUIDA OTTOLINI

UMA RAPARIGA SIMPLES

I

Guida chega a Lisboa

A elegante Maria Luisa, rapariga de quinze anos, estava diante do seu toucador a vincar com água as ondas do cabelo, quando Tomé, o irmão, meteu a cabeça esgrouvada pela porta dentro.

— O quê, Tomé, ainda cá estás?! E' tardíssimo, corre para a estação!

— Estava à tua espera! — respondeu o rapaz, entrando.

— Não posso ir. Com este vento horrível escangalhavam-se logo as minhas ondas: o que diria a Guida se me visse esgadelhada? Não vou.

— Achas, então, justo que eu tenha de ir, sozinho, esperar uma rapariga que nunca vi e com quem não m'importo? — retorquiu Tomé, indignado.

— Que remédio, meu rico, tens de ir.

— Uma boa espiça, é o que é! — tornou Tomé, tirando da algibeira uma mão

CONVERSAS

do poema que se chamou «Inferno», essa floresta escura representa, de facto, a escuridão em que vivia o seu espírito, ou seja, a ignorância. Encontra, então, três feras terribes que lhe embargam os passos; e essas feras são também simbólicas: a pantera representa a sensualidade — o leão a ambição ou a soberba — a loba significa a avareza...

— Oh Berta! Que ideia é essa? tem tula, mesmo!

— E porque é isso, Berta? — perguntou o pai.

Berta respondeu, rindo:

— Porque o estruído ainda está no meu espírito, pai.

— Pois o assunto que escolhi para hoje, meninas, nada tem de carnavalesco: é o Dante!

— Dante??? — murmurou Carmo.

— Eu conheço muita coisa da Divina Comédia; que maravilha! — disse Angélica.

— Não deixem, peço-lhes, de saborear este creme de tomate; é a melhor sopa do mundo! — declarou Júlia.

— Lembrou-me que Dante Alighieri nasceu em Florença no ano de 1265.

— Idade Média, ainda, ou já Renascença? — perguntou Maria do Rosário.

— A tua pergunta é interessante, Rosa-rinho; e, na verdade, se foi em plena Idade Média que Dante (cujo nome era Durante) nasceu, teve através da sua vida de 56 anos, em si, e na sua obra, o espírito do Renascimento: isto é a opinião de muitos eruditos.

Mas o que mais interessa na Divina Comédia sabem as meninas o que é? — tornou o Dr. Menezes.

— A beleza dos versos — disse Alexandra.

— A imaginação do Dante — lembrou Angélica.

— A meu ver — continuou o pai — uma das coisas mais admiráveis no genial poema (que tem sido o objecto dum estudo profundíssimo de grandes sábios) são os vários símbolos que contam a Divina Comédia.

— Diga alguns, Paisinho.

— Assim — continuou o sr. Menezes — quando o Dante se vê numa floresta escura, como ele diz no princípio da parte

cheia de pevides, que meteu na boca para acalmar a sua indignação.

— Tinhas dito que las também; mas as raparigas não fazem nunca o que dizem, é sabido — e o jovem Tomé mostrou um ar de dignidade ofendida que os cabelos côm de cenoura, o nariz arrebitado, o ar esgalgado e desastrado, desmentiam completamente.

— Não te zangues, Tomé; logo que a Guida se fôr embora, juro-te que hei-de conseguir da Mãe que convide o teu amigo Pacheco!

— Sêrio? — e Tomé amansou logo.

— E quanto tempo fica a tal Guida?

— Não sei: dois meses ou três, naturalmente. Verás que amor que ela é! Vais adorá-la, Tomé!

— Não me parece — resmungou Tomé que, com os seus desastrados quatorze anos, tinha um vago desprezo pelo belo sexo.

— Vê como te portas; e corre para o Rossio, sendo não chegas a tempo! — e Maria Luisa empurrou o irmão para fora do quarto.

Quando Tomé chegou à gare, entrava, justamente, o comboio da Beira; e, momentos depois, despejavam-se as carruagens. Tomé, perplexo, pensou:

— Como hei-de conhecer a tal menina?

do poema que se chamou «Inferno», essa floresta escura representa, de facto, a escuridão em que vivia o seu espírito, ou seja, a ignorância. Encontra, então, três feras terribes que lhe embargam os passos; e essas feras são também simbólicas: a pantera representa a sensualidade — o leão a ambição ou a soberba — a loba significa a avareza... — Que complicado que é isso tudo... — gemeu Maria do Carmo.

— A figura de Virgílio que aparece, então, para guiar Dante no Inferno, também é simbólica. Pai? — perguntou Angélica.

— Sim, filha; Virgílio representa a ciência humana. Assim como mais tarde, à entrada do Céu, (onde Virgílio não pode entrar por ter sido pagão e ter vivido antes da vinda de Jesus Cristo) aparece Beatriz personificando a ciência divina, a graça!

— Que interessante isto é... — disse, pensativa, Maria do Rosário.

— A concepção do poema é, na verdade, de um interesse profundo.

— E nos nove círculos em que Dante dividiu o «Inferno», por exemplo, colocou ele todos os culpados de quantos pecados existem: os círculos mais profundos e mais estreitos à medida que os pecados são piores!

— Oh meu Deus, qual é o mais fundo? — perguntou Alexandra.

— O último dos terribes círculos é o dos traidores de toda a espécie: para essas val a severidade máxima do Dante.

— E os castigos, os suplicios, os horrores? — tornou Alexandra.

— E' evidente, filhas, que uma obra como a Divina Comédia, não pode nem descrever-se durante um almoço, nem comentar-se profundamente — tornou o pai — Mas é importante que tenham todas uma ideia, pelo menos, da grandeza da obra do Dante, em que os símbolos, a filosofia, a ciência é a arte, são verdadeiramente geniais!

— Vou ler a Divina Comédia — declarou Berta.

— E eu — conpluriram outras.

— Pois eu... nem tento — disse Carmo, um pouco envergonhada.

Podia ter-se deixado ficar na Beira, não fazia cá falta nenhuma...

Neste momento, uma rapariga alta e elegante, uma malinha numa das mãos e uma chapeleira na outra, passou a seu lado.

— E' ela, com certeza — disse ele de si para si. E, avançando para a rapariga, tentando dominar o seu acanhamento, perguntou:

— E' a sr.^a D. Margarida de Lemos, não é?

Mas a menina, com ar feroz, respondeu, apressada:

— Nem Margarida nem Lemos, seu toleirão! — deixando o pobre Tomé, envergonhadíssimo, torcendo o boné nas mãos.

Já tinham saído todos os passageiros, quando o rapaz viu uma pequena da sua idade, corada e risonha, aproximar-se dele.

— E' o Tomé, não é?

— Como é que me conheceu?!

— A Maria Luisa tinha-me feito a sua descrição: o cabelo ruivo... quer dizer... loiro; um boné cinzento...

— Tem a guia da bagagem? — cortou ele.

— Já a dei ao carregador. Olhe, lá vai ele a chamar-me um táxi.



Pouco depois, entravam os dois no taxi, sem que Tomé tivesse tido o menor trabalho.

— Que desembaraçada! E bonitota, para mais — pensava Tomé.

— Não se parece nada com as serigaitas amigas da Maria Luisa...

— Porque é que a Maria Luisa não me veio esperar? — perguntou Guida.

— Teve medo de escangalhar o arranjinho...

— Qual arranjinho?!

— As ondas do cabelo.

Guida riu e tornou:

— Ai está uma coisa que não nos importa a nós dois, com o nosso cabelo encaracolado.

Tomé sentiu-se lisongeadado pela comparação do seu cabelo ruivo com os caracóis castanhos e sedosos de Guida. E, querendo mostrar-se amável, tirou da algibeira outra mão cheia de pevides e ofereceu-as à sua companheira. Mas, como ela as recusasse com um sorriso, Tomé lembrou-se do desprezo da irmã pelas pevides...

— Ficou envergonhadíssimo e pôs a cabeça fora da vidraça, com um ar assarapantado.

— O que há? — perguntou Guida — Aconteceu alguma coisa?

— Desconfio que o chauffeur está bêbado.

— Bêbado! — gritou Guida — Mande parar já, antes quero ir a pé!

— Não se assuste: vou para o pé dele — e mandando parar o carro, Tomé instalou-se no lugar da frente.

A pobre Guida seguiu cheia de susto todo o caminho; e só descansou quando se aparam à porta da luxuosa casa da família Coutinho.

Entre Maria Luisa e Guida o contraste era enorme! Enquanto uma mostrava na sua maneira de vestir, por exemplo, todos os exageros da moda, a outra vestia simplesmente; o penteado dumera era uma infinidade de caracóis, canudos, ondas em todas as direcções; o cabelo de Guida, cortado junto ao pescoço, e ondeado naturalmente, emoldurava a sua cara rosada.

As duas raparigas tinham-se conhecido em Sintra, em casa de uma amiga de Maria Luisa, e logo simpatizaram uma com outra. Guida encantara-se com as maneiras finas de Maria Luisa; esta, nesses dias que passara no campo gosando uma vida alegre e simples, achava um especial encanto na naturalidade e na doçura de Guida. Por isso, antes de voltar para casa, Maria Luisa pedira aos pais de Guida para a deixarem passar uma temporada em Lisboa.

E cá chegara ela agora, a sua querida Guida!

— Deves estar estafada, coitada! Estende-te já em cima da cama — disse Maria Luisa, amavelmente, enquanto mirava a amiga dos pés à cabeça.

— Qual! — respondeu Guida — sinto-me ótima. Se não fôsse o susto por causa do «chauffeur»...

— O que foi?

— Estava bêbado! O que valeu foi a coragem do teu irmão: saiu logo do carro e sentou-se ao pé do homem.

— Tudo isso me parece uma bela invenção do Tomé: nem o homem estava bêbado nem era preciso o Tomé ir ao pé dele.

— Mas para que faria ele isso?! — perguntou Guida, sem compreender.

— Detesta raparigas, sabes? e arranhou uma manelra de sair do pé de ti.

— Mas ele até me pareceu amável, coitado...

— Manias! Os rapazes daquela idade são todos horríveis; mas o Tomé é do pior...

Guida sentiu-se desapontada; e, no intuito, resolveu evitar intimidades com o terrível Tomé.

Mudando de conversa, extasiou-se diante da elegância da sua instalação.

— Que beleza de quarto! Que cortinas tão bonitas! Que toucador tão engraçado! — exclamou ela, abraçando Maria Luisa com gratidão.

— Ainda bem que gostas; mas desculpa de fazer esse espalhafato diante das outras raparigas, vê lá! fazes troça de ti.

— Mas porque? Eu lá em casa tenho um quartinho muito alegre, mas sem luxo nenhum: tudo isto é novo para mim.

— Chamam-te logo provinciana, simplória, bota de elástico, e outras coisas assim.

— Enquanto tu cá estiveres, Guida, talvez eu falte algumas vezes ao curso; sinto-me fraca e sem pachorra para os estudos, e a Mãe já me deu licença para não pôr lá os pés.

— Mas assim esqueces tudo o que aprendeste! Acho que não deves faltar, Maria Luisa.

— Só se tu vleres também, queres?

— Eu gostava; mas os meus vestidos são tão simples... — e Guida, instintivamente, comparava o seu fato de saia e casaco com o vestido elegante de Maria Luisa.

— Não te rales com isso; eu tratarei de te pôr à moda. Tens de encurtar as saias, pôr «rouge» na cara, pintar os beiços...

— Deus me livre, Maria Luisa! O meu

Pai ficava zangadíssimo se eu pusesse, seja o que fôr, na cara! Nem eu gostava. Nunca farei tal coisa; e então na minha idade! Oh Maria Luisa, que ridículo! — e Guida riu, à evocação da sua cara avermelhada pelas drogas e os seus beiços cobertos de escarlata!

Foram interrompidas nesta interessante conversa por um berro estridente; e, momentos depois, abriu-se a porta do quarto e uma pequena de sete anos correu a refugiar-se nos braços de Maria Luisa.

— Foi o Tomé! Foi o Tomé! — gritava ela entre lágrimas — Tirou a Clara do berço, e pegou-lhe por uma perna... e...

— Cala-te, Malvina: não vês que a Guida está espantada com os teus berros? Já tocou para o jantar; vai lavar as mãos e vamos para baixo!

Malvina olhou, espantada mas acalmada, para Guida; e Guida, sem querer rir para a não melindrar, perguntou a Maria Luisa:

— Quem é a pobre Clara, que o teu irmão levou por uma perna?!

— E' a minha filha! — gritou Malvina — e é ajeitada! e é dela que eu gosto mais!

— Bem, bem, Vina, não se fala mais



nisso — atalhou Maria Luisa, e seguíram para a linda e enorme casa de jantar, onde os pais de Maria Luisa esperavam a sua hóspede.

A' mesa do jantar lá estava Tomé, com a sua cabeleira ruiva menos despenteada, e os olhos postos na pobre Guida, observando todos os seus gestos.

O sr. Coutinho, com um ar preocupado, estendeu-lhe a mão amavelmente; e D. Maria José, senhora pálida de aparência doentia, abraçou-a, dando-lhe as boas vindas.

— Estava também a avó, D. Eugénia Coutinho; senhora um pouco solene, de bandós brancos e grandes óculos, que declarou, examinando Guida:

— A menina é o retrato vivo de sua mãe! E como está ela, minha filha?

Colocada entre esta senhora e Tomé, Guida parecia triste e acanhada.

Durante o jantar Maria Luisa nunca se calou; e Malvina rabujou com tudo, sem que ninguém fizesse caso da sua rabujice. Guida sentia-se tão estranha!

E recordava os jantares da sua casa, onde reinava sempre tanta alegria...

Acabado o jantar, com alívio de Guida, Maria Luisa teve de ir provar um vestido; e a família toda dispersou, deixando Guida, sozinha, entregue aos seus pensamentos, na grande e elegante sala.

Estava acesa a chaminé; e como, das paredes pendiam lindos quadros, Guida começou a passear pela sala examinando as pinturas e cantando, baixinho, uma canção da Beira.

Começava já o segundo verso quando viu entrar D. Eugénia, e sentar-se numa das poltronas ao lado da chaminé.

— Ah, minha filha, como gosto de ouvir essa canção! Lembra-me tempos passados, já tão longe de mim... Continue, Guidazinha, peço-lhe que acabe essa canção encantadora!

Guida, apesar de envergonhada, não quis fazer-se rogada; e a sua voz infantil muito fresca e afinada, entou, até ao fim, o «Santo Antão» da Beira.

— Não me quer cantar mais umas canções da sua provincia? — pediu D. Eugénia.

— Pois sim, minha senhora — respondeu Guida, que tinha sido educada no respeito das pessoas de idade. E perdendo o seu acanhamento, cantou todas as velhas canções beirões que sabia. A boa senhora estava tão deliciada, que nem ela nem Guida deram pela entrada surradeira de Tomé, cuja voz se ouviu, de repente:

— Você canta de uma maneira estupenda! Cante mais, sim? — e a sua cabeça ruiva surgiu por traz da poltrona onde se escondera.

A sua intervenção, porém, não foi bem acolhida; e Guida disse, secamente:

— Não posso cantar mais — indo sentar-se ao pé de D. Eugénia, enquanto Tomé desaparecia rapidamente.

— A menina não se admira de me ver olhar para si a todo o momento — disse D. Eugénia, pondo-lhe a mão em cima do ombro — dá-me tanto gosto ver uma rapariga verdadeiramente simples...

— Então a Maria Luisa e a Malvina? ... — murmurou Guida, interrogativamente.

— Qual! — cortou D. Eugénia — A Maria Luisa tem imensas pretensões, infelizmente, e só pensa nos trapos, nos «flirts», no cinema, nas danças. E a Malvina, coitada, é uma criança cheia de mimo, sem a menor educação... Uma pena!

D. Eugénia suspirou:

— Sabe o que lhe digo, Guida? é que a sua mãe é uma pessoa cheia de bom senso. A menina entende-me?

— Eu não, minha senhora — respondeu Guida, respectosamente.

— Pois eu lhe explico. No meu tempo, as crianças não andavam sempre numa roda-viva de festas e danças e «matlêns» de toda a espécie; levavam uma vida séria, com passeios, estudos e divertimentos apropriados à sua idade. Ora eu julgo ser essa a educação que a menina temido.

Guida ouvira estas considerações com toda a deferência. Quando a velhinha se calou, perguntou-lhe, apontando um grande retrato a óleo, ao fundo da sala:

— Era o seu pai, sr.^a D. Eugénia?

— Era, sim, minha filha; um belo homem, como vê; o verdadeiro fidalgo, nas maneiras e na educação. Mas queria as suas filhas educadas praticamente, sabe? Nunca hei-de esquecer o prémio que ele me deu um dia...

— Prémio de quê, minha senhora?

— Se eu lhe pedisse para adivinhar, a menina podia estar horas a puxar pela cabeça... Estabeleceu um concurso, entre as minhas irmãs e eu... de passagens nas meias!! E fui eu que recebi o prémio: uma caixa de sabonetes Coty.

Guida riu com gosto. Nesse momento, porém, Maria Luisa rompeu pela sala com uma notícia sensacional: a sua amiga Bel (e valse ver, Guida, o que é uma rapariga chic a valer! Informou Maria Luisa) telefonou a convidar para o teatro esta noite!

— Val ser estupendo, com certeza! — concluiu, contente.

Guida, excitadíssima, observou:

— Mas o quê hei-de eu vestir, Maria Luisa? Achas que o meu vestido azul serve?

— Vamos já ver isso tudo — respondeu Maria Luisa.

(Continua)

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

Desenhos de GUIDA OTTOLINI

UMA RAPARIGA SIMPLES

(Continuação do Cap. I)

Como se passou esse dia, Guida não saberia dizê-lo! e quando, à noite, se viu sentada numa frisa, entre a mãe de Bel e Maria Luisa, à espera de ver subir o pano, o seu coração batia num ritmo de verdadeiro galope! e as suas bochechas estavam escarlates.

Poucas vezes tinha Guida ido ao teatro; além de várias sessões de cinema, só tinha visto rúscas de caridade, com bailados e representações de amadores.

Agora, num deslumbramento de luzes, apareciam dançarinas e coristas, vestidas com reduzidas túnicas, cantando e dançando ao som de instrumentos exóticos e berrantes.

Havia ditos em calão que provocavam no público grosseiras gargalhadas; e Guida, sem compreender, perguntava a si mesma:

— Porque será que ríem?
Quando entrou um enorme grupo de raparigas, vestidas, apenas, com uma grinalda de flores em volta das ancas e do peito, Guida corou intensamente e baltou a cabeça.

— Que tens tu? — perguntou-lhe Maria Luisa, baixo.

— Aquelas pobres raparigas — respondeu Guida — terem de aparecer assim, quase nuas, diante de todos...

Maria Luisa riu, e disse:
— Não sejas patêta! é a moda. E tens de te acostumar a ver estas coisas.

Guida, porém, abanando a cabeça, respondeu:
— Não quero acostumar-me; acho hor-

roso e é uma vergonha apresentarem-se naquela figura...

Maria Luisa encolheu os ombros, aborrecida.

Quando chegaram a casa, estava a avó à espera delas, desejava de ouvir as impressões de Guida. E perguntou, sorridente:

— Gostou, Guidinha?
— Tenho medo que me achem mal-criada, sr.^a D. Eugénia, mas a verdade é que... não gostei.

— Não podes deixar de dizer que o espectáculo foi estupendo, Guida — gritou Maria Luisa, indignada.

— Havia bocados lindos, isso é verdade — tornou Guida — mas aquelas mulheres quase nuas impressionaram-me tanto... que antes não quero tornar a vê-las.

D. Eugénia, afagando-a, disse:
— A menina foi educada na província, onde ainda há modéstia... A educação, agora, é diferente. — E, beijando-as, D. Eugénia deu-lhes as boas noites.

II

Novos conhecimentos

— Hoje vou ao curso de francês; queres vir também, Guida? — perguntou Maria Luisa, numa manhã de Novembro.

— Estás já toda pronta, Maria Luisa; falta-te ainda alguma coisa? — respondeu Guida.

— Falta, sim senhor — acudiu Tomé — pôr os «chichis» e besuntar a fachada com as côres do arco-íris!

— O que são os «chichis» e que besuntadela é essa?! — tornou Guida, espantada. Maria Luisa não se dignou responder; e o jovem Tomé explicou:

— Chamam-se «chichis» a uns róis repelentes de cabelo postiço que se põem no coçuruto da pinha! Com as besuntadelas de várias côres pintam-se as boche-

um alegre divertimento que dantes, há umas dezenas de anos, muito nos fazia rir, quando nos juntávamos, raparigas e rapazes, em alegres serões de família: eram as *Charadas figuradas*.

Em casa de uma tia minha muito querida, e que recordei com vivíssima saudade, a condessa de N. G., juntávamos-nos todas as semanas; e, além dos côres afinados que faziam o encanto da querida tia, improvisavam-se charadas.

Dos velhos baús saíam fatos e mantos e os personagens surgiam na sala; irreconhecíveis, representando com animação as palavras mais inesperadas que o público procurava adivinhar. Assim, a palavra *Pachá*, por exemplo, produziu quadros mimados e falados, cujo sucesso nunca esquecerel!

Pois, se para figurar a *Pa* representada em mimica expressiva, a paleira *Brites* corria com a pá do forno em perseguição de nove espanhóis, a palavra *Chá* era produzida por uma linda cena japonesa com graciosas «*mousmés*» tomando chá. E no final, figurando *Pachá*, via-se em quadro vivo bemdisposto, um pachá turco, rodeado de favoritas.

Como todos riram! como e nós nos divertiamos nestas distrações alegres e singelas!



chas! — e, com esta explicação impertinente, Tomé pôs as mãos nas aligeiras e saiu a assobiar de nariz para o ar.

— Chega a ser provocante, este meu irmão! — comentou Maria Luisa, desapegada.

— Então é preciso ir-se com o melhor fato para o curso? — perguntou Guida admirada.

— Bem vêes que nunca se sabe quem se encontra no caminho. Não te ponhas lá com os teus acanhamentos, Guida; vou apresentar-te às minhas amigas e verás que são todas cem por cento estupidas.

Quando chegaram ao curso ainda era cedo; e Guida viu-se numa grande sala cheia de raparigas entre os quatorze e os dezoito anos.

Algumas liam ou escreviam à roda da mesa, enquanto não chegava Mr. de Limoc, o professor de francês. Mas a maior parte das meninas, em pequenos grupos, tagarelavam com animação.

— Querem saber uma novidade colossal? — cochichou Isabel Castro, entrando — a Carolina foi expulsa do Colégio das Irmãs!

— O quê?! Expulsa! Mas porquê, Bel? Não se sabe as razões? — as perguntas cruzavam-se em volta de Bel.

— Porquê? porque eram mentiras atrás umas das outras às pobres freiras; até que se descobriu tudo. Dizia que tinha de sair mais cedo por ordem da mãe, inventava milhentas coisas, e ia para o cinema com a criadada!

— Que vergonha! — observou Guida.

A espetivada Isabel voltou-se para ela, e disse:

— Vergonha? Tivesse a Carolina feito isso com mais habilidade e nada se tinha descoberto! Não teve geito.

— O que andas a ler, Maria Luisa? — perguntou outra — eu arranhei (às escondidas da Mãe, já se vê) um romance estudando que me emprestou o Quim!

— Já leu o Mário, de Silva Goyo? É lindo! — observou Guida; — e histórico.

— Histórico? Oh que espiga tremenda! — respondeu a menina.

Nesta altura, chegou Mr. de Limoc; e todas se instalaram na aula, enquanto Guida se sentou num dos lugares ao fundo da sala, reservados aos visitantes. Achou interessante a lição; sobretudo quando o professor leu alto alguns trechos da História de França.

Mas admirou-se da falta de interesse com que as raparigas o escutavam; e até pôde de vergonha ao ouvir a resposta de uma delas sobre a Revolução Francesa: perguntando Mr. de Limoc o nome do general francês que ajudara a América na sua luta pela independência, a menina disse, afoitamente: LAMARTINE em lugar de LAFAYETTE.

Acabada a lição, as raparigas debandaram; mas Maria Luisa, Bel, e Beatriz, seguidas pela timida Guida, dirigiram-se,

entre risos e conversas, para a Pastelaria Bijou, pedindo café e bolos. Pouco depois surgiu um rapaz, que veio falar-lhes com grandes expansões e se sentou à mesma mesa, partilhando dos bolos com appetite.

E quando, daí a meia hora, Bel e Beatriz se despediram, Maria Luisa disse a Guida, a quem apresentara o elegante Bob Sousa, estudante de Direito:

— Olha, como o almoço lá em casa é só perto das duas, podíamos dar uma saltada às Belas Artes: há lá uma exposição estupenda!

— Formidável! — confirmou Bob.

— E a tua mãe não estará em cuidado? — perguntou Guida.

— Isso sim! A Mãe só dá sorte se não estivermos à hora do almoço.

E seguiram pela Avenida acima, acompanhadas pelo estudante, chegando depressa à Sociedade de Belas Artes.

— Vai tu vendo os quadros, Guida, enquanto o Bob conversa comigo no sofá.

Guida, obedecendo, deu a volta a todas as salas; ao voltar junto do sofá admirou-se, porém, de ouvir Maria Luisa dizer ao rapaz, de quem se despedia:

— Pois sim, Bob, logo lá estamos no concerto.

Depois dele se afastar, Maria Luisa disse, confidencialmente:

— Há agora uns concertos colossais no Tivoli: e eu costumava ir com a Bel e a Bi; mas escusas de falar lá em casa no encontro com o Bob, ouviste?

Guida admirou-se. E perguntou:

— Então a tua mãe não gosta que andes com o tal Bob e tu andas lá!

— A Mãe não se importa: o Pai é que embirra. E eu não é por mim, sabes? O Bob de quem gosta é da Bi, da Beatriz. Eu estou a ver se fazem as pazes: brigaram!

— Mas... — tornou Guida.

— Não te importes; faz de conta que não sabes nada disto, é só o que eu te peço.

Quando, depois do almoço, Maria Luisa pediu à Mãe para as deixar ir ao concerto, D. Maria José perguntou, apenas:

— Com quem vão? — não dando muita atenção à resposta.

— Só eu e a Guida, Mãe; ela adora música, e como é uma «*matinée*»...

E lá foram as duas, pelas seis da tarde. Mal saíram de casa, Maria Luisa exclamou:

— Olha, Guida, quem vem ao nosso encontro: o Nel, irmão da Bi! O meu chapéu está bem? o cabelo não saiu da rede?

— Antes que Guida pudesse responder, Nel, de jaquetão sobre o «*pull-over*», sem chapéu, nem gravata, o andar gingado, e os cabelos acamados por forte dose de brilhantina, aproximou-se das duas e entrou com elas no Tivoli.

Já lá estavam a Bi e a Bel, com o inseparável Bob; e mais um rapaz de ar «*esportivo*» que Maria Luisa apresentou a Guida como Quim de Melo.

Quando o concerto começou, Guida abstraiu de tudo mais: entregou-se, completamente, ao gózo de ouvir boa música.

— Ah, que beleza de concerto! — exclamou ela, com calor, depois de um instante trazer até casa. — Pena foi vocês três e aqueles idiotas nunca se calarem!

— Idiotas! — respondeu Maria Luisa.

— São rapazes tudo quanto há de «*bem*», fico sabendo! E o Quim é formidável no «*foot-ball*», não calculas!

— Bem educados não são com certeza — tornou Guida, rindo. — Nem se dignaram apanhar o meu programa quando deixel cair.

— Tomaram-te por uma pequena, naturalmente. Mas o que me admira, Guida, é que tu aches estes rapazes malcriados e atures as maluqueiras do Tomé, que é um selvagem cem por cento! Não há direito!

— O Tomé é um garoto: não tem pretensões; e entendo-me muito melhor com

ele do que com esses três patetas, Maria Luisa.

Estavam ambas na sala, a disenter estas opiniões; e mal Guida acabara a sua frase quando, num salto a pés juntos, com um estridente assobio, surgiu ao pé delas... o terrível Tomé.

— Ouviste o que nós dissemos, está-se a ver! E vais parlapatar tudo ao Pai! — gritou Maria Luisa, furiosa.

— Tudo, minha rica!

— Não é nada bonito estar à escuta, Tomé — disse Guida, sem esconder uma certa vontade de rir.

— E previno-as já, minhas meninas, que as vi na Avenida com os «*capo-secos*»: Não creio que isso agrade à paternidade...

— Não é nossa culpa se encontramos os rapazes. Olha, Tomé, vou fazer uma combinação contigo: queres? — tornou Maria Luisa, amavelmente.

Tomé olhou-a, desconfiado.

— O que é? Despeja o sato.

— Se juras não falar ao Pai nisto tudo... vou pedir-lhe que te dê a bicicleta!

Tomé ficou pensativo.

CONVERSAS

— Tomara que o Pai escolha sempre a História para as nossas conversas — disse Angélica.

— É, bom de dizer, mãe para quem está em branco... — suspirou Carmo.

— Já é tempo de você se tornar sabichona — disse-lhe a irmã, bruscamente.

Quando o Dr. M. Plato entrou, ergueram-se para ele as juvenis cabeças, cheias de interesse.

— Resolvi tirar o assunto à sorte! — declarou ele a rir — como se se tratasse dos «*ponets*» para exames.

— Bona ideia, Pai! — exclamou Berta.

— E já aqui trago os pabelinhos escritos à máquina. Misturam-se bem e a mais nova...

— Sou eu — gritou Júlia.

— Então, filha, tira um dos papéis. E o assunto que saiu, foi:

Revolução Francesa

— Interessante e «*douloureux*»... — disse Mlle. Sixte.

— Só peço que não me perguntem nada — declarou Carmo — porque eu nada posso dizer.

— O quê, nem da tomada da Bastilha podes falar? — perguntou Alexandra, a rir.

— Afinal — disse Angélica — a tomada da Bastilha é mais um símbolo do que um facto notável; não é assim, Pai?

— A Bastilha — respondeu o Pai — era uma fortaleza enorme, em pleno centro de Paris, mas não tanto para criminosos como para presos políticos de importância. Tinha um governador que ali vivia com numerosos criados e empregados, e uma verdadeira multidão habitava aqueles quartos, salões, corredores, pátios.

— Mas para que quizeram os revolucionários tomar essa fortaleza que, afinal, não era tanto para o povo como para os altos personagens? — perguntou Berta.

— Como disse a Angélica ainda agora, a Tomada da Bastilha é bastante simbólica. Aquela fortaleza, representava para os exaltados, a tirania, a opressão, que percebem? E o dia 14 de Julho, data em que a tomaram, ficou sendo para os franceses, o dia da libertação.

— Oh, Pai, diga coisas da Revolução Francesa. Parece-me uma época tão horrível, tão injusta, tão revoltante... — pediu Alexandra.

— Na verdade, Xandra, todos esses epítetos são aplicáveis a essa época ter-

— E quem me garante que a apanho?
— A Guida ajuda-me no pedido, não ajudas, Guida?

— Antes quero não entrar nessas combinações: parecem-me... intrujices, afinal.

— Ora essa! Então tu dizes tudo o que fazes a teus pais?

— Tudo! É muito mais simples assim.

— Nada de combinações — tornou Tomé, sentindo-se investido de moralidade — vou dizer tudo ao Pai.

— Não seja embirrento, Tomé — disse Guida — se você se vir em apuros, a Maria Luisa também lhe acode.

— Nunca me vejo em apuros; e não era a uma rapariga que eu ia recorrer se visse...

— Não sei porquê! Mas agora prometa, sim? Como foi a escutar, o que é vergonhoso, que você soube das nossas conversas, tem de se calar, ouviu? Sou eu que lho peço, Tomé.

— Está bem; desta vez calo o bico; mas escusam de arranjar mais passelatas com os toleirões... sendo digo tudo!

(Continua)

DIVERTIMENTOS

Hoje em dia, queridas raparigas os divertimentos que vocês apreciam não são muito variados: é, pelo menos, essa a minha impressão.

E quando se não trate de dança, cinema, mah-jong, já não estão divertidas mesmo... Estarei enganada? Talvez.

Em todo o caso quero lembrar-lhes

